



PPGAS
Programa de
Pós-Graduação em
Antropologia Social
Universidade Federal de Goiás



lêda Figueiró de Oliveira

**Do Íntimo ao Coletivo: Figueira Infinita em
Busca da Plenitude Ontológica**



**Goiânia
2021**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Iêda Figueiró de Oliveira

3. Título do trabalho

DO ÍNTIMO AO COLETIVO: FIGUEIRA INFINITA EM BUSCA DA PLENITUDE ONTOLÓGICA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 20/04/2021, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **IÊDA FIGUEIRÓ DE OLIVEIRA, Discente**, em 20/04/2021, às 20:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2178422&infra_sistema=100000100&i... 1/2



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2015469** e o código CRC **4090E020**.

Iêda Figueiró de Oliveira

Do Íntimo ao Coletivo: Figueira Infinita em Busca da Plenitude Ontológica

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Goiás (UFG) pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS), na área de concentração: Antropologia Social, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, sob orientação do Prof. Doutor Glauco Batista Ferreira

GOIÂNIA
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira , Iêda Figueiró de
Do Íntimo ao Coletivo: Figueira Infinita em Busca da Plenitude Ontológica [manuscrito] / Iêda Figueiró de Oliveira . - 2021.
CLXXXI, 181 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2021.

Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias.

1. Arte. 2. Autoetnografia. 3. Transfeminismos. 4. Travesti. 5. Ontologia . I. Ferreira, Glauco Batista, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 004/21-M da sessão de Defesa de Dissertação de **IÊDA FIGUEIRÓ DE OLIVEIRA**, que lhe confere o título de **Mestra em Antropologia Social**, na área de concentração **Antropologia Social**.

Aos dezenove dias do mês de março de 2021, às 14 horas, por webconferência devido à pandemia de covid-19, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de IÊDA FIGUEIRÓ DE OLIVEIRA, intitulada DO ÍNTIMO AO COLETIVO: FIGUEIRA INFINITA EM BUSCA DA PLENITUDE ONTOLÓGICA. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes membros/as: Professor Dr. Glauco Batista Ferreira (PPGAS/UFG/presidente); Professor Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts (PPGAS/UFG - examinador interno) e Professora Dra. Jaqueline Gomes de Jesus (IFRJ - examinadora externa), tendo como suplentes a Professora Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers (PPGAS/UFG - suplente interna) e a Professora Dra. Luciene de Oliveira Dias (PPGPC - suplente externa). A candidata apresentou seu trabalho, foi arguida pela Banca e respondeu às arguições. Às 15:57 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído à mestranda o seguinte resultado: (X) APROVADA. Reabertos os trabalhos, o presidente proclamou os resultados, reforçando ainda a indicação da banca de que a dissertação de mestrado seja adaptada e possa dar origem à artigos científicos a serem publicados em periódicos acadêmicos especializados. A seguir, o presidente da banca encerrou a sessão pública de defesa, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ele e os demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 19/03/2021, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro José Prudêncio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 21/04/2021, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Coordenador de Pós-graduação**, em 22/04/2021, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1953197** e o código CRC **74F868F7**.

Resumo

Busco nesse trabalho refletir sobre minha própria trajetória alongando a beira das estradas pra nossa história coletiva. Onde a poesia dos meus passos reexistentes de travesti brasileira levanta poeira com as que antes aqui pisaram. Buscando inverter o chão e verter água, passos de vida de firmeza e profecia - porque buscam o grande rio - buscam fazer comunidade e podem nos nutrir de outras ontologias possíveis em epistemologias travesti. Experimentação autoetnografica e artística.

Palavras chave: Arte, Autoetnografia, Transfeminismos, Travesti, Ontologia

Abstract

I seek in this work to reflect on my own trajectory stretching the roadsides to our collective history. Where the poetry of my reexisting steps as a Brazilian travesti raises dust with those who have trodden here before. Seeking to invert the ground and pour water, life steps of firmness and prophecy - because they seek the great river - seek to make community and can nurture us of other possible ontologies in travesti epistemologies. Autoethnographic and artistic experimentation.

Keywords: Art, Autoethnography, Transfeminism, Travesti, Ontology

Índice

1	Memorial Inicial	11
2	Ocupando as páginas com a presença molhada da travesti - reflexões sobre (des)forma e subjetividade na criação de uma (minha) autoetnografia	23
	2.1 memórias, sonhos, metáforas e intuição	33
	2.2 pra pensar com sonhos sem metáforas, outras metas e foras	40
3	Confluências em trave(sti)ssias	49
	3.1 viagens e formação de bandos	49
	3.2 armação na ilha da bruxa	61
	3.3 pensando em tias	67
	3.4 alice no país de Tita Maravilha, potocas e pororocas com minha amiga	71
	3.5 águas pictóricas em tons de Âmbar	87
4	Epistemicídios e inquisição na produção ciscolonial do cotidiano	97
	4.1 Caça à bruxa travesti e a Antropologia	107
5	Epistemologias travesti através da arte contemporânea - Enchente Encantada	124
	5.1 Espelho d'água: restituição espiritual, magia contra-colonial	124
	5.2 Palavra Navalha, dando o nome frente ao inominável	138
	5.3 Arte travesti de reencantar o mundo de merda	142
6	O grande rio travesti - Transfeminismos e (re)educação : comunidade furiosa de afetos	151

Lista de Imagens

figura 01: rede social pessoal	16
figura 02: rede social pessoal	22
figura 03: rede social pessoal	23
figura 04: tirinha Laerte Coutinho	24
figura 05: rede social pessoal	28
figura 06: colagem Figueira Infinita	31
figura 07: rede social pessoal	40
figura 08: tirinha Laerte Coutinho	42
figura 09: (VENTURA PROFANA, SEM SENHOR, 2019 Parte da instalação TABERNÁCULO DA EDIFICAÇÃO)	42
figura 10: colagem Figueira Infinita	46
figura 11: colagem Figueira Infinita	49
figura 12: arquivo pessoal - lêda e Conga	53
figura 13: arquivo pessoal - Conga Rosa, Paulete e lêda	54
figura 14 e 15: registros da festa infecciosxs - Recife, 2015	55
figura 16-19: infecciosxs e tombadas - Brasília, 2015	56-60
figura 20-23: registros de performance com Algodão Choque	59-60
figura 24: Imagem: troca de emails de tias, “planos de fuga” e ‘sobrevivendo ao mau gosto e agressividade dos rituais heterossexuais”	61
figura 25: imagem: email que recebi de uma das tias de florianópolis, sobre nosso encontro nessa viagem, “aprendendo a ser infinitas juntas”.	62
figura 26: colagem Figueira Infinita	64
figura 27: colagem Figueira Infinita	65
figura 28: colagem Figueira Infinita	67
figura 29: colagem Figueira Infinita (Tia Zezé e tia lêda segurando meu pai)	68
figura 30: arquivo pessoal	69
figura 31: colagem Figueira Infinita (à esquerda tia francisca rosa, que era tia de tia zezé - à di- reita. E ao centro eu, fazendo a abusada. .)	70
figura 32: rede social pessoal	71
figura 33: rede social pessoal	71
figura 34: rede social pessoal	72
figura 35: colagem Figueira Infinita	72
figura 36: “Na montagem: eu, criança viada de poder. montagem/arte/truque: lêda Figueiró/Fi- gueira Infinita (Tita Mélo, 2018, pg 14)”	73
figura 37: Obra de Effy Beth	74
figura 38: Colagem Figueira Infinita	76
figura 39-40. Registros do CinEdi: Evento que promovemos juntas de forma indepen- dente, com Rafaelly de La Conga Rosa, Paulete Lindacelva, Carol Morais e Ivan Hugo. Fizemos amizade com os donos do cachorro-quente ao lado do ponto de prostitui- ção das travestis, puxamos a energia e montamos um ambiente na rua pra projetar fil- mes de nossa amiga diretora Sosha, filmes protagonizados por travestis no papel princi- pal.....	77
figura 41-42: Registro do brechó que fazíamos eu e Tita pra sustentar nossa casinha	78
figura 43-44: estive com Tita no momentos de suas duas formações nessa época, formação bacharela e do curso das nações unidas (fotos arquivo pessoal) pg 75 figura 45-46. Performance de direção de Tita Maravilha, na qual atuei, e foi apresentada na UnB em 2017.	80
figura 47-48: Colagens que fiz para o projeto do filme “Pirenopolynda - Sagrada e Profana”, cuja produção ainda está em curso. O filme trata da trajetória e poética de Tita Maravilha e sua re- lação com a Festa do Divino, tradicional da cidade de Pirenópolis-GO. pg 77 figura 49. arquivo pessoal	82
figura 50. Print TCC “Tita Maravilha, 2017, pg 36”	84
figura 51 - 52. Páginas das zines Âmba elétrico e Beleza Pictoresca de Âmba Moura - 2019	87
figura 53. (anotações - arquivo pessoal)	88

figura 54. arquivo pessoal - Âmbor sobre Figueira	89
figura 56. arquivo pessoal - Registro Festival de poesia Goiânia Clandestina Diversidade de gênero 2018	90
figura 57 - 58. arquivo pessoal - Âmbor e lêda recebendo a premiação do Slam das mãos de Mazinho e Lulu Monamour	91
figura 58 - 59. Colagens Figueira Infinita	93
figura 60. Abraço das 3 travestis que estiveram à frente na produção da II edição do iyalodês em 2019 - Âmbor Moura, Pietra Pedrosa e eu. No fundo, em cima do palco, as travestis juradas na batalha de vogue: Caiene, Pietra Sousa e Flavys Atrois	94
figura 61. Sentada na porta de casa, em Goiânia, uma bruxa do centro-oeste brasileiro na década de 20 do séc XXI	97
figura 62. Colagem Figueira Infinita - Publicação facebook	110
figura 63. O grupo de norte-americanes se auto proclama um grupo de bruxes interseccionais. Nas imagens registros de uma de suas ações carregando discursos em pró dos direitos humanos de pessoas trans apontando para um futuro fluído, para a necessidade uma regulação da violência ser mais urgente que a regulação do conhecimento, e enfim encantando nossa memória enquanto bênçãos. "O Futuro é Fluído" "Direitos trans são direitos humanos" "Parem de regular isso: (livros de ciência, arte, história, etc). Regulem isso: armas." "Que suas memórias sejam bênçãos." acessado em https://www.witchboston.org/	111
figura 64. Obra de Diana Salu (DF) exposta no Festival Iyalodê de ArteTrans de Goiânia 2018. Fotografia Tereza Maroto	114
figura 65. Obra de Diana Salu (DF) exposta no Festival Iyalodê de ArteTrans de Goiânia 2018. "Querem nos queimar mas mal sabem que nós somos o fogo nos queimem e o mundo vai queimar com a gente e no fim da grande fogueira o mundo será travesti" 2018	115
figura 66. Foto para o coletivo Transação-UFG, em frente à pixação em homenagem a vida de Matheusa. 2019	117
figura 66. print de rede social de âmbar - Foto para o coletivo Transação-UFG, em frente à pixação em homenagem a vida de Matheusa. 2019	118
figura 67. (FAIGENBAUM., obra de Effy Beth, 2016, pg.221)	120
figura 68. Colagem Figueira Infinita	121
figura 69. Colagem Figueira Infinita	122
figura 70. Colagem Figueira Infinita	123
figura 71. Colagem Figueira Infinita	124
figura 72. Página de El Teje - publicação travesti da Argentina, talvez a primeira revista voltada ao público travesti na América Latina. Na página em destaque o retrato de uma travesti - La Mae Mónica - como Maria Padilha, que de acordo com a revista há uma lenda que seja irmã de outras duas feiticeiras: Mulambo e Maria Quitéria, que fazem feitiços de limpeza, afastando energias ruins e deixando "AXE". Maria Padilha, Mulambo e Quitéria são também nomes de pombogiras cultuadas em terreiros de Umbanda e Candomblé no Brasil	125
figura 73. Matéria revista Híbrida. Vaticano Afirma que pessoas trans "aniquilam o conceito de da Natureza" 2019 (https://revistahibrida.com.br/2019/06/11/vaticano-afirma-que-pessoas-trans-aniquilam-o-conceito-da-natureza/?fbclid=IwAR2_lbezAMj_wY5Sa_R2pNcy8jyMWsM1Xkomb_DZih4h0E2nLT2TT6UpM)	126
figura 74. Colagem Figueira Infinita	127
figura 75. Capa do Cordel SER-TRANS-NEJA de Matheusa Passarelli e Tertuliana Lustosa	
figura 75. Colagem de Ventura Profana	132
figura 76. VENTURA PROFANA, A Primeira Missa no Brasil, 2017 Colagem digital a partir da pintura de Victor Meirelles Dimensões diversas	133
Figura 77. Castiel Vitorino - A heresia é um testículo feminino (https://www.youtube.com/watch?v=G_qT2Ht82dM)	136
figura 78. Colagem de Figueira Infinita com fotos de Leona Vingativa (anos 2000) e Cintura Fina (entre os anos 60 e 70) "que suas memórias sejam bênçãos '	140
figura 79. Foto Performance Jota Mombaça	141
figura 80. Colagem Figueira Infinita com postagem de Âmbor	143
figura 81. Foto Performance Jota Mombaça	145
figura 82. Tirinha Laerte Coutinho	148
figura 83. Foto Performance de Ventura Profana	150
figura 84. Colagem Figueira Infinita	151
Anexo. Registros do iyalodês - Festival de Arte Trans de Goiânia em 2018/2019. 159 - 176	

1 Memorial Inicial

Meu nome é lêda, nome que escolhi numa tarde de março em 2018, quando tendo que assinar um monte de papéis do processo de matrícula deste curso de mestrado que viria a cursar, fui atravessada por uma ansiedade absurda. Juntei esses papéis todos, sentei embaixo de uma árvore nos bosques da UFG, rodeada por macacos e cachorros. Suava frio. Liguei pra minha mãe em Brasília, expliquei o que estava sentindo, ela falou “lêda, eu gostei. É um nome bonito e lembra a tia lêda né?”. A ansiedade atravessou e passou, a calma me tomou e fiquei empolgada com o futuro. Começou a chover. Fiquei me banhando na chuva, fiz meu ritual pessoal de batismo.

Antes de me chamar lêda, me nomeei Figueira Infinita, foi com esse nome que fiz o processo seletivo do mestrado. Antes de Figueira Infinita tinha me nomeado Loucas Figueiras. Me via como várias, atentava para uma multiplicidade da minha existência e me divertia com as confusões que as pessoas faziam a respeito da minha identificação e fazia questão de frisar sempre “sim, é no plural”. Não se tratava apenas de um nome artístico, era a primeira vez que me renomeava, e envolvia um processo também artístico, mas era afinal meu nome. Foi um processo de me libertar de outras amarras que estavam ligadas ao nome que me foi dado quando nasci, e na época me via obrigada a estar sempre explicando, explicando, explicando. Até me cansar. Com esse nome, Loucas, assinava poesias que vendia em botecos em Brasília e pela universidade, também lancei em 2017 meu primeiro álbum de músicas autorais chamado Santa CDzinha do Pau Oco. Voz e violão.

A família do meu pai é toda entrelaçada pela música, a maior parte das pessoas aprendeu em casa a cantar, tocar e a música sempre foi condutor importante dos encontros familiares tradicionais, almoços de domingo, festas de natal, etc... Meu pai tem um trabalho de composição que admiro muito, mas mesmo assim os caminhos da arte nunca foram exatamente incentivados em nosso núcleo familiar, talvez por ele nunca ter conseguido retornos financeiros relevantes de seu trabalho musical ou não ter tido o reconhecimento que esperava.

Eu mesma, aparentemente, não tinha tanta aptidão musical como outros familiares ou mesmo meu irmão que desde novinho cantava tudo no tom e aprendeu cedo a tocar violão como os mais velhos. Lembro, ainda pequena, de meu pai falar que eu não era afinada mas cantava com emoção... Não era a declaração que eu esperava, mas também soube dar valor a isso. Não parei porque sentia o bem que me fazia. Ouvia muitas reclamações em casa do barulho que eu fazia, “esse menino não para de gritar no quarto” diziam, mas para meu próprio bem, de novo, não parei. Acho interessante pensar nesse barulho, imagino que não era só por questões de técnica musical, imagino que o ruído e o incômodo era tanto também por um espírito que se expressava, nesse momentos únicos de conversa comigo mesma, quando subjetividades proibidas de repente ganhavam ritmo e tonalidades e tomavam conta do espaço familiar, onde o silêncio foi tradicionalmente se impondo como ética de comportamento, como mais seguro, mais confortável, e pra mim nunca o foi.

Sobre o violão que é meu companheiro até hoje, sempre tentavam me ensinar com mil matemáticas a respeito, mas os números nunca foram de uma linguagem muito palatável pra mim então nunca estudei violão como se esperava. Elaborei o costume de me fechar num quarto, colocar os dedos em algum ponto onde o som intuitivamente se associasse a algo que estava sentindo, ficava horas insistindo no mesmo som e soltava a voz tentando dançar com os sentimentos, meu processo de composição até hoje é desdobramentos disso. Assim como vejo meus processos criativos imagéticos e poéticos, mais compromissados com meus fluxos de pensamento e sentimento e descompromissados com cartilhas de técnica ou métodos. O disco que lancei em 2017, gravado na casa de um amigo, numa tacada só, é exemplo desses experimentos, cada música tem apenas um acorde e para cada uma fiz colagens de imagens sobrepostas a cada um dos retalhos do primeiro vestido que comprei na vida. Terminar um processo desses é sempre algo que funciona pra mim de

uma forma mesmo terapêutica, foi uma forma que me ajudou a lidar com o turbilhão de coisas que rolavam em minha mente/espírito. E associar isso à minha poesia, ou construção de imagéticas, que também sempre me pareceu gostoso e familiar de se fazer, e assim chamar: poesia.

Quando fomos morar em fortaleza, cidade natal de meu pai, em 1998, eu estava na segunda série do ensino fundamental, com 8 anos, e lembro de ter ganhado um concurso de redação que abarcava todas as escolas dessa rede particular de ensino em que fui estudar, rede que se espalhava por grande parte da região do Nordeste. Lembro que escrevi uma poesia que contava a história de uma mulher que morava na rua, não lembro mais detalhes sobre o que escrevi, mas lembro vividamente da figura da mulher que desenhei logo no fim da página, com longo vestido, segurando flores. Desenhar figuras femininas era também um costume meu, quase uma obsessão, na infância e adolescência, e acho que era mesmo boa nisso. A premiação do concurso aconteceu em Recife, meus pais eram do tipo que chamam de superprotetores, morriam de medo, não me deixaram ir, eu chorei horrores.

Poesia e música foram práticas de sobrevivência das minhas subjetividades ao longo da minha vida. Como vou aprofundar mais pra frente: a ausência das subjetividades de pessoas trans nos registros de nossa história “oficial” nacional é um dos fatores da criação de nosso estigma, notícias espalhadas sobre nossa existência que, no geral, desconsideravam nossas biografias. Então esse trabalho investigativo estará entremeado por minhas poesias e das pessoas existentes que me atravessaram nesses caminhos, como forma de habitar esse “aqui” com algo não exatamente objetivo sobre nós, pessoas trans, mas que hoje reconheço como uma forma de criação de conhecimento tão válida e profunda quanto não é reconhecida tradicionalmente. Refaço percursos de minha biografia, tentando apontar contextos maiores nos quais se dão minhas travessias, uma experiência autoetnográfica¹⁰. Celebrando sobretudo meus encontros com outras pessoas que vivem e viveram resistindo, cada uma a seu modo, à cisgeneridade (esta que é afinal uma dimensão fundamental do projeto colonial da branquitude eurocentrada, patriarcal, capitalista...)

O estigma de pessoas trans faz parte da construção da consciência consolidada em espaços hegemônicos de poder, como também será aprofundado mais pra frente: uma idéia de consciência criada em oposição à memória que corrobora com a manutenção do racismo, do sexismo e logo, também, da transfobia em nosso país. Então esse trabalho é entremeado por minhas memórias de minhas andanças, marcando a memória de meus encontros com outras travestis e de minhas comunicações, do jeito que aprendi a me comunicar, com nossa memória marcada na terra, nossa memória ancestral.

Como parte dessa tentativa de reversão de nosso silenciamento oficial, também estará entremeado por registros de minhas redes pessoais. Como exemplo, Lucas Freire(2015) antropólogo que estudou os processos institucionais envolvendo o reconhecimento estatal na aquisição de documentos de identidades trans . Ele percebeu que, recentemente, as fotos de redes pessoais de mulheres trans eram passadas através desses balcões em “setores especializados” do Estado, onde majoritariamente homens cis iriam “validar” as identidades dessas pessoas, ou quando esses registros contavam de seus assassinatos de maneira fria, escondendo o sangue e a carne que por esses papéis atravessavam, apagando seus nomes verdadeiros e suas autocompreensões em detrimento de registros institucionais. Aqui espero que esses registros meus circulem carregando

10 La autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura que busca describir y analizar sistemáticamente (grafía) experiencias personales (auto) para entender la experiencia cultural (etno). Esta perspectiva reta las formas canónicas de hacer investigación y de representar a los otros, pues considera la investigación como un acto político, socialmente justo y socialmente consciente. El investigador usa principios de autobiografía y de etnografía para escribir autoetnografía.(...) Consecuentemente la autoetnografía es una de las perspectivas que reconocen y dan lugar a la subjetividad, a lo emocional, y a la influencia del investigador en la investigación, en lugar de esconder estas cuestiones o asumir que no existen. (Ellis, Adam, Bochner, 2019, pg 18. in Autoetnografía: Una Antología)

espírito de libertação e falem por si, entendendo que nessas redes sociais estou também me autodeterminando e poetizando minha imagética pessoal, priorizando uma importância de uma autonomia nesses processo de identificação, não mais dublados e tendo seus significados pervertidos pelo olhar de pessoas que representam socialmente os grupos que nos perseguem.

Nesses diálogos busco priorizar vozes de quem cria conhecimento a partir de uma vivência de resistência, muito de criações de pessoas trans e travestis, mas também de autorias negras, indígenas ou mulheridades latinoamericanas que não necessariamente falam de uma perspectiva LGBTI+, mas que acredito, a partir de suas resistências específicas e do que resiste em suas epistemologias e pensamentos para além do conhecimento hegemônico colonial podemos aprender e agregar ao nosso conhecimento comum, como práticas de sobrevivência que se mostram necessárias para uma descolonização de nosso conhecimento, corpos, espíritos, que se dê em aliança e afeto, para todes.

domingo, maio 18, 2008

companheiro [ou que ainda não chegou a ser]

tinha esse muleque
terminando o que chamariam de primeira fase da sua vida
ele tinha essa inconstância
e tinha essa ânsia, essa ansiedade
por tudo que não tinha ainda...
mas que ainda teria, com certeza teria
e acabou por escrever milhões de palavras em homenagem a esse futuro
se tornou um amigo especial do erei, do arei, do irei,
do iria, do um dia, ainda um dia, do inseguro
ele tinha uma certeza enraizada num solo tão insólido,
que é o ainda-não-acontecido,
mas ele regava essa vida
ele rogava por vida
e ele esperançava
e o passado ele podia até ter esquecido, mas o futuro,
o futuro era eterno, e sempre será.
esse garoto tinha sonhos sem tamanho
tinha pensamentos que não caberiam em qualquer outro
ele era maior que seu corpo
...e por isso ele tinha a mim... pra se manter coeso
pra dividir o peso...
porque eu cabia nele e ele em mim
porque eu não reclamava muito
eu gostava de estar ali,
eu guardava seus planos, suas miragens
era seu companheiro de viagens
eu o ajudava a arrumar as malas
era eu quem mantinha seu núcleo estável...
ele às vezes deitava na cama
às vezes deitava na grama
e deixava a porta aberta
deixava entrar
compartilhava comigo
o seu universo pessoal
me deixava vasculhar
os seus vasos mais internos

me alimentava de sua seiva
e eu ficava impressionado
com o sabor das infinitas possibilidades
com o novo mundo de novidades
que ele me mostrava, só pra mim
era extraordinário, ele era
apenas um garoto, e o fato é
que ele ainda é...
e eu sei que sem saber ele me ama
eu, eu tenho um sentimento diferente
não que seja menor, só diferente
é como uma fruta que não cai,
uma vida em stand-by,
um trem que apenas ainda não chegou,
não chegou a ser,
um amor nostálgico, mas que não tem tempo...
talvez por isso ele me entenda tão bem
talvez por isso, por ele eu me contento...
aaah, um dia eu ainda falo, um dia ainda faço valer tudo que esse muleque tem elaborado,
um dia ainda vou ver frutificar
a árvore que todo mundo falou pra ele não plantar...
e Deus sabe o quanto eu quero
e dentro desse garoto,
pacientemente,
eu espero...

quinta-feira, agosto 13, 2009

Surpresa

_entra! eu sabia que você estava chegando...quer dizer, não exatamente... sabia que chegaria, mas não sabia que era você, não sabia o que era de qualquer jeito...mas nossa! pega uma cadeira, senta, pode ficar seja bem vindo de volta olha, nem sei assim o que dizer...nunca recebi ninguém desse jeito mas nossa! eu to tão feliz que você está de volta...já nem lembrava o quanto era diferente quando você tava sempre presente...é que faz tanto tempo né...você não mudou nada, você tá vendo né, ou mudou? mudei? é que você parece ainda tanto comigo, você parece...que tem alguma coisa pra dizer...

_(risada meio engasgada) é, pois é...mudou um pouco mas eu ainda estou aqui né, como você vê sendo de novo eu tive que vir, problema sério que você criou, muleque! (olhar sério e sorriso iluminado) tenho algo sim pra dizer você já sabe o que é mas, ó, não se preocupa não digo que tudo está bem agora digo que você me deu vida nova e estou feliz de poder fazer parte da minha vida de novo... tudo tá no caminho certo e tudo vai ser ouro agora porque você perdoou eu perdoei

hoje eu levantei da cama num pulo
fui eu mesmo quem me lancei do meu sono
e meu corpo se levantou num grito de vida
a voz que saiu foi a que eu tinha quando tinha dez anos ou menos
foi um grito de vida, é
não socorro, não dor, nem súplica, nem raiva
só anúncio de vida,
hiperativa e incandescente e viva
que ansiedade! que vontade de viver!
uma parte minha ainda cheia de muito sangue e vontade
hedonista ingênua inconsequente inconsciente mágica iludida e feliz
milagrosamente levantou de um coma
estava silenciosamente esquecida havia um tempo
confundida com toda a lama que haviam jogado por cima dela
dessa parte minha, uma parte minha
que parece ter sido no meio do último sonho
que assim num piscar, uou! voltou
cheia de coisas novas pra contar do passado
chegou cheia de sorrisos e pulos e sabores e palavras secretas!
que importante isso de aparecer assim de surpresa
e abraçar minha vida e falar sobre eternidade sem gaguejar...
que importante esse atrevimento
que sorte ter essa parte minha
que me lembra desse bom amigo
que eu tenho de infância
que eu perdoei
essa parte minha! nossa! obrigado!

quinta-feira, dezembro 24, 2009

senti que eu estava mesmo dentro
do meu corpo
mas eu estava tão fundo
tão longe do topo
talvez se eu me encontrasse
talvez me guiasse
lá pra cima
me agarrando à minha pele pelo avesso
me puxando, lutando contra minha força
e saísse pelos poros, pelos olhos
pela boca, não sei
talvez lá fora encontrasse outra pessoa...
talvez me encontrando
eu encontrasse outra pessoa
é, talvez me encontrando
eu encontrasse outra pessoa
...

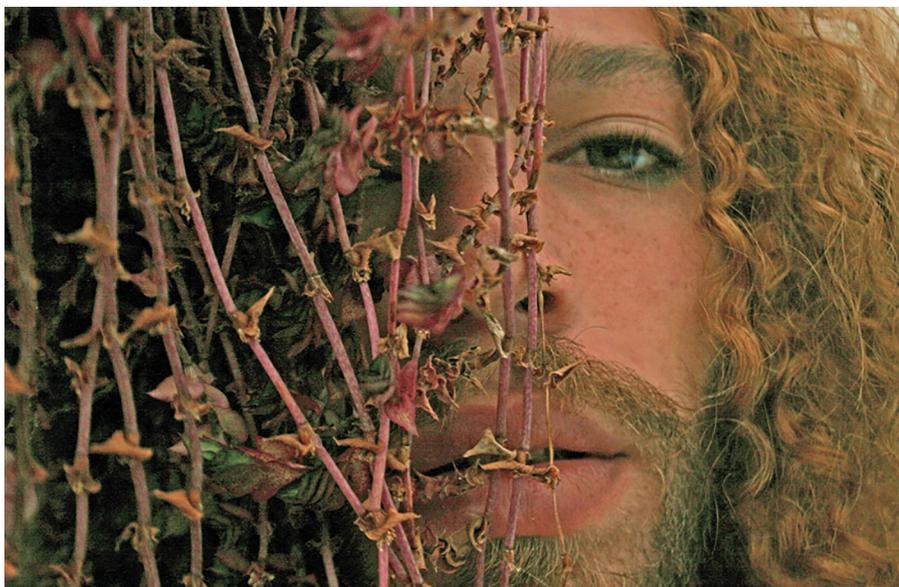


figura 01: rede social pessoal

 **lêda Figueiró**
1 de setembro de 2014 .  

o dia veio quando o risco de permanecer
espremido numa semente era mais doloroso do
que o risco de florescer - anais

[Editar](#)

 176 19 comentários 1 compartilhamento

 Curtir  Comentar  Compartilhar

[Ver mais 10 comentários](#)

Voltei um tanto na minha história através da poesia pra começar esse memorial trazendo sentimentos que escrevi nos meus 18 e 19 anos. Revendo esses poemas percebo como na época, a educação que tive não me dava muitas alternativas a respeito do que eu sentia senão me imaginar outra pessoa, senão me dividir em partes colocar meus futuros aconchegando passados, ou narrar sonhos de encontros de uma eu com outra eu, porque me sentia presa, me sentia não eu, tentava, na época com quase nenhuma referência do que seria uma travesti além de seus estigmas, entender o que afinal eu era no meio de tudo. Na época me tratava ainda no masculino, as barreiras criadas que tive de derrubar pra me libertar dessa pequena letra foram pesadíssimas. Mas foi mais ou menos nessa época que comecei a tomar decisões, quando já era insuportável me colocar tão no fundo do meu corpo, que essa eu que me encontrava em sonhos tinha que viver, que eu tinha que renascer pra viver... Então, me pareceu importante dizer que até minha entrada na universidade vivi o que se chama experiência de armário, ou vivi uma vida alheia ao que de fato sentia e desejava, vivi reprimindo pensamentos, gestos, possibilidades de afeto, tentando ser o que sentia que esperavam de mim... foi a partir dos 20 anos, que me senti pronta pra tomar atitudes pra mudar meu estado que tinha naturalizado, de silêncio, mentiras e me envolver em interações e ambientes que não me faziam bem para provar para os outros algo que sabia não ser real... Na época ao entrar na universidade pensei que havia cumprido com minhas obrigações, pensava algo como: pronto, foi pra isso que passei grande parte da minha vida sentada em cadeiras e disciplinada pelas escolas, agora deve ser que sou adulta, vou viver minha vida! Entrar em uma universidade pública era uma meta já encorajada desde muito tempo pelos meus pais e quando depois de um ano e meio depois do fim do ensino médio consegui passar no vestibular, foi uma vitória recebida com celebração em casa, eu estava satisfeita comigo mesma como não sentia há muito tempo, achei que era o momento exato de renascer. Além desse sentimento, na universidade abriram-se várias portas nas dimensões epistemológicas, afetivas e práticas que impulsionaram a formação de minha autonomia... Quero dizer que diferente do que eu pensava, não encontrei outra pessoa, pois que enxerguei outros universos e quem encontrei foi eu mesma.

Comecei aos poucos a externalizar quem eu era, ainda agarrada nas mentiras que trazia de anos, beijei meninos falando pra todo mundo que tinha sido minha primeira vez, tive um relacionamento com um menino e o fiz acreditar que tinha sido o primeiro, porque estava presa a falsas histórias do passado que havia criado pensando que me protegia, quando na verdade já estava há anos me relacionando às escondidas com rapazes nos banheiros, nos bate-papos, etc, ambientes onde se aglomeram homens buscando realizar seus desejos e segredos, pois não conseguem viver plenamente com seus sentimentos em sociedade... E bem por isso uma coisa amenizava pra mim a mentira na época, era realmente a primeira vez que vivia essas possibilidades envolvendo sentimentos de sinceridade e de algum jeito reciprocidade...

Quando no início da graduação em algum momento, por exemplo, li Simmel falando sobre como os segredos tinham poder agencial nas relações sociais eu já sabia, vívidamente, disso há muito tempo... Acho simbólico que um dos primeiros trabalhos que escrevi para uma disciplina em antropologia (primeira vez que senti, nossa, talvez eu possa escrever desse jeito deles também) foi relacionando os conceitos de Eve Sedwig(2007) em *A Epistemologia do Armário*, com *O Segredo de Simmel* (1999) e o conceito de estigma em Goffman(1998) (seguindo bibliografias sugeridas), fiz uma associação desses textos com o conto “Aqueles Dois” de Caio Fernando Abreu(1987) (autor que embalou minha adolescência tardia) onde dois homens cisgênero funcionários públicos são afastados de seus cargos pela suspeita de um caso amoroso entre os dois. O ensaio se chamava “O medo de um estigma secreto”, onde discuti sobre as violências destinadas a pessoas com vivências de sexualidade e gênero não normativas, pensando em como até nos não-ditos se configuram situações perigosas para essas pessoas.

Os segredos sobre minha sexualidade e gênero geravam segredos sobre vários aspectos de minha subjetividade, incluindo nisso minhas poesias e outras criações artísticas, escondia meu espírito com todas as forças e não consigo mensurar as consequências disso até hoje pra minha saúde mental. Perceber o peso dos silêncios em minha própria trajetória foi me espelhando silêncios de uma história coletiva que se entrecruzam.

Ainda que em relação ao meu bando, trans, minha história destoa da maioria, pois cresci sob privilégios indiscutíveis por ter a pele branca, por ter uma família de classe média que aos seus modos se esforçou em entender minha situação, não fui expulsa de casa como a maioria, ainda que até hoje não me sinta plena nos ambientes familiares por não reconhecerem minha mulheridade ou realmente não considerarem possível minha identidade em sua complexidade, por ter conseguido a despeito de depressões e confinamentos de minha subjetividade terminar a escola e me graduar, faço hoje parte de uma parcela ínfima da população trans: os 0,2% que conseguem adentrar no ensino superior¹¹...

O ambiente universitário foi importante não só pelas leituras que contribuíram pra descolonização de meu pensamento e fortalecimento dos meus eus que se encontravam num coma induzido, mas pelas potentes redes de afeto que criei a partir de lá, onde finalmente passei a experimentar ser eu mesma... Sei que meus pais ficaram enlouquecidos com as mudanças, que aparentemente para eles eram repentinas, mas eu mesma tinha intuitivamente a noção de que estava libertando coisas muito antigas em mim... E à medida que fui me descortinando vi pessoas se inspirarem nos meus gesto e isso não só envolvia prazeres e poderes que nunca tinha experimentado até então como foi se mostrando cada vez mais urgente e necessário. Abrir meu mundo abria outros...

Dos envolvimento institucionais durante esse processo de graduação ressalto a importância de ter tido aulas sobre antropologia e gênero com Lia Zanotta, sobre sociologia e arte com Luisa Gunther, aulas de performance com Bia Medeiros e o grupo Corpos Informáticos, de ter tido contato com literaturas da América Latina e decoloniais cursando disciplinas no antigo CEPAC agora ELA (Departamento de Estudos Latino-Americanos), e da disciplina Pensamento LGTBTT Brasileiro ministrada na época por Felipe Areda (antropólogo, fundador e presidente do *Instituto LGTB+*) em que a bibliografia era toda composta por autoras e autores LGTB brasileiros e era ressaltada a importância de buscar as referências das nossas, reconhecer nossa história que vem lutando contra

11 “Cabe ressaltar que de acordo com informações sobre a situação educacional das pessoas trans, estima-se que cerca de 70% não concluiu o ensino médio e que apenas 0,02% encontram-se no ensino superior. E este cenário nos leva a reflexão sobre como as cotas cumprem um papel de inserir e garantir a continuidade de pessoas trans na universidade, já consolidadas como políticas de acesso para aquelas pessoas que enfrentam violações e violências ao longo de suas vidas que impedem o processo educativo devido a sua condição, identidade e expressão de gênero.” Notada ANTRA. acessada em: <https://antrabrazil.org/2020/12/17/nota=-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/?fbclid=IwAR3UkEUH4po3O9k1LX7ZUPED4k3BoiS-St5ypKQ81UllhrOXi3WJfjDKmw>

silenciamentos desde o início das invasões das américas, não se envergonhar, mas se empoderar, também intelectualmente, de nossas vivências. Lembro da sugestão de Felipe para fazermos um calendário pessoal onde marcássemos acontecimentos importantes em nossas vidas, como a saída do armário, enquanto eventos históricos e como datas a serem comemoradas pessoalmente como aniversários...

Na revista Memória LGBT+Feminismo em sua 12ª edição Felipe Areda fala sobre os percursos da elaboração dessa disciplina:

O segundo objetivo era ancorado no esforço da abertura de um campo de investigação da repercussão epistemológica das perspectivas LGBT+. Interessava-me escrutinar a reverberação das experiências de campos de desejo, afetos e relações na produção do pensamento social, político, estético, ético, antropológico e filosófico. Em suma, como a experiência de desejos, de identidades, de relações ou corporeidades dissonantes com o regime social imposto organizam e desorganizam nosso olhar sobre o mundo?

Com esse escopo, ainda que para seguir esse caminho investigativo nos aproximássemos do campo dos estudos da construção da estrutura de gênero ou do dispositivo da sexualidade, não se tratava de um curso sobre teorias da diversidade sexual e de identidades de gênero.

Bem como, ainda que tocássemos no papel das organizações políticas para a construção de comunidades de pensamento (assim como das comunidades de pensamento para a organização política), não era também um curso sobre história do movimento social LGBT+no Brasil.

Também, cabe frisar que, a partir de um interesse em como uma produção dissonante de pensamento poderia implicar também dissonância de forma de comunicação, expressão e perlocução, construí uma escolha bibliográfica que não passava por formatos tradicionalmente acadêmicos. O artigo, a dissertação e a monografia davam lugar à poesia, à autobiografia, ao ensaio, à dramaturgia, à escrevivência e ao romance. Estes gêneros não eram trazidos à leitura como objetos de um estudo de representações, mas de perspectivas dissonantes. A pergunta “como uma LGBT+ é representada nesta obra?” dava lugar ao “como essa obra, mesmo quando não trata do tema do gênero e da sexualidade, é um terreno da criação de pensamentos desde perspectivas LGBT+?”, bem “como as próprias noções hegemônicas de obras ou mesmo de pensamento podem ser afetadas por perspectivas LGBT+?”.

(Areda, 2020, pg 75)

Este meu trabalho se inspira muito na iniciativa do professor Felipe Areda. Penso nisso quando revisito meus poemas antigos e encaro agora de frente antigas dores e incompreensões de mim mesma, que carregava minhas partes negadas pela sociedade transformando-as em poesia, e deixá-las falar e desaguar por aqui me parece algo como cura (o que pretendo desdobrar ao longo do trabalho) e abrangendo essa reflexão para nossas coletividades como elas podem ser importantes como mais um retalho pros remendos que precisamos fazer em nossos entendimentos, em nossa episteme coletiva, penso ser urgente revisitar nossa história como um todo, para quebrar com a cultura do silêncio, das violências naturalizadas em nossa sociedade contra tudo que escape ao esquema binário colonialista, revertendo as desinformações passadas como verdade, desmistificando grandes traumas brasileiros como a falsa democracia racial que durante anos tentaram e ainda tentam nos convencer. Para muitos povos brasileiros nunca foi dada outra situação de vida que não uma situação de guerra e tenho que ressaltar que nos contextos políticos atuais essa guerra do Estado contra seus povos é cada vez mais explícita e desenfreada e ainda assim as desinformações históricas trabalham na reprodução de cegueiras e silenciamentos em relação ao extermínio, em diversos sentidos, das nossas.

No total minha graduação durou 7 anos. Tive que conciliar esse me re-descobrir e aprender a me re-expressar me libertando de antigos medos, e muitas vezes os espaços em que cabiam meus sentimentos e expressões eram espaços fora da academia...

Realizei minha pesquisa para finalizar o curso refletindo sobre as trajetórias de três drag

queens que atuavam na época em Brasília... Falei sobre a expressão artística da drag, tentei pincelar suas representações na história nacional, sua história norte-americana onde surge como forma de resistência e majoritariamente negra e compulsoriamente guetificada, falei sobre como apesar de ser uma expressão artística, que ainda luta por esse reconhecimento, tem importância por borrar normas binárias e as próprias identidades de quem as performa, modificando seus trajetos e ocupações na cidade, seus relacionamentos, perspectivas de mundo, falei sobre as possibilidades virtuais de vivenciar essas identidades híbridas nas redes, sobre outras corporificações, mundos possíveis, etc...

Nesse trabalho tive o cuidado de me colocar desde a introdução e falar de meus processos para localizar de onde partiam minhas reflexões, tive o cuidado de tentar reverter certos mecanismos linguísticos violentos colocando pronomes femininos sempre a frente dos masculinos (porque para tantas ainda parece natural a generalização da humanidade no masculino?)... Ainda assim, em minha apresentação fui tratada pela responsável por minha orientação sob artigos masculinos o tempo inteiro - houve pedidos de desculpa, ela pediu minha compreensão, disse que eu entendesse que ela tinha um chip antigo... Esse chip não pode ser tão antigo quanto a travesti mais antiga. Na época me enchi de sorrisos de vergonha e disse que lidava bem com a confusão, mas a verdade é que isso tudo me deixou muito cansada. Eu não posso compreender... isso envolve aceitar que a antiguidade do discurso colonialista fala mais alto que a antiguidade das nossas que foram silenciadas e que isso é como deve ser, essa compreensão se reverte em mim como conformismo. Percebo que nossa existência trans é invisível mesmo para quem está acostumado a desnaturalizar conceitos como prática profissional, mesmo pra quem tem estudos em gênero, etc, e mesmo que falemos ei, eu to aqui! Ainda não é o bastante para que nos levem realmente a sério ... E cá estamos, tenho certeza, pela pluralidade e não pelo intento unificador do grande rolo compressor colonialista.

Mais uma vez, terminado um ciclo em minha vida, fui buscar mudanças. Ao sair da graduação já tinha outra relação ao me olhar no espelho, finalmente me reconhecia, não havia mais vidas duplas e auto-excludentes, trazia minha arte comigo, misturei tudo que sentia ser meu e estar ao meu alcance, do fundo à superfície. Como foi tudo muito desgastante, saí com a sensação que o ambiente acadêmico não era mesmo pra mim, queria arriscar minha nova autonomia, fazer render minhas criações artísticas, fazer coletivos...

Fui morar com minha amiga Tita Maravilha, travesti e multi-artista “pirenopolinda” que estava terminando sua graduação também pela UnB, em artes cênicas... Moramos um ano juntas, espalhando currículos nunca respondidos, descolando uns bicos aqui e ali, vendendo roupas na universidade, aperfeiçoando truques de viver no perrengue e nos fortalecendo juntas, nos descobrindo cada vez mais e rindo muito juntas. Intimamente não consigo nem ser justa com palavras pra falar o quanto me fez bem essa vivência, porém o corre para conseguir se sustentar era injusto com as cobranças da vida urbanizada e por alguns momentos me vi bem perdida em relação a perspectivas de futuro... As estatísticas nos professam expectativas miseráveis... Eu precisava de um alicerce pra me lançar.

Nessa época minhas estradas se cruzavam com as de povos de axé e passei a frequentar terreiros de umbanda e candomblé em Brasília, para buscar conselhos e entender a emoção que sentia nesses lugares. Dois encontros em especial foram decisivos pra minha trajetória atual.

Lembro que os planos de afinal entrar para um processo de mestrado foi conselho de uma entidade com quem conversei em um terreiro de Candomblé em Brasília, um Boiadeiro. Nunca havíamos conversado, mas ele sabia que eu fazia “aquelas... viadage...viadage...” “arte?” (outra pessoa de dentro do terreiro ajudava na comunicação) isso! Isso é bom pra você, continue fazendo, ele disse, mas ainda falta muita letra pro seu alfabeto, ele disse, volte pros estudador... “faculdade?”

(tinha terminado minha graduação em 2016, esse encontro foi provavelmente no início de 2017, e como tinha sido um processo muito desgastante pra mim e não pensava em voltar tão cedo) é, continue, você não pode ser orgulhosa, tem que passar pra frente esse conhecimento que adquiriu”.

Me lembro dele como um grande sábio, olhos cerrados e afiados que apareciam e desapareciam por entre o chapéu de palha e uma risada de fumaça... Me deu uma moeda e disse pra carregá-la comigo e usá-la quando sentisse que precisava de transformação. (...) Fico feliz de olhar pra trás e agora pra cá e me ver fazendo meus estudos não separados de minhas viadagens, mulheridades, transgeneridades, mestiçagens, sonhos, mágica... De ter nesse tempo confiado em meu poder de transformação, potencializado, celebrado, alimentado.

Lembro que foi em outro terreiro, esse de Umbanda, que, a despeito dos outros ambientes-que já mencionei que arrancam nossa plenitude e duvidam de nossa existência, em uma festa de Ciganos fui logo reconhecida pela mulher que sou e por mulheres que fui. Você é uma mulher você sabia disso? E eu sabia. Mas geralmente era eu que tinha que explicar isso pros outros e não o contrário. Me confortei. Eram mulheres sábias de tempos longínquos. Eram pombogiras também, que me abraçavam, e sentiam (sentíamos), é muito sofrimento né? E eu sentia tudo ficar brando por um momento. Eu já podia sentir o que era confluência, penso agora. E ali me foi dada uma explicação de porque sou a que sou. Na verdade eu não buscava essas explicações, nem acho que isso dê fim à minha experiência, mas de todo jeito foi importante pra mim, porque não era finalmente uma doença, uma disforia, uma abominação nem um pecado, nem um show performático pós-moderno, foi importante escutar um discurso que não me expelia de mim, mas dava uma importância outra pra minha existência, e no caso, envolvendo também uma missão com a educação. Me foi dito que minha experiência nesse corpo tinha uma missão com a educação. Senti algo como, vejam que salto, a travesti pode se ver como uma educadora (na época ainda não tinha tido acesso a tantos trabalhos acadêmicos de travestis, inclusive travestis pedagogas que estão repensando a educação como Marina Reidel, Megg Rayara, Luma Nogueira...) ¹². Uma Cigana me procurou no meio da gira e queria colocar cartas pra mim... disse que eu devia me afastar de pessoas que não me amam por quem eu sou e disse que talvez eu me tornasse tão bonita quanto ela. Gargalhadas. Me deu uma adaga de presente pra eu carregar embaixo de minha saia. Foi minha comunicação com memórias pra além de mim, com agentes que não estão na cartilha ou não são propriamente cidadãs, são sabedoria, são transformação e são caminho por excelência, eu uma aprendiz, uma andarilha. E me ensinaram ali a andar com a cabeça erguida, a dar meus passos como uma gameleira, lembrando de minhas raízes, enraizando passos, paciente e firme, (...)

Nesses terreiros, onde tenho sido também chamada e tenho me envolvido e aprendido cada vez mais, aprendi de outras formas a me ver como um ser histórico, que carrego memórias da terra, pra além de mim, que sou tão natureza quanto qualquer outra e natureza pra além das dicotomias colonialistas... Ainda essa antinomia naturezaXcultura que é tão central na antropologia e que ainda tanto pesa em nossas vidas cotidianas, principalmente enquanto pessoa trans, assunto que devo desenvolver ao longo da dissertação. Tenho aprendido a escutar a memória, sabendo que o que entendemos por consciência foi se legitimando através de apagamentos. E devo me manter vigilante para não perpetuar essa cultura do silêncio. Sou extremamente grata as possibilidades de libertação que se mostraram pra mim através da cultura, espiritualidade, ciência, vidas-afetos afro-diaspóricas que cruzaram meus caminhos e de

12 Durante todo meu processo de formação acadêmica na graduação e no mestrado só tive acesso a alguma literatura de autoria trans em duas disciplinas. A primeira na disciplina Pensamento LGBT Brasileiro de Felipe Arede que mencionei acima e no mestrado na disciplina Espaço, Cultura e Diferenças ofertada por Alex Ratts e Lorena de Souza desde o departamento de geografia. Toda a literatura trans que tive acesso foi a partir de trocas entre amigas, pesquisas pessoais, mas principalmente já durante meu processo de mestrado quando tive acesso a uma pasta virtual organizada por Amara Moira com uma grande compilação de autorias trans em diversas áreas, que mostra que há, na verdade, uma quantidade significativa de trabalhos produzidos por nós. Por onde eles estão circulando? A pasta pode ser acessada em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B2YsDCQBGX-ubzlyMzBFQ3A2aDA>

alguma forma me mantiveram viva, me chacoalharam para que voltasse a valorizar minha vida e levantar minha cabeça.

Essas relações que travei vão estar presentes nesse trabalho, como também proposta epistêmica de pesquisa e de ampliação ontológica, porque foram caminhos que me cruzaram por não-coincidências, e desde esses primeiros cruzamentos tenho desenvolvido outras formas de enxergar o mundo a minha volta por outros olhares, que em minha história pessoal confluiu com muitas coisas que eu sonhava, sentia, poetizava... Pra além do pessoal, também coletivamente tem sido proposto, partindo de outras fontes epistemológicas que não brancas/ocidentais, como novas teorias e metodologia de pesquisa a partir do corpo travesti como Castiel Vitorino, Jaqueline Gomes de Jesus, Megg Rayara (com quem estarei propondo conversas ao longo do trabalho). Além de, por exemplo, nos retalhos de nossas histórias não contadas pela história oficial termos no Brasil uma língua, o Pajubá, que é fruto dos desdobramentos lorubá no Brasil e da experiência travesti, evidenciando que esses agenciamentos entre travestis (principalmente travestis negras) e do povo de axé, do povo negro afro-diaspórico, diz muito sobre a nossa sobrevivência travesti ao longo dos séculos, sobre quem lutou, invisibilizadamente, em espaços marginalizados, para que travestis tivessem agora alguns direitos que conquistaram. É um caminho proposto pra se re-pensar nossa história travesti e nossas ancestralidades, mas devo dizer que é apenas um dos caminhos, dos quais em algum momento de minha vida me atravessou com mais intensidade....

Esses são alguns dos caminhos que me trouxeram aqui. Saúdo essas entidades que me aconselharam e salvo suas forças, as companheiras de estrada que estiveram em confluência nos nutrindo mutuamente, as vidas que me tocaram através de seus textos, poesias, pinturas, músicas, performances, transfeminismos, estudos afro-diaspóricos, latinoamericanos, indígenas, as mestras e mestres das instituições educacionais que estiveram empenhadas em abrir horizontes de percepção das estudantes... Saúdo essas multidões, companheiras, que não se silenciam e resistem na guerra Brasil.

Esse trabalho busca trazer as polifonias desses encontros em resposta ao grande silêncio. Uma espécie de cartografia pessoal que desemboca no coletivo. Experimentando linguagens afastadas do campo objetivo das ciências, já que os corpos e as corpas que sou e trago como companheiras, orientadoras, parceiras, também são corpos e corpas perseguidos e compulsoriamente afastados¹³ dos espaços de poder.

13 Sobre pronomes e artigos definidores de gênero neste trabalho optei por experimentá-los de forma fluída sem me ater a nenhum padrão, busco na maior parte do tempo utilizar em generalizações a vogal “e” para me desviar do padrão binário, mas nem sempre dou conta e nem sempre essa variação se sustenta no que quero dizer. Portanto isso se dá aqui de forma experimental, visto que há uma necessidade de reformulação gramatical se nossa intenção for a de não mais suprimir vidas em nossas falas. E se essa confusão gerar incômodo talvez seja possível compreender que as normas como estão consolidadas hoje geram não só incômodo como a total exclusão de certas (muitas) vivências.



figueirainfinita



figueirainfinita agradeço a todas que sempre souberam que essa sociedade é profundamente doente e vieram correndo séculos fazendo trabalho de formiga espalhando cura, espalhando palavra de vida frente a religiões e governos e estruturas sociais que pregam morte. Agradeço a todas as formas de resistência que se desdobraram e se mantiveram vivas frente a colonização. 📷
[@ambarpictorica](#)
Edição [@figueirainfinita](#)

1 sem



Curtido por [araujoiago](#) e outras 293 pessoas

15 DE ABRIL

figura 02: rede social pessoal

2 Ocupando as páginas com a presença molhada da travesti - reflexões sobre (des)forma e subjetividade na criação de uma (minha) autoetnografia



 **figueirainfinita** ...

 **figueirainfinita** ela é de Minas ela é do Ceará ela é o que foi e o que virá, nascida peixe no deserto na errância de atravessar

121 sem



 **beatrizzferrazz** SOS Levei um tiro aqui 

121 sem Responder

 **lalulikeys** Jesus me abanaaaaa 

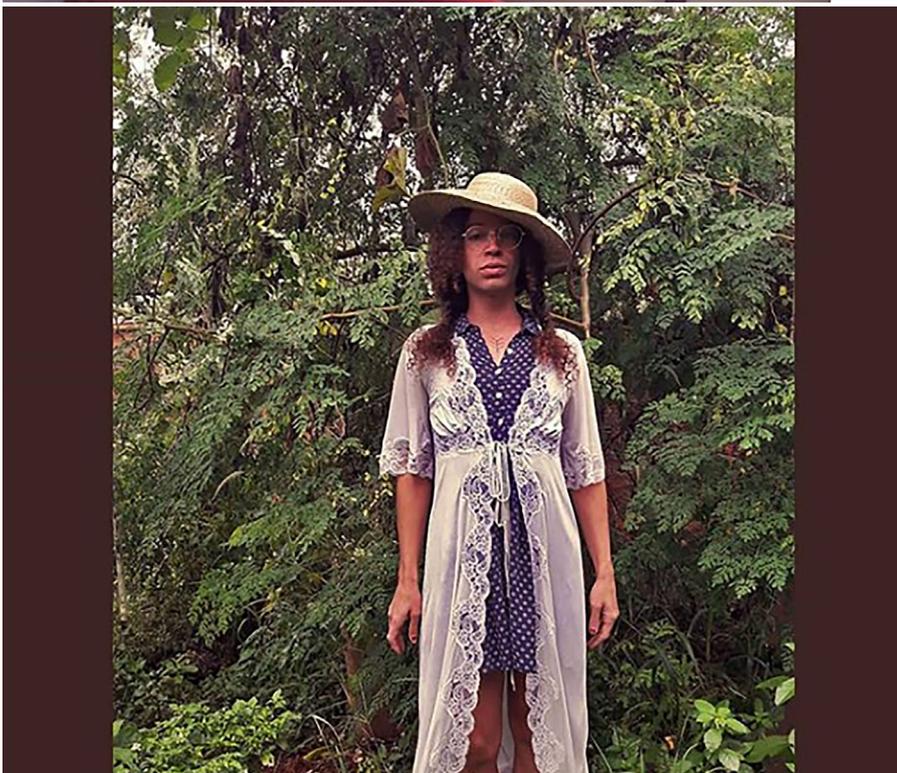
121 sem Responder

 Curtido por rilbertandrade e outras 294 pessoas

25 DE DEZEMBRO DE 2017

Adicione um comentário... [Publicar](#)



 **figueirainfinita** ...

 **figueirainfinita** Fecharam as ruas outras se abriram em mim. Tenho um jeitinho gatuno de passar por entre as grades e onde pensam nó bem apertado eu sei a palavra de expandir - bem relacionada com o medo: eu sou travesti  @ambarpictorica Edição @figueirainfinita

1 sem

 **jeffersoncastilhoeng** Maravilhosa 

1 sem 1 curtida Responder

 **tudovendovento**  

 Curtido por araujoigo e outras 198 pessoas

figura 03: rede social pessoal

Em janeiro de 2021 tive a oportunidade maravilhosa de fazer parte de uma turma de transformação performática proposta pela professora não-binária Princesa Ricardo Marinelli, turma composta exclusivamente por pessoas trans com professoras convidadas como Castiel Vitorino e Megg Rayara, travestis que além de serem intelectuais da atualidade com grande reconhecimento já eram para mim referências importantes deste trabalho.

Para iniciar essa seção da dissertação quero trazer uma reflexão a partir de um exercício em particular proposto por Castiel Vitorino. Para nos conhecermos e para repensarmos os dispositivos que nos enquadram no esquema colonial ela propôs que tentássemos nos apresentar para o grupo sem nos descrever, sem utilizar categorias de gênero, raça, territoriais, ... Um exercício de “se dizer” a partir de referências outras, como uma sensação ao fechar os olhos e sentir o vento, ou que envolvesse sabores, ou qualquer outra coisa que se distanciasse do que estamos, e estávamos todas, acostumadas a princípio. Todas nós nos mostramos tocadas por esse esforço e aliviadas ao fim. Tive que de última hora adicionar esse relato aqui porque me parece essencial ao que venho tentar dizer aqui. Estamos acostumadas e muitas vezes tão introjetadamente conformadas em dar explicações do que somos, pela matriz cisgênera de nossa colonização nos ter tornado incompreensíveis... E essas explicações estão sempre partindo de termos e categorias tão externas a nós. Penso que temos que exercitar esse “se dizer” não para nos fecharmos em outra definição rígida, mas justamente para nos desvencilharmos dos limites das definições externas. Porque somos, todas, mais do que podem compreender. Ainda que eu entenda que nas políticas feitas a partir desse limite de compreensões temos que garantir nossos direitos, mas penso que ocupando esses espaços podemos expandir essas compreensões...

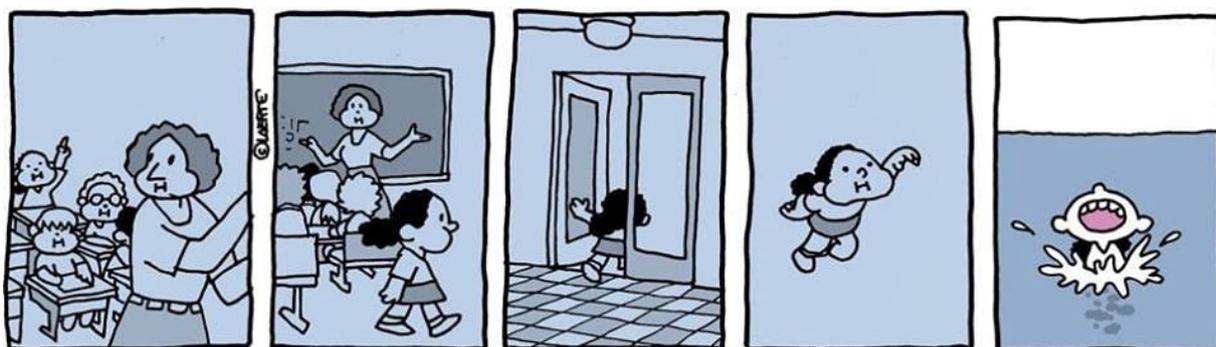


figura 04: tirinha Laerte Coutinho

Em outras palavras, tempo, mais que qualquer outra coisa, me mostra o que eu preciso. Eu sei no entanto, que se eu, Audre Lorde, não definir a mim mesma, o mundo externo certamente vai, e, como cada um/a de vocês vai descobrir, provavelmente vai definir cada um/a de nós em nosso detrimento, singularmente ou em grupos.

Então eu não posso separar minha vida e minha poesia. Eu escrevo meu viver e eu vivo meu trabalho. E eu encontro em minha vida verdades as quais eu espero que possam cruzar ao alcance de, trazer riqueza a, outras mulheres para além das diferenças em nossas vidas, além das diferenças em nossos amores, além das diferenças em nosso trabalho. Pois é no compartilhar dessas diferenças

que nós encontramos crescimento. É dentro dessas diferenças que eu acho crescimento, ou posso, se sou honesta o bastante para expressar-me desde meus muitos eus, meus amores, meus ódios, meus erros, bem como minhas forças.

Eu sinto, e aposto minha vida e meu viver nisso, que nós nos tornamos mais fortes ao fazer o que seja necessário que sejamos fortes para fazer.

Solstício.

E eu sinto que minhas palavras aqui são agora parte daquilo que pago, e repago, para quaisquer forças que sejam pão aqui entre nós enquanto conversamos.

Eu estou constantemente definindo meus eus, pois eu sou, como todos nós somos, feitas de tantas partes diferentes. Mas quando esses eus entram em guerra dentro

de mim, eu sou imobilizada, e quando eles se movem em harmonia, ou concessão, eu sou enriquecida, tornada forte. (Audre Lorde - Tradução de Tatiana Nascimento¹⁴)

Audre Lorde foi uma escritora caribenha-norte-americana, também lésbica, mulher negra, feminista,... além de todos seus eus. A reflexão que traz acima me leva a pensar na importância de nossa autodeterminação, que eu como pessoa transgênera vivencio de forma particular. Mas me leva a pensar em como diversos grupos e indivíduos estiveram estruturalmente afastados dos lugares de poder de auto-determinação/definição. Esse afastamento não quer dizer que não estivemos, cada coletivo e individualidade inconforme, mantendo vivos meios de nos auto-constituir, de nos firmarmos nesses contextos hostis enquanto resistência - compartilhando nossas diferenças enquanto riquezas. Isso me inspira. Leio - solstício - fecho os olhos e respiro. Algo acontece. Audre nos faz pensar num viver poético e múltiplo - porque luta contra a universalização e unificação das experiências, ou como diz Gloria Anzaldúa(2005) em *La Conciencia de la Mestiza* “As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa **morte...**” (grifo meu).

Esse pensamento parece potente para mim pois, como pincelei no memorial inicial, através da poesia e da música (que também não distancio de minha vida) achei uma forma de não deixar calar e morrerem subjetividades, partes minhas, que as definições externas, como diz Audre, não permitiam, ou perseguiam em mim. E como a autora aponta, esses processos acabam por causar uma guerra introjetada entre nossos eus que nos imobiliza. A poesia e a música são linguagens das quais me apropriei para desaguar meus e minhas eus buscando harmonia, e sempre as criei de forma intuitiva, em conversas comigo mesma, não segui escolas, nem cartilhas,... Inclusive demorei muito tempo para externalizá-las porque pensava que, pelo que julgava na época como falta de técnica, seriam muito pessoais e só eu daria valor, assim como demorei a externalizar meu gênero e meus desejos. As definições externas intimidavam e atrapalhavam minhas expressões dentro de mim. O ponto em que quero chegar é que essas partes minhas só começaram a fluir quando aceitei meus tempos, meus processos e meus próprios entendimentos sobre elas, no caminho de aprendizado que travei para confluir com minha intuição e mais principalmente quando essas expressões se tornaram troca, quando comecei a (me) por pra jogo em relação com o coletivo, e quero focar na poesia desses processos de resistência e enfrentamento para se ser - nos contextos coloniais contemporâneos, para fazer o que seja necessário que sejamos fortes para fazer...

Tento neste trabalho agregar a linguagem que aprendi a (re)produzir na academia estudando ciências sociais à minha poética travesti que aprendi artesanalmente a criar e nas ruas me re-escrever junto a outras artistas travestis e inconformes, botar pra girar. Me inspiro também no manifesto lançado por Tertuliana Lustosa(2016), artista e pensadora travesti:

É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensíveis, vozes e escutas, tensões e paralisias. A possibilidade de escrita sobre minhas vivências e epistemes aglutinam-se às ancestralidades das que já lutaram muito antes de mim, pessoas como Indianara Siqueira, Cláudia Rodríguez e Alessandra Ramos. Sei que foi duro que todas elas existissem e construíssem os seus corpos para que eu hoje tivesse alguns direitos e algumas possibilidades de vivência. Muitas travestis foram expulsas de diversos espaços, começando por suas casas, foram estupradas, tiveram seus corpos impedidos, distorcidos, invadidos, destruídos e mortos.

No intuito de criar possibilidades de contato com pessoas que vivem ou não as poesias da

14 tradução por Tate Ann, 08jun015, de *Self definition and my poetry*, publicado em *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*, editado por Rudolph P. Byrd, Johnnetta Betsch Cole, Beverly Guy-Sheftall, Oxford University Press, 2009. p. 156-7” acessado em: <https://traduzidas.wordpress.com/2015/06/08/autodefinicao-e-minha-poesia-audre-lorde/>

vida trans – odiadas e silenciadas há tanto tempo – e também de repensar as leituras que se comunicam com as precariedades, tive a ideia de retraçar a história da minha própria vida com todos os livros do mundo e de reinventar os livros sujando-os com a poeira dos meus pés. (Tertuliana Lustosa, 2016, pg6)

Tertuliana traz a poeira dos seus pés coligada à memória das que pisaram antes abrindo nossos caminhos, essa memória traz força para continuar caminhando e aponta pra urgência de abrir novos espaços, para que nossas corpos e corpos, que são tantos, possam relatar suas realidades com inteireza. Precisamos reinventar os livros para nos reinserir na história, para que caibam neles ou transbordem deles nossas identidades (que no manifesto de Tertuliana também podem ser entendidas como poesias), é também uma reparação histórica. Compartilho dos questionamentos e impressões de Viviane Vergueiro ao elaborar sua dissertação de mestrado experimentando uma autoetnografia:

(...)o texto acadêmico se dirige às pessoas trans, às travestis, às mulheres e homens trans e transexuais, ou se restringe a falar sobre elas, supondo (e produzindo) nossa inexistência na academia? E, se fala sobre elas, fala sobre elas para quem, e para quê? (Viviane Vergueiro, 2015, pg 22)

Penso nas poesias de nossas reexistências como uma saída possível para os rasgos necessários na rigidez do pensamento, nos processos hegemônicos de construção de conhecimento que nasce gerando nossa exclusão. Pra que euzinha também caiba aqui sem tanto me doer, como tem doído, e principalmente pela necessidade de ampliar as possibilidades de contato. A demanda a respeito da quebra dessa rigidez de pensamento (e reprodução, e circulação...) não é uma demanda especificamente trans, vem de muitos movimentos e multidões, e que entendo representar, no geral, a necessidade de uma descolonização do conhecimento.

Nessas reflexões tenho como base também o pensamento de Jota Mombaça, importante intelectual e performer e bixa preta não-binária e nordestina (e etc):

Acontece que o conhecimento, para ser legítimo enquanto tal, precisa ceder a uma série de investimentos normativos que procuram regular desde a indagação que o move até as formas como organizamos nosso texto e a entonação da voz que devemos empregar ao lê-lo. Nesse regime de produção de conhecimento, uma voz anasalada que inclua expressões do Pajubá em suas falas certamente soará dissonante; bem como uma escrita encarnada, embalada por um ritmo próprio e assumidamente autoral, parecerá ilegível. A despeito desse marco, a força mesma desses gestos fracassados em torno da produção hegemônica de saberes e as aberturas a que estes se dirigem tensionam, ora molecularmente ora como um estrondo, o regime político que institui o que pode ser escutado e lido. As vozes anasaladas, as expressões do Pajubá, a escrita encarnada e assumidamente autoral reivindicam seu lugar na construção dos possíveis, e ao fazê-lo não o fazem segundo métodos tradicionais, porque necessitam produzir um rasgo profundo, que permita aos pensamentos degenerados (não necessariamente escritos sob a forma de um artigo, ensaio, monografia, nem pronunciados como defesa, comunicação ou palestra) superarem, como na atitude poética de Gloria Anzaldúa em “Como domar uma língua selvagem”, a tradição do silêncio. (Jota Mombaça, 2015, pg)

Pensando na possibilidade de se pensar “identidade de gênero” enquanto “poesia de gênero” como propõe Tertuliana - *escritas de gênero ocupando os territórios movediços da literatura expandida* (pg 14) - e pensando também com Mombaça e Anzaldúa em suas atitudes poéticas frente ao silenciamento colonial, e expandindo o entendimento do meu gênero associado às práticas artísticas que fui experimentando ao longo de minha trajetória fabricando zines (publicações independentes) com minhas poesias, ilustrações e colagens, ao passo que experimentava novos nomes e identidades (primeiramente como Loucas Figueiras, me apresentando sempre no plural e fazendo o povo da noite rir achando que era performance e portanto não era real, e como era! e também tanto por ser performance. Depois como Figueira Infinita, nomes que ainda carrego...) e

assim novas formas de me relacionar... Nesse trabalho, também autoetnográfico, pretendo incorporar esses outros métodos/linguagens através dos quais em meus caminhos me aprendi, me (re) fiz e reexisti, pois foi também através do compartilhamento de trajetórias e de trocas artísticas que fui criando comunidades e estratégias de sobrevivência.

Trago alguns questionamentos (também porque acho importante que essas considerações não se fechem em certezas) de Luisa Gunther(2013) em sua tese em Sociologia “EXPERIÊNCIAS (des) COMPARTILHADAS: arte contemporânea e seus registros” para se pensar em como as linguagens endurecidas da ciências, como tradicionalmente se legitimaram, podem provocar separações violentas entre instâncias indissociáveis da vida e das contribuições da arte e dos registros do sensível nesses processos de reinvenção:

É possível incorporar métodos poéticos
do fazer artístico para a elaboração de um conhecimento sociológico?
Isto feito, o resultado é Arte?
Sociologia?
Arte-etc. ou artificação-sociológica?

Enfim. Esta proposta, que a princípio pode parecer aparentemente duvidosa, encontra respaldo na produção de alguns outros pesquisadores que apresentam a possibilidade de estabelecer novas relações de sentido entre as formas de compreensão e os modos de representação sociológica (BOURDIEU & HAACKE,1995; HARVEY-□BROWN,1989; LATOUR& HERMANT,1999; LATOUR&WEIBEL,2005).

Esta outra ênfase poderia promover uma Sociologia que evita a cisão entre o conhecimento e a própria realidade; entre o entendimento e a sensação; entre razão e intuição; entre a organização teórica de experiências e o registro destas. Estas cisões muitas vezes acontecem devido a certos constrangimentos em que a imaginação é substituída pelo saber. Isto porque, ao longo do tempo foram sustentadas estruturas que legitimam como acadêmico, tão somente um saber formal quase exclusivamente técnico que “não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho dos outros, o capital” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.20).

Com isto, a própria Sociologia finda em ser algoz de um conhecimento que atenta para a primazia da objetividade do mundo, mundo este destituído de suas possibilidades subjetivas; que instaura uma distância ontológica entre sujeito e objeto de conhecimento de modo que se tem a impressão que pensamento e realidade estão separados, ou que nunca poderiam ser percebidos juntos.

(Gunther, 2013, pg 58)

Esses questionamentos me parecem importantes agora pois, ainda que ao meu ver a antropologia tenha ao longo do tempo se dado a experimentar mais com linguagens e saberes múltiplos e que muitos trabalhos em diversas áreas hoje em dia se proponham a lidar com inter/transdisciplinaridades, há ainda ranços dos processos de legitimação da ciência no geral que continuam sendo reproduzidos, principalmente por ser ainda recente a inserção de certos corpos e corpas dentro do espaço acadêmico, espaço do qual estiveram sendo afastadas historicamente, distância não só física, mas também ontológica. No caso desse trabalho, ressaltando a multiplicidade das corpuras trans. Isso me faz pensar que me compromissando com essa dita objetividade eu estaria aqui me colocando aos pedaços, então isso é uma experimentação de plenitude, de uma busca, de criação de um conhecimento a partir das poéticas de nossas subjetivações travestis, que vem junto com nossas ancestralidades, que lutaram por sobrevivência e nossas lutas cotidianas por sobrevivência, que nossas ações são aberturas de universos e esses universos não podem mais ser ignorados... Por serem também necessários para imaginarmos um futuro a partir de inclusões em vez de exclusões, ou de vida em vez de morte.



- figueirainfinita** ...
- figueirainfinita** A vingança é minha dança que nem fumaça cada vez mais espalhada e infiltrada e brilhante minha verdade outra que tira seu chão que é o canto do trovão
- 94 sem
- sarareia** uau 🤩
- 94 sem Responder
- aisibida** nossa uau q q isso
- 94 sem Responder
- roberto.dago** ♥♥♥
- 94 sem Responder



Curtido por rilbertandrade e outras 220 pessoas

8 DE JULHO DE 2018



- figueirainfinita** Goiânia, Brazil ...
- figueirainfinita** aparições fantasma de Figueira Infinita. Ontem na abertura do II seminário internacional de pesquisa em arte e cultura visual, na UFG.
- 85 sem
- +



Curtido por araujoioagi e outras 236 pessoas

5 DE SETEMBRO DE 2018



- figueirainfinita** ...
- figueirainfinita** Cantando no Prazeres entre Sertões na ufg. 17 de abril de 2019. Abrindo o debate "Feminismos e gênero: fronteiras e travessias transdisciplinares"
- 53 sem
- luzgbrito** Maravilhosa! Trabalho multifacetado de uma pessoa



Curtido por rilbertandrade e outras 103 pessoas

22 DE ABRIL DE 2019

figura 05: rede social pessoal

Como nesse trabalho busco uma experimentação autoetnográfica e como semelhante a Audre Lorde, não posso e não quero separar minha vida de minha poesia, métodos “poéticos” não estariam separados de métodos “científicos” nesse processo. Mas como sugere Luisa Gunther, penso não ser isso um mero capricho pessoal, mas que tem sua importância conceitual em ques-

tionar as formas como os saberes e fazeres científicos foram se consolidando ao longo da história desconsiderando instâncias da vida que poderiam também ser centrais nas reflexões sobre nossas culturas, naturezas, processos de subjetivação e identitários, onde talvez esses campos não estivessem separados. Ou seja, além de uma importante problematização sobre disputas hierárquicas entre campos teóricos, esse esforço pode nos levar a outros lugares, outras perguntas, outras (in) conclusões, onde pelo menos a razão não esteja (alívio) oposta a intuição, o saber à imaginação.

Essa crítica à primazia por uma objetividade do mundo, já vem sendo há muito discutida por movimentos feministas, destaco aqui a contribuição de Donna Haraway através de seu artigo “Saberes Localizados(...)” e a trago a partir da releitura do autor argentino e transgênero Blas Radi que utiliza sua crítica para se pensar políticas do conhecimento para buscar epistemologias trans, entendendo que a retórica clássica da objetividade científica estava ligada afinal a uma pretensão de “ponto de vista de Deus”, que praticava um ver sem ser visto, conquistadora e universal, onde outras epistemologias, por exemplo a partir de subjetividades não-cisgêneras, não seriam possíveis ou válidas.

En cada caso, se busca contrarrestar la marginación epistémica de las personas trans haciendo lugar al reconocimiento de su subjetividad y agencia epistémica, y llamando a quelxs investigadorxs expliciten su situación dentro de la investigación. Quisiera detenerme brevemente en este último punto para destacar una contribución adicional de carácter conceptual.

El llamado a situarse unx mismx en la investigación es una invocación feminista que supone un cuestionamiento a la pretensión de conocimiento desde el “punto de vista de Dios”, ligado a la retórica clásica de la objetividad científica. El conocimiento situado es un conocimiento que se erige por oposición a este enfoque que - para decirlo con Haraway - “míticamente inscribe todos los cuerpos marcados, que fabrica la categoría no marcada que reclama el poder de ver y no ser vista, de representar e evitar la representación” (Haraway, 1995:324). Contra esta visión conquistadora que presenta sus mediaciones como transparentes, la visión situada, encarnada y parcial ofrece una perspectiva que no promete ni aspira a la trascendencia, ni a abarcarlo todo desde ningún lugar, sino que asume la responsabilidad de explicitar sus propias coordenadas. (Blas Radi, 2019, pg 37)

Pensando assim, a proposta autoetnográfica pode ser uma alternativa na busca de reverter esse jogo desigual da produção do conhecimento ...

Mayoritariamente aquellos que abogan e insisten en las formas canónicas de hacer y escribir la investigación respaldan una perspectiva blanca, masculina, heterosexual, de clase media alta, cristiana y corporalmente capaz. Al seguir estas convenciones, el investigador no sólo descuida otras maneras de saber, sino que también implica que otras maneras son necesariamente insatisfactorias e inválidas. La autoetnografía, por otro lado, expande y abre la mirada sobre el mundo y se aparta de definiciones rígidas de lo que se considera la investigación significativa o útil. Este acercamiento también nos ayuda a entender cómo las diferentes personas sobre las cuales hablamos son percibidas o son influenciadas por las interpretaciones de lo que estudiamos, sobre cómo lo estudiamos o lo que decimos sobre nuestro tema (Ellys, Adam, Boschner, 2019, pg 20)

Além da questão de uma abertura de possibilidade de afastamento de linhas de pensamento rígidas e das perspectivas que surgiram de pressupostos “brancos-masculinos-cissexistas-classistas-cristãos-capacitistas”, penso que a autoetnografia, como uma prática de saber situado, toma uma importância particular em se tratando de vivências trans, vivências que ao longo da história foram sempre colocadas em papéis de objetos de estudo e muito raramente, em espaços de poder de fala, criadoras de conhecimento. Isso promove circunstâncias peculiares no conhecimento criado a partir dessas vivências, como o que percebe Viviane Vergueiro em sua autoetnografia ao falar do contato que finalmente teve com autobiografias de pessoas trans em sua pesquisa:

Lembro-me vividamente de como me senti feliz ao saber de uma variedade de existências que encontraram suas estratégias para navegar em um mundo hostil às diversidades de gênero, de como estes caminhos descritos não se comparavam em complexidade e relevância aos

modelos médicos, psicológicos, jurídicos, sociológicos, antropológicos, históricos, culturais utilizados para pensar essas diversidades, e de como o diálogo teórico flui melhor quando você, enquanto uma pessoa trans, se sente posicionada como interlocutora intelectual e política – ao invés de objeto referenciado em terceiras pessoas. (Viviane Vergueiro, 2015, pg 23)

Uma das coisas que acho mais importante, ou sintomática, nessa discussão, pra além de escritas cisgêneras sobre a transgeneridade não abarcarem dimensões que são importantes para nós, é esse “simples” fato de as pessoas trans não estarem posicionadas enquanto interlocutoras, enquanto também leitoras possíveis dos trabalhos que falam sobre elas. E revirando literaturas em que a transgeneridade é tema, isso é mesmo raridade.

A pensadora, doutora em crítica literária e travesti Amara Moira escreveu um artigo sobre as escritas autobiográficas trans pioneiras no Brasil nos anos 80, onde percebeu que mesmo se tratando de autobiografias, elas só foram possíveis sob tutelas cisgêneras para serem aceitas como publicação que explicitavam tanto o fascínio sobre nossas subjetividades quanto as estratégias discursivas de invalidá-las enquanto real, possível ou normal.

Narrativas trans atizam a curiosidade há tempos, vide o *frisson* causado por nomes como Lili Elbe, Christine Jorgensen, Roberta Close, mas é necessário neutralizá-las quando dadas a conhecer. No caso de Herzer, isso operou-se em três níveis dentro do próprio livro que traz seu relato. O primeiro, pelo apagamento de qualquer prenome na capa e folha de rosto (o que não impediu que a autoria do livro fosse, por anos, atribuída ao nome feminino acima rasurado, como se vê no próprio prefácio que Rose Marie Muraro escreveu para a autobiografia de Loris Ádreon, *Meu corpo, minha prisão* (1985), obra discutida adiante). O segundo, pela imposição na contracapa de um nome e gênero incondizentes com os que o autor assumiu ao longo de todo o relato e usou para assinar o texto. Ele se reconhece e é reconhecido por seus pares como Anderson, nome que só descobriu poder ser depois de preso na FEBEM, esse não lugar onde passou a adolescência quase toda. Mas é preciso que o próprio livro que encampa o relato desdiga essa possibilidade (nessas sutilezas, flagra-se a tentativa de garantir que a obra seja lida como fruto da loucura).” (Amara Moira, “O que nos dizem as autobiografias trans”, 2018)¹⁵

Acho interessante pensar a respeito dessa vigília instaurada sobre nossos discursos, quando mesmo falando de nossa própria trajetória há um cuidado criterioso em não permitir que nossa fala possa ser transmitida enquanto legítima, pois quando se distancia da matriz cisgênera de percepção do mundo só pode ser, no mínimo, passada como fruto de loucura. A ausência da nossa primeira pessoa nos discursos hegemônicos é parte mantenedora da estrutura que nos reserva um lugar de não-pessoa.

Ao se pensar na construção do estigma em torno da pessoa travesti no Brasil, os historiadores Elias Veras e Oscar Guasch (2015) analisaram os discursos midiáticos de jornais dos anos 70/80 e chegaram a conclusão de que a ausência de biografia, das dimensões subjetivas sobre nossa existência é um fator predominante de nossa estigmatização.

A ausência de biografia no discurso da grande imprensa é um dos elementos que constitui o dispositivo heteronormativo que produz o sujeito travesti como estigmatizado. Nessa invisibilidade esconde-se a ideia de que, ao não serem reconhecidas como humanas, as travestis, principalmente aquelas pertencentes às camadas populares, não teriam direito a uma biografia, ao final, a uma vida. Somente as que possuíam uma ambiguidade perfeita ou que buscavam se afastar do universo da prostituição, como fez La Close tinham direito a uma história de vida. Contudo, os sujeitos não reduziram sua dizibilidade à visibilidade/invisibilidade produzida pelos meios de comunicação. A produção discursiva jornalística está atravessada por contra discursos, nos quais se lê a denúncia do estigma por parte das travestis. (...)

Ainda hoje, apesar de toda a luta e resistência trans, a multiplicidade das experiências dos

15 acessado em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2053-o-que-nos-dizem-as-autobiografias-trans.html>

sujeitos travestis e transexuais continua sendo interpretada pelos dispositivos que constituem a matriz heterossexual como lugar de estigma e de abjeção. Certamente, caberiam aqui algumas reflexões sobre como as experiências travestis, no momento mesmo que emergem como novo sujeito público midiático, elaboraram não somente resistências, mas novas subjetividades. De como esses sujeitos considerados estigmatizados elaboraram estéticas da existência, trabalho de si sobre si, cuja transformação corporal, a reinvenção dos gêneros, a reocupação dos espaços públicos e a construção de novas formas de família e amizade são exemplos. (Guasch, Veras, 2015, pg 47 - 50)

No Brasil são vários os grupos/comunidades/corpos que de alguma forma experienciam essa desumanização enquanto estigma, e que portanto tem apostado na recriação dos discursos e linguagens canônicas transmutados a partir de suas vivências inconformes e suas ancestralidades resistentes, agregar esses conhecimentos em resistência é o caminho que busco, inspirada também na autoetnografia de Viviane e em seus agenciamentos políticos de pensamento com teóricas como Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa, Bell Hooks, autoras também empenhadas em descolonizar o pensamento...

(...)para descolonizar o conhecimento, faz-se necessária “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo, de forma a “apresentar uma possibilidade de produção de conhecimento emancipatória alternativa” (KILOMBA, 2010, 32) “estabelecendo novas fronteiras” (ibid.,140) para o respeito e consideração das diversidades corporais e de identidades de gênero.(Viviane Vergueiro, 2015, pg 25)

Afinal não cabemos aqui nessas grades de palavras, porque mesmo a gramática foi estruturada na criação de nossa inexistência e impossibilidade... Por se mostrar - as questões acerca da subjetividade tão importantes para renovações epistemológicas e ontológicas necessárias na teoria e na prática, por ser (n)a arte um campo teórico onde, na minha percepção, academicamente têm-se desenvolvido tecnologias linguísticas a partir do subjetivo mais ferozmente, sendo um lugar epistemológico onde as estruturas mais facilmente se derretem, me parece interessante buscar a partir daí epistemologias onde possamos viver. Porque também me faz imaginar que essas eram tecnologias já aprimoradas nas ruas, imagino que nos botecos por onde passou Madame Satã ou Cintura Fina, se foram cruzadas por blocos de maracatu, se no carnaval resplandeciam o que aprendiam, nos terreiros ou quando mesmo expulsas deles, nas encruzilhadas onde continuavam alimentando seus espíritos, e suas forças em suas palavras de fogo, seus olhares cruzados... Quero poder ler as poesias que escreveram com seus pés as travestis que antes por aqui passaram. Quero dizer, nesses processos de emancipação da produção do conhecimento precisamos imaginar outras possibilidades de passado e futuro e partindo do íntimo podemos conectar o coletivo. Por exemplo, essa conexão é o que Pêdra Costa, artista trans e antropóloga visual, busca também em seu trabalho e revela em entrevista a Jota Mombaça:

Eu trabalho muito borrando as esferas do público e privado. E sigo um caminho que considero muito particular, ao trazer essa forma de estar nesses espaços, criando afetividades onde há formalidades, criando aproximações onde há distâncias. Isso pode ser um risco, mas aposto no que acredito, porque me percebo como uma pessoa empática. Não se pode duvidar quando se usa a intimidade para conectar a coletividade. Minha posição no mundo é na encruzilhada, é no encontro de saberes incorporados, onde conhecimento se adquire com a experiência. Saberes do Sul e do Norte global, do passado e do futuro, saberes canônicos e saberes das ruas. Esses conhecimentos com esses nomes específicos aparecem muito depois na minha vida, e então o que fiz foi reconhecer e agradecer.

Reconhecer as questões queer, anticoloniais, empáticas, comunitárias, interseccionais, geopolíticas etc, e agradecer pelos esforços das pessoas que debruçam suas vidas para desmantelar os projetos violentos contra subjetividades não-normativas, não-brancas, não-ocidentais, não-privilegiadas. A minha forma de estar no mundo é revelar as violências que me formaram e de sempre estar em diálogo com as comunidades das quais faço parte. (Pêdra Costa entrevistada por Jota Mombaça, pg 7)

As artes estão fazendo esculturas com as teorias, sendo as artistas seu próprio barro, “fazendo dos cus catedrais” (Ventura Profana)... Existe um grande movimento de pessoas trans, que

depois de muito tempo de batalha estão conseguindo ocupar espaços antes apenas ocupados pela cisgeneridade, pesquisando formas de desvelar violências em seus processos de formação pessoais, de nesse exercício de se redefinir transmutar a linguagem da violência para poder dizer outro mundo, com outra língua, outros olhos.

Misturando essas possibilidades de saberes e fazeres se amplia a zona de contato, para conectar do íntimo ao coletivo.

Nas linhagens que faço estou tentando tensionar limites do que é uma autoetnografia, do que é ser, do que é arte, sagrado, ... e não quero dar pontos finais ao que quer que seja essas instâncias da vida ou do saber, senão questionar as estruturas que tornam esses entendimentos tão engessados acabando por adoecer as pessoas e a sociedade em geral (por exemplo a severa neurose cultural brasileira que é o racismo na visão de Lélia Gonzales[1984, pg224], e como podemos desdobrar pra transfobia adoecendo pessoas, criando disforias nas corpos trans e travestis, etc) fazendo desses processos de se recontar, se redefinir, e compartilhar, processos espirituais, processos de resgate, de recontar histórias oficiais, fazendo desses processos processos de cura.

Sobre processos de cura no se dizer, se recontar por vias da autonomia caminhar por outras estradas que não da ciscolonialidade. Reverter o processo de apagamento de nossa memória não-cisgênera, criando conhecimento a partir de nossas autopercepções ignoradas. E que abrindo esse leque de repertórios subjetivos multipliquemos as possibilidades de se imaginar outros trajetos, que não tenham como único ponto de partida e chegada os trilhos da normatividade. A primazia pela construção de um conhecimento objetivo em oposição a construções subjetivas nos leva a perseguir modelos canônicos, modelos de perfeccionismo, tanto na construção de textos quanto na construção de nossos próprios corpos, mas estamos buscando outras poesias de existência.

Pensando interseccionalmente nas diversidades corporais e de identidades de gênero inconformes à cisonormatividade, podemos considerar que esta fantasia de perfeccionismo se expresse na esperança de que seremos 'aceitas' quando nossas corporalidades e identidades de gênero estejam alinhadas a diagnósticos mentais 'cientificamente' precisos, quando formos capazes de 'passar' completamente enquanto pessoas cisgêneras, ou quando tivermos certeza absoluta sobre nossas identidades de gênero e formos capazes de formulá-las e explicá-las de maneira 'perfeitamente' compreensível às audiências cisgêneras. Deixar de lado este ideal de perfeccionismo em direção a uma posição de autonomia significa "chegar nem no 'outro' não idealizado, quanto no 'outro' idealizado, mas no eu (self) complexo" (ibidem). Nem o diagnóstico de transexuais 'verdadeiras', tampouco a criminalização e ódio contra nossas diversidades: que nossas autopercepções suplantem as normatividades cisgêneras que incidem constantemente sobre todas nós. (Viviane Vergueiro, 2015, pg 175)

2.1 Sobre lidar com memória na guerra epistemológica colonial



figura 06: colagem Figueira Infinita

Rememorando minha própria trajetória, trago lembranças e relatos aqui que fazem parte da minha construção de identidade e autocompreensão que se distanciam dos campos engessados nas discussões sobre vivências trans debruçados sobre nossas genitálias ou sexo ou cabeças como partes esquarterjadas ou biologizações incrustadas também nas teorias sociais. Tradicionalmente nossos registros nos campos hegemônicos se dão a partir da dor, do trauma, da morte, do desejo de ser outro. Pois pretendo trazer a perspectiva da enchente, dos nossos encontros, que a despeito de conflitos inerentes aos contextos coloniais, se dão no esforço de celebração de nossos encontros de nós com nós mesmas e então de nós por nós, elas por elas para elas são todas coisas (Ventura Profana) , então falo também de espiritualidade, por assim dizer, ou de uma existência não fragmentada, ou sobre sonhos, ou sobre outras fontes e agentes e seres de inspiração e movimento que me impulsionaram nessas caminhadas em conjunto, também por uma dimensão ancestral...

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esqueci-

mento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido (1). Só que isso ta aí... e fala.” (Gonzales, 1983, pg 226)

Lélia Gonzales como intelectual, antropóloga, negra, militante (não nessa ordem e não só isso) traz um “a gente” para seu discurso que movimenta um terreno fixo de referencial instaurado historicamente violentamente, um referencial masculino e branco naturalizado como universal, esse “a gente” que esteve afastado do lugar da consciência, do lugar de fala... Como se diz “a gente” é muita gente, e não quero fazer confusão pois Lélia falava para o povo negro, e sendo uma travesti de pele clara não devo me incluir nesse discurso de forma irresponsável, ainda que enxergue que a memória trans de modo geral também foi excluída nessa formação de uma consciência hegemônica. Convocá-la para essa conversa me parece essencial pois se abre caminho para pensar em como a construção do pensamento ocidental, ocidentalizante, a construção de uma dita consciência se deu através de apagamentos e silenciamentos, de uma recusa à memória de nossos povos, uma memória que tem corpo(s), cor(es), movimentos, que o terreno sobre o qual se edifica o conhecimento validado nas grandes instituições ainda é molhado com o sangue desses grupos subalternizados em nossas terras, e nesse contexto é importante ressaltar que autoras como a própria Lélia ainda são tão pouco lidas e discutidas em nossas salas de aula hoje em dia ... Nesse trabalho específico pretendo, da (des)forma como hoje me é possível, cumprir uma missão de colaborar para a inclusão da memória trans que a consciência exclui, muitas vezes esquecida mesmo por movimentos de libertação feministas, decoloniais, racializados, mesmo sendo essa memória também encruzilhada em que se atravessam negritudes e outras cosmologias não-brancas/ocidentalizadas.

A oposição elucidada por Lélia entre “consciência X memória” me faz recordar da fala de Antônio Bispo, teórico, ativista político e militante importante no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra, que tive a oportunidade de ouvir na UFG no dia 13 de setembro de 2018. Para mim uma das falas mais importantes que pude ouvir dentro do espaço acadêmico, em que partia de uma oposição entre saberes sintéticos (que na minha interpretação associo ao que Lélia chama de consciência) e saberes orgânicos (que estou associando ao que Lélia chama de memória) na colonização de nossa sociedade.

Bispo falava de um pensamento colonialista, sustentado também pelas universidades de modo geral, que prioriza um saber sintético em detrimento de saberes orgânicos, saberes que ele trazia de sua avó, saberes compartilhados em roda e que as rodas não tem fim, as rodas tem fronteiras, não limites (anotei em meu caderno quando ele disse “qualquer pessoa entra numa roda de capoeira... No jogo de futebol não, na universidade não...esse pensamento assusta”).

Nesse dia ouvi Bispo falar que os saberes orgânicos são relacionados à vida, ao viver, envolvia tesão, envolvia cheiros molhados. Os saberes sintéticos eram relacionados ao ter, sem comunicação, sem envolvimento, traduzir a todo custo e não aprender, mas operacionalizar.

O que me leva a pensar que a construção do estigma em relação a pessoas que não seguem a cisgeneridade, a construção de nossa subalternização e marginalização estrutural está ligada à saberes sintéticos e não orgânicos, à razão seca sem memória.

Bispo também falou que não havia coincidências, mas confluências: as pessoas se encontram porque andaram na mesma direção assim como as águas, através de forças ancestrais: “a gente se encontra apesar dos colonialistas quererem nos destruir”. Me lembro na época de ter ficado profundamente mexida por esse encontro. E ainda. Lembro que achei muito bonito e importante ouvir Bispo falar sobre a importância de voltarmos nossa escuta para nossas avós e fiquei até certo ponto paralisada pensando no que concerne à minha pesquisa e minha vida. Me paralisei pensando “quem eu vou chamar de avó?”, quem minhas manas vão chamar de avó? Pessoas trans que em sua grande parte vivem do desterro, são muitas vezes expulsas de suas famílias, e incompreendidas, temidas, silenciadas, afastadas,(...), nos/dos diversos outros espaços sociais. Fiquei paralisada porque ao falar em avós, me veio primeiramente a imagem da avó na família nuclear nos moldes patriarcais, e me senti desterrada, por mim e pelas minhas...

Nas confluências da vida essa pergunta foi de alguma forma aliviada ouvindo as reflexões lançadas na disciplina com Alex Ratts e Lorena de Souza, onde ao longo do semestre se realizou um desejo antigo de encontrar uma bibliografia que se deslocava do referencial euro(falo)cêntrico para se refletir nossas corporeidades e diferenças, empenhadas em um resgate de saberes (que afinal estão em todo canto), para refazer nossas linhagens de pensamento. Essas feitura de linhagem são sempre feitas. Quando, por exemplo, nos utilizamos apenas de autores homens brancos estamos fazendo uma linhagem de ancestralidade também e fazendo ainda que acriticamente ou não intencionalmente uma continuação de um acordo colonial de apagamento, de estreitamento do entendimento da vida em geral.

Alguns dias depois de ter presenciado a fala de Bispo ouvi Alex dizer em uma aula “eu não tenho avós gays, então eu refaço minhas linhagens(...)” e essas refeitura por parecerem imaginadas, não são menos políticas ou potentes. Quem é LGBTI+ no Brasil muito provavelmente sabe da importância da criação de outras famílias, outras alianças e redes de afeto para sobreviver. São alianças que tento fazer aqui nesse texto também e sim, pra cuidar de mim, pra também me salvar através das narrativas acadêmicas, finalmente me enxergar por essas palavras - plena e infinita, que quando falo de mim imagino um nós, esse nós que foi construído historicamente como “outro” e afastados da plenitude-de-ser como disse Rita Segato (2012). E sim, somos muitas outras, que ao longo do tempo elaboraram múltiplas e diferentes formas de resistência de si e de resistência ancestral, e não quero que minhas palavras brotadas desse corpo travesti de pele branca (historicamente esbranquiçada) localizada nessa sociedade profundamente racista abafem as palavras negras ou indígenas ou mestizas com as quais faço minhas alianças teóricas (políticas) e redesenho minha história e me re-conheço e refaço. Enxergo esses encontros que fazem parte da minha trajetória pessoal e em um contexto mais amplo reconheço também que os transfeminismos que hoje se pode pesquisar e encontrar por aí muito se fortaleceram de críticas antes lançadas por feministas negras e/ou latinoamericanas que complexificaram as teorizações feitas a partir de um pressuposto quase universal da categoria “mulher” de ondas do feminismo, majoritariamente branco e eurocentrado, que conseguiu antes se instalar nos espaços hegemônicos de poder.

Portanto vejo que a busca por um caminhar epistemológico e ontológico que dê passos pesados com memória, é uma busca tão pessoal quanto coletiva. Tem a ver com o racismo velado, por exemplo, ou escancarado gritante mas que foi naturalizado. Assim como foi naturalizado em meu corpo uma violência de um masculino que não é minha natureza, mas tentaram me impor com a disciplina escolar, com conselhos, castigos, xingamentos,... E para não me afogar tive que resgatar outras memórias, onde desde novinha estive vivendo à despeito do que me atiravam.

Penso nessa questão da memória agora quando comecei a experimentar uma tintura de amora, como tratamento natural de estímulo de produção de estrogênio no corpo (até então nunca

fiz nenhum processo de hormonização, e isso nunca foi uma grande questão em meu processo de crescimento pessoal) e a bruxa que o fez me alertou de que ativaria memórias em mim, das mulheres de minha família. A caminhada travesti pode ser também, antes de qualquer intervenção estética corporal, uma trajetória de reativar memórias no corpo, memórias que nos trazem de volta à vida. Coletivamente o resgate de memória faz parte de lutas, como por exemplo, a luta pela memória das atrocidades cometidas pelo Estado durante a ditadura declarada no Brasil, processo ainda tão nebuloso...

A criação (resgate) de linhagens teóricas relembra que nossos agenciamentos vem extrapolado a academia desde sempre, ou muito muito tempo, imaginando por exemplo a partir do pajubá, que hoje faz parte do vocabulário de várias LGBTI+, mas veio antes de um agenciamento de bichas travestis com os terreiros de candomblé. Só não estivemos com o microfone para nos apresentar. O pensamento (ontologias/cosmologias) não ocidental em seus diversos povos, jeitos sempre resistiu, aquilombou-se, se agenciou para sobreviver - passar. Percebo que apesar da minha pele branca e os privilégios que carrego por conta disso, há em mim silenciamentos do que sou, pensando na consciência mestiza proposta por Anzaldúa me faz me reentender, reconfigurar, (assim como tive que em minha trajetória de fazimento próprio enquanto travesti rememorar minha mulheridade e reinventar-me para não surtar) assim como mudar minha bibliografia, referências, como abre meu mundo é justo que eu busque realizar essas aberturas nos ambientes que ocupo, já que majoritariamente tem tanta representação de poder e hegemonia para legitimação de realidades...

A memória não se extingue. Cria formas de reexistir. Temos que achar meios de estabelecer essas comunicação. Particularmente encontrei no terreiro, assim como nas alianças teóricas, assim como no reconhecimento de nossos encontros e nesses fortalecimento de comunidades. As águas acham meio de passar.

Rememorar minha trajetória me colocou em contato com memórias mais antigas e suas marcas no tempo. Não posso falar de mim sem falar dos meus encontros com outras travestis que me nutriram de afeto, conhecimento e me salvaram das desilusões do mundo ciscolonial, nós carregamos multiplicidades e elas juntas dançam, nessas danças diferentes ancestralidades também dançam e gargalham, as vejo como memórias vivas e as tomo como também amigas, orientadoras, salvadoras.

Sobre me amigar, cultuar, alimentar, dançar com pombogiras: Pensando em travestis, que sempre estivemos por aí, quais são os lugares que, genericamente, historicamente a opressão nos forçou a estar? Nas ruas, nos cabarés, no lixo, nos camburões, condenadas pela inquisição... Esses lugares são cenário das histórias de vida de pombogiras e estão presentes em diversos pontos cantados em sua exaltação. Não sei se vai parecer chocante, mas no meu entendimento quando cultuamos pombogiras estamos cultuando, também, nossa ancestralidade travesti. Não a ancestralidade específica de quem é travesti, a ancestralidade travesti de todas as pessoas filhas desta terra, dessa guerra/nação que chamaram Brasil.

Para realizarmos curas ancestrais com as pombogiras imagino que temos que pensar nas que estão vivas hoje e vivendo perseguições em diversos sentidos e dimensões diariamente que são também desdobramentos das antigas inquisições que antes as perseguiram. Isso me lembra da primeira conversa que tive com uma pombogira em um terreiro, ela me falou sobre uma moça que me acompanhava e me recomendou que servisse algumas coisas para salvar sua força em uma encruzilhada. Na época aquilo me tocou, mas ainda não tinha vivência com essa cultura, não soube muito o que fazer com as informações que ela me deu. Pouco tempo depois, era final de ano e na porta de um super-mercado uma moça em situação de rua me pediu uma cesta básica. Eu estava indo comprar bebidas, mas resolvi antes comprar a cesta que a moça me pediu, o valor da cesta foi o valor exato do que tinha disponível no meu cartão. A moça me agradeceu e de repente

me olhou de um jeito diferente e começou a falar sobre as coisas que a pombogira outrora tinha me aconselhado a servir, ela disse uma por uma das coisas e acrescentou um perfume. Trago essa história aqui pra repensar a agência da memória de nossa terra, a partir de experiências como essa passei a considerar esses agenciamentos do invisível e buscar perceber como a memória pode se comunicar com a gente.

Conversando com pombogiras posso estar conversando com a memória travesti dessa terra. Nesse processo, pensando com Bispo, Alex, Lélia, na importância de voltar a escuta pras nossas mais velhas, e nesse meio tempo estar me desenvolvendo dentro do terreiro me levou a escutá-las como minhas avós.

Para refletir com um ponto de pombogira:

“foi condenada pela lei da inquisição
para ser queimada viva sexta feira da paixão
padre rezava
e o povo acompanhava
quanto mais o fogo ardia
mais ela dava gargalhada”

O ponto conta a história de um povo que aparentemente acompanha as mortes absorto, inerte. Essas mortes eram regidas pela igreja em comunhão com o Estado brasileiro. Agenciamento que prometia salvação e espalhava mortes marcadas, silenciando os que pensavam e agiam diferente.

Como analiso nesse trabalho muito dessa cultura de inquisição permanece. As travestis, como vítimas dessa cultura, foram e continuam sendo perseguidas pela sua insubmissão.

Por exemplo só em 2018, dois anos atrás, fomos reconhecidas pelas instâncias do poder estatal como não loucas.

A decisão do governo não altera uma cultura já instaurada no pensar da maioria... Da cultura de morte que é ensinada...Cicatrizes latinoamericanas da colonização... Como a colonização enfeitiça as mentes para que a cultura de morte seja tão naturalizada? Para o povo acompanhar enquanto o padre reza e o fogo queima uma mulher independente.

Mas enfim, ela dava gargalhada. Do impossível. de onde vem a gargalhada de quem queima?

Antes elas deram sua gargalhada que ainda ecoa, ainda escuto.

Vou dar minhas gargalhadas também.

Minhas criações são minha gargalhada.

Minha nossa!

infinitude

Minha nossa

não morte.

Registro de conversa com Dona Maria Padilha - 2019

Maria Padilha me fala sobre as mulheres que sou. Ela já tinha me instigado antes a me posicionar na guerra, pensar o que eu era, o que podia fazer a partir do meu lugar, entender os lados e me colocar. Me deu um gole de uísque, perguntou se eu gostava, eu disse que era forte - “como usted!” ela disse. ontem ela perguntou se eu estava pronta. desde o início da gira estava me arrepiando inteira. eu disse - estou aqui. Ela diz que existe uma pombagira no

que sou. Essa mulher se desenvolve junto comigo a cada passo. Quando eu me fortaleço, me enalteço, ela também. mas existe também uma pequena, uma mulher filha, uma filha que fui e que não foi compreendida, foi marginalizada em mim... ela diz pra eu fazer uma linha de vida, reconhecê-la. e reconhecendo me livrar da memória.

pausa.

dos outros!

Existem memórias do que eu sou que não são minhas, são energias alheias que me machucaram e não podem mais seguir meu caminho comigo. é daqui pra frente, no caminho de me tornar cada vez mais eu.

penso como isso se liga com a ideia de memória de Lélia Gonzales... quando ela diz que a consciência se opõe à memória não é porque não temos lembranças, mas porque nossa relação com a história e logo nossa forma de agir no presente ainda se reveste de silêncios e epistemicídios e apagamentos e violências e opressões para que nos encaixemos no consciente, que é ocidental. precisamos de outra consciência, que não se oponha a memória.

eu preciso visitar minha história, como tenho feito, e limpar da minha memória o que me foi injetado como memória possível. tenho que relembrar a menina brilhante que eu fui, que sobrevivi. Que sou meu sonho vivo. O sonho dessa menina, eu.

Lembro do lugar do sonho que Ailton Krenak coloca como lugar do conhecimento. lugar da comunicação ancestral.

Nas giras o clima se aproxima pra mim do clima desse sonho. Eu tenho que relembrar, tenho que relembrar do sonho todos os dias, não posso andar sem ele. É minha memória ativa, faz parte do coletivo que sou.

Padilha me recomenda acender uma vela vermelha e uma branca, acendê-las com uma rosa vermelha, esse ritual é pra mim mesma. é pra pensar nessas mulheres que sou, me reconciliar com elas todas. não posso andar dividida por aí.

penso foda-se as fachadas, eu vou vir sempre com tudo.

acompanho as chamas das velas queimando, vão se espalhando no ar como meu pensamento. gosto desse exercício de pensamento, dessa reflexão, desse raciocínio que executo, parar a correria do dia para fortalecer meu conhecimento de mim. e isso me transporta na minha história. os terreiros que frequentei sempre incentivaram minha autonomia e mesmo assim isso nunca foi passado enquanto uma aspiração meramente individualista, mas envolve me re-enxergar, enquanto ser histórico e coletivo e múltiplo.

A rosa que arranjei veio com outras florzinhas brancas menores. são as cores das velas. está tudo aceso. me acendo. me ascendo. essas coisas todas vivas, como eu, como se movimentam com meu toque! quanto me tocam!

Esse registro pessoal de uma conversa com Maria Padilha elucidada sobre como me empoderar de mim, é me aliar a minha ancestralidade e ao coletivo que também sou. Memória corporificada, memória que tem seus meios de se fazer ser escutada.

Me livrar da memória dos outros é sobre descolonizar a escuta de minha intuição. Me nutrir da memória viva, não da lembrança consciente, mas do que fala nos silêncios.

Por isso a magia de me autoconstituir envolve também magia de me encontrar com bandos em minha memória e sonho, do íntimo ao coletivo, e assim se dão na vida encontros com outras pessoas que seguem também nessa busca. Uma vez no terreiro me foi dito por um boiadeiro que quando se fechava as mãos no gesto tradicional cristão de rezar pra falar com deus, o que estava se fazendo ao juntar as duas mãos era entrar em contato consigo mesmo... Tempos depois comecei a aprender no candomblé o que era “ori”, que se cultua uma deidade própria em nossas cabeças. Penso que várias de nós estamos tentando também fortalecer essas comunicações com nós mesmas, esses canais próprios de comunicações com deusas, deuses, santas, orixás, em vertentes múltiplas que não se tratam da mesma coisa, mas que restituem nosso sagrado, nosso mágico, nossas dimensões de plenitude das quais os processos civilizatórios coloniais nos afastaram e continuam tentando. Meu encontro com todas as travestis que encontrei até hoje é magia, que nos mantém vivas e nos afia a garra.

“Falo de um ponto de vista pensado a partir de percepções sobre hoje, a arte como mistura de sobrevivência com a questão da oportunidade, inseridas nesse sistema que privilegia corpos. Penso numa relação onde hoje tenho referências de pares que me ajudam na minha caminhada, que mesmo que diferentes e diversos me aproximam de iguais, minhas primas, minhas irmãs da arte, do mundo, digo também sobre a importância de ler pessoas trans, de ter contatos com seus materiais de arte, **assim afiamos nossa narrativa a partir do encontro**. Penso em todas as minhas amigas artistas absurdas cada uma com o seu tempero e sua contribuição insana, nas pessoas LGBTQI+, não binárias que estão nas mídias convencionais e alternativas e que estão ocupando todos os espaços, os mais diferentes, que possamos existir livremente.” (Tita Maravilha, 2017, pg 41)

Nessas linhagens que recrio resgato e nos encontros que busco em minha vida, quero me alinhar aos fluxos ancestrais de resistência que me rodeiam. Às águas resistentes, à magia, memória contra-colonial que perpetua conhecimentos pra além do consciente enrijecido... tirar os rios dos encanamentos em minha mente/espírito/corpo, ... deixar ser enchente.

Celebração das contradições/1

Como trágica ladainha a memória boba se repete. A memória viva, porém, nasce a cada dia, porque ela vem do que foi e é contra o que foi. *Auíheben* era o verbo que Hegel preferia, entre todos os verbos do idioma alemão. *Auíheben* significa, ao mesmo tempo, conservar e anular; e assim presta homenagem à história humana, que morrendo nasce e rompendo cria.

Celebração das contradições/2

Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.

Nestas terras, a cabeça do deus *Elegguá* leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão.

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.

(Eduardo Galeano - Livro dos abraços pg 65/66)

2.2 Pra pensar com sonhos sem metáforas, outras metas e foras.

Nos espelhos, instantes do pequeno sonho
que é a vida.

Nas palavras, memórias do grande sonho
que é o amor.

(Viviane Vergueiro. 2015. pg 19)



figura 07: rede social pessoal



terça-feira, outubro 05, 2010

eu não quero morrer, pedrinha pequena
tem alguma coisa lá
que eu não sei nem querer
de tão nova, tão móvel
e assim tanto quero
já é outra, já de novo
já me reconheço
não vai me pegar desprevenido
o vento, a onda, nada me arrasta
estou atrás de você, abalo sísmico
paisagem vasta
quero sim ser moldado, erosão quero sim
até parece que sou essência, tá bom
quero não, viu, quero não
Eros caiu por terra há eras aqui
mas eu to num movimento caótico
se pá me bato de novo naquilo e pá
mas sei lá... existe o monte Everest

sabe, pedrinha pequena?

quis dizer que estou indo embora.
e assim como o rio, nunca voltarei.
(quem sou eu nesses finais drásticos?)

Postado por Figueira Infinita às 10:42 PM
4 comentários

segunda-feira, agosto 30, 2010

Registro de sonho: Sonhei que era uma festa de família, como aqueles velhos natais, mas que tinham muitas pessoas mesmo, de diferentes círculos. só lembro que em determinado momento estava perto da tia Areta. e, apesar do alzheimer, nessa hora ela estava muito lúcida e dizia que sentia muito tudo aquilo e que mesmo que às vezes ela não entendesse nada, o desejo constante era de ser abraçada, sentir carinho, só isso. Depois disso tive alguma discussão com minha mãe e ela não entendia nada e isso me incomodava tanto. eu saía e ia me servir um prato do jantar. enquanto me servia, tia Areta abraçou uma das panelas de macarrão, enfiou a cabeça lá dentro e começou a comer compulsivamente, parecia um cachorro, não sei, aquilo causou um mal estar geral tático. ninguém tinha entendido nada. eu andei até tia Areta. ela parou e me encarou com a cara toda suja de molho de tomate. eu a abracei. Nós te amamos muito tia Areta, você faz muita falta, nenhuma morte antes foi tão lamentada. aí tia Areta retribuiu meu abraço e começou a morder minha cabeça e tentava arrancar meu cabelo com os dentes. aquilo doía muito e eu sentia um nojo monstruoso. mas eu não podia sair dali ou maltratá-la ou negá-la. eu disse é carinho tia Areta, só quero te dar carinho. nessa hora olhei pela janela e várias amigas do ensino médio me olhavam e morriam de rir, tinha também alguns vizinhos que riam de leve, mais desaprovavam alguma coisa. eu devia ter uns 10 anos nessa hora. Tia Areta confundiu as coisas e queria porque queria transformar o carinho em sexo, ali no meio da sala, no meio de todo mundo. eu só tentei segurar ela com toda força que tinha e chorei muito no seu peito.

Postado por Figueira Infinita às 1:18 PM
2 comentários

domingo, 6 de dezembro de 2009 (texto que escrevi sobre a lembrança do meu primeiro orgasmo)

luz noturna no meio da infância abriu todos os olhos no meio da escuridão de tudo e apertou as mãos na barriga e se agarrou com força para ter certeza de que tinha o sonho acabado por completo. os olhos imensos abertos acostumaram-se com o que sobrava da luz que vinha da sala e refletia na cozinha e batia nas janelas do jardim de inverno e passava ínfima por baixo da porta. se levantou. mas não sabia por que tinha se levantado. se sentou na beirada da cama. lembrou que tinha medo das madrugadas. sentiu que precisava ir ao banheiro. lembrou que tinha medo do barulho da descarga na madrugada. deitou-se novamente e se cobriu por completo com o lençol de malha. era boa a sensação. era um carinho que se fazia ao mesmo tempo em todo o corpo. como se a malha fosse uma mão gigante compreensiva que encostava gentilmente a pele inteira. começou uma dança com os músculos da perna que entravam em cadência com a barriga e os ombros terminando todos por se juntarem num átomo compacto, um ser circular pequeno e conciso que tinha todas as partes tocadas. de um ser passava a um espectro. era algo fundo que estava protegido e sorria. sou uma malha roxa, uma malha leve. encontrava sua mão. pegou sua própria mão. para que assim se mantivesse meio em sonho, meio em si. sentia que era sua mão e era gigante. queria compreender tudo. algo novo. seria a única pessoa a saber, porque o resto do mundo dormia. e as mãos dançaram até o fundo do que era. e era algo desconhecido. uma caixa fechada. uma caixa de presente com um laço delicado rosado que os dedos foram desfazendo gentilmente, compreendendo cada volta da fita até que se desfizesse em nó que se abriu macio. Tateando. Tateando no escuro. o que guarda essa caixa? essa caixa,

o que guarda de mim? o que abriga essa caixa? o que dessa caixa abriga em mim? que é dessa caixa que se abre e se fecha...se abre...se fecha? quando por causa do movimento, ou não, ou por causa da fase lunar, vieram duas fortes correntezas contrárias, duas ondas de dormência que se mexiam, que vinham dos joelhos e do umbigo. uma pororoca magnífica, que ainda não se sabia o que era, mas que transbordava e escorria pelos dedos. não se sabia o que era, mas sabia agora, que os dedos tinham ido à boca, era doce e salgado, era, de tão gostoso exaustivo, tanto que dormiu, sonhou e nunca mais voltou.



figura 08: tirinha Laerte Coutinho

(...)

Amo brincar com as palavras, desnudá-las, moldar o vazio com a extravagância dos sonhos, medos e desejos meus. Vivi pra poder escrever e transfigurei-me. As palavras transbordaram-me de mim em mim, tornando-me outras, tantas, sonho dos meus sonhos, nem mesma eu pude prever, ainda assim fui e sou a primeira a sonhar. **Antes o sonhar, que o senhor.** (Ventura Profana, grifo meu)



figura 09: (VENTURA PROFANA, SEM SENHOR, 2019
Parte da instalação TABERNÁCULO DA EDIFICAÇÃO)¹⁰

Carlos Castañeda, no livro *A Arte de Sonhar* (acho interessante ressaltar esse desígnio de arte para o fazer dos sonhos) no relato de suas jornadas pelas estradas dos sonhos, treinado pelo mestre indígena Dom Juan para manter vivos os saberes Nagual, tem como um dos encontros principais em seu texto, depois de muito tempo sendo orientado e acumulando experiências com as trocas e comunicações também com os seres dessas dimensões, que são seres ancestrais, o encontro com uma entidade que ele chama “desafiador da morte”, segundo seu relato é um dos seres mais poderosos e sábios nesse novo território, ele já esperava por esse encontro desde o início de sua jornada, portanto trata de descrever dramaticamente quando seu cu cai da bunda.

Ao encontrar o “desafiador da morte”, contrariando toda sua expectativa criada, essa entidade tinha uma figura feminina... Castañeda fica absorto, aquilo o choca de um tanto que o deixa desesperado, já haviam acontecido outras comunicações com esse espírito, mas não visuais... ele pensa então, é uma travesti! (na verdade, a versão brasileira traz nas palavras “um travesti” e enxergo aqui a não aceitação de uma ontologia trans/travesti, leia-se transfobia, tanto no espanto relatado do autor quanto na implicação do artigo masculino provavelmente recorrente da tradução para o português) o mestre Nagual ri horrores da cara dele, e diz que aquela/aquele espírito passeia sem problemas entres esses pontos de aglutinação, que aquilo pra ela/ele não faz sentido...o mestre Nagual se refere à entidade as vezes no feminino as vezes no masculino e isso não é um problema, uma questão, flui naturalmente... mas Castañeda, o cientista, não consegue aceitar, reluta, discute, vê seu chão cair...

Aprendi com amigas no terreiro que nossas entidades, como exus e pombogiras, muitas vezes se comunicam com a gente através do sonho. O sonho é acionado em diversos trabalhos e discursos de outras manas travestis que acompanho, e também em grande parte de meus poemas desde a adolescência. Ventura Profana que ao brincar com as palavras as vê transbordando de si, se reconhece como o sonho de seus sonhos e conclui genialmente: antes o sonhar, que o senhor. Posicionar o sonhar antes do senhor me parece uma alternativa frente a colonização de nossas resistências. Portanto busco aqui repensar o sonho a partir de outros conhecimentos, a partir de perspectivas originárias e mestiças, buscando alternativas emancipatórias pra além da perspectiva do “senhor”.

“Eu sonhei enquanto dormia sobre essa grande queimada. Sempre tive muito medo do fogo. Todas as vezes que sonhei com fogo, algo de ruim acontecia com um dos meus filhos, que caíam doentes. E neste último sonho, era como se o fogo estivesse levantando o planeta no qual vivemos. Quando acordei, fiquei pensativo e me perguntei: ‘será se vai acontecer alguma coisa ruim?’. Isso ficou martelando na minha cabeça e pedi para Nhanderu [Deus em guarani] que nada de mau acontecesse à minha família ou ao meu povo”, explica o cineasta indígena.

Questionado como relacionou o sonho, as filmagens dos rituais dos anciãos indígenas de cura, com a pandemia do novo Coronavírus, no roteiro do curta, Alberto esclarece. “Na verdade eu tentava entender a relação do sonho com a pandemia de Covid-19, que iniciou logo depois do sonho. Foi quando lembrei de toda a filmagem que havia gravado com os sábios indígenas. Assisti ao material bruto, fui conectando uma coisa com a outra e entendi que era isso que Nhanderu [Deus em guarani] queria dizer. Que eu fizesse o filme e mostrasse para as pessoas a importância dos sonhos em nossas vidas. Nós guaranis, levamos a sério o que o sonho quer nos dizer. Por isso, temos um ritual antes de dormir, justamente para obter respostas de tudo que pedimos antes de dormir”, frisou.

(Entrevista com Alberto Alvares - Guarani Nhandeva¹⁶)

(...)

16 acessado em: <https://revistacenarium.com.br/cineasta-indigena-lanca-curta-no-museu-do-indio-sobre-presa-gio-de-uma-epidemia-global/?fbclid=IwAR2Xys5UWOwPYZKyOtDaTVx-fQAio32-q-ayjNjpNDHIUIVitkyAFbYPjuA>

Aqui nesta região do mundo, que a memória mais recente instituiu que se chama América, aqui nesta parte mais restrita, que nós chamamos de Brasil, muito antes de ser 'América' e muito antes de ter um carimbo de fronteiras que separa os países vizinhos e distantes, nossas famílias grandes já viviam aqui, são essa gente que hoje é reconhecida como tribos. As nossas tribos. Muito mais do que somos hoje, porque nós tínhamos muitas etnias, muitos grupos com culturas diversas, com territórios distintos. Esses territórios se confrontavam, ou às vezes tinham vastas extensões onde nenhuma tribo estava localizada, e aquilo se constituía em grandes áreas livres, sem domínio cultural ou político. Nos lugares onde cada povo tinha sua marca cultural, seus domínios, nesses lugares, na tradição da maioria das nossas tribos, de cada um de nossos povos, é que está fundado um registro, uma memória da criação do mundo. Nessa antiguidade desses lugares a nossa narrativa brota, e recupera o feito dos nossos heróis fundadores. Ali onde estão os rios, as montanhas, está a formação das paisagens, com nomes, com humor, com significado direto, ligado com a nossa vida, e com todos os relatos da antiguidade que marcam a criação de cada um desses seres que suportam nossa passagem no mundo. Nesse lugar, que hoje o cientista, talvez o ecologista, chama de habitat, não está um sítio, não está uma cidade nem um país. É um lugar onde a alma de cada povo, o espírito de um povo, encontra a sua resposta, resposta verdadeira. De onde sai e volta, atualizando tudo, o sentido da tradição, o suporte da vida mesma. O sentido da vida corporal, da indumentária, da coreografia das danças, dos cantos. A fonte que alimenta os sonhos, os sonhos grandes, o sonho que não é somente a experiência de estar tendo impressões enquanto você dorme, mas o sonho como casa da sabedoria.

Vocês têm uma instituição que se chama universidade, escola, e têm a instituição que se chama educação. Todas estas instituições: educação, escola, universidade, elas estão no sonho, na casa do conhecimento. Esse sonho tem um aprendizado para o sonho. E, quando nós sonhamos, nós estamos entrando num outro plano de conhecimento, onde nós trocamos impressões com os nossos ancestrais, não só no sentido de nossos antigos, meus avós, meu bisavô, gerações anteriores, mas com os fundadores do mundo. Tomara que a palavra habitat tenha esse sentido que estou pensando, que ela não seja só um sítio, uma cidade, ou lugar só na geografia, que ela tenha também espírito, porque, se ela tiver espírito, então eu consigo expressar uma idéia que aproxima, para você, o lugar de onde estou tentando contar um pouco da memória que nós temos de criação do mundo, quando o tempo não existia. (Krenak, 1992, pg 2)

Alberto Alvares produziu um filme para mostrar para as pessoas a importância do sonho, Krenak em 1992 já falava do sonho enquanto um espaço de troca de saberes, um espaço de conhecimento, um espaço não físico mas espiritual. Me lembro de uma parte da introdução de minha monografia, finalização da graduação em antropologia pela UnB, em que fiz uma breve apresentação de quem eu era para localizar meu discurso e escrevi...

Para se utilizar de termos institucionalizados, o desígnio de identidades trans ou travesti mais tarde seria o que mais se assemelharia ao que entendo da minha experiência, por mais que sinta que não abarque nem metade da potência do que é o meu existir para mim, nem do que pretendo com ele, enquanto mais que indivíduo.

Me identifico enquanto trans entendendo um constante trânsito. Pois foi então a partir desse vestido, que usei na festa de encerramento do encontro, que tomei gosto pelo uso desobediente de indumentárias que até então me eram proibidas, estranhificadas. Não digo que comecei a usar roupas de mulheres, como comumente se diz, porque afinal não acho que mulheres guardem em seu corpo nada que lhes tornem fadadas a essas vestimentas. E também essas vestimentas não foram o que me tornaram trans. Acho que a partir de então, comecei a saborear a força de conscientizar, por assim dizer, o desejo, de intenciona-lo ou descobri-lo em sonhos e projetá-lo. (lêda Figueiró, 2016, pg 11)

Quando revisito meus poemas antigos vejo tantas vezes a presença de algo em meus sonhos que me chamava, me gritava pra eu acordar, acordar inteira em espírito em amor y fúria, pra ser eu mesma. Ter esses registros de minha memória me lembra novamente, de não ignorar meus sonhos, o processo ainda não está feito talvez não seja nunca finalizado, são muitas armadilhas diárias. Meus sonhos ainda me mantém viva, digo, em movimento de vida, pois que a estrutura que me circunda e me espreita prevê minha morte, minha morte seca, não a morte molhada que é

minha amiga e protetora e tão viva quanto eu, quanto meu sonho.

Gosto de me pensar como meu sonho vivo, que minha corporeidade atravessando espaços é realização da resistência do meu sonho, que é meu espírito, que é minha saia, onde carrego minha adaga, que é minha palavra. Correndo o risco de misturar irresponsavelmente os saberes e os lugares de fala, mas o trecho de Ailton Krenak me inspira a imaginar o sonho como esse espaço de conhecimento e que então minha mulheridade trans ou minha transgeneridade não-binária é também lugar/espírito da minha construção de saber, conta dos nós dos meus encontros nessa história, que me (re)(trans)formam, quando ando atenta aos sinais e os recosturo e giro essa saia juntos com minhas velhas. Na busca de não deixar morrer a força do meu desejo. De não esconder a minha presença no que digo e faço. Quando vejo que, apesar de não estar nos dicionários, resistência me parece uma palavra indissociável para nos entender em nosso contexto. Então que prestem atenção ao que dizem e ao que sempre disseram as travestis, as diversas pessoas trans e não binárias e todas que escapam da grade equalizadora colonial. E não apenas o que temos a dizer de si, mas do que quer que seja. Temos fogo pra responder, aprimoramos ao longo do tempo sabedoria o bastante pra não deixar nossos sonhos morrer.

A memória, é claro, é uma parte vital e básica de nós mesmos. Não conseguiríamos viver sem ela. Mas a cultura não se resume a ela, pois contém um outro lado, que é a invenção. Estou usando esse termo, “invenção”, como uma palavra mágica. A invenção é a metáfora. A metáfora é o que acontece quando inventamos com a linguagem. De certa forma, é como se fosse uma composição musical; é como se fossem muitas formas de arte. O que ocorre no âmago da metáfora é uma invenção que na verdade trai as palavras que usamos para evocar a metáfora. Dentro da metáfora, existe uma alteração de perspectiva que apenas as palavras que são empregadas camuflam. Um poema que escrevi tem uns versos assim: “Nenhuma metáfora é o que ela pensa que você é / Mas ela é o que toma a sua palavra como acaso”. Ela usa as suas palavras como pequenos acidentes por meio dos quais escoo em forma de ação. (Entrevista com Roy Wagner, pg 964, Revista de Antropologia USP 2011)

Significado de Metáfora

substantivo feminino

Figura de linguagem em que há uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita: a paixão queimou-me; nervos de aço; dar asas a imaginação

Etimologia (origem da palavra metáfora). Do latim *metaphora*.ae; do grego *metaphorá*.

terça-feira, 22 de outubro de 2013

chama-me do nome que convir
tanto faz e nada feito.

“nós somos 98% metáfora” quer dizer, eu quero dizer que eu quero dizer algo que não seja perpetuação. ou nada ou tudo é sagrado. inclusive meu esforço diário de catar pontas e frequentemente não acho nenhuma mas eu acredito na lombra acumulada. mesmo não acreditando em linhas retas, assim, porque acho às vezes divertido me achar torta. só enquanto não perco todas as minhas referências em troca às vezes de um sonho ou uma conversa com uma coruja sobre carrapatos e abusos e poemas de carne sem tempo Irresponsabilidade minha? deserção número contínuo. qual dos lados do desejo? maré. quando meu corpo não esteve envolto em fumaça nos últimos anos? já nem sei quando deixou ou passou a ser. mas a possibilidade das pontas dos dedos douradas de amor queimado mais muito mais me excitam agora e eu tenho séculos pra me vingar.

Postado por Figueira Infinita às 14:58 Um comentário



figura 10: colagem Figueira Infinita

Pensei agora que toda palavra é uma metáfora. assim como o significado das linhas também envolve as entrelinhas, o significado que vem do meu corpo é um movimento, é o momento da fuga, de quando o cu cai da bunda. a criação da idéia da metáfora pressupõe um significado anterior imutável do qual eu sou o deboche dançante, a invisível mais brilhante, e me recuso a prestar devoção do latim do grego, djia! quando digo que sou meu sonho vivo, que dos meus lençóis ondas se formam em pororoca e deusas que celebram a partir de mim, de me ver minha reexistência voltar seu fluxo para o curso das todas reexistências na mata escura, poderiam ser lindas metáforas, mas o significado anterior da palavra não se aplica, as palavras que me foram dadas eram minha inexistência, ora o que me disseram vida era minha morte, eu quando aparentemente faço metáforas, não as faço, o significado criou vazio onde abundava uma gargalhada cabocla cigana onde a pom-bogira fez castelo, no solo fértil do impossível, no meu coração, quando retomo a magia de criar significado, antes de poder ser metáfora, o significado a partir do movimento, da ponta dos meus dedos à língua, sai de baixo entra em cima, dá significado com sabor, com tesão, com escorrência de enchente potência. não crio universos de fantasia, eu sou a fantasia brincando com o feitiço da realidade, e eu a edifico, instauro, tomo. minha raiz que sobe ao céu, que é mel na boca, até que pinga na terra seca dos homens brancos que jogaram por cima da infinitude de terra de sangue da qual sou fruta. frutinha venenosa. aquela gatinha na luz do dia aquela que tirou seu chão virou seu volante na calada da noite gritante, travesti perigosa. e eu sei que você não esquece, sendo poesia viva sou assombração do seu medo de ser, de poder, criar. sou parte da memória mais antiga, antes da palavra. por onde passei nada mais foi e tudo será.

Guillermo Gomez Peña sobre arte da performance:

A seguir, apresento algumas perguntas típicas que me fazem os jornalistas da cultura dominante anglo-saxônica, acompanhadas de algumas respostas igualmente “típicas” de um servidor:

Jornalista: A performance é algo relativamente novo?

GP: Não. Toda cultura possui espaços assinalados para a renovação da tradição e espaços para o comportamento contestador e desviante. Aqueles que ocupam esses últimos gozam de certas liberdades espaciais.

Jornalista: Você pode discorrer mais sobre essa ideia?

GP: Nas culturas indígenas americanas, por exemplo, era o xamã, o coioite, o nanabush que possuía permissão para cruzar as perigosas fronteiras dos sonhos, do gênero, da loucura e da bruxaria. Na cultura ocidental, esse espaço liminar está ocupado pelo artista da performance, o anti-herói contemporâneo por excelência, o provocador aceito. Sabemos que esse lugar existe e nós simplesmente o ocupamos.

Jornalista: Não entendo. Qual é, então, a função da arte da performance? Por acaso existe alguma?

GP: (Longa pausa). Os artistas da performance são um constante lembrete para a sociedade sobre as possibilidades de outros comportamentos artísticos, políticos, sexuais e espirituais; e esta, devo dizer com veemência, é uma função veementemente importante.

Jornalista: Por quê?

GP: Porque ajuda os outros a se reconectarem com as zonas proibidas de sua psiquê e de seus corpos e a reconhecer as possibilidades de suas próprias liberdades. Nessa medida, a arte da performance pode ser tão útil como a medicina, a engenharia; e os artistas da performance são tão necessários como as enfermeiras, os professores, os sacerdotes, ou os taxistas. A maior parte do tempo, nem ao menos nós mesmos somos conscientes dessas funções.

Jornalista: O que quero saber é: o que a arte da performance fez por você?

GP: Por mim? (Pausa longa). Ensinou-me a responder. É uma forma de lutar ou de responder. Também me ajudou a recuperar meu extraviado ser cívico, e a reunir pedaços de minha identidade fragmentada. (Gomez Peña, 2013, pg 35)

Não quero dizer o que quer que seja o sonho ou das agências de suas dimensões e seres, não quero cair na armadilha da definição, mesmo que já esteja correndo esse risco... Mas quero dizer direcionada às travestis, que acreditem em seus sonhos, que se comuniquem com eles e procurem jeitos de plantá-los em chãos aparentemente impossíveis. E desejo que nesse meio tempo tenham possibilidades de fazê-lo, sem medo de ditas loucuras, sem medo de parecerem ingênuas, infantis ou o que quer que seja, sem medo da inquisição. Porque nesses lugares mesmo, nesses estigmatizados, podemos encontrar meios de libertação. Restituição por nossos sonhos roubados. Nos apossar da palavra mágica “invenção”, elaborar nossa arte de sonhar reunindo os pedaços de nossas identidades fragmentadas.

3 Confluências em Trave(sti)ssias

3.1 Viagens e formações de bando



figura 11: colagem Figueira Infinita

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver
(...)
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

(trecho da música Preciso me Encontrar de Cartola)

Divisa de fogo, trava de guerra
Ela vem na terra, ela vem pra guerrear
Ela vem, ela vem, ela vem
Guerra
Debaixo do meu pé,
Debaixo do meu pé

(trecho da música Python de Ventura Profana)

Aqui quero me desdobrar viajando sobre minhas viagens. Penso minha vida marcada por viagens e travessias: minha família vem do interior de Minas Gerais e do Ceará para se encontrar em Brasília. Passei parte de minha infância e adolescência em Fortaleza. Fiz graduação na UnB o que me possibilitou fazer algumas viagens e agora no mestrado em Goiânia na UFG.

Sempre tive fascínio por viagens, sempre foi uma espécie de sonho viajar a vida inteira. Acho lindíssimo, porém apesar de a oportunidade que tive de fazer algumas viagens, a maioria pelo acesso à universidade federal (ressaltando que é um espaço afastado da maioria da população trans) muitas dessas viagens foram para buscar enxergar outras realidades quando a realidade em que estava inserida parecia insuportável, insuportável apesar de sorrisos e simpatias e “tá tudo bem sim”, mas era insuportável, em todos lugares era.

Penso na importância de minhas “fugidinhas” de espaços que não me sentia confortável criando redes de afeto e trocas e nessas fui aprendendo em conjunto estratégias de sobrevivência, fui me aprendendo também, e me enchendo de uma bagagem que diz muito do que venho fazendo até hoje e também nesse trabalho, ocupações. Mesmo que na opinião de muitos estava vivendo de vagabundagem, estava pois firmando fundamentos e epistemologias da “vagabundagem” que foram essenciais para minha sobrevivência e para que hoje esteja aqui criando essa narrativa e celebrando esses encontros.

Apesar de nessas contações estar também me valendo de viagens literais, quero expandir esse entendimento, estou também pensando em viagens/deslocamentos de espírito, de episteme, de posicionamento político, através da magia dos encontros nessas caminhadas e principalmente da troca de saberes entre pessoas dissidentes de gênero, que se deslocam tanto territorialmente, sendo excluídas de grande parte dos espaços de convívio social, quanto epistemicamente/espiritualmente das matrizes fundadoras de nossa exclusão.

Gacira Lopes Louro em seu livro *Um Corpo Estranho* (2004), inspirada nos pensamentos Queer importados dos Estados Unidos e Europa, reflete sobre as experiências de vida de pessoas dissidentes de sexo e gênero ressaltando uma importância epistemológica de suas trajetórias desviantes. Nomeia de *viajantes pós-modernos* esses seres que em suas viagens proibidas pela norma vão criando novas formas de experimentar e enxergar o mundo, criando a partir do desenraizamento, do trânsito, rejeitando a rigidez colonial.

Não indago por que tais sujeitos cruzam as fronteiras. Não pretendo descobrir suas intenções e propósitos, nem lhes atribuir o caráter de revelação ou de descoberta. É verdade que a metáfora da viagem parece supor um sujeito que detém o privilégio de perambular livremente, de ir e de vir. No entanto, não podemos esquecer que há aqueles que são empurrados para as viagens. Clifford (1997) nos faz refletir sobre

quem é ou quem pode ser viajante; ele nos recorda aqueles que fazem travessias e deslocamentos compelidos por circunstâncias alheias ou motivos externos (criados, guias, migrantes, exilados ...); ele nos lembra que as viagens são significadas distintamente por gênero, por classe, por raça. Também as viagens plenas de aventuras de que falam as novelas de formação sofrem dessas marcas. Elas são invariavelmente empreendidas por homens, não por mulheres. E homens brancos. Portanto, também aqui a metáfora da viagem precisa ser relativizada. Os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade talvez não “escolham” livremente essa travessia, eles podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados. Eles podem, tal como quaisquer outros viajantes, ver sua travessia restringida, repudiada ou ampliada por suas marcas de classe, de raça ou por outras circunstâncias de sua existência. Sua viagem talvez possa se caracterizar como um ir e um voltar livre e descompromissado ou pode se constituir num movimento forçado, numa espécie de exílio. (LOURO, 2004, pg 18 ,19)

Apesar de esses deslocamentos serem muitas vezes extremamente violentos e dolorosos para nós, quero forçar aqui uma narrativa cujo foco não seja nosso sofrimento, mas as estratégias de sobrevivência que fabricamos nessas caminhadas.

Se as travestis enquanto corpos e vivências dissidentes fomos arrastadas sempre para o lugar do outro, o que segundo Louro(2004) também nos reserva um lugar privilegiado de percepção do mundo, penso que é muito importante destacar as nossas que estão dentro da academia criando conhecimento, espaço criado sobre o pressuposto e continuada manutenção de nossa ausência, mas não só. Qualquer travesti que tenha conseguido envelhecer, ou que tenha conseguido se firmar ainda jovem, que viveu nas ruas por anos, que fez seus agenciamentos possíveis para se manter viva, somos todas sábias, guardamos conhecimentos de velhas estradas, viagens de espírito, decidimos seguir nossa intuição a despeito da razão que nos impossibilita, carregamos algumas das chaves dos mil cadeados coloniais, e por isso pagamos o preço, e por isso em todos os espaços que perambulamos, de algum modo, buscamos restituição.

Estou pensando aqui em recaminhar ao longo de nossa história nacional, como sugere Tertuliana Lustosa em seu manifesto: marcando todos os livros do mundo com a sujeira dos meus pés, ou como canta Ventura Profana na música Python, entendendo a guerra e a localizando debaixo de seus pés, pensando nas constantes caminhadas priorizando vozes de resistência. Porque vidas não-cisgêneras estão lá, sempre estiveram, soterradas de palavras alheias, palavras que costura-

ram um véu de inexistência sobre nós, projeto de extermínio fracassado: Mantivemos ao longo dos séculos, de formas híbridas e criativas, viva a memória e a possibilidade de existência não-cisgênera. E considerando a constância e atemporalidade dessas caminhadas por sobrevivência, que se modificam mas nunca deixaram-se silenciar pela colonização, estou pensando as vivências travesti como também representantes de saberes tradicionais brasileiros.

Como Louro (2004) sugere, todo corpo se transforma ao longo da vida, porém existe um roteiro, um destino esperado para essa transformação, quando nos deslocamos desse roteiro esperado somos perseguidas, sancionadas de diversas formas, é uma viagem proibida. Meu espírito viaja - meu corpo se torce-retorce-se-abre-cicatriz. Deixar meu espírito viajar livremente através do meu corpo me marca de cicatrizes, e obriga meu corpo a caminhar, não um passeio num bosque, mas uma correria por sobrevivência ainda que florida, por não perder contato com o mundo que eu experimento que é um mundo onde meu sonho é real e bandos e bandos e bandos me encontraram. Intencionalmente ou forçosamente nos afastamos de um lugar de matriz que por fim se mostra alheia a nós, nessa caminhada podemos encontrar iguais nessa diferença e quando nos aliamos fazemos um movimento político, ainda que momentâneo, mas que toma força na resignificação do desterro, o que penso que pode se assemelhar ao que chama de “multidão queer” o filósofo espanhol Paul Preciado:

O corpo da multidão queer aparece no centro disso que chamei, para retomar uma expressão de Deleuze, de um trabalho de “desterritorialização” da heterossexualidade. Uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano (é preciso, então, falar de desterritorialização do espaço majoritário, e não do gueto) quanto o espaço corporal. Esse processo de “desterritorialização” do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se “normal”. Que existam tecnologias precisas de produção dos corpos “normais” ou de normalização dos gêneros não resulta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. Pelo contrário, porque porta em si mesma, como fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, a multidão queer tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual (Paul Preciado, 2011, multidões queer)

Em um mundo que se mostra tão violento, poder nos pensar como multidão, finalmente não como minoria, corpos que carregam essa história da normalização enquanto fracasso, me soa como um respiro epistemológico necessário.

Evoco a ideia dessa multidão para contar dos coletivos que formei em minha jornada, coletivos que de formas diferentes se utilizavam da arte enquanto tecnologia para intervir nos modos de produção subjetiva e assim redesenhar as cidades. Poderia desdobrar diversas discussões a respeito de nossos trabalhos coletivos e individuais, mas minha escolha aqui nesse trabalho é me centrar em algo que acima de tudo quero celebrar: nossos encontros. E marcar na memória, através desse trabalho, parte das movimentações culturais que realizamos nesse pedacinho do todo que nos cruza.

Se digo que parte essencial desse trabalho e da minha trajetória é o encontro, preciso falar que isso não é algo do acaso, que dos encontros que falo, não são coincidências, ou não são banais, não é do encontro de simplesmente se esbarrar por aí... É quando se encontram pessoas que dentro de si já, intensamente, buscavam se encontrar, quero dizer da celebração do fato de que o sistema colonial nos leva ao isolamento e mesmo assim nos encontramos...

A colonialidade está tão impregnada em nós
quanto a poluição do ar; está impregnada desde
o olhar que temos sobre o mundo, sobre a paisagem, a vida.
A arquitetura das nossas cidades, a estética do mundo
que nós compartilhamos é colonial e colonialista

e ela reproduz, ela dá metástase. É uma ingenuidade achar que vamos abrir um fórum para discutir descolonização, nós vamos estar imersos na prática colonial.

Não é só um desejo de contestar a questão da sustentabilidade ou do racismo ou de gênero ou qualquer outra questão que fratura as nossas relações; é estar o tempo inteiro se posicionando em relação a alguma coisa que, de certa maneira, acrescenta mais uma dificuldade à ideia de um encontro.

Se a ideia do encontro é pacificadora, alentadora e é uma promessa, o cotidiano é uma constante negação do encontro. O cotidiano é a prova dos nove. Se você terminar o dia hoje e disser: hoje foi um bom dia, eu tive um bom encontro, se isso for verdade, parabéns, valeu o dia.

(Participação de Ailton Krenak no seminário Perspectivas anticoloniais, na abertura da 7ª edição da MITsp - Mostra Internacional de Teatro de São Paulo em 6/3/2020)¹⁷

Como julgo parte essencial dessa busca por plenitude reside na ideia do encontro, então me esforço em mergulhar nessa ideia na tentativa de ampliar seus significados me segurando em sua importância. Refletindo a partir da ideia lançada por Ailton Krenak do encontro enquanto possibilidade de ruptura da colonialidade cotidiana, penso que tem algo de muito bom no nisso que talvez exatamente por isso seja perseguido, algo de não objetivo cientificamente, de considerar nossa subjetividade coletiva diluindo o duro, de sonho, confluência, de magia. Esses bons encontros algumas vezes se tornam uma prática, uma busca, em formação de bandos, coletivos, comunidades, famílias... Quero começar contando do meu envolvimento com dois coletivos específicos que foram pessoalmente importantes pra mim: em Brasília o (des)grupo Algodão Choque e em Recife o coletivo Infeciosxs.



figura 12: arquivo pessoal - Iêda e Conga

17 acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=2tjX2VodDYs&ab_channel=MITsp

Uma das minhas primeiras companheiras de viagens nessas trave(sti)ssias foi Rafaelly de La Conga Rosa, uma amiga querida que fiz no início da graduação, desde os primeiros chutes de porta de armário, que na lambança na sarjeta, na cachorrada e nos aconchegos em sua casa, com sua família, em manifestações de rua, na elaboração de projetos, estudos, sonhos, fomos nos formando também juntas e foi uma mulher que me fortaleceu demais e nunca perdeu o brilho encontrá-la nesses caminharas.

Conga (porque a chamo assim) cursava Artes Visuais, com ela fiz minha primeira viagem através da universidade para o Enearte - Encontro Nacional de Estudantes de Artes, em 2011, que aconteceu em Natal-RN, cujo tema era Caldeirão de Identidades. Foi uma das viagens mais significativas para mim até hoje, não terei tempo de contar aqui, senão que feitiços desse caldeirão ainda iluminam minha memória.

Alguns anos depois Conga, conseguiu uma mobilidade para estudar dois semestres do seu curso em Recife, cidade que sempre sonhei em conhecer. Nesse meio tempo, Raquel, uma amiga querida e colega da antropologia, durante uma conversa de bar, cansadas da monotonia de Brasília e pouco dinheiro, me surgiu com um convite abrupto de acompanhá-la em uma aventura, se jogar nas estradas pedindo carona até Recife. Parecia para mim completamente impossível. Então eu topei. Fechamos negócio com um brinde de cerveja. Foram sete dias de viagem, nada tranquila, mas deliciosa. Alguns caminhoneiros que toparam nos levar expressaram um medo de que fôssemos ciganas, eu tinha medo que minha identidade também se mostrasse nômade, nesses momentos penso que a barba que carregava conseguia me esconder como uma onça atrás da mata, rachamos o bico várias vezes.

Infelizmente tenho que encurtar a história. Fui de encontro a minha amiga Conga que tinha começado uma amizade com Paulete Lindacelva que era mesmo uma irmandade, e pude me abrigar com elas durante essa estadia no bairro da Várzea. Paulete, grande sábia, tinha certo em sua cabeça a importância de conhecimentos criados fora da universidade, que tinha por diversas circunstâncias “abandonado”, em nossas vivências e conversas aprendi muito sobre pajubá, orixás, mangueios, sobre as dinâmicas de ser uma bicha nas periferias recifenses, sobre a grandiosidade e o lado sagrado da cultura do carnaval, mergulhamos no açude ao lado das belíssimas ruínas de uma casa na mata que diziam ter sido de uma bruxa europeia queimada pela inquisição, na casa de Paulete fui também brevemente apresentada a Jota Mombaça, que eu já conhecia através da música “Eu Sou passiva, Mas Meto Bala” e que desde então passou a ser também uma de minhas principais referências teóricas.... Com elas pude conhecer e me envolver com o coletivo Infeciosxs.

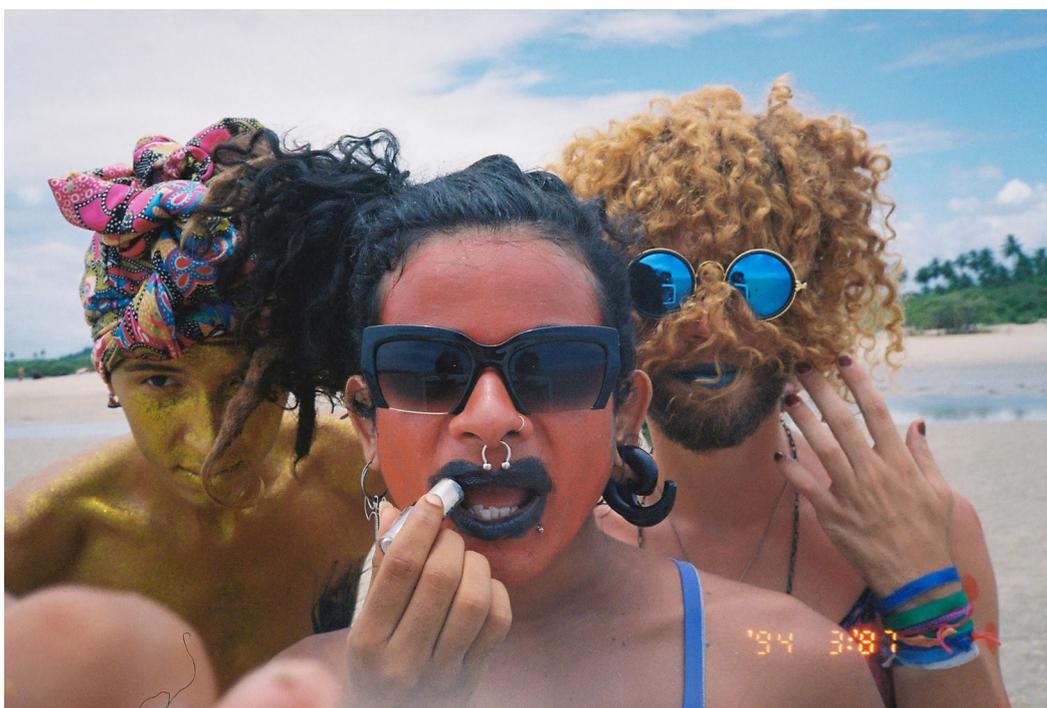


figura 13: arquivo pessoal - Conga Rosa, Paulete e Iêda

As Infeciosxs são um coletivo mutante de Recife que surgiu inicialmente com La Conga Rosa, Paulete Lindacelva, Caetano Costa, Sosha Rising, Marina Pereira e Ige, mas que conta com a colaboração de muitas outras aliadas Brasil afora. O coletivo surgiu com o desejo de um espaço que abraçasse todas formas de expressão, celebrando corpos dissidentes e monstruosos através de uma estética suja e imunda. Queríamos criar um espaço em que todas pessoas transvestigêneres se sentissem seguras e pudéssemos festejar umas às outras num lugar livre de violência. A ideia era fazer uma festa criada por e para pessoas transvestigêneres, garantindo um ambiente inclusivo para todas. Com esse pensamento em mente estabelecemos uma das políticas que julgo mais importante, que foi a entrada gratuita para pessoas transvestigêneres. Hoje, felizmente, grande parte das festas LGBT do Recife adotaram essa mesma política de gratuidade possibilitando o acesso das pessoas trans a espaços que elas talvez não teriam condições de acessar. É através desse tipo de ação micropolítica que acredito numa mudança efetiva para a sociedade. É criando nossas próprias famílias e matilhas que começamos a dar forma e sentido para nosso mundo, criando nosso próprio repertório cultural e resistindo seja qual for o território que ocupamos. De maneira rebelde e festiva desafiamos às imposições e proibições a que somos forçadas. Celebramos para nos fazer presentes, vivas, pulsantes e desobedientes. (Rafaelly de La Conga Rosa, 2017, pg 28)

Nessa viagem tive a oportunidade de participar da elaboração da segunda festa Infeciosxs, que aconteceu em 2015 uma semana após o carnaval. E foi também o palco onde pela primeira vez em minha vida tive coragem de tocar minhas músicas em público! Arrumei uma guitarra emprestada com um amigo de uma amiga, nunca tinha tocado guitarra, ao fim do show meus dedos pingavam sangue e eu estava em êxtase.



figura 14 e 15: registros da festa infeciosxs - Recife, 2015



Curtido por **conga.rosa** e outras pessoas

infeciosxs Showzinho poderoso da menina que a gente trouxe de BSB pra fazer faxina. **#thevoice** Foi o primeiro né fia?

Ver todos os 6 comentários

eitamavilha essa noite foi tuda



#2

Trazidas no tsunami da rebarba do carnaval, junto com o suor das peles, o lamaceiro das beiradas das ruas e o enjoo do sucesso, elas voltam, enfurecidas que o fojo acabou, se juntam de novo pra meter mais um terror. Porque quatros dias de fojo é pouco (tod@s sabemos), mas queremos catar quem é realmente arretada e tomba lacrar numa noite pesadexinha e pós carnavalesca.

MAIS BARATAS QE A PASSAGI R\$ 2,00 AQUÉ

E no batidão rasgação:

Cae Tano (PE)

Gladys Marginal (RJ)

Ban Shee(PE)

Loucas Figueiras (DF)

Perlla Gonçalves (PE)

Anty Sosha(PE)

Projeções:

Marina Pereira ,exibindo os tramos:

“Corpo Fala” de Marina Rossi Gurgel, com Clarissa
Ribeiro.

“Pelada Pelados” e “Pelos Pêlos” de Alla Soub

Além do espaço aberto, pra bruxaria viadal,closes,pintas e
fechações!!!

(Rafaelly de La Conga Rosa, 2017, pg 61. grifo meu)

Gravamos um vídeo teaser para o evento numa praia delícia, onde ficamos acampadas. Eu, Conga, Paulete e Alla Soub (outra artista e amiga de Brasília que estava conosco, com trabalhos expressivos sobre performance, não-binariedade, gordências, negritudes...). Corpos livres curtindo momentos de liberdade na praia, se divertindo enquanto potência. No vídeo aparece um close na minha bunda coberta de glitter dourado, esse vídeo depois foi exibido em um festival de arte no México, acho graça: minha bunda dourada atravessou fronteiras internacionais para ser exibida enquanto arte, resalto isso por me parecer emblemático dado que um ano antes eu e outras bichas sofremos um risco de ser linchadas de uma praia por conta justamente de uma bunda a mostra (vou detalhar essa história agorinha).

Pouco tempo depois, de volta à Brasília, quisemos manter viva essa tradição de ocupar a cidade criando espaços onde pudéssemos celebrar nossa existência, trouxemos Paulete e o fojo se nomeou Infeciosxs e Tombadas. Na cidade monumental, tombadas éramos nós. Ocupamos um estacionamento abandonado no centro da cidade e a celebração se fez, sem recursos financeiros ou apoios de nenhuma instituição, só o desejo e o fortalecimento de nossas redes de afeto. Com a festa conseguimos pagar as passagens de Paulete.







figura 16-19: infecciosxs e tombadas - Brasília, 2015

Nesse envolvimento também estavam bichas do (des)grupo Algodão Choque, com quem tive a oportunidade de atuar junta em diversos outros momentos e trocar muitos aprendizados. (Des)grupo porque era um coletivo aberto, era também uma (des)banda que qualquer pessoa podia fazer parte, mesmo sem saber tocar nenhum instrumento, fazíamos ruído, sem ensaios, sem regras, ocupávamos palcos para experimentar libertação. Desse bando destaque artistas como Jaja Rolim, Ricardo Caldeira, Pole, Bárbara Lopes e Rosa Luz.

Mais ou menos nessa mesma época, conhecemos o coletivo Coyote, de artistas anarquistas itinerantes, que cruzavam o Brasil pedindo carona, se apropriando dos espaços institucionais da arte para se expressar. Quando nos encontramos na Casa Frida, casa cultural feminista que as abrigou na época em São Sebastião-DF, elas tinham recém executado uma performance que ficou famosa pelas redes sociais, em uma festa na UFF chamada Xerecas Satâniks, evento sobre corpo e resistência. Coletivo que contava com a presença de travestis que são também referência: Marcia Marci e Bruna Kury, com trabalhos expressivos sobre corpos insubmissas.

Pessoalmente me fica marcado alguns aprendizados desses encontros: a importância de criação coletiva, de uma coletivização inclusiva preocupada especialmente com corpos marginalizadas, com a importância de uma apropriação artística que impulsiona nossas autonomias e potencializa nosso corpo e multidão, de fazer tudo isso por nós mesmas, contornando todas as adversidades, buscando parcerias de aliados, com a criação de um espaço onde minimamente podemos receber algum retorno financeiro que também nos é negado, de especialmente fortalecer amizades nesse corre de sobrevivência. Todos esses aprendizados carreguei comigo até chegar aqui em Goiânia e no encontro com a artista Âmbur Moura, primeiramente, e depois outras travestis cerradenses organizamos o primeiro festival de arte trans de Goiânia (que também vou desdobrar melhor mais a frente.)





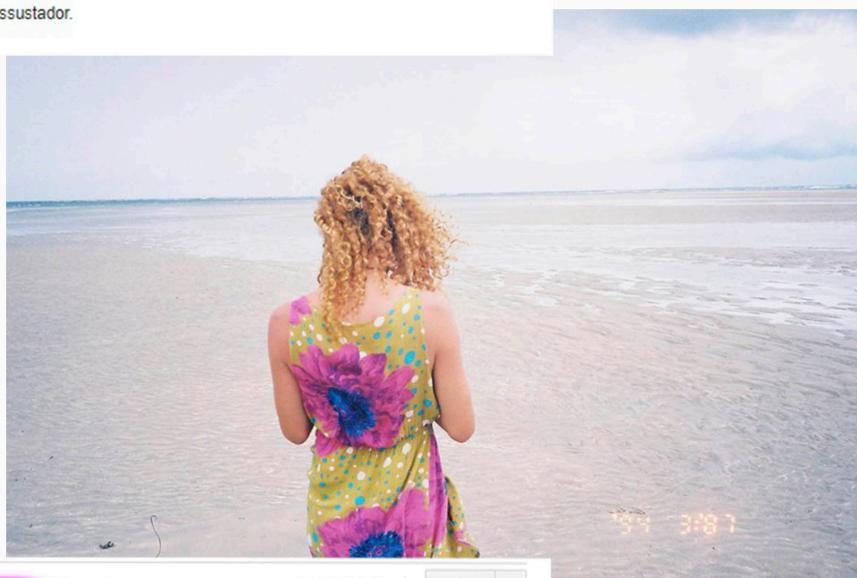
figura 20-23: registros de performance com Algodão Choque

3.2 Armação na ilha da bruxa



[redacted]@gmail.com> 22/12/2013 ☆ ↶ ↷
para [redacted]
te quero tudo transbordando tbm mariposx! maré cheia!

[redacted]@gmail.com> 22/12/2013 ☆ ↶ ↷
para mim
unx mariposx acaba de pousar no meu teclado,
logo depois de ter isso.
achei lindx e assustador.



[redacted]@gmail.com> 24/12/2013 ☆ ↶ ↷
para [redacted]
amiga. comprei minha passagem hj de manhã. vou de onibus direto pra floripa. chego lá dia 27.
jorge tá decidindo ainda que dia vai pra balneario, disse que depende do sol. hehe mas aí vou colar com elx. talvez role de ficar na casa do [redacted]...
valeu por toda a preocupação e incentivo à loucura hahaha também não to entendendo ainda, vamo ver o que vai ser!
love de cá também
força hoje na noite de natal!
besos



[redacted]@gmail.com> 25/12/2013 ☆ ↶ ↷
para mim
os rituais heterossexuais são de mau gosto e agressivos,
quase não sobrevivo.
como foi aí?

to pensando em ir pra floripa derrepente,
passar uns dias ai antes de virada,
tenho casa de amigxs pra ficar.
qualquer coisa, tem o lar de jorja também.
enfim,
vou me decidir depois de uma longa tarde
de banhamentos sangramentos com iemanjá,
hoje x sol ta lindx aqui.

besitos,
boa estrada.
anuncie sua chegada.

figura 24: Imagem: troca de emails de tias, “planos de fuga” e ‘sobrevivendo ao mau gosto e agressividade dos rituais heterossexuais”

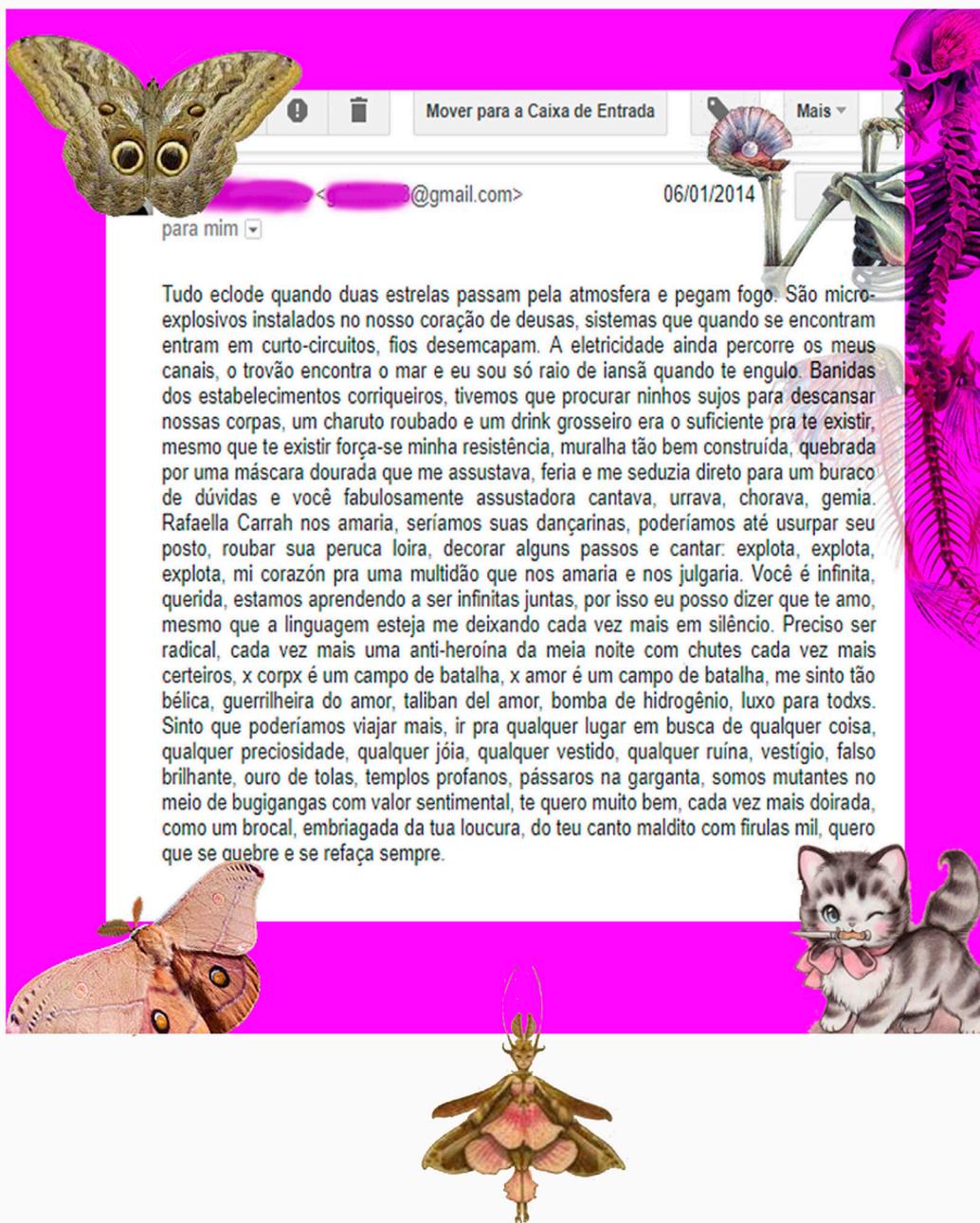


figura 25: imagem: email que recebi de uma das tias de Florianópolis, sobre nosso encontro nessa viagem, "aprendendo a ser infinitas juntas".

Na virada do ano de 2013 para 2014, eu, uma bicha que há poucos anos havia renascido para experimentar viver minha própria vida e não a dos outros, isso que chamam de sair do armário (pois com fogo guardado no coração de tantos anos), saí chutando todas as portas, inspirada nas literaturas queer e de gênero as quais tinha acesso através da graduação em antropologia e de minhas pesquisas pessoais, recusava categorias e nomes pra minha experiência, que hoje falo com gosto de mel e sangue na boca: trajetória de uma travesti, sem compromissos binários, sem compromisso com as imagens de corpo criadas a partir do olhar e do desejo masculino e branco, ostentava uma barba pomposa e vivia minha mulheridade debochada, o que arrancava sinais da cruz de pessoas desconhecidas nas ruas, que ouvia frequentemente a mesma pergunta jogada como pedra direcionada a mim: que porra é essa? e eu também me perguntava, que gostava e gosto de fazer piada de mim mesma também, mas nessa época específica vivia mesmo uma grande confusão. Fugia de um fim de relacionamento com uma bicha, única experiência que tive mais parecida com o que se entende de modo geral por um relacionamento afetivo ou namoro, que havia sugado todas minhas energias, inclusive bagunçado minha vida acadêmica, profissional... Contextos complexos que envolvem a piada cruel do amor romântico e das suas confusões geradas pelas filosofias capitalistas, carências, manipulações emocionais, duas bichas que já carrega-

vam cicatrizes por serem quem são e estavam aprendendo a diluir essa rigidez do espírito, mas não vou me alongar mais nesses assuntos agora.

Eu estava em contato virtualmente com umas bichas, que eram também artistas, de Curitiba e Florianópolis que tinha conhecido através do ENUDSG (encontro nacional em universidades sobre diversidade sexual e de gênero) e em alguma conversa surgiu a idéia de ir passar a virada do ano por lá, elas poderiam me abrigar, só precisava das passagens. Na época tinha um dinheiro que tinha guardado de um estágio que fiz no ministério das cidades, pude não pensar muito e de repente me ver dentro de um ônibus nessa jornada em busca desses encontros, inclusive comigo mesma (essa oportunidade além de um privilégio em relação à maioria, que envolve também minha condição de branquitude, é também fruto dessas redes de apoio e afeto essenciais que fui criando em minhas andanças). Lá vivi babados fortíssimos, as bichas eram bem, e encontramos sintonias deliciosas entre nós, de gargalhar até virar do avesso, em conversas desprendidas falamos sobre a sensação de sermos bruxas de vidas passadas que nos reencontrávamos, começamos a nos chamar por tias, e reinventar nomes, tia pra lá tia pra cá e tricotamos sobre nossas estratégias de resistência juntas, nossa criatividade tava empenhada nisso. Foi no meio desses reencontros de reconfortar a alma, também com naturezas resistentes em meio a uma metrópole elitizada e paisagens maravilhosas (como a cisgeneridade cimentada em nossa corpa que a despeito de tudo brota natureza travesti maravilhosa) que vivi violências em dimensões diferentes das que já estava acostumada, que foram marcantes na minha trajetória, que ardem junto a outras grandes feridas abertas que são coletivas...

Verão de 2014, eu e essas amigas, corpos estranhos à sociedade, corpos lidos como masculinos usando saias, biquínis, cores, corpos de cores de tons mais embranquecidos a mais escuros (ainda que nenhuma de nós fosse uma bicha negra retinta), exibindo combinações mestiças de visualidades, indumentárias, energias, etc. Tiramos um dia pra conhecer a praia da Armação em Florianópolis. Se não me falha a memória éramos em cinco ou seis nesse dia. O dia se desenrolava, quando duas de nós, dentro do mar, já afastadas da beira, resolveram tirar a sunga. Poucas ondas subiram e baixaram e duas bundas se tornaram visíveis ao longe. Logo se vestiram de novo. Quando percebemos outras pessoas incomodadas com o ocorrido gritando que era um absurdo. Alguns homens em uma guarita elevada de madeira na areia usavam roupas escrito “salva-vidas” e vigiavam a praia, entraram correndo na água gritando para minhas amigas saírem do mar, gritavam que “tinha que matar uns viado desse” e as coagiram a sair do mar. do mar. fomos questioná-los. não compreendíamos nada que justificasse a violência verbalizada daquela forma, uma ameaça de morte vinda de salva-vidas. eles responderam que nós havíamos cometido um atentado violento ao pudor, que éramos nós as violentas. Os demais visitantes da praia foram se juntando ao nosso redor. Em minha memória agora tudo acontece bem rápido. Pais e mães proclamam a presença das crianças na praia pra justificar o absurdo de termos mostrado nosso corpo, mesmo que durante breves instantes e à distância. Gritam que praticaram sexo em lugar público. Gritam que devemos ser presas, que devemos calar a boca, deixar os homens trabalharem. Gritam que devemos ir embora. Gritam TEM QUE QUEIMAR NA FOGUEIRA. Os salva-vidas dizem que vão chamar a polícia se não sairmos da praia. Quase todo o grupo de pessoas que se encontravam na praia se mobilizaram ao nosso redor. Alguns homens partem agressivamente pra cima de nós, umas levam tapas, vejo alguns, inclusive pais e mães que estavam com suas crianças, segurando barras de ferro de suas sombrinhas em ameaça, batendo na areia próximo aos nossos corpos.

Algumas meninas observavam tudo e perceberam que estávamos em perigo, nos ajudaram a movimentar a atenção do povo para sairmos por outro lado. Conseguimos correr para a casa de uma das amigas que morava perto. O povo nos seguiu, ficaram na porta da casa vociferando seus ódios, enquanto permanecíamos lá dentro aparentemente foragidas tentando entender o que havia acontecido, isso durou algumas horas. As pessoas só se dispersaram com a chegada da polícia que depois de tomar nota de vários depoimentos apenas indicaram que as pessoas se afastassem, que a poeira abaixasse. Ficamos dentro da casa por boas horas, até conseguirmos algum conhecido de alguém que veio nos buscar de carro. A amiga que morava na casa continuou sofrendo perseguições e ameaças dias depois, uma bicha preta, que aparentemente queriam expulsar também de sua própria casa.



figura 26: colagem Figueira Infinita

Eu penso nas mães e pais que consideravam um absurdo suas filhas e filhos terem o contato visual com nossos corpos, que nossas atitudes subversivas e até nossos atos ingênuos eram lidos como violentos, que afinal nossa presença era completamente não-bem-vinda naquele lugar público. Para essas pessoas adultas nossa mera presença viva e ativa era mais violenta e perigosa para suas crianças do que ameaças de morte e violências físicas explícitas atuadas pelas próprias figuras que se auto-proclamam exemplos de bem, decência e moral.

Pensando nessa cena de violência que relatei, trago palavras de Jota Mombaça, que se aponta uma perspectiva de análise da violência como o design global.

Cena 5_ Pura violência como design global

Algumas semanas atrás, havia um vídeo sendo compartilhado através da minha rede do Facebook. Nele, uma travesti sangrava no chão de um hospital público depois de ter sido esfaqueada. Ela estava gritando: “por favor, não me deixe morrer agora.” Ninguém a socorria. Em vez disso, uma outra mulher (cis) a batia na cara enquanto alguém filmava tudo com uma câmera de vídeo.

Espancamentos públicos, omissão médica, espetacularização das mortes, naturalização da extinção social, genocídios, processos de exclusão e violência sistêmica formam parte da

vida diária de muitas pessoas trans*, assim como sapatonas, bichas e outras corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, especialmente as racializadas e empobrecidas. Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo, e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social. No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos. No marco desse design global, a violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como regimes de exceção.

Da minha própria perspectiva, como uma bicha racializada, gorda e não binária, oriunda da periferia do Nordeste brasileiro, é impossível negar o impacto dessa distribuição da violência como ameaça na minha vida diária. Simplesmente andar pelas ruas pode ser um evento difícil quando suas roupas são consideradas “inapropriadas” e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta. O risco de tornar-se parte das horríveis estatísticas de violência anti-bicha (e anti-trans, anti-nordestina, anti-preta, etc.) é uma constante e não é justo que somente nós – que assumimos como ética da existência a desobediência à normalidade social ou que simplesmente estamos mal posicionadas no ranking dos “direitos humanos dos humanos direitos” – tenhamos de lidar com esse risco. Redistribuição da violência é uma demanda prática quando estamos morrendo sozinhas e sem nenhum tipo de reparação seja do estado, seja da sociedade organizada. Redistribuição da violência é um projeto de justiça social em pleno estado de emergência e deve ser performada por aquelas para quem a paz nunca foi uma opção.

(MOMBAÇA, pg10, 2016 redistribuição da violencia)

Foi durante essa viagem em 2014 que escrevi a música Bixa Faz, que abre meu primeiro EP: Santa CDzinha do Pau Oco, lançado de forma independente, gravado em casa pelo amigo Alessandro Moska em 2017 no DF.

No lançamento original a música vinha acompanhada de uma colagem minha, que reproduzo aqui em baixo:



figura 27: colagem Figueira Infinita

Bixa faz

Eu penso em todas as minhas tias
No fogo e nas pedras que atiraram às suas bruxarias
Eu roubei no jogo. Porque eu quis.
Eu fiz eu quis eu quis
Fênix fênix fênix
Eu me transformo em todas as minhas tias
Rainha com leões nas nuvens dona das minhas manias
Arranquei raiz plantei de novo
Refiz refiz refiz eu quis
Bixa quer bixa faz!
Minha mãe sente saudades
Mas sabe que meus crimes não são maldades
E me quer voando eu sei
Te quero do mesmo jeito
Minha mariposa meu ontem
Minha fonte minha nuvem minha evaporação
Minha fuga minha amiga.

Essa música depois entrou também na trilha sonora do curta-metragem AFRONTE, de direção de Bruno Victor e Marcus Azevedo (DF, 2017), filme/documentário que retrata a vivência de bichas pretas do distrito federal, exibido em diversos festivais, ganhador de prêmios nos festivais Mix Brasil e Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, ...(!)

A produção do filme foi citada pelo atual ocupante do cargo de presidência no Brasil, que em transmissão ao vivo rasgou o projeto do filme que pretendia virar uma série, com as próprias mãos e jogou em uma cesta de lixo.

Em matéria o jornal Correio Braziliense noticiou:

O presidente Jair Bolsonaro voltou, nesta quinta-feira (15/8), a fazer críticas a obras audiovisuais que recebem autorização da Agência Nacional do Cinema (Ancine) para captar recursos por meio da Lei do Audiovisual. Em transmissão ao vivo pela internet, elencou algumas que, segundo ele, teriam entrado com pedidos, mas que o governo havia conseguido "abortar a missão". Entre os títulos citados, está Afronte, dos diretores brasilienses Bruno Victor Santos e Marcus Azevedo.

Depois de ler os nomes das obras inscritas e o texto de apresentação delas, o presidente falou: "Outro filme: 'Afronte. Mostrando a realidade vivida por negros homossexuais no Distrito Federal'. Confesso que não entendi nada". Em seguida, prosseguiu: "Olha, a vida particular de quem quer que seja, ninguém tem nada a ver com isso, mas fazer um filme Afronte, mostrando a realidade vivida por negros homossexuais no DF, não dá para entender. Mais um filme que foi para o saco. Se a Ancine não tivesse, sua cabeça toda, mandato, já teria degolado todo mundo". (matéria do jornal Correio Braziliense, 2019)¹⁰

A armação da cena que relatei acima com a população da praia e o triste monólogo do presidente formam um enredo trágico e fatal, que se desenha, pensando com Mombaça, a partir da pura violência como design global. Se explicitam os atores autorizados e incentivados a praticar violências e contra quem a violência é autorizada e naturalizada em nossa sociedade. Explicita também que a lgbtifobia caminha junto com o racismo e classismo e que as intenções políticas estão voltadas para "degolar" quem propõe dialogar sobre nossas possibilidades de existência ou sobre a garantia de nossos direitos básicos.

10 Matérias acessadas em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/08/15/interna_politica,777402/bolsonaro-diz-que-serie-do-df-sera-recusada-na-ancine-diretor-rebate.shtml
<https://theintercept.com/2019/09/12/diretor-cinema-preto-gay-bolsonaro-censurou-meu-filme>

3.3 Pensando em tias

Como começo a música “Bixa Faz” dizendo que penso em todas minhas tias, quero desdobrar esses sentidos para continuar contando minha própria história. Se encontrei tias em bichas e bruxas nas minhas andanças que acabaram virando também minha família, isso não quer dizer que as tias de laços consanguíneos estão ignoradas em minhas trajetórias, por mais que os caminhos que escolhi seguir tenham de alguma forma me afastado dessas pessoas. Minha mãe sempre foi pra mim fonte de força, coragem e motivação e a admiro e amo, como também suas quatro irmãs, Emília, Teresa, Betânia e Ruth que vieram de Araçuaí-MG para o centro-oeste com seus pais, terreno onde se deu o rebento dessa travesti que vos fala, todas com altivez e autenticidade se empenharam em seus caminhos e conseguiram conquistar um futuro econômico que sonhava meus avós, que, como costumam contar, quando chegaram em Brasília dividiam o pão sem manteiga. Também as irmãs de meu pai, família essa que veio de Fortaleza-CE, tia Cláudia, que é minha madrinha quem chamo desde novinha de fada-madrinha e tia Vanessa, que recordo agora de rir horrores quando criança e descobri que em seu quarto ela alimentava gnomos com leite e maçãs. Todas essas tias, ainda que às vezes haja um distanciamento silencioso que não vou desdobrar aqui, fizeram questão de mandar mensagens desejando bom recomeço quando anunciei meu novo nome. E também ressaltar que as primeiras pessoas da família que começaram a perceber a situação que eu me encontrava, antes mesmo de eu verbalizar isso diretamente, que envolvia sexualidade e gênero, essa jornada de auto-conhecimento e libertação, e começaram a me mandar mensagens de apoio pela internet foram também tias, e as mais antigas, tia Efigênia irmã de minha avó e tia Aparecida casada com o irmão de meu avô.

Poderia falar muito sobre todas elas, mas quero prestar homenagem aqui a duas irmãs de meu avô paterno, tia Lêda e tia Zezé.



figura 28: colagem Figueira Infinita

iê iê. tia lêda e eu sentadas em um desenho que fiz quando criança.

Eu sempre lembro, e minha mãe também adora contar que quando era bem novinha, antes de saber escrever, eu tinha costume de ditar pra ela cartas de amor pra todas as minhas tias.

Tia lêda era irmã do meu avô paterno, foi muito presente em minha infância e adolescência em Fortaleza, era visita sempre querida lá em casa, me abençoou diversas vezes com suas mãos acalmando a pestinha com johrei, nos mostrava posições de ioga e caía na gargalhada, lembro de uma vez que, eu devia ter uns 10 anos de idade, estava deitada na beira do mar com ela e outras tias que conversavam sobre histórias de amor e lembro dela falar “meu bem, coitado dele, ele que me perdeu!” e as risadas foram forte, eu não entendia muito bem, mas olhava pra elas rindo maravilhada e sabia que aquilo era um momento importante. Com essa família aprendi a me comunicar através da música. a música e a poesia foram estradas pelas quais trouxe da minha juventude subjetividades contrabandeadas, por onde sentimentos silenciados puderam sobreviver em movimento. Hoje quando não me calo mais, sinto que faço sorrir minhas ancestrais.

Tia lêda sempre me chamou de príncipe. Uma vez quando o alzheimer parecia ter tomado conta de suas ações, fomos visitá-la, ela não reconheceu ninguém, quase não deu atenção, quando me viu, por um breve momento nossos olhares se cruzaram e ela balbuciou “príncipe”... Aquilo encheu meus olhos de água. Diziam que ela esquecia de tudo, mas não tinha me esquecido, e eu também não a esqueci.

Acho que a última carta de amor que escrevi pra ela, foi já alguns anos depois de sua morte, em 2018 quando escrevi no cartório meu próprio nome: lêda. E dessa vez era também uma assinatura que firmava um compromisso de amor, de amor comigo mesma e coitados dos que me perderam.



figura 29: colagem Figueira Infinita (Tia Zezé e tia lêda segurando meu pai)

Fortaleza, 13 de setembro de 1998.

Oi tia Zezé.

Como vai você?

Aqui em Fortaleza vai tudo bem.

Desculpe-me por esquecer de mandar cartas para você.

Você é uma pessoa muito boa e merece um milhão de beijos e abraços, mas estamos muito longe um do outro, e pelo telefone não mata a minha saudade, por isso estou mandando essa carta. Mas eu não vou mais esquecer de mandar cartas para você, tá bom?

É aí anda botando muitas cartas de baralho?
Tá dando coisas boas?

Tomara!

Por que eu quero que muitas coisas boas aconteçam na minha família e principalmente para você.

Eu te amo muito!!!!

figura 30: arquivo pessoal

Tia zezé morava sozinha numa casinha azul no Guará II no DF, uma roseira na frente, um cheiro de café, incenso e coisa guardada, as paredes quase todas de sua casa eram escondidas por colagens de imagens de santos, papéis de carta com desenhos fofinhos de ursinhos, cachorrinhos, mensagens de amor, recortes de revistas, roupas largas e longas misturando estampas, quase sempre com um coque que amarrava seus longos cabelos compridos.

Tia zezé ligava quase todos os dias pra algum familiar e passava horas no telefone, se dizia muito sozinha e chorava, chorava, muitos não tinham paciência, lembro de ouvir uma vez alguém dizer que às vezes atendia o telefone e deixava de lado enquanto ela falava botando de vez em quando no ouvido pra dizer “aham” e segundo a pessoa ela nem percebia e as ligações duravam horas. Parece que ela sempre teve tristezas que ninguém sabia lidar. Tia zezé, apesar da catarata de um olho, enxergava a vida de outros tempos, penso que sua saudade percorria séculos. As histórias que contam sobre ela para mim soam sempre meio nebulosas. Sei de criança pescando

conversa de mais velhos, que ela desde novinha via muitas coisas que ninguém via e vivia atormentada, quase não dormia, até que um dia encontrou uma cigana e que depois de conversar com ela muito disso se amenizou e a partir de então ela começou a aprender a botar cartas... Todos sempre respeitaram muito esse dom que ela tinha, ainda que sempre aparecesse alguém pra por em dúvida o que ela fazia misturado com julgamentos a sua pessoa, todos tinham histórias que hora ou outra apareciam pra comprovar que o babado era sério.

Uma história é com minha mãe, que um dia, sentindo sinais corporais de uma gravidez, foi ao médico, fizeram exames e saiu da consulta com um “parabéns, você vai ter neném”. Foram por acaso visitar tia Zezé e não falaram nada sobre a notícia, tia Zezé falou pra minha mãe que tinha que abrir o baralho pra ela, abriu, falou que ela tinha recebido uma notícia que tinha mexido muito com ela, mas que ela não levasse a sério porque a notícia era falsa. Meu pai riu, falou pra tia Zezé que o baralho dessa vez tinha se enganado porque estavam com exames e minha mãe iria ter um bebê. Tia Zezé disse que se o baralho estivesse errado ela o rasgava e nunca mais abriria pra ninguém. Por fim se tratava de uma chamada gravidez psicológica. Eu particularmente gosto muito dessa história pois me faz pensar como a medicina e a rigidez do pensamento científico, ou as repercussões sociais na vida de uma pessoa a partir de algo dito por um médico pode ser às vezes desbancada por um passe de mágica. risos.



figura 31: colagem Figueira Infinita (à esquerda tia francisca rosa, que era tia de tia zezé - à direita. E ao centro eu, fazendo a abusada. .)

Lembrando de tia Zezé e tia lêda penso que em algum momento, apesar de serem muito queridas, sobressaiu algo de não saberem lidar com suas subjetividades. Nem a magia, nem o alzheimer: o que não se enquadra na objetividade científica, o que não se enquadra no padrão comportamental. E nossa,..., mesmo que em outros contextos, eu sou tanto também desses dois “não-enquadramentos” ...

3.4 alice no país de tita maravilha, potocas e pororocas com minha amiga



figura 32: rede social pessoal

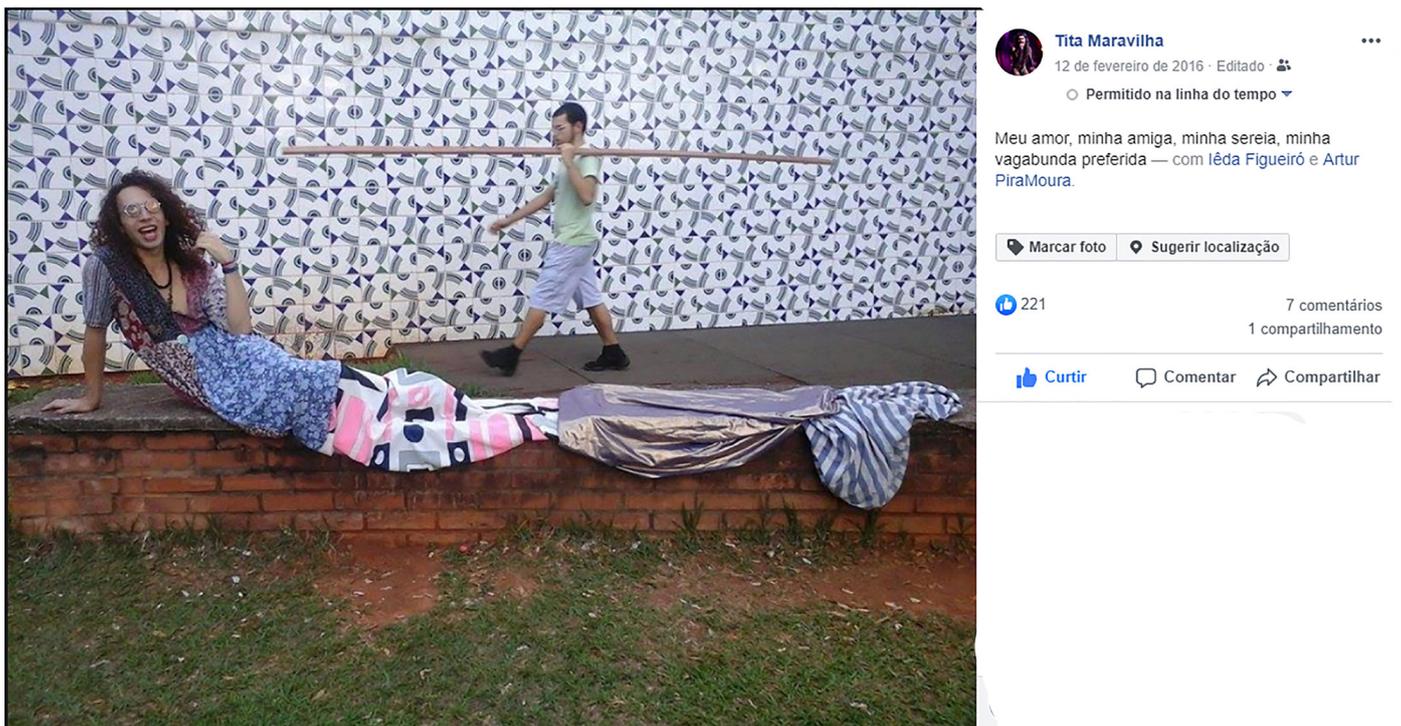


figura 33: rede social pessoal



figura 34: rede social pessoal

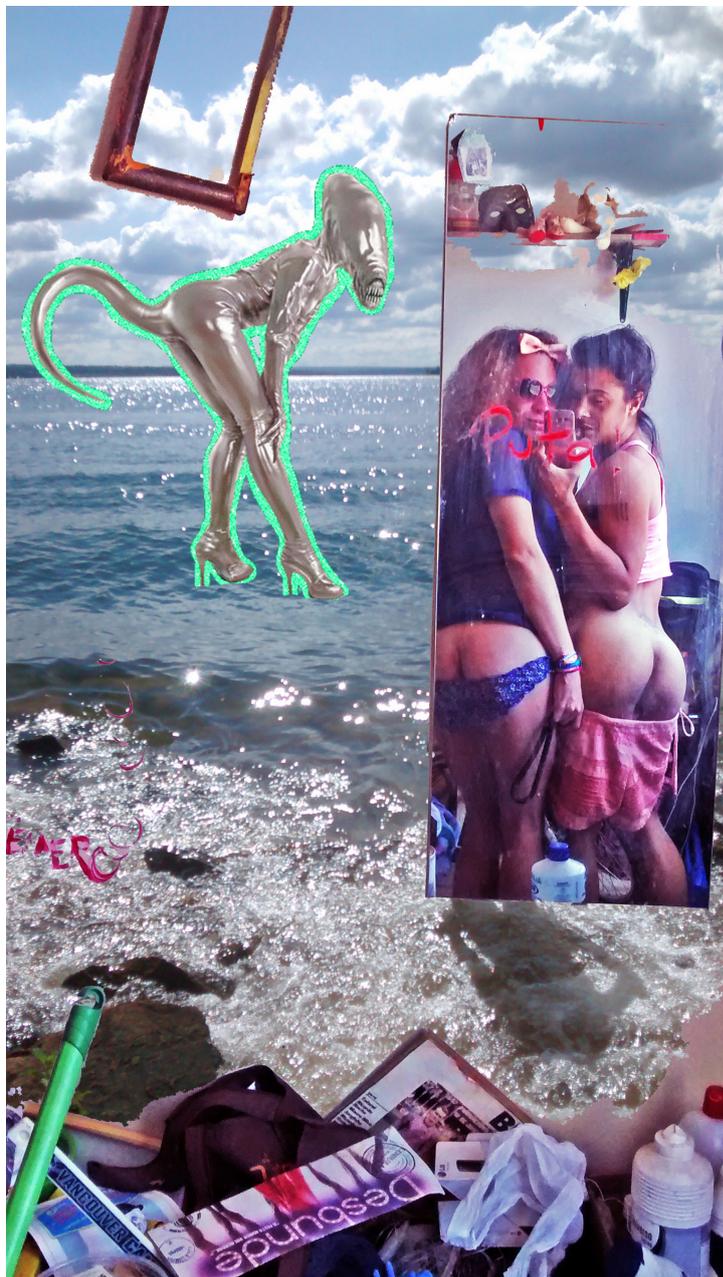


figura 35: colagem Figueira Infinita

Eu estou mais para perdida. Sou perdida. Sou cachoeira. Sou Maria mãe de Deus, sou minha tiavó Mariíinha. Sou Pirenópolis/Pirenopolinda nascida em Anápolis. Sou apaixonada. Queria ser uma manga madura, mas sou salada de sentimentos. Sou todas as minhas amigas e minha mãe. Sou minhas irmãs e minhas avós. Sou obcecada por drama. Sou sertaneja. Sou Greco-Goiana. Sou pisciana. Sou atriz, cantora, performer de mão cheia e de mãos vazias. Tenho 1.72 de altura, 60 quilos, cabelo comprido e liso, atualmente cortado de franja, tenho pele morena cor de jambo, não branca, algumas tatuagens espalhadas pelo corpo. Sou bem garota, meus seios ainda vão crescer. Não estou depilada. Sou travesti. Mulher de pau. Tenho local. Ahh, meu nome é Tita Maria (Matita) trans Amazônica Moreira Mélo. (Tita Mélo, 2018, pg 14)



figura 36: ``Na montagem: eu, criança viada de poder. montagem/arte/truque: Iêda Figueiró/Figueira Infinita (Tita Mélo, 2018, pg 14)``

Minha mãe, certa vez numa viagem há mais ou menos 4 anos atrás, tomando uma cerveja, me relembra uma história que me diz muito sobre essa minha perspectiva de estar viva, e não só de estar viva como de ser uma força, uma força destinada à arte de TRANSformação dos lugares onde TRANSito. Ela me contou que, quando estava grávida de mim, numa época em que no nosso bairro em Pirenópolis estava cheio de ciganos nômades que escolheram esse lugar para passar um tempo, onde minha avó já havia alertado para que ninguém na casa abrisse a porta nem mantivesse contato com nenhum deles, minha avó pensava como a maioria das pessoas da cidade que tinham muitos preconceitos sobre essas “figuras” que ali estavam. Minha mãe conta que uma vez certa cigana parou na porta de casa e disse que queria entrar e conversar com as pessoas que ali estavam, no caso minha mãe e minha tia. Minha mãe tomada pelo medo disse que não podia, mas a cigana insistiu e disse que tinha grandes revelações sobre essa gravidez.

Minha mãe cedeu e a cigana entrou em casa. Ela já avisou que teria um custo essas revelações, mas não avisou quanto ou o que seria. A cigana disse para a minha mãe que esse filhx que ela estava esperando não seria nada do que ela imaginava. Mas que seria uma pessoa transformadora nos lugares que passar. Logo pediu algo em troca, minha mãe disse que ela olhou direto na panela de ferro que minha avó amava fazer feijão e disse que queria aquilo.

Minha mãe deu a panela. Minha avó passou anos brigando com minha mãe. Sempre penso nessa história, na minha relação com as mulheres da minha família, na minha relação com as ciganas e enfim em o quê aquela cigana previu sobre a minha pessoa naquele momento. Previu que eu seria “diferente”. Mas diferente em que sentido? Sendo que sou tão ser humana e parece que sinto tudo tão igual às outras pessoas. Mas minha trajetória vai me ensinando aos poucos sobre ser “diferente”. Na infância e adolescência eu apenas me percebia como “diferente” mas ficava entre me sentir bem com isso e estar ferida. A monstra começa a perceber que poderia viver com isso, começa a reivindicar o direito de existir em mim.

Hoje revivo memórias dessa infância super conectadas à terra, às frutas da época, às minhas avós, ao catolicismo, ao rio das almas (rio que corta Pirenópolis), à televisão, etc... Essas memórias mescladas a confusas memórias de ícones que já me levavam para um mundo do desconhecido mundo do “diferente”. (Tita Mélo, 2018, pg 9-10)



222 QUE EL MUNDO TIEMBLE / CUERPO Y PERFORMANCE EN LA OBRA DE EFFY BETH

figura 37: Obra de Effy Beth

*Uma das coisas que me faz pensar: assisti um documentário no youtube sobre uma acampamento cigano no DF, e em uma das falas de uma cigana e acho que também de uma antropóloga, se desmistifica a idéia de que ciganos são povos nômades por natureza, o que acontece é que eles não são aceitos em nenhum lugar e por isso tem que estar sempre em movimento. Vejo semelhança ao que acontece com as travestis, que sofrem de estigmas por ocuparem lugares aos quais são socialmente forçadas a ocupar, como a prostituição por exemplo, como as ruas, quando muitas vezes são expulsas de casa, escola, etc... De todo jeito nessas trave(sti)ssias vamos nos empoderando de encontros mágicos nos fazendo, em rede, nos conectando... Tita foi um de meus encontros mágicos.

Encontrei Tita na minha vida em momentos de desabrochar, terminava um namoro (momento do qual de certa forma fugia na viagem que contei mais cedo e escrevia a música 'bixa faz'). Tita estava em meios da sua trajetória acadêmica no curso de artes cênicas, onde se formaria como “puta híbrida” (2017) vinha de Pirenópolis justamente pra fazer esse curso na UnB viemos nos descobrindo juntas, por caminhos diferentes mas que se cruzaram diversas vezes como um pé de amora carregadinho que surge de repente na madrugada no meio do caminho de bichas colocadíssimas que atravessam o eixão na Asa Norte pra voltar pra casa seguras e se lambuzarem de prazer.

Em 2015 publiquei um textinho falando sobre nossa amizade e encontro em um blog de escritas poéticas minhas

sexta-feira, 24 de julho de 2015

loba no seu cheiro de jabuticaba bebendo Jesus Cristo na calçada me falou coisas miúdas muitas delas florzinhas pontudas que se enraízam atrás do olho e quando a gente coloca a cabeça atrás das pernas pode ver o ciclope fabricando seus artifícios cheio de manha dança forte sacode pra fora a casca da banana ou era o seu vestido loba manga rasgada fora de época a última do galho não caiu somos nós no seu caroço eu sinto bem quentinho o rio avesso ao que passa em frente sua casa onde eu me sinto minha onde é bom te ver vivendo onde fora a gente faz nossos paraísos paralelos volto no tempo e criancinha fabrico um perfume de rosas só pra te trazer de volta ao que ainda virá,

Postado por Figueira Infinita às 04:16

Nesse texto eu falo sobre uma de nossas primeiras conversas, sobre pequenas ainda crianças brincarmos de fabricar perfumes e outras alquimias com água, terra, plantas, etc, se divertindo com nossas bruxarias infantis... falo também no texto sobre a casa dela, que desde esses primeiros contatos passou a ser meu pouso quase constante, antes de irmos morar juntas, já estava eu plantada sempre em sua casa. Sua casa acabava sendo abrigo seguro pra um grupo de bichas amigas, onde sempre nos encontrávamos, pra fazer música, piadas com o mundo, Tita cozinha de um jeito mágico, etc.

De encontrinho em encontrinho fomos fortalecendo amizade, logo Tita começa a namorar a mesma pessoa com quem eu havia namorado pouco tempo atrás, e a despeito de expectativas alheias que professavam alguma riqueza ou rivalidade como dita a tradição patriarcal ficamos cada vez mais próximas, elas fazem parte da mesma banda com outra travesti poderosa Victória Carballar, a banda Cantigas Boleráveis, fazem ações performáticas como banda de cantigas, boleros, e misturas e dramas cotidianos inspirados em suas vivências, andamos juntas em loucurinhas mil e também performamos juntas e nos incentivamos e inspiramos umas as outras, nossas vivências são tema de várias de suas canções... Nesse meio tempo também houveram as ocupações da UnB e da Funarte, ocupações de resistência frente aos golpes do governo que se pronunciavam em 2016, depois das ocupações um forte grupo de bichas que se juntaram e não tiveram pra onde voltar ou tinham esse grupo como uma das poucas possibilidades de ser recebida plenamente, ficaram na casa de Tita, desse encontro de bichas e travestis logo depois se formou a banda Culto das Malditas com Pietra Sousa, Caleba Brasil, Brunetty BG, Nebulosa, Medro Pesquita... Ela morava em um pequeno apartamento em cima do comércio da W3 Norte, onde a noite era ponto conhecido, entre os desconhecidos, de prostituição de travestis - com quem frequentemente conversávamos, convidamos pra subir fumar juntas, trocar experiências... Quando Tita terminou o namoro, envolvendo diversos sentimentos e acontecimentos difíceis de lidar também, foi também quando teve que sair de seu apartamento que alugava.

Decidimos morar juntas. e fazer pororoca.

postagem do instagram:



figura 38: Colagem Figueira Infinita

figueirainfinita

@tita.maravilha O sol anda pelas mesmas bandas na nossa época de renascer. milagre dos peixes. paramos pra nos ouvir, nos percebemos e nos reconhecemos. deusas. travestis. lembro de nossas primeiras conversas, falando sobre bruxarias de infância, brincando de fabricar perfumes de flores e comidas de terra. Não saía mais de sua casa, era onde minha risada parecia mais profunda e sincera. depois fizemos casa juntas. chamamos de pororoca. Quantos sonhos em comum. E sei que em algum lugar rios também sorriam com nosso encontro. Ora Yê Yê ô! trabalhamos juntas e fizemos um corre da porra pra ter nossas algumas coisinhas e cuidar de uma Onça Garota. superamos juntas machucados de um amor em comum, erguemos espelhos, e estamos na trilha do nosso amor infinito, com e por nós mesmas, nos percebemos e nos reconhecemos, deusas, travestis. e nas horas de carência e de vício também atacávamos juntas. PassivaKerPizza. e ríamos horrores da cara dos macho, no entra e sai de sala, no ódio de esperar na janela, toda gostosa, até cair fruta podre, e nascer de novo. nossa jornada sincera nesse mundo falso. e haja bruxaria... de virar golfinha, de plantar xuxu, de fritar sapo na farinha, e rebolar a ponta da ponta da pontinha. nos fizemos irmãs. e empacotamos nossas coisinhas e pegamos cada uma uma estrada diferente. ela foi buscar na europa nosso ouro de volta, enquanto eu rumei pra limpar as ideias da europa dos nossos sonhos. É tudo junto. que ciganas alopradas batendo pandeiro no nosso peito. no fim eu sei que o banquete é nosso. que os rios correm pro mar e na beira da praia elas vão dançar e essa festa nunca vai acabar!



figura 39-40. Registros do CinEdi: Evento que promovemos juntas de forma independente, com Rafaelly de La Conga Rosa, Paulête Lindacelva, Carol Morais e Ivan Hugo. Fizemos amizade com os donos do cachorro-quente ao lado do ponto de prostituição das travestis, puxamos a energia e montamos um ambiente na rua pra projetar filmes de nossa amiga diretora Sosha, filmes protagonizados por travestis no papel principal.¹⁰



lêda Figueiró
11 de abril de 2017 · Editado ·

A mais barata ali atrás

Marcar foto Adicionar lo... Editar

20 1 comentário

Curtir Comentar Compartilhar

Árina Cynthia 1
Curtir · Responder · 2 a

Escreva um comentário...



figueirainfinita ...

figueirainfinita Butiqui bazar brechó banca barraca buteco das bicha bem boas bonitas e baratas

172 sem

narhari_ Arrazou
172 sem Responder

museu24h Abala
172 sem Responder

jordanamascarenhas Amo vcs
172 sem Responder

sereiavulcanica Bazar bafo!!!

Curtido por **rilbertandrade** e outras 120 pessoas

10 DE MARÇO DE 2017

Adicione um comentário... Publicar

figura 41-42: Registro do brechó que fazíamos eu e Tita pra sustentar nossa casinha



figura 43-44: estive com Tita no momentos de suas duas formações nessa época, formação bacharela e do curso das nações unidas (fotos arquivo pessoal)



figura 45-46. Performance de direção de Tita Maravilha, na qual atuei, e foi apresentada na UnB em 2017.



figura 47-48: Colagens que fiz para o projeto do filme "Pirenopolynda - Sagrada e Profana", cuja produção ainda está em curso. O filme trata da trajetória e poética de Tita Maravilha e sua relação com a Festa do Divino, tradicional da cidade de Pirenópolis-GO.

Com Tita aprendo o sagrado e a fuleragem juntas, a curar feridas íntimas de formas coletivas, com uma espontaneidade desconcertante de piscianas que compartilhamos, com ela chegamos nos lugares enrijecidos da produção de conhecimento, sendo puta híbrida penso que escoamos em sobrevivências múltiplas através de nossas epistemologias, recosturando retalhos de velhas tradições de morte com novos sonhos de vida. Chamamos nossa casa de pororoça, e esse encontro de águas abundou.

“Eu desobedeço porque sou molhada”

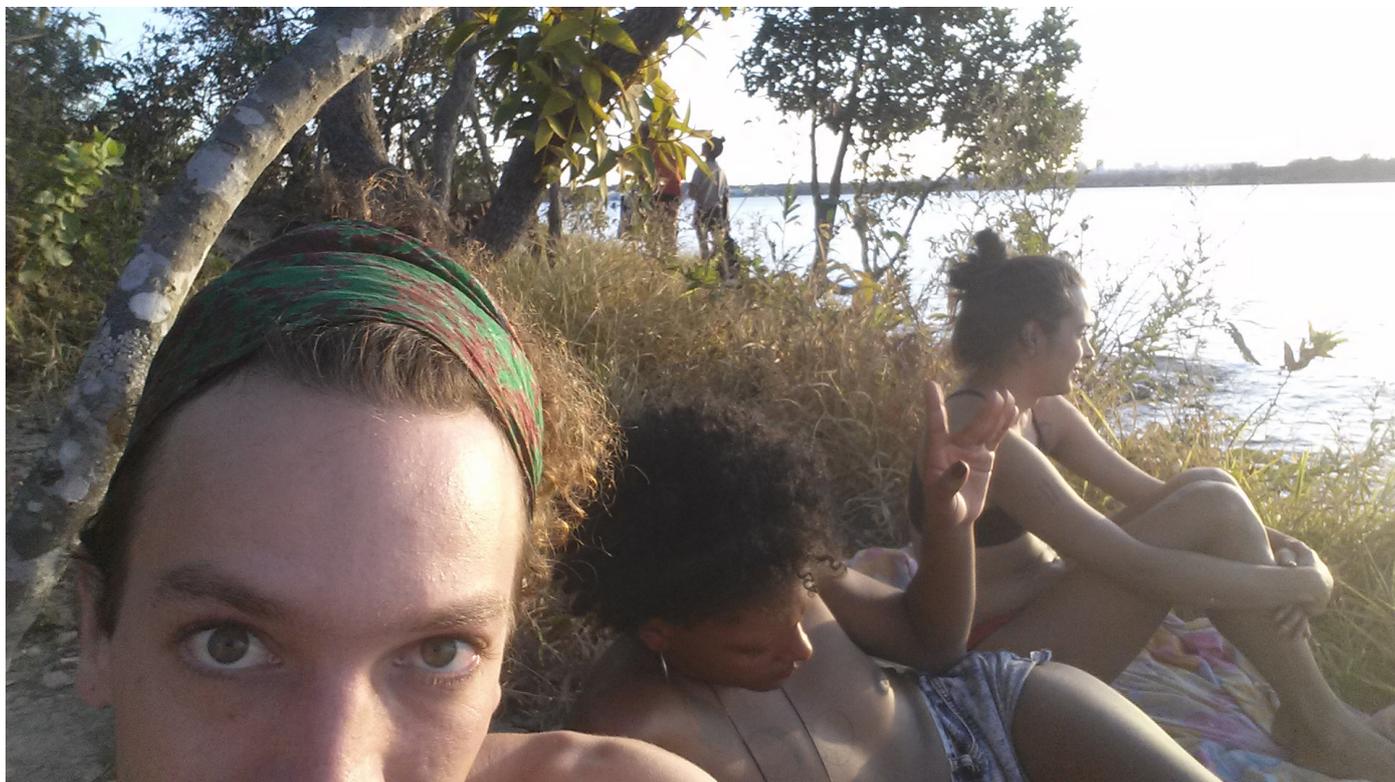


figura 49. arquivo pessoal

Três travestis tiraram um dia de folga, pra se curtir e se banhar nas águas do lago paranoá em Brasília em um dia de extremo calor e quase nada de umidade no ar.

Eu, Pietra e Tita.

O lago paranoá é cercado em sua orla por mansões que custam seus milhões e clubes da elite e servidores públicos, exceto por alguns poucos picos onde a comunidade pode usufruir dessas águas sob a constante vigília de policiais, mas nesse dia pudemos experimentar tranquilidade, rindo de nós mesmas, dançando, trocando afetos, enfrentando molhadas a secura do clima e a secura da sociedade que nos acompanham com os olhos de assombro enquanto passamos com nossa iluminação debochada.

Em algum momento mencionei já ter ouvido que embaixo do lago há um cemitério de candangos - pessoas que migraram de diversas partes do Brasil (sobretudo do nordeste) para a construção dessa cidade inventada. Nós começamos a costurar rumores que já ouvimos sobre a construção do lago artificial montando uma história pirata, mesclando tons de seriedade profunda com piadas infames sobre a elite que projetou essa cidade para poucos. Pietra, filha de lemanjá, nos lembra da calunga grande, do grande cemitério negro que também se formou sob às águas fundas de sua mãe na construção desse país também forjado pra poucos.

Pesquisei depois sobre esses segredos submersos no lago artificial, é uma história pouco contada mas existem algumas pesquisas que contam a história da Vila Amaury, que a autora Ivany Câmara Neiva chama de cidade encantada, “encantada porque a vila existe mas ninguém vê”(Nei-

va, 2017, pg15)¹¹, nessa vila, como outras vilas que se formaram no entorno do centro da Capital, moravam as pessoas que realmente construíram a cidade e viviam sob condições precárias. Essa vila foi alagada para a construção desse lago que hoje enfeita os fundos das mansões da elite da capital. Há relatos de antigos moradores da vila de que não foram avisados sobre os planos das autoridades e viram as águas invadindo suas casas repentinamente. Os destroços da vila permanecem lá submersos.

Três travestis mergulham na memória. tem uma música de maria Bethânia em que ela recita um poema que diz “perto de muita água tudo é feliz”, travesti sabe muito bem que amor não vem sem fúria, travesti entende de destroços e cemitérios, estávamos nós, como quem modela formas em argila fabricando nosso afeto desobediente. O poema que Bethânia recita muito provavelmente não fala simplesmente de qualquer amontoado de água como uma molécula morta pela objetividade científica, acredito que fala de uma água que segue seu fluxo ancestral, que carrega memória e não utilizada numa tentativa de afogar memórias. Nós sabemos, pelo o que somos, que a história nos escondeu também e então nos atentamos pros escondidos. Nós soubemos das águas profundas de nossos corações diante das águas artificiais da capital da falsa promessa, que a despeito dos destroços promoveu terreno pro nosso encontro.

Quando mergulhamos de olhos abertos em nosso íntimo, podemos sentir fluxos maiores por onde correm histórias maiores que nós, nesses mergulhos nos encontramos em si, nesses grandes fluxos nos encontramos com as outras.

Outro dia assisti um documentário chamado “Entre Rios - A Urbanização de São Paulo” que contava sobre a construção de São Paulo a partir dos dois rios a despeito dos quais foi construída a cidade. Uma das pesquisadoras entrevistadas no doc me chamou atenção por uma fala, que apesar de ser uma constatação aparentemente óbvia me pareceu como um tapa na cara: As enchentes são uma invenção do homem. As construções desrespeitosas em relação aos fluxos dos rios. E enfim, chove e as águas seguem seu curso, encontram meio de passar, sempre, quer o homem queira quer não.

Lembro de uma música do grupo Culto das Malditas, do qual Pietra também fazia parte, elas dizem:

“Colherás, colherás

Colherás o que plantou

As Malditas tão chegando

O sistema nos criou”

Oxente! nós somos também enchente!

Busco palavras da perspectiva da enchente.

Da enchente encantada que somos, porque existimos mas ninguém vê.



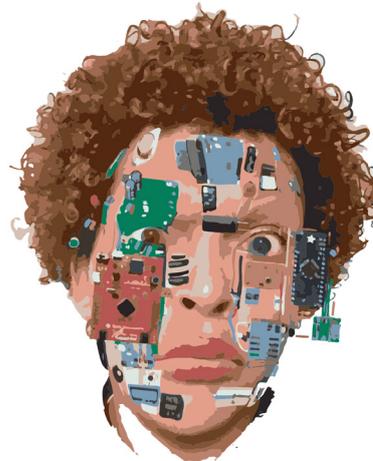
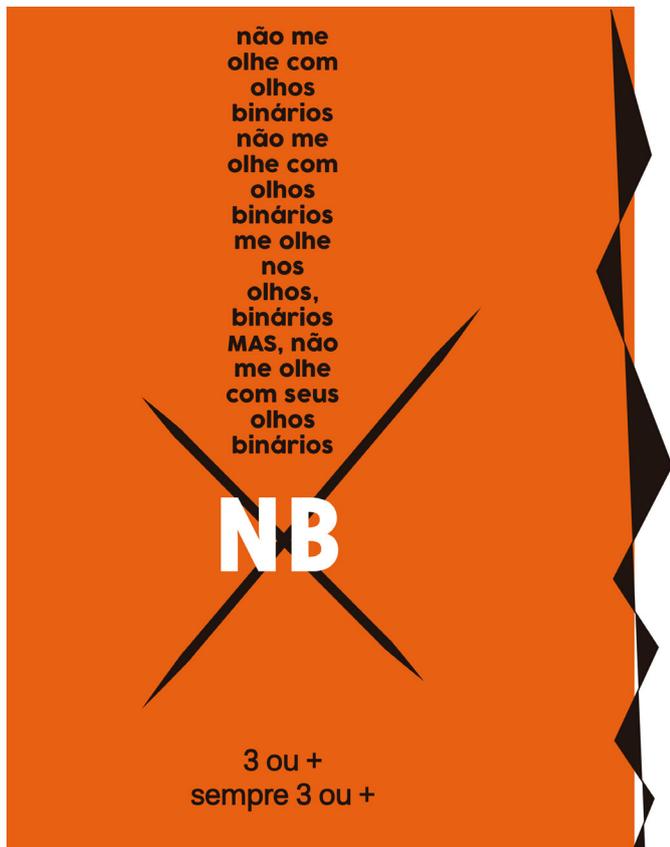
Imagem 6.

Pirenópolis Alagada, travesti das águas, pororoca, ou a arte saliva.

Fotoperformance pensada a partir das questões tradicionais em Pirenópolis, e eu quando nela inserida, enchentes, terremotos, furacões, etc...

Fotoperformance/montagem/ truque: lêda Figueiró

3.5 Encontro das águas com cores âmbar



só + 1 só + x

peço licença para falar **texto para performance. âmbar, presente.**

Peço licença a todas travestis transexuais transgeneres andróginas monstros diabólicos profanas que hoje em osso resquício habitam a terra e em vida navalharam quem fosse necessário, até elas mesmas.

peço agô aos ancestrais yorubás, aos orixás, que constantemente são desrespeitados, colonizados com olhares brancos binários patriarcais. Saúdo e agradeço também as pombo giras e suas forças de se manterem vivas nos corações negros e nos manterem vivas, nos alimentando em boca e foda, nos abraçando em carinho e guerra, e por não nos deixarem sucumbir.

a tal arte contemporânea e suas abstrações. E aí pergunto, pode trans artistas abstrairme? Parece que para nós, abstrair é quase um suicídio. Fecha o olho, abaixa a guarda pra ver, se não vem o tiro, se não tomba. Isso se conseguir abstrair: como é que abstrai a verdade de que toda vez que sai para a rua pode ser a última vez que faz isso nessa vida. E como que abstrai a falta de comida, oportunidades, afeto, respeito?

por essas e outras faço arte manifesto, arte protesto, contesto o contexto para falar das minhas e empunhar FURIA TRAVESTY CONTRA QUEM E O QUE FOR PRECISO.

Peço a Pietra suas palavras para que eu cante a esse falso amor: SE DEUS É AMOR, TÔ NO PIQUE, DEMONIA CAINDO.

E cata o que diz Linn da Quebrada : vocês fazem tão pouco mas falam demais, fazem filhos iguais, assim como seus pais.

Vida longa a Pietra Pedrosa, que ta aí para nos lembrar sempre que quando trans se juntam: é GLOW! É poder, o babado acontece.

Peço a Oxum de pau, que habita meu corpo que nos nutra e nos lave, inunde. Sagrada! Como meu corpo, que também é dela. Sagrado!

Ungida por Ventura Profana quero gritaar o seu nome e espalhar sua profecia: no planalto Jup do Bairro tomando a faixa presidencial. Corpo sem juízo que não quer saber do paraíso, mas sabe que mudar o destino é seu compromisso.

Para cantar em meus graves agudos, lêda, figueira infinita, me lembra que o buraco é mais embaixo, porque nós queremos ver os militares do Brasil se retrarem com o povo. O mau que nos fizeram não vai acontecer de novo.

Porque Alice Guél também disse, as coisas vão mudar, fica esperto que as coisas vão mudar, as travas vão se juntar.

E como Melissandra já anunciou nessas terras goianienses, está instaurado o traviarcado,

É com essas e várias outras infinitas vozes e ideias que me rodeam, infinitas possibilidades de me atravessar por essas deusas vivas, que num dia como hoje me levanto, tomo meu comprimido de falsa cura, ouço minha mãe de sangue me chamar pelo meu nome de violência, atravesso o vale da morte entre guapó-goiania, para chegar aqui e dizer a vocês, mas acima de tudo, dizer a mim, como faço sempre que posso frente ao espelho da vida.

EU NÃO VOU MORRER
EU NÃO VOU ME MATAR

EU VOU SOBREVIVER

EU VOU VIVER!

EU VOU VIVER!

EU ESTOU VIVA.

AQUI, AGORA.

Âmbar! Presente! em cu, teta, boca e dente.

Corpo, mente e alma.

Múltipla, líquida, transcendental.

E vocês vão me enxergar e quero confirmar.

Eu digo Âmbar, vocês dizem: presente.

Eu digo Âmbar, vocês dizem: presente.

Âmbar!

Âmbar!

Âmbar.

E agora peço licença a vocês.

não quero estar sempre a frente ou ser quem corta o cordão

não admito carregar sozinha o peso concreto dessas estruturas

meus tortos ossos mal sustentam minh'alma

essa carcaça cansada precisa de sossego

por um dia, um minuto, um instante que seja.

figura 51 - 52. Páginas das zines Âmbar elétrico e Beleza Pictoresca de Âmbar Moura - 2019

Comecei essa jornada no Goiás sendo levada pra Terra Ronca sentindo água correr embaixo da terra onde o escuro era tático era uma presença arrepiante pra quem não tá acostumado e uma água forte correndo vindo de tão longe, mas naqueles instantes ali correndo e subindo pelas minhas pernas... Eu achei importante saber dali de onde o sol não bate, um ponto escuro e arrepiante onde as águas seguem seu curso. Boas amigas me possibilitaram estar lá. O ano virava, eu começaria o mestrado em Goiânia. Eu dividi com elas um banho de alecrim feito com água de chuva de lua nova que tinha preparado, banho pra se pensar em nada ruim, mas bênçãos que deviam acontecer, permanecer, se intensificar, se transformar... Comecei reentendendo que o buraco é mais embaixo. Descobrir a água funda da caverna embaixo do chão me inspira a fazer aqui, na minha história, pra entender o próprio sem posso buchas maiores nos mundos, nossa visão difícil ser exercer qual Antonio Bispo, caminhadas todas com infiltração em palavras dos mais diversos e antigos mundos, pra respirar e permitir passagem de ar pra canas. Diversas coisas me afastaram dos meus laços consanguíneos, mas o movimento energético de vida que dei para me ser me aproximaram cada vez mais de minha ancestralidade e me curar enquanto mulher me amou, afiou minha língua, meus olhos, minha escuta. Me fortaleceram fortaleceram pelo menos mais que caminhavam ao meu lado. A memória mecia viva ~~na~~ na terra me acolheu, ~~há~~ há muitos anos um povo que tem algo com o que eu sou, algo que fui criada pra não ver, acolheu Maria Mulambo e ela nunca nunca esqueceu. E ela acreditava na festa que idílicos fazem, eu e Ampal, no caso de nossas saias e de nossos retratos, pra promover encontros, e disse que a festa que acontecia aqui também acontecia lá. A festa não foi requena. É grande e forte o quanto não andamos só. Me agenciamos com Ampal nessas feições, nessas aventuras de espaço se relacionava com agenciamos históricos que ~~limita~~ provavelmente não foram papais em nenhum livro mas podem estar escondidos entre os versos de um poema, entre os retratos de uma saia que giraram ao som de um pandeiro balançaram no vento junto com um lenço vermelho. E por baixo de todos esses encontros águas fortes de oxum que nos cobra filhas nos faz espelhos e nos fornece adagas imateriais, nos possibilita momentos contra-colônias quando assim nos atreíamos, desentramos, fazemos.

figura 53. (anotações - arquivo pessoal)

Transcrição - anotações de caderno - Janeiro/ 2019

Comecei essa jornada no Goiás sendo levada pra Terra Ronca sentindo água correr embaixo da terra onde o escuro era tático era uma presença arrepiante pra quem não tá acostumado e uma água forte correndo vindo de tão longe, mas naqueles instantes ali correndo e subindo pelas minhas pernas... Eu achei importante saber dali de onde o sol não bate, um ponto escuro e arrepiante onde as águas seguem seu curso. Boas amigas me possibilitaram estar lá. O ano virava, eu começaria o mestrado em Goiânia. Eu dividi com elas um banho de alecrim feito com água de chuva de lua nova que tinha preparado, banho pra se pensar em nada ruim, mas bênçãos que deviam acontecer, permanecer, se intensificar, se transformar... Comecei reentendendo que o buraco é mais embaixo. Descobrir a água funda da caverna embaixo do chão me inspira a cavar mais

fundo em mim, o que vim também fazer aqui, onde vim não parar. Me revirar e vasculhar na minha história chaves deixadas que abrem caminhos não só pro entendimento do que eu realmente sou e do que pro meu próprio bem posso ser, mas o que dessas chaves podem iluminar brechas maiores de nossa história colonial, rachaduras nos muros, nos feitiços coloniais que esbranquiçaram nossa visão e nos deixaram tontas, que torna tão difícil ser, nesses fazimentos de ser. Como diz Antonio Bispo, como confluem as águas, me encontrei nessas caminhadas todas com boas amigas que buscavam também brechas e se infiltraram em rachaduras dos mais diversos e antigos muros, pra respirar e permitir passagem de ar pra outras. Diversas coisas me afastaram dos meus laços consanguíneos, mas os movimentos enérgicos de vida que dei para me ser me aproximaram cada vez mais de minha ancestralidade e me curar enquanto mulher me armou, afiou minha língua, meus olhos, minha escuta. Me fortalecer fortalecia pelo menos três que caminhavam ao meu lado. A memória negra viva na terra me acolheu. Há muitos anos um povo que tem algo com o que eu sou, algo que fui criada pra não ver, acolheu maria mulambo e ela nunca esqueceu. E ela acreditava na festa que iríamos fazer eu e Âmbar, no giro de nossas saias e de nossos retalhos, pra promover encontros, e disse que a festa que acontecia aqui também acontecia lá. A festa não foi pequena. É grande e forte o quanto não andamos só. Me agenciar com Âmbar nessas feituas nessas aberturas de espaço se relacionava com agenciamentos históricos que muito provavelmente não foram parar em nenhum livro, mas podem estar escondidos entre os versos de um ponto, entre os retalhos de uma saia que giraram ao som de um pandeiro, balançaram no vento junto com um lenço vermelho. e por baixo de todos esses encontros águas fortes de oxum que nos guarda filhas nos faz espelhos e nos fornece adagas imateriais, nos possibilita movimentos contracoloniais quando assim nos atentamos, despertamos, fazemos...



figura 54. arquivo pessoal - Âmbar sobre Figueira



figura 55. arquivo pessoal - Âmbra sobre Figueira

Quando cheguei em Goiânia em 2018, vinha de um percurso de aproximações com terreiros de Umbanda e Candomblé em Brasília que vinham me fazendo tanto bem. Cheguei com essa intenção de continuar esses caminhares por aqui. Não demorou pra ir conhecendo pessoas e mesmo sem expressar essa intenção ser convidada em situações e por pessoas diferentes pra conhecer uma mesma casa, que hoje chamo de casa com bastante mais carinho: o Ilê Asé Fará Imorá Odé. Ilê onde se cultua Candomblé de Ketu.

Minha aproximação da casa se deu primeiramente através de giras de exu e pombogira, que não são exatamente próprias do candomblé Ketu, mas são cultuadas por muitas casas e lá em casa também, como nossas ancestrais. A segunda vez que fui ao Ilê era uma festa em celebração ao exu regente das giras da casa, exu recebido pelo Babalorixá da casa. Foi uma festa belíssima e aconteceu na cidade de Goiás, onde o Ilê possui uma segunda sede, que tive oportunidade de conhecer. No dia seguinte cedinho arrumei uma carona pra voltar correndo. Tinha sido convidada a participar de uma roda de conversa sobre gênero e poesia organizada por um grupo independente local chamado Goiânia Clandestina.



figura 56. arquivo pessoal - Registro Festival de poesia Goiânia Clandestina Diversidade de gênero 2018

Cheguei no evento na hora exata da roda de conversa começar, mediada pelo poeta/músico/designer Caju Mateus, quero ressaltar: também homem trans. Pouco antes tinha rolado uma performance da artista Âmba Moura. Estradas de exu, estradas de poesia clandestina, correntezas de confluência trans, sabor de caju e águas brilhando na cor de âmbar. Duas pessoas que não conhecia e passaram a ser parceiras de vida e arte, duas pessoas que logo também descobri faziam parte da mesma família que eu passaria a do meu jeito fazer parte e de onde eu tinha acabado de chegar: do Ilê Asé Fará Imorá Odé. Âmba já iniciada como Iyawô há poucos anos, filha de Oxum, orixá que, pouco depois eu descobriria, também cuida de minha cabeça.

Nesse dia aconteceu uma batalha de poesias, um Slam... fazia tempo que não escrevia poesias, mas resolvi vasculhar umas poesias antigas e devolvê-las à vida ali naquele evento, parecia justo. Eu e Âmba terminamos as primeiras colocadas da batalha. Ao final fomos beber numa praça, junto a outras amigas que cantavam um coco improvisado. Trocamos sobre nossas vivências, falamos sobre arte, sobre a falta de espaço que vivenciávamos nesse meio cada uma à sua maneira, mas inter cruzadas pela experiência trans...e dessas primeiras conversas surgiram sementes do que viria a ser o festival Iyalodês, a necessidade de por nós mesmas, onde sentíamos e essa lacuna, criamos o espaço que precisávamos.



figura 57 - 58. arquivo pessoal - Âmba e Iêda recebendo a premiação do Slam das mãos de Mazinho e Lulu Monamour

Depois desse primeiro encontro passamos a nos encontrar com mais frequência pelos bosques da UFG e botecos dos arredores, a cada nova conversa ia ficando cada vez mais latente a necessidade de criarmos esse festival de arte trans. Um dia específico eu tinha acordado ouvindo o álbum Ascensão de Serena Assumpção e passei o dia cantarolando a música dedicada a Oxum, com um coro que vinha ao fundo “Iyalodê!”. No fim da tarde encontrei Âmba e o Babákekerè de nossa casa, nosso amigo Allan, pra uma cervejinha. Quando cheguei Allan estava mostrando pra Âmba no celular fotos de festejos na Nigéria, conversavam sobre Oxum, sobre representações do feminino, sobre o título de Iyalodê. Repensamos as mulheres que éramos e somos. Âmba, falou que nosso festival devia se chamar Iyalodês, a palavra que ressoava em minha cabeça desde que tinha acordado: é isso!

A primeira edição do Iyalodês aconteceu no fim de 2018, na lua cheia do dia 10 de novembro. Conseguimos o espaço de uma casa de cultura próxima a UFG, o Cabaret Voltaire, para realizar o evento sem nenhum custo. O resto foi acionar amigues interessades em ajudar, convocar artistas trans, eu fazendo a ponte com Brasília, Âmba com Goiânia... Não tínhamos nada a oferecer em troca, a princípio, além do dinheiro que conseguiríamos com o ingresso, que decidimos dividir em igual quantidade pra todes que se apresentassem no festival.

Essa primeira edição contou com shows musicais de Aleksej Viana, Victória Carballar como Puta Romântica, da banda Rainhas do Babado na época formada por Tita Maravilha e Iris Marwell, e eu como Figueira Infinita. Como DJ's estavam Tita Maravilha e Rafaela Lincoln como Anarcotrans. E também Âmba Moura com a performance Lewá, Pietra Sousa com a performance Transatlântica, Maria Leo Araruna e Fernando Franq com Mitologias Trans, exposição de pinturas de Eras Saturnino e sessões de tatuagem com Luca Prica. Conseguimos, dividindo o valor dos ingressos, distribuir 30 reais pra casa artista. Pra maioria esse valor não cobria as despesas de estar presente no dia do evento. Porém foi o nascimento de um movimento. Que até hoje, vez ou outra, alguém me para pra agradecer por ter podido presenciar.

Em uma das giras lá no terreiro Dona Maria Mulambo me falou da festa que estávamos prestes a fazer, ela alertou sobre perigos mas disse que estaria conosco, que estava animada porque a festa que acontecia aqui também acontecia lá. Eu fiquei feliz com a possibilidade de celebração desse lá e cá. Mulambo me falou que gostava de mim porque meu povo, certa vez, tinha sido o único que a tinha acolhido quando esteve desabrigada nas ruas... Âmba me contou depois que sabia da história dela que o povo cigano a tinha abrigado quando ela não tinha pra onde ir. Fiquei emocionada de encontrá-la, de imaginar que nosso encontro podia ser um reencontro, que me dava outras possibilidades também de me reencontrar comigo mesma, e que afinal de contas estávamos prestes a fazer uma celebração de nosso (re)encontro e que essa celebração seria produzir novas possibilidades de novos (re)encontros.

No ano de 2019 realizamos a segunda edição do festival num espaço maior e mais central na cidade, Espaço Cultural Martim Cererê - espaço que conseguimos também sem custos através de uma abertura da administração preocupada com eventos que envolvessem cultura negra e LGBTI+. Vendemos Rifas, ingressos antecipados, engajamos na divulgação virtual, convocamos amigues e aliades para nos ajudar na organização no dia do evento e nessa edição conseguimos montar uma programação com mais ou menos 30 artistas trans do Centro-Oeste, além de uma batalha de Vogue no final organizada por Pietra Pedrosa chamada ball magia, onde várias pessoas LGBTI+ presentes puderam participar. Dessa vez conseguimos levantar uma quantia de 130 reais para cada participante, ainda pouco, mas com um aumento considerável da primeira edição.



figura 58 - 59. Colagens Figueira Infinita



figura 60. Abraço das 3 travestis que estiveram à frente na produção da II edição do iyalodês em 2019 - Âmbar Moura, Pietra Pedrosa e eu. No fundo, em cima do palco, as travestis juradas na batalha de vogue: Caiene, Pietra Sousa e Flavys Atrois

Programação da 2ª edição do Iyalodês:

Performers:

Lukas Delfino (@lukasdelfino)

Caê (@cupidomenino)

Pietra Sousa (@pipa_zhura)

Maria Léó Araruna- poeta e performer (@marialeoararuna)

Lu'da'Bulhões- dança (@ludabulhoes)

Oddadah (@oddadah)

Âmbar Moura (@pictoricanebulosa)

Thomas Argos (@thomasargos)

Stephanie Bovary- drag queen (@stephaniebovary)

Alê Alves - performance (@vulgoshay)

Caju - poesia (@cajuoi e @cajuindose)

Lara Precious Bittencourt (@preciousbitt_)

Música:

Iêda, a Figueira Infinita (@figueirainfinita)

DJ Anarcotrans (@anarcotrans)

DJ Odara

DJ Matheus Queiroz

NicoLaw – rap/trap (@n_aoliveira)
Victória Carballar + Ely Janoville (@putaromantica)
Flô Furacão (@furaconaflo)

Tatuagem:

Luca (@lucaprica, @lucapricatatto)

Artesanato:

Hugo Carvalho (@_carvalh6p)
Cames Borges e Odara Yayá (@ca.mesborges e @yayaodara)

Artes Visuais:

Tereza Morato (@terezamorato)
Marcos Rafael (@jiminotan)
Akira (@akira_ak1111 e @coletivo_cafecomcha)
Kai (@kaimaistri)
Theo Medina(@_m3dinaa_)

Ball Magia (runway e vogue performance)

Chant - Flavys Atrois (@flavysatrois)

Jurades - Caiene (@caienereinier), Gi (@giisll), Pietra Sousa (@pipa_zhura)

Houses - @casadeofenza, @houseofatrois, @houseofwitch

Em 2020, ano em que se iniciou a pandemia do vírus covid-19, estava morando com Pietra Pedrosa, travesti dançarina e pesquisadora, que também esteve na produção do 2º Iyalodês. Logo no início da quarentena, trouxemos Âmbra pra morar conosco. Ela vivia turbulências com a família em casa. Pouco tempo atrás haviam jogado várias roupas, objetos e criações artísticas dela no lixo enquanto estava fora de casa. Morando com Âmbra pude ver ela planejar a instalação de seu quarto despejado em uma galeria e isso me pareceu lindíssimo, apesar de dolorido. Âmbra me ensinou na varanda a dançar o xirê, me contou muitas histórias de pombogiras, itans de orixás, me ensinou feitiços de proteção, inventamos feitiços juntas também, fizemos muitas fogueiras, muito café, trocamos sonhos, lembranças, piadas ruins, sonhamos alto, gritamos, surtamos, nos desentendemos, conversamos, trocamos referências teóricas, saberes sobre plantas, aprendi lugares de privilégio da branquitude em minúcias de relações que antes não enxergava, nos cuidamos como pudemos, mesmo às vezes não podendo, nos desdobramos pra sobreviver à quarentena, eu já sem bolsa do mestrado, contando com um auxílio mínimo ofertado pelo governo. Demos conta de muita coisa que achava que não daria, enquanto pudemos sustentar, porque estivemos juntas, sobretudo aprendi sobre força, sobre enxergá-la na fraqueza, ressignificar o que pra muitos seria lixo, transformar em luxo.

4 Epistemicídio e inquisição na produção ciscolonial do cotidiano. caça à bruxa travesti



figura 61. Sentada na porta de casa, em Goiânia, uma bruxa do centro-oeste brasileiro na década de 20 do séc XXI

Seguindo o gancho lançado no início do trabalho sobre uma primazia da objetividade científica, dificultando um entendimento sobre diversas dimensões da vida e da existência mesmo de vidas que se distanciam da lógica binária, seguirei nessa parte do trabalho desdobrando contextos históricos e reminiscências das teorias que, como vejo, contribuíram para a manutenção da subalternização de certas vivências em nossa sociedade, especialmente vivências trans. Pensando sobre epistemicídio a partir do contexto da inquisição, pensando que saberes orgânicos, saberes da memória viva e ativa, saberes não-cisgêneros que atuam a partir do sonho, da intuição, podem estar mais ligados à magia e menos à ciência que a suprimiu partindo de uma narrativa única e totalizante, sem diminuí-las de valor ... Ao localizá-los mais próximos à magia não quero torná-los coisa fantasiosa, ou exotizada, mas justamente espelhar a lógica. Poder afirmar que a fantasia (que nos coloca em situação de guerra) é cisgênera e branca.

Cabe frisar que a consolidação das discussões teóricas a partir da categoria de epistemicí-

dio se dão no Brasil graças às revisões críticas da filósofa e educadora Sueli Carneiro. Já desde o título em sua tese de doutorado (2005) se explicita que a construção da idéia de “ser” em nossa sociedade se fundamenta na criação de um “outro” (ou de outros, outras, outres) como “não-ser”. Em seu trabalho se aponta que esse processo de fabricação de uma inexistência contra a maior parte da população do Brasil, populações não-brancas, se localiza em um quadro maior de planejamento de nossa nação a partir do pacto colonial racista de dominação de sua diversidade, onde projetos chamados humanistas podem ser vistos como projetos educacionais de (des)humanização .

Na sua adaptação às particularidades da sociedade brasileira, o epistemicídio terá sua primeira expressão, enquanto tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de idéias empreendido pela Igreja Católica durante o vasto período da história do Brasil com desdobramentos específicos sobre a população negra. Com a abolição da escravidão e emergência da República, influxos do racismo científico serão percebidos em pensadores nacionais, aportando novas características aos processos epistemicidas sobre as populações negras. Entram em cena os procedimentos de contenção, exclusão, assimilação na relação dos negros com os processos educacionais frente à sua nova condição de liberto indesejável como cidadão. (Carneiro, 2005, pg 102)

Como venho desenvolvendo ao longo do trabalho, esse projeto de cidadão desejável - que se assimila às maquinarias capitalistas e patriarcais de dominação colonial, esse projeto racial de um cidadão desejável não esteve desligado de um projeto também ciscolonial, o que se liga a redes de pensamentos interseccionais contemporâneas de que para se combater a transfobia devemos também combater o racismo.

Raewyn Connell é uma cientista social australiana, e também uma mulher trans. Suas pesquisas abarcam grandes categorias como gênero, política, história, educação... Buscam trazer à tona o projeto colonial que esteve enraizado na consolidação das teorias ocidentais sobre sociedade e sobre o ser humano, em suma suas premissas eurocêntricas impostas e afundadas em suas reflexões. A autora identifica quatro movimentos que estiveram imbricados na consolidação dessa academia colonialista: a pretensão de universalidade, a leitura desde o centro, gestos de exclusão, e o grande apagamento . Katherine Cross é outra autora transfeminista norteamericana que recontextualiza o texto de Raewyn Connell (Southern Theory, 2007) trazendo os problemas estruturais das ciências institucionalizadas para o foco de suas releituras, o recorte de vivências trans.

O argumento de Connell, aqui, é de que teóricos ocidentais (ou setentrionais, como ela se refere a estas pessoas neste texto) investem esforços consideráveis determinando ou se posicionando em meio a dicotomias que nós criamos e que têm pouca, se alguma, relevância para pessoas não ocidentais ou meridionais [nt: o contexto da autora é ‘do norte’, ‘setentrional’, ‘ocidental’, por isso o ‘nós’].

Isto se origina na perspectiva de pessoas teóricas dedicadas a problemas que surgem somente na literatura de suas próprias pessoas, desta maneira perpetuando conceitos equivocados e paradigmas irrelevantes.

No caso das pessoas trans, encontramos os paradigmas e antinomias de gênero criados por pessoas cis impostas sobre nós, e assim tornadas assustadoramente relevantes em nossas vidas. Frequentemente somos utilizadas como peças em discussões de ‘natureza versus socialização’, uma das maiores antinomias em que somos consideradas como de alguma relevância.

(...)

Se as dicotomias como ‘homem e mulher’ ou ‘natureza e socialização’ são tornadas problemas de existências trans*, é porque nós somos com frequência recrutadas nos debates como ‘Figura A’ em favor de um lado ou de outro, muitas vezes contra nossas vontades. (...) Porém, muitas de nós temos autocompreensões complexas que complicam ou tornam inúteis tais dicotomias, e ao invés disso nos encontramos utilizadas em tentativas vãs de resolvê-las. (Katherine Cross, 2010, pg7)

Como é ainda muito recente, em um tempo histórico, a inserção dessas vozes no espaço da

academia (Jaqueline de Jesus, Luma de Andrade, Megg Rayara são nomes que aparecem como as primeiras travestis a ganharem títulos de doutorado no Brasil e isso se dá a partir da década de 2010...), ainda temos hoje como missão descobrir onde podemos chegar agregando essas nossas autocompreensões ao fazer científico enquanto fundamentos, trazendo nosso conhecimento corporificado e múltiplo e muitas vezes disforme ao formato acadêmico. Como reconhece a artista e pensadora e travesti chilena Hija de Perra (2015) somos parte de uma América Latina onde existe uma cultura pluri-sexual e multissexual óbvia, que muitos não querem ver nem entender. Essas “pluri” e “multi” abarcam diversas formas de vida que escapam o esquema binário ocidental, ou a unidade universal auto-proclamada introjetada em nossas histórias colonizadas. Essa diversidade de vivências, compreensões, cosmologias, não dizem respeito apenas ao gênero e a sexualidades, porém a partir do gênero podemos abrir um caminho de compreensão de como o binarismo ocidental se formou método de controle dos corpos e vidas. Controlando quais vidas e formas de viver podem ser consideradas sujeitos ou cidadãs, ter poder de falar, de intervenção no social, etc. Os afastando e excluindo dos espaços de poder, de criação, de fala, de convivência...

De acordo com o padrão colonial moderno e binário, qualquer elemento, para alcançar plenitude ontológica, plenitude de ser, deverá ser equalizado, ou seja, equiparado a partir de uma grade de referência comum ou equivalente universal. Isto produz o efeito de que qualquer manifestação da alteridade constituirá um problema, e só deixará de fazê-lo quando peneirado pela grade equalizadora, neutralizadora de

particularidades, de idiosincrasias. O “outro indígena”, o “outro não branco”, a mulher, a menos que depurados de sua diferença ou exibindo uma diferença equiparada em termos de identidade que seja reconhecível dentro do padrão global, não se adaptam com precisão a este ambiente neutro, asséptico, do equivalente universal, ou seja, do que pode ser generalizado e a que se pode atribuir valor e interesse universal. Só adquirem politicidade e são dotados/as de capacidade política, no mundo da modernidade, os sujeitos – individuais e coletivos – e questões

que possam, de alguma forma, processar-se, reconverter-se, transpor-se ou reformular-se de forma que possam se apresentar ou ser enunciados em termos universais, no espaço “neutro” do sujeito republicano, onde supostamente fala o sujeito cidadão universal. Tudo o que sobra nesse processo, o que não pode converter-se ou equiparar-se dentro dessa grade equalizadora, é resto. (Segato,

2016, pg 122)

Esse trecho de Rita Segato serviu de gatilho para a maioria dos trabalhos que escrevi durante as disciplinas obrigatórias do início do mestrado. Acho imprescindível perceber esse projeto colonial corrente, para revisitar nossa história e re-entender como a ocidentalização de nossas vivências foi ao longo do tempo forçando nossas multiplicidades, de corpos, idéias, etc, para lugares de subalternidade... De início o que me pegou nessa citação foi o pensamento sobre plenitude ontológica, plenitude de ser. Enquanto travesti vivencio diariamente da falta de compreensão sobre minha existência até a completa negação dela, vivendo sob a constante ameaça dessa negação em algum momento se concretizar. Entender que há uma falta de plenitude forjada contra nós me motiva a pesquisar as estruturas disso. Como isso pesa sobre nossas vidas. E como pesa quando perguntam “tudo bom?” e uma travesti responde: tô plena!

“To falando agora dessa questão do que é ciência e do ser racional fazer ciência né... eu sou uma travesti negra, e enquanto travesti e pessoa negra eu vivo duas identidades que não são tidas enquanto seres racionais..., nós não somos humanos, nós somos sub-gente, quase animais né... antropologia criminal aí pra vocês que são das ciências sociais, taí falando isso né. Lombroso... e daí falar sobre descolonização e falar sobre minha produção intelectual é falar sobre minha experiência vivida enquanto teoria. Eu falo em experiência vivida porque o primeiro texto, primeiro livro que eu li foi o ensinando a transgredir da bell hooks... eu indico que principalmente as mulheres negras que estão aqui leiam bell hooks... eu fui falando e fui me lembrando desse artigo aqui, o intelectuais negras, que é quando ela meio que destrincha todas essas estruturas que faz com que mulheres negras nem consigam valorizar seu próprio trabalho frente a uma total desvalorização desse trabalho, né... e no ensinando a transgredir, a bell fala que ela encontrou no trabalho intelectual uma forma de canalizar sua dor para um trabalho... e que ela teorizou e teoriza até hoje a partir de um lugar da dor. e quando

eu entro na pedagogia, as pessoas me questionam muito porque eu to na pedagogia... levando em consideração que é um curso que tem muitas pessoas evangélicas e que então essa embate vai existir... e levando em consideração que a pedagogia por exemplo na UFPE é um dos cursos e um dos prédios mais conservadores e em contradição a isso é o prédio que tem mais travestis estudando, o centro de educação... eu falo que eu estudo pedagogia pra entender os atravessamentos de violência que me foram impostos durante meu processo de escolarização... né, eu nunca fui uma pessoa que conseguiu passar despercebida, eu não conseguia fazer com que os outros não percebessem que havia uma dissidente ali né... as pessoas percebiam que eu não necessariamente correspondia às expectativas que o meu designado macho na minha certidão de nascimento me dava, e isso sem dúvidas fez com que durante meu processo de escolarização eu fosse sempre demarcada por violência... eu tava escutando um áudio hoje da Jota Mombaça e ela falou que “meu corpo não existe fora da violência” e é isso... eu acho que desde quando eu me entendo enquanto Maria Clara ou desde muito antes de me colocar enquanto maria clara, a violência ela foi o lugar onde eu pude pensar quem eu era... eu me tornei a partir da violência... sabe? eu comecei a me analisar a partir da violência... porque foi exatamente essa violência que me fez perguntar: mas porque eu passo por isso? porque eles me chamam disso? porque eu sou violentada dessa forma? e daí hoje em dia que consigo visualizar que eu não consigo viver nem um minuto da minha vida sem ter que me defrontar com a violência...

Mas essa violência, essa dor, eu acabo causando um deslocamento nela quando parto para teorizar a partir dessas violências...quando eu desnaturalizo esses processos de violência... quando eu digo que não é algo natural que travestis estejam em posições de subalternidade. que não é normal que travestis ocupem o pior lugar dessa sociedade brasileira... entendendo que a travestilidade é uma identidade brasileira. “ (ARAÚJO, Maria Clara. Fala pública, 2017, disponível online)

A fala de Maria Clara sobre epistemicídio trans me faz pensar em como o ambiente escolar e acadêmico é ainda para nós um espaço onde se faz necessário reverter violências, quando nossa experiência vivida enquanto teoria ainda parte da violência e do desterro como linguagens primeiras, quando por vezes ainda estamos soterradas nesse universo de palavras alheias e precisamos revirá-las para respirar. Isso se relaciona ao que leva Viviane Vergueiro(ano) em sua autoetnografia a perceber que “se chegamos à teoria – privilégio de pouquíssimas de nós, pessoas trans –, chegamos a ela sangrando.”

A partir dessas reflexões me parece clara a necessidade de uma reformulação das estruturas de poder sobre os meios de produção de conhecimento. Nos últimos anos, fruto de muitas lutas, no Brasil têm-se tentado implementar medidas de reparação histórica nos sistemas de educação, como por exemplo o surgimento de bolsas e auxílios para pessoas negras e quilombolas, indígenas... e mais recentemente para pessoas trans. Porém a inserção dessas pessoas na universidade não pode servir simplesmente para que aprendam a reproduzir os mecanismos já consolidados nessas instituições, mecanismos que muitas vezes serviram direta ou indiretamente para sua subalternização. Não se pode negar as histórias de seus povos, suas formas de interpretar e recriar o mundo, seus afetos, suas verdades outras, para se encaixar nos modelos acadêmicos, quando em princípio essas medidas surgem no intento de mudanças necessárias frente à violência que essas pessoas e coletivos enfrentam para sobreviver e o consequente apagamento de suas memórias, produções, corpos, cosmologias, epistemologias etc.

Um trabalho a que tive acesso recentemente (Conhecimento Precário e Conhecimento Contra-Público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil de Thiago Coacci, 2018) busca pensar sobre, salientando sua importância, o conhecimento criado por pessoas trans e movimentos sociais ligados a nossa causa como “conhecimentos contra-públicos”, porque se fazem de forma e em ambientes não canônicos, contra-hegemônicos, e a partir da precariedade são uma resposta à violência pública a que somos submetidas, mas para que não se criem armadilhas metafóricas aqui gostaria de acrescentar que esses conhecimento são em favor do público porque partem da necessidade de curas coletivas. Em seu texto traz uma fala importante de Jaqueline de Jesus:

Esta universidade da qual se está falando tem uma herança eurocêntrica e que, necessariamente, é uma herança de genocídio dos povos indígenas e de usurpação dos povos africanos; é uma herança que deu o nome de “negros” e “negras” aos africanos, genericamente; concedeu o nome de “travestis” para as travestis; de “transexuais” para as transexuais, e a gente pega esses nomes e refaz todos esses conceitos. Essa é a ideia da nossa revolução. Nós nos apoderamos daquilo que nos colocam como sendo a única mensagem possível, e nos empoderamos daquilo que a gente pode falar de nós mesmos (Jaqueline Gomes Jesus, 2016, p. 222).

Jaqueline é renomada psicóloga, escritora e ativista trans, negra, etc, uma abridora de caminhos para nossa comunidade na academia. O recorte foi de uma fala sua no II simpósio internacional desfazendo gênero que intitulou de “As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades”.

A princípio podem aparecer contradições, mas que se desfazem em suas ações. Jaqueline entende que o conhecimento necessário para essa revolução do pensamento está justamente no que não foi legitimado enquanto conhecimento nos processos de colonização. Aquilo que Coacci chamou de contra-público é vivo também no público (agora, por exemplo, na universidade pública). Sua presença instaura outra narrativa frente a “única mensagem possível”.

Isso me lembra o trabalho de Tita Maravilha que em performance buscou transformar eventos culturais tradicionais de sua cidade natal - Pirenópolis - para que sua existência fosse possível, e me dizia: “minha narrativa vai me salvar”. Nos registros desses processos escreve:

Não trago esse texto enquanto revolta endurecida, mas enquanto desfazedora de nós, enquanto libertação e transformação. Vejo no meu corpo cicatrizes desse sistema que me marca e quer me condicionar, que quer decidir onde posso e não posso ir, que quer me levar para a morte sem me dar a chance de nenhum desejo. E eu quebro com todos esses paradigmas existindo plenamente, correndo atrás e deixando cada pulsar e cada desejo que aponta em mim existir, tentando na mais simples vontade de viver mais um dia, sobrevivendo também, não desistindo, como diz na letra da música da mana Rosa Luz, do EP Rosa Maria Codinome Rosa Luz: parte 2. “Se a morte não chegou é mais um dia de sorte.” Nessas transformações, transformo ódio e revolta em material de poder, auto cura, viagem, olhar, poesia, música, vídeo, performance, etc...(Tita Maravilha, 2018, PG40)

Portanto de onde estamos, pelo que percebo através dos trabalhos das minhas manas é que estamos em uma busca e uma tentativa de retomada de plenitude através dos meios que nos foram historicamente negados, onde quer que ocupemos, porque ainda nos falta muito. Por isso entendo quando Tertuliana fala em sujar com a poeira de seus pés os livros, é porque nossos passos acumulam sujeira que não é nossa, re-percorrer os discursos caçando onde fomos sendo esquecidas, a sujeira nos livros, nossas pegadas, é a denúncia do epistemicídio, os passos dados devem ser de resgatar nossa memória para curar o coletivo e para nos fortalecermos pavimentando o caminho das próximas... Porque precisamos abrir leques de novos repertórios, desnaturalizar os processos de violência que nos criaram - como acrescenta Tita, não de forma endurecida, mas de forma que se desfaçam nós.

Como exercício vou agora vou refletir sobre epistemicídio a partir de três experiências de estudo durante essa minha formação em mestrado visitando três momentos distintos da antropologia.

1º momento: dança das cadeiras e lugar de falha.

Pretendo desdobrar essa reflexão pensando com um evento ocorrido durante uma aula de teorias antropológicas no primeiro semestre desse curso de mestrado, quando discutíamos o texto “Esboço de uma teoria geral da magia”, escrito no início do séc XX por Mauss e Hubert. Dentre outros debates suscitados a partir das leituras, surge uma polêmica que aparentemente se encontrava paralela às discussões acerca do texto. Um estudante ao tentar lançar um questionamento sobre eficácia simbólica se utiliza do termo “macumba” para fazer associações... Imediatamente, antes que o rapaz concluísse sua linha de raciocínio, algumas estudantes presentes mostraram-se bastante incomodadas com o uso da palavra e começaram a lançar questionamentos sobre o

que ele queria dizer por “macumba”. Começaram a se atropelar falas, ficaram todas as pessoas afetadas. O rapaz deu a entender que as mulheres estavam fazendo tempestade em copo d’água, visualmente ficou incomodado pelos questionamentos e tentava voltar o debate para a questão do conceito de eficácia simbólica, que para ele era o mais relevante a ser discutido. Elas explicaram que a menos que ele estivesse se referindo ao instrumento musical de origem africana, macumba, o termo tinha conotação pejorativa, tendo sido historicamente utilizado para se referir às práticas religiosas de matrizes africanas de forma generalizante e diminutiva por pessoas que não faziam parte dessas práticas-cosmologias, que não viviam isso.

As meninas fazem parte desse contexto, uma delas já deu em outros momentos vários depoimentos de como ela se constrói, se reconhece, a partir das relações traçadas nos contextos do candomblé, isso faz parte de quem ela é. O uso impensado do termo machuca, também, porque é uma ferida aberta há séculos em nossa história e que ainda arde. Basta, como um dos exemplos, buscar o número de casas de terreiro de umbanda e candomblé que são queimados hoje no Brasil recorrentemente. O uso do termo gerou conflito porque quem o usou estava fora do seu lugar de fala, e se negando a repensar esse lugar.

Para refletir sobre esse “lugar de fala” volto ao texto de Mauss que líamos na ocasião, quando ao estudar as definições de magia diz que “Devemos fazer essa definição por nossa conta, pois não podemos nos contentar em chamar de mágicos os fatos que foram designados como tais por seus atores ou por seus espectadores. Estes se colocavam em pontos de vista subjetivos, que não são necessariamente os da ciência.” (Mauss e Hubert, 2003, pg 55)

Esse discurso parte de um pressuposto que descarta as produções de conhecimento não-ocidentais, que nega a credibilidade de suas falas sobre si, suas auto-determinações e suas cosmologias. Colocando suas subjetividades sempre em desfavor à dita objetividade científica. E em certa medida era ainda isso que estava acontecendo ali nesse momento em sala de aula. Por mais que Mauss se mostre muito interessado no que estuda e provavelmente tenha sido um apaixonado pelos seus temas de pesquisa, acho importante reforçar que concomitantemente essa subjugação das subjetividades se estendia em diversos outros âmbitos econômicos, políticos, estéticos, bélicos, etc. Portanto “não podemos nos contentar” na verdade com a perspectiva objetiva de que falava Mauss e que se legitimou através do discurso científico, não podemos nos contentar com suas definições que afinal vieram matando subjetividades das formas metafóricas às mais sangrentas...

Independente de sua consciência, há nessas teorizações discursos que reproduzem e legitimam a lógica colonial de infiltração ocidental nesses outros contextos e que não consigo ver como desligadas das perseguições que sofrem as resistências a essa dominação até hoje em favor de uma medicina, uma economia, uma política , ... , que se pretende hegemônica através de lógicas de origem eurocêntricas e falocentradas.

Não é querendo culpabilizar a antropologia dita clássica, ou especificamente as teorias de Mauss, pelas contínuas tentativas de extermínio das culturas colonizadas, mas sim entendê-la sem a distanciar desse contexto. Acho necessário analisar como essas estruturas coloniais, mesmo as de dentro da academia, foram se auto-autorizando, forçando sua legitimação em nossas terras e nossas vidas, quero dizer, que enquanto alguns legitimavam verdades, outras verdades vieram sendo silenciadas. As vozes trans, ou não decodificáveis pelos padrões cis-binários, também nesse balaio.

Deslocando as falas, trago conceituações sobre o lugar de fala enquanto estratégia política, de Jota Mombaça:

1. Muito se fala sobre como esse conceito tem sido apropriado de modo a conceder ou não autoridade para falar com base nas posições e marcas políticas que um determinado corpo ocupa num mundo organizado por formas desiguais de distribuição das violências e dos acessos. O que as críticas que vão por essa via aparentemente não reconhecem é o fato de que há uma política (e uma política) da autorização discursiva que antecede a quebra promovida pelos ativismos do lugar de fala. Quero dizer: não são os ativismos do lugar de fala que instituem o regime de autorização, pelo contrário. Os regimes de autorização discursiva estão instituídos contra esses ativismos, de modo que o gesto político de convidar um homem cis eurobranco a calar-se para pensar melhor antes de falar introduz, na realidade, uma ruptura no regime de autorizações vigente. Se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas. Assim, quando os ativismos do lugar de fala desautorizam, eles estão, em última instância, desautorizando a matriz de autoridade que construiu o mundo como evento epistemicida; e estão também desautorizando a ficção segundo a qual partimos todas de uma posição comum de acesso à fala e à escuta. [...] (Jota Mombaça, 2017, publicado virtualmente)

Essas políticas de lugar de fala buscam uma reparação aos danos causados pelas pressuposições citadas acima, o silenciamento das outras vozes, das subjetividades femininas e ou não-ocidentais que vieram sempre sendo afastadas dos lugares de poder nas sociedades ocidentalizadas e, quando enquadradas, sendo dubladas pelo conhecimento branco masculino europeu... Acho que a discussão em sala que relatei simboliza uma discussão secular, e os incômodos gerados dizem respeito aos lugares de fala sendo deslocados e eles se movimentam com o peso dos séculos, ainda que momentaneamente e, para alguns, sutilmente.

Penso em nossas corpos múltiplas, com suas poéticas e cicatrizes, ocupando esses espaços desautorizando a matriz de autoridade que construiu o mundo como evento epistemicida, com nossos conhecimentos de resistência, penso novamente junto com o manifesto de Tertuliana:

O traveco-terrorismo, a despeito das censuras do academicismo, autodeclara-se como arte brasileira em guerra pela sobrevivência. Após o medievo, quem atinge trinta e poucos anos de expectativa de vida? No Brasil, 35 anos é a expectativa de vida da travesti. Mas a despeito da expectativa de vida da travesti, fomos nós quem nos autorizamos a viver, adotamos a intervenção clandestina imediata em nossos corpos e a escrita-viva por meio de processos de corte. Também a despeito da nossa expectativa de vida-capitalista, nós já nos autorizamos a viver anarquicamente. E nem pedimos licença a Bakunin. (Tertuliana Lustosa, 2016, pg 396))

2º momento: Clastres e Claustrofobia teórica.

Dia desses estava em uma reunião de um grupo que pretende trazer as discussões de gênero para o ensino fundamental e médio em escolas aqui de Goiânia. Um dos colegas, que me convidou para o grupo, sugeriu a leitura do texto O Arco e o Cesto de Pierre Clastres (1974) para pensarmos outras possibilidades de gênero, para pensarmos a diversidade dessas possibilidades em nossas terras.

Eu não pensava que traria Clastres para as discussões nesse trabalho, mas ao reler o autor me pularam questões que achei interessante para se pensar como a cisonorma, ou ciscolonialidade se instaura nas sutilezas, e vem embrenhada nos discursos hegemônicos até se desdobrar em nossos contextos atuais...

Mais uma vez, minha intenção não é invalidar o trabalho do autor e sua importância histórica, ou a potência de suas releituras em novos trabalhos... Há nesses trabalhos uma mudança de perspectiva ao se analisar os povos não-ocidentais em relação a escolas anteriores, mesmo que ainda sob a alcunha de "primitivos" e a partir de enormes generalizações, procura-se não mais reconhecer nessa categoria generalizante um atraso inerente, tenta se recuperar das consequências

do evolucionismo e perceber que as contradições geradas por essas pressuposições apontavam afinal para a própria sociedade ocidental, para o Estado. O autor buscava chaves de resistência ao controle do Estado a partir de suas interpretações das experiências de diversos grupos não-ocidentais. Mas pretendo apontar limites a certas conclusões que chega o autor, eu enquanto pesquisadora travesti tenho que estar atenta quando existências próximas à minha, que hoje chamam e chamo de trans, estão sendo apagadas.

Em O Arco e o cesto o autor reflete sobre diferenças entre homens e mulheres guaiáquis pensando em símbolos, tarefas, situações que são proibidas para um grupo ou outro, etc... Mas pretendo aqui me centrar no discurso de Clastres quando vem relatar um caso específico que encontrou no grupo que estudava:

O segundo caso é um pouco diferente. Krembégi era na verdade um sodomita. Ele vivia como as mulheres e, à semelhança delas, mantinha em geral os cabelos nitidamente mais longos que os outros homens, e só executava trabalhos femininos: ele sabia "tecer" e fabricava, com os dentes de animais que os caçadores lhe ofereciam, colares, que demonstravam um gosto e disposições artísticas muito melhor expressos do que nas obras das mulheres. Enfim, ele era evidentemente proprietário de um cesto. Em suma, Krembégi atestava assim no seio

da cultura guaiáqui a existência inesperada de um refinamento habitualmente reservado a sociedades menos rústicas. Esse pederasta incompreensível vivia como uma mulher e havia adotado as atitudes e comportamentos próprios desse sexo. Ele recusava por exemplo tão seguramente o contato de um arco como um caçador, o do cesto; ele considerava que seu lugar natural era o mundo das mulheres. Krembégi era homossexual porque era panema. Talvez também seu azar na caça proviesse de ser ele, anteriormente, um invertido inconsciente. Em todo o caso, as confidências de seus companheiros revelavam que a sua homossexualidade se tornara oficial, quer dizer, socialmente, reconhecida, quando ficara evidente a sua incapacidade em se servir de um arco(...) (Clastres, 2003, pg 76)

Kembrégi, segundo o autor, vivia como uma mulher, e ao que parece o resto da comunidade compreendia bem e se harmonizava com isso. Logo de cara algumas coisas me incomodam na forma como o autor expõe a situação. Quando diz "ele era na verdade um sodomita", a despeito de toda sua experiência enquanto mulher em sua sociedade alguma coisa pesa para que Clastres insista no masculino ao se tratar de Kembrégi. Não é o bastante que toda uma comunidade reconheça e conviva bem com sua mulheridade, digamos, o "ele" pesa pelo seu corpo biológico, que é a separação primeira que o autor faz, isso é anterior às suas análises antropológicas. E como cientista Clastres ganha o poder mágico de dizer o que algo ou alguém "era na verdade"... e não vou me alongar sobre a questão de o autor frisar a questão de uma sodomia, que reveste toda sua prática com uma aura de pecado...

O que "era na verdade" ali eu sinto que é muito difícil de se aproximar, dada a distância temporal, os contextos de opressão colonial epistemicidas em que se deram os trabalhos científicos à época, as apropriações de discursos e realidade, etc... E não é mesmo uma intenção chegar nesse lugar de verdade, mas muito mais da dúvida. A transgeneridade é um conceito recente cunhado pela academia, como apontou Jaqueline de Jesus, e não pretendo realizar injustiça parecida objetivando a experiência e a memória de Kembrégi e do povo guaiáqui dizendo que se tratava de uma pessoa trans, mas então também porque um homem? porque homossexual? porque um sodomita? Meu ponto é que nos discursos hegemônicos foram se consolidando ciscolonialidades que tornam hoje nossa existência tão difícil de ser compreendida pela comunidade no geral. Isso contribui para que se torne tão difícil a percepção de experiências trans enquanto históricas e também fundantes de nossa sociedade. Fica ressoando em minha cabeça as inúmeras notícias que circulam na atualidade sobre assassinatos de pessoas trans em que suas identidades são exprimidas em função do conceito do sexo biológico... Esses não podem ser os únicos registros de nossas vivências a ficarem para prosperidade, o relato de experiências trans a partir da transfobia.

Essa discussão caminha junto com o discutido por Megg Rayara em *Transexistências Negras: O Lugar de Travestis e Mulheres Transexuais Negras no Brasil e em África até o Século XIX* (2018)

As pesquisas que discutem a sociedade brasileira até o século XIX, ignoram sistematicamente a existência de travestis e/ou mulheres transexuais. Mesmo quando são identificadas, via de regra, são tratadas como homossexuais masculinos, como acontece com Xica Manicongo, Joane, Yaya Mariquinhas e Rosalina, descritas e tratadas como homens fantasiados de mulher, ainda que reivindicassem um tratamento no gênero feminino. Para alterar esse quadro, minha sugestão é que os/as pesquisadores/as considerem a possibilidade do uso do conceito de interseccionalidade desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (2002) e adotem posturas críticas nos moldes da genealogia proposta por Dussel e Caruso (2003) e da perspectiva parcial defendidos por Donna Haraway (1995).

Acredito que assim, outras personagens históricas possam ser resgatadas e ter suas identidades de gênero e seus pertencimentos raciais devidamente respeitados, informando inclusive, que as fronteiras entre os gêneros não são e nunca foram fixas. (Megg Rayara, 2018, pg86)

Megg Rayara aponta que nosso discurso localizado, enquanto gêneros dissidentes, no seu caso enquanto travesti e negra, pode abrir caminhos para se repensar nossa história resgatando nossa memória apagada, o famoso “fazer leituras a contra-pelo”, para des-morrer nossa presença e mais: também repensar as dimensões sagradas de nossas vivências trans.

3º momento: Tão pós-moderna quanto clássica, tão futurista quanto anciã.

O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruente, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia. Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações. Por isso, a paródia que arremeda os "nativos" do "outro" lado, que embaralha seus códigos com os "desse lado", que mistura e confunde as regras, que combina e distorce as linguagens é tão perturbadora. Ela se compraz da ambigüidade, da confusão, da mixagem. (Louro, 2004, pg 20)

Em uma das disciplinas que cursei nesse processo fiquei responsável por apresentar um seminário sobre o texto “O corpo estranho” de Guacira Lopes Louro(2004). Louro foi uma autora muito presente nas minhas leituras desde o início de minha graduação, fui muito inspirada pelas suas teorias, sendo meu primeiro contato com a teoria queer que em vários momentos me representaram nesses lugares de ambigüidade, confusão, mixagem, e a reconheço como uma teórica importantíssima nas discussões de gênero atualmente no Brasil.

Nesse texto em específico a autora se propõe a pensar sobre as experiências desses corpos estranhificados pela sociedade, desafiando fronteiras dos padrões estabelecidos e agenciando resistências às normatizações das mais diversas maneiras. Circulando nas fronteiras, que são o lugar do conflito.

A autora traz um trecho de Sônia Maluf, outra pesquisadora importante para as discussões de gênero atualmente no Brasil, em que se pensa o “desejo travesti”:

o desejo travesti é o de tornar-se outro, mas o que Agrado assinala em seu discurso é mais o processo de tornar-se do que o produto final da mudança. Ao apontar para o silicone (e não para o seio simplesmente), ela aponta para o processo, para o movimento inscrito nesse corpo. (MALUF, 2002, p. 149)

Louro continua a argumentação:

Personagens que transgridem gênero e sexualidade podem ser emblemáticas da pós-modernidade. Mas elas não se colocam, aqui, como um novo ideal de sujeito. Não se pretende instaurar novo projeto a ser perseguido, não há intenção de produzir nova referência. Nada seria mais anti-pós-moderno. A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade. (Louro, 2004, pg 23)

Acho imprescindível o entendimento desse caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades, que traz a autora. Não somos nós as habitantes das fronteiras obscuras, senão todas as pessoas em nossos contextos ocidentalizados. Senão, porque um investimento e vigilância tão massivos na intenção de manter os padrões no estatuto de normalidade?

Porém quero refletir sobre dois pontos desses trechos que destaquei. Primeiro, a partir das minhas auto-reflexões da minha experiência enquanto pessoa trans, é concreta pra mim a sensação de que fui a cada passo nesse processo me tornando cada vez mais eu mesma. Meu “desejo travesti” nunca foi o de tornar-me “outro”, mas justamente o de exorcizar de mim esse “outro” imposto e introjetado que atrapalhava a plenitude de meus eus. Penso que os processos de transformação são comuns na trajetória de vida de qualquer ser humano, mas no caso das pessoas trans esse processo é tomado de uma espetacularização que talvez termine por nos afastar da humanidade.

Outro ponto é nos colocar como emblemáticas da pós-modernidade. Louro explica os conceitos e metáforas que a levam a chamar esses corpos e corpos desobedientes de sexualidade e gênero de “viajantes pós-modernos”. A poética se justifica em seu discurso que busca, afinal, iluminar o lugar da passagem, da transição, da viagem subjetiva em contraposição à rigidez normativa e conservadora.

É uma discussão interessante, porém me pega justamente no ponto da discussão travada por Megg Rayara(2018) mais acima... Penso ser um discurso perigoso pois sinto que acaba por revestir nossas vivências de uma aura de show performático pós-moderno, e corrobora com idéias correntes no senso comum de que somos coisas da modernidade, que “na minha época não tinha isso”, que não somos afinal históricas.

Como apontado por Rayara, e acredito que nas demais autorias trans que trago nesse trabalho, estamos sim criando novos referenciais, e buscando nossas ancestralidades, estamos em busca de descolonizar não só nossos corpos e corpos mas também o próprio conhecimento, a relação com o mundo e com a história... ou poderia chamar Xica Manicongo(Rayara, 2018) de viajante pós-moderna no ano de 1591? É também um super-poder nosso viajar no tempo? (não vou dizer nem que sim, nem que não)

Trago aqui reflexões, que sinto que combinam muito com as minhas, de Viviane Vergueiro sobre suas impressões ao revisar as literaturas a respeito de pessoas trans, quando assinadas por pessoas cis.

Este entrelugar já se ia mostrando, para mim, no processo de revisão de literatura sobre questões trans que vinha fazendo. Em certos momentos, apesar de várias concordâncias e reconhecimentos de esforços de pessoas pesquisadoras no enfrentamento intelectual aos sistemas, as leituras acadêmicas dialogavam comigo de maneiras estranhas, o que as tornavam complicadas, desinteressantes e de limitado empoderamento político e existencial. Enquanto alguém que considerava atuar como pesquisadora em questões ligadas a identidades de gênero, compreendia-me por vezes deslocada de minhas vivências trans, particularmente quando houvesse, implícita ou explicitamente, uma premissa de que a pessoa interlocutora não fosse uma pessoa trans:

De tudo que já li e estudei sobre trabalho de campo e pesquisa, nunca vi algo tão marcante para as subjetividades dos/as pesquisadores/as como aquela realizada entre travestis e transexuais. [...] Os/as pesquisadores se transformam em transexuais e travestis políticas/os. (BENTO, 2011, 85-86)

A partir deste trecho, permito-me uma breve divagação sobre que lugar existe para uma mulher trans pesquisadora na academia: 'marcar minha subjetividade' a partir de um trabalho de campo com travestis e transexuais? Transformar-me em transexual ou travesti política – seja lá o que isso signifique para uma pessoa trans*? Ser a transexual que 'marca a subjetividade' de pesquisadores? Ou, talvez, não se encontrar nestas perspectivas epistemológicas e analisar a ciscolonialidade do saber que atravessa a academia? (Viviane Vergueiro, 2015, pg 22)

4.1 Caça à bruxa travesti e a Antropologia

No Brasil, o primeiro caso de travestilidade que se tem notícias em áreas urbanas, também envolve uma africana. Trata-se de Xica Manicongo, residente em Salvador, que exercia o ofício de "sapateiro" e desafiava as normas de gênero, borrando as fronteiras daquilo que era tido como feminino e masculino e saía às ruas com um pano cingido ao corpo para mostrar aos outros negros que servia de "mulher paciente". (MOTT, 2005).

Tal afronta lhe rendeu uma denúncia aos tribunais do Santo Ofício em 1591, pois a transgressão do vestir-se como o sexo oposto encontrava apoio na bíblia em Deuteronômio 22:5 que diz: "A mulher não se vestirá de homem nem o homem se vestirá de mulher, porque aquele que tal faz é abominável diante de Deus". (Jocélio Teles dos SANTOS, 1997, p. 154).

As informações a respeito de Xica Manicongo dizem que "recusava-se trazer vestido de homem que lhe dava seu senhor, [conservando] o costume dos negros gentios de Angola e Congo, onde os negros somitigos que o pecado nefando servem de mulheres". (MOTT, 2005, p. 14).

Na mesma visitação de 1591, Joane, outra trans negra africana residente em Salvador, foi denunciada e acusada pelos mesmos "crimes" de Xica Manicongo, ou seja, por vestir-se e exercer "o ofício de mulher, digo, fêmea". (MOTT, 2005, p. 15). A presença cada vez maior de travestis e/ou mulheres transexuais transitando pelas ruas do país, exigia uma vigilância mais intensa. (Meggy Rayara, 2018, pg 82)

Acho emblemático que um dos primeiros registros de uma travesti no Brasil se dê através de arquivos da inquisição, dos tribunais do santo ofício.

Me volto aos processos de colonização associados ao tema da magia. Acho importante lembrar que no encontro colonial e no que se estendeu pelos séculos o peso que tiveram as religiões cristãs e suas perseguições da inquisição. A cultura de caça às bruxas, que dizia respeito também a manifestações culturais e ações de mulheres insubmissas européias, que veio imbricada nos navios até aqui. É interessante perceber como em todo o continente americano (e não só) manifestações que escapavam das lógicas de controle masculino europeu foram veementemente perseguidas (o que não exclui suas resistências ao longo dos séculos). Pode-se perceber que havia intenções imperialistas político-econômicas nessas perseguições à práticas mágicas, conectadas e interseccionadas por diferentes níveis de violência relacionados à gênero, raça, classe, etc...Essas magias perseguidas eram brechas para outras realidades, conhecimentos, formas de entender e atuar na vida, que não condiziam com os projetos do Estado, também vinculado à religião cristã e ao Capital.

"Contudo, além dos perigos que apresentava a magia, a burguesia tinha que combater seu poder porque ele debilitava o princípio de responsabilidade individual, já que a magia relacionava as causas da ação social com as estrelas, o que estava fora de seu alcance e seu controle. Deste modo, mediante a racionalização do espaço e do tempo que caracterizou a especulação filosófica dos séculos xvi e xvii, a profecia foi substituída pelo cálculo de probabilidades, cuja vantagem, do ponto de vista capitalista, é que o futuro pode ser antecipado apenas enquanto se suponha que o futuro será como o passado e que nenhuma grande mudança, nenhuma revolução, alterará as condições nas quais os indivíduos tomam decisões.

De maneira similar, a burguesia teve que combater a suposição de que é possível estar em

dois lugares ao mesmo tempo, pois a fixação do corpo no espaço e no tempo, quer dizer, a identificação espaço-temporal do indivíduo, é uma condição essencial para a regularidade do processo de trabalho. A incompatibilidade da magia com a disciplina do trabalho capitalista e com a exigência de controle social é uma das razões pelas quais o Estado lançou uma campanha de terror contra a magia — um terror aplaudido sem reservas por muitos dos que hoje em dia são considerados fundadores do racionalismo científico: Jean Bodin, Mersenne, o filósofo mecanicista e membro da Royal Society Richard Boyle, e o mestre de Newton, Isaac Barrow.¹³⁴ Até mesmo o materialista Hobbes, mantendo distância, deu sua aprovação. “Quanto às [bruxas]”, escreveu (1963, p. 67), “não creio que sua bruxaria contenha em si nenhum poder efetivo: mas é justo que as castiguem pela falsa crença que têm de ser a causa do malefício e, ademais, por seu propósito de fazê-lo, se puderem”. Defendeu que, se se eliminassem estas superstições, “os homens estariam mais dispostos do que estão à obediência cívica” (ibidem). (Federici, 2017, pg 260-61)

O trecho de Federici elucida os pressupostos colonialistas que se consolidaram no imaginário e nas perseguições às práticas mágicas, que eram afinal insubmissões aos regimes de obediência cívica. Me recorde da citação de Mauss que trouxe antes, quando ao se analisar a magia o autor aconselhava que se priorizasse a objetividade da ciência europeia em detrimento da subjetividade de quem as praticava, a análise antropológica também se deu, inicialmente, através da objetificação e da desvalorização dessas epistemologias perseguidas.

Silvia Federici busca revisitar os processos de crescimento do capitalismo associado à cultura de caça às bruxas. O poder econômico dos homens só foi possível a partir do trabalho não-remunerado das mulheres, assim como dos povos escravizados.

Não é surpresa que na análise dessas divisões sexuais do trabalho, dividindo o mundo em homensXmulheres, as experiências transgêneres, ou não decodificáveis no esquema binário tenham sido desconsideradas. Porém em nota na edição brasileira, as tradutoras, do coletivo cy-corax, adicionam:

Na ocasião, discutimos a atualidade do tema da caça às bruxas no Brasil, tendo como foco as estratégias relançadas pelo capitalismo a cada grande crise e as possibilidades de resistência dos movimentos de mulheres. Para além de pensar o tema apenas circunscrito à Inquisição no Brasil e à caça às bruxas do período colonial, entendemos que esse fenômeno ainda está presente no encarceramento massivo de mulheres negras perpetrado pelo Estado; na subrepresentação ou representação deturpada da mulher nos meios de comunicação; nas violências obstétricas contra as cidadãs que recorrem ao Sistema Único de Saúde (sus); nos corpos das vítimas da violência policial nas periferias; e na experiência cotidiana de perseguição, silenciamento, agressão e invisibilização das mulheres trans, travestis e prostitutas, entre tantos paralelos essenciais. (Federici, 2017, pg 9)

Para agregar a essa discussão trago uma releitura de Helena Vieira, publicada no blog Transfeminismos:

Federici aponta, nesse sentido, para o gênero como um conceito de classe, necessário a constituição das relações de classe, uma vez que, tais relações, fundamentariam-se na divisão sexual do trabalho. Portanto, toda relação de gênero, seria também de classe, e vice versa. Seriam fatores inseparáveis.

Frente a essa análise, que muito grosseiramente externalizo aqui, me pus a pensar: Mas e as mulheres transexuais e travestis? Obviamente não existíamos com o mesmo “status” que temos hoje, a compreensão era a da inversão sexual, ou da loucura. A saída seria pensar então que, como não estávamos submetidas a lógica da reprodução, estaríamos, portanto, excluídas do processo de divisão sexual do trabalho? A resposta é não. E aqui, gostaria de partir da necessária importância do que “não é” na constituição do status daquilo que “é”.

Vejam bem, definir o que não é mulher é profundamente importante para se garantir o que é mulher, o mesmo para a figura do homem. O mesmo para as noções de normalidade. O que é normal só pode existir na exata medida do controle daquilo que é tomado por anormal. A

emergência de uma reorganização sexual do mundo do trabalho, passava, necessariamente, por uma “limpeza” de campo de todos os casos que não cabiam neste novo esquema: produção, reprodução, família nuclear. A manutenção deste esquema, desta tríade, se dá através da constituição de um complexo sistema sexo-gênero-normalidade que estabelece, não apenas a natureza dos sujeitos, do ponto de vista da normalidade, então “útero – mulher-lar-filhos” e “pênis – homem- fábrica/campo-filhos”, mas também a condenação dos sujeitos que não se adequam a este sistema.

O lugar da mulher dependeria da naturalização do útero como única possibilidade de ser mulher no mundo, e da naturalização do pênis como fundamentalmente masculino. Assim como se produzia, nesse mesmo sentido, a noção do desejo correto e do desejo patológico. As mulheres transexuais ou travestis, seriam (perdoem-me o anacronismo, mas por força de clareza do texto, prefiro usar os termos em voga atualmente), portanto, as traidoras do lugar produtivo na divisão sexual do trabalho, portando-se como mulheres, pervertiam o sistema sexo gênero denunciando sua falha em taxonomizar os sujeitos. (Helena Vieira, 2018, publicado no blog Transfeminismos.)

Essas discussões se associam então às questões dos epistemicídios e genocídios envolvendo mulheridades, e todas as corpos não binárias ocidentais e seus saberes e fazeres...um chá de alecrim podia ser fogueira... Mas o que estava em jogo não era só o medo do desconhecido, se pensando em magia, mas sim instaurar um regime de controle de existências permitidas e proibidas, instaurar um regime de normalidade criando imagens do grotesco e do absurdo. Fico pensando em como somos bruxas quando buscamos o controle e autonomia sobre nossos corpos ou nas formas de nos relacionar com o todo, do significado das coisas, suas morais, etc... Como trazem as tradutoras do livro de Federici, a caça às bruxas não terminou. Se desvela um caráter mágico de resistência quando nos tornamos nós mesmas, quando despertamos de sonos profundos.

Relembro a poesia que escrevi aos 18 anos, quando ensaiava minhas saídas do armário:

meu corpo se levantou num grito de vida
a voz que saiu foi a que eu tinha quando tinha dez anos ou menos
foi um grito de vida, é
não socorro, não dor, nem suplica, nem raiva
só anúncio de vida,
hiperativa e incandescente e viva
que ansiedade! que vontade de viver!
uma parte minha ainda cheia de muito sangue e vontade
hedonista ingênua inconsequente inconsciente mágica iludida e feliz
milagrosamente levantou de um coma
estava silenciosamente esquecida havia um tempo
confundida com toda a lama que haviam jogado por cima dela
dessa parte minha, uma parte minha
que parece ter sido no meio do último sonho
que assim num piscar, uou! voltou
cheia de coisas novas pra contar do passado
chegou cheia de sorrisos e pulos e sabores e palavras secretas!
que importante isso de aparecer assim de surpresa
e abraçar minha vida e falar sobre eternidade sem gaguejar...

Em 2016, já pensava minha trajetória de crescimento pessoal como também uma trajetória de formação enquanto bruxa. No dia das bruxas publiquei em minha página de divulgação de arte no Facebook uma reflexão, o famoso textão, falando sobre uma polêmica que surgiu na internet a respeito da celebração do dia das bruxas ser uma prática colonizada. Compartilho aqui o textão, que escrevi de forma bastante pessoal, pois diz também sobre minha construção de pensamento ao longo desses anos.



figura 62. Colagem Figueira Infinita - Publicação facebook

Não acho que comemorar o dia das bruxas é pagar pau pra gringo.

Nem tudo que vem da europa e dos estados unidos é hegemonia

Lá também tem e teve ao longo da história resistência e contracultura.

Mas, claro, happy halloween no shopping e na baladinha não é sobre isso, é sobre apropriação cultural capitalista e invisibilização de culturas e partes da história que podem atrapalhar o avanço dessa tradição europeia de extermínio de diferenças, que é a fundação dos nossos governos.

Mulheres foram perseguidas, torturadas e mortas, fugiram e vieram ser queimadas também aqui nas américas. Porque buscavam conhecimentos e linguagens diferentes da ciência do homem, porque se recusavam a louvar um deus único e homem... o que aconteceu em Salem, por exemplo, não é lenda nem história de terror, é extermínio de mulheres e de saberes tradicionais.

Essa perseguição também foi importada para nosso país. Toda espécie de curandeiras, parteiras, sábias... autoridades não admitiam que mulheres, por exemplo, tivessem melhor êxito em curar pessoas com seus saberes próprios do que médicos insensíveis com sua confiança cega em seus livros e remédios... no geral, mulheres insubmissas que eram enquadradas como loucas, histéricas, perigosas. E em nosso contexto brasileiro essa perseguição ataca principalmente expressões de religiões de matriz africana. Existem muitos registros de negras e negros sendo presos pelo crime de feitiçaria, há não muitos anos atrás. E aqui, daquele jeitinho... governantes sempre tiveram envolvidos com terreiros, mães e pais de santo, mas até onde é conveniente, quando não serve mais ao seu interesse finge que nunca teve relação e deixa o povo alienado botar fogo. Daí, ok, também é dia do Saci. Mas não adianta comemorar se só se conhece Saci através de escritores, de novo, homens e brancos como o racista escroto do monteiro lobato.

Daí as bruxas são perigosas por isso! Porque é possível vislumbrar um mundo pra além do que nos contaram ser real. Porque trabalham pra fora da dominação masculina. Porque é possível viver agora um mundo outro e se relacionar de outros modos com as pessoas e com a natureza e isso desestabiliza os homens brancos que estavam no governo há séculos atrás e ainda estão.

É importante comemorar o dia das bruxas, porque as bruxas são descolonização!

Eu sou uma bruxa e sou uma bruxa trans. E não terminei de ser tudo que ainda vou ser!

Respeito e busco compreender o processo que sou E não me interessa sua opinião a respeito disso. Sou uma bruxa porque busco meios alternativos de cura, busco me relacionar com a natureza de uma forma íntima e sensitiva, busco ouvir minhas vozes que a sociedade tenta calar, minhas intuições, presto atenção nos astros, nas cartas, na cachaça, nos cigarros, nos batuques, em todos os sinais que me rodeiam, porque vejo e escuto coisas na madrugada, escuto meus sonhos, busco minhas raízes e sua multiplicidade, renego meus registros oficiais e o meu corpo biológico, eu sou o cosmos, eu sou uma bruxa porque desobedeço, porque pesquiso sobre saberes, histórias e culturas anti-hegemônicas, eu sou uma bruxa porque busco meu jeito de lutar contra o governo e contra autoridades, eu acredito na horizontalidade entre pessoas e espécies, eu sou uma bruxa porque tento inventar meu amor livre sem temer, porque eu quero vingança, pelo rio doce, pelo cerrado, pelos relacionamentos abusivos que geraram todxs xs filhxs desse país, pela população negra que continua sendo exterminada pelo governo, pelos povos indígenas, pelas mulheres, pelas bruxas que vieram antes de mim... não digo isso tentando parecer uma grande salvadora dos oprimidos, digo porque corre no meu sangue e digo por mim e pelo que me motiva a crescer. É a minha realidade e exaltá-la é também minha bruxaria. Bruxaria pra mim tem a ver com autonomia, tem a ver com anarquia e revolução. E eu to só começando!

Existem milhões de formas de ser uma bruxa, você vai encontrar o seu jeito pesquisando, conversando consigo mesma e se fortalecendo com suas amigas. Somos todas poderosas, só precisamos acordar! Levantem de suas tumbas queridas!! Feliz dia das bruxas pra todas que resistem! FORA TEMER! ABAIXO A DITADURA! CONTRA GOLPE! DESCOLONIZA BRASIL!

01/novembro/2016

<https://www.facebook.com/figueirainfinita/photos/a.1645126442402188/1768927533355411>



figura 63. O grupo de norte-americanas se auto proclama um grupo de bruxas interseccionais. Nas imagens registros de uma de suas ações carregando discursos em pró dos direitos humanos de pessoas trans apontando para um futuro fluído, para a necessidade uma regulação da violência ser mais urgente que a regulação do conhecimento, e enfim encantando nossa memória enquanto bênçãos. "O Futuro é Fluído" "Direitos trans são direitos humanos" "Parem de regular isso: (livros de ciência, arte, história, etc). Regulem isso: armas." "Que suas memórias sejam bênçãos." acessado em <https://www.witchboston.org/>

A magia ocupa um lugar fantasioso-folclórico no imaginário ocidental normativo, penso que taparam nossos olhos para não perceber. "Às vezes abrir os olhos é um desenterro" e nossa resistência é mágica. Penso: as travestis já sabem. E quando se pensa em bruxas, mesmo para estudos acadêmicos, geralmente se proclama a imagem de curandeiras, raizeiras, parteiras, etc, mas raramente a imagem da travesti. Também fomos queimadas e perseguidas como qualquer outras bruxas, queimando deixavam de aviso pro povo, ensinando através do ódio e da violência o que era possível de existir e o que não, todas as imagens das bruxas representam figuras, subjetividades proibidas e invisibilizadas de nossa sociedade até hoje, o aviso deixado pelas fogueiras ainda está invisivelmente pregado em todas as casas, porém dentro dessas invisibilizadas penso que mais fortemente a figura das travestis ainda se encontra como a mais proibida (não querendo hierarquizar opressões, mas pensar em fatos históricos como apenas nas últimas duas décadas termos registros de travestis doutoras, apenas dois anos atrás termos nossa existência não mais como patológica pela OMS, apenas dois anos atrás o governo ter possibilitado nossa autodeclara-

ção identitária, ainda sermos alvo de assassinatos cruéis com pouca movimentação ou comoção da população em geral, etc...)

Como a imagem da bruxa me parece potente para se repensar nossa ancestralidade, para nos colocar em uma encruzilhada epistemológica, onde podemos restituir poderes que nos foram roubados. Pensei em como exercício trocar as palavras bruxas, bruxarias, por travestis ou travestilidades já que fomos também perseguidas pela inquisição e pela objetividade da ciência empenhada na binariedade incrustada na biologia dos corpos, que enfim fizeram parte do arsenal de colonização dos nossos pensamentos/corpos/espíritos. Outras formas de pensar, ou outras culturas, que talvez nos incluíam em suas cosmologias não como malignas, doentes, desprezíveis, erotizadas, foram perseguidas e talvez também por isso... Sinto que como travesti tenho que pegar esses retalhos de outros discursos possíveis que me aparecem e costurar uma saia deles, porque esse “nós” que a maioria pode incluir em seus discursos, predominantemente me exclui, mesmo tendo sido alienada com os conhecimentos desse “nós” nas escolas, mesmo respondendo como o esperado em diversas situações relacionais na sociedade, mesmo carregando privilégios de cor, porque antes eu não sou o homem que determinaram que eu deveria ser, eu sou uma travesti, essa incógnita, essa bomba-relógio que pode destruir o tempo, essa impossibilidade do real ocidental, a inexistência que se defende e quando precisa navalha a existência.

Goldman, em seu artigo “Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia)”(2014) usa a existência das bruxas, ou suas especulações, para repensar os mecanismos e da própria existência da antropologia. Imagino que no ideário dessas bruxas que faz o autor, como faz a maioria, as travestis não estavam incluídas, então faço aqui o exercício de reescrever nos incluindo (vou rasurar sua escrita em vermelho). Para fazer pensar também a existência trans. Exercício da busca da nossa plenitude ontológica.

A segunda coisa a observar é que o que mais chama a atenção na frase de Evans-Pritchard não é tanto a simples decretação da inexistência da bruxaria zande como fenômeno objetivo (poucos antropólogos na década de 1930, e mesmo hoje, diriam o contrário), mas o curioso aposto que ele introduz: “bruxos, como os Azande os concebem, não podem existir” (“witches, as the Azande conceive them, cannot exist” – grifos meus). Isso significa, por um lado, que à inexistência objetiva dos bruxos o autor sente a necessidade de acrescentar a inadequação empírica do saber nativo. Mas parece significar também que, de acordo com outras concepções, bruxos poderiam, quem sabe, existir. Que outras concepções são essas é precisamente o que o livro como um todo desenvolve e que o trecho citado já deixa entrever. Afinal, diz Evans-Pritchard, existe uma “condição fisiológica [objetiva] considerada o lugar da bruxaria” – mas esta não é “nada mais que a comida passando pelo intestino delgado”; existe uma falta de conhecimento (empírico) dessa situação; e existem “qualidades” (“místicas”) atribuídas a essa condição objetiva por parte de crenças equivocadas e igualmente místicas.

_ Desconsideraram nossa existência travesti, nossa mulheridade trans, de acordo com nossos termos, nossa magia não podia existir segundo a concebíamos, mas sob a tutela de outras correntes de pensamentos mais bem adequadas aos projetos coloniais talvez, então se empenham diversas áreas do conhecimento em nos pesquisar, etc, desconsiderando muitas vezes o básico de sermos quem afirmamos com todas nossas expressões.

Nada disso impede, contudo, que a bruxaria exista de uma determinada maneira, que, evidentemente, não é a dos nativos. Na ausência de conhecimentos empíricos, a bruxaria – que Evans-Pritchard significativamente designa como um “conceito” –, por um lado, fornece aos Azande “uma filosofia natural por meio da qual são explicadas as relações entre os homens e os infortúnios, e meios, prontos e estereotipados, para reagir a esses infortúnios” e, por outro, “um sistema de valores que regula a conduta humana”.

O verdadeiro modo de existência dos bruxos(**das travestis**) só pode ser, portanto, epistemológico (sob a forma de um conhecimento empiricamente falso, mas que satisfaz a necessidade de explicar o mundo) e/ou sociológico (sob a forma de um sistema de acusações e punições equivocado, mas que preenche a necessidade de “regular a conduta humana”). Aqui, percebe-se, estão as duas vertentes que, desde Evans-Pritchard, pautaram a investigação antropológica da bruxaria(**travestilidade**) e fenômenos análogos, estudados ora como modos (errôneos) de explicação, ora como modos (equivocados) de acusação. De toda forma, disso tudo resulta que bruxaria(**a travesti**) só pode existir na medida em que seja outra coisa que

aquilo que os nativos(as próprias travestis) pensam que é(são). Ou, se preferirmos, bruxos(-travestis) só podem existir como os antropólogos os(as) concebem.

Qual seria esse modo antropológico de conceber a bruxaria(transgeneridade)? Aqui, creio, abre-se uma importante bifurcação, e o tipo de antropologia que se faz será de algum modo determinado pelo caminho escolhido. O primeiro, e mais comum, consiste em simplesmente assumir a inexistência dos bruxos(das travestis) como os nativos(as próprias travestis as concebem) os concebem, como uma espécie de equívoco ontológico(!). Ou seja: eles pensam que existe algo que efetivamente não existe – e é a isso que em geral se denomina crença. Essa operação se sustenta na introdução de uma premissa extra-antropológica, ou seja, premissa que desconsidera a impossibilidade de, como escreveu Wagner (1981: 12, tradução minha), o antropólogo não ter “nenhum preconceito e, portanto, nenhuma cultura”. Ou, nas palavras de Strathern comentando Boon (Strathern 1987: 256, nota 13, tradução minha), “o fato de que não há lugar fora de uma cultura ‘exceto em outras culturas ou em seus fragmentos e potencialidades” (ver, também, Viveiros de Castro 2002).

É claro que provavelmente todos concordam que essa premissa extra-antropológica só pode provir de uma cultura específica, a saber, a “nossa”(cisgênera). Mas talvez já não seja tão provável que todos admitam que essa cultura apresente um traço que a distingue de todas as demais. A saber, o fato de que ao menos em alguns de seus setores ela se imagina, digamos, menos cultural, ou seja, menos arbitrária, do que as demais. Ou, em termos latourianos, que ela imagine coincidir com a realidade objetiva (Latour 1991). De todos os sentidos comuns do universo, o nosso(cisgênero) é o único que também é um “bom senso”, uma vez que pode apelar para as definições do real fornecidas pela “Ciência” (que, aliás, nunca é a própria antropologia) e proclamar seu acesso privilegiado a uma natureza universal à qual as demais culturas estão submetidas, mas que não conhecem.

Isso nos parece tão óbvio – eu diria, tão culturalmente óbvio – que nem se experimenta a necessidade de explicitar inteiramente a questão. Evans-Pritchard, por exemplo, não precisa gastar muito tempo com isso porque sabe que o apelo, explícito ou implícito, a nosso bom senso produzirá o efeito desejado e que – para usar a definição de Deleuze sobre “imagem dogmática do pensamento” – “todo mundo sabe, ninguém pode negar” (Deleuze 1968: 170 – ver todo o capítulo 3) que “bruxos não existem” (“travestis não existem”). E, evidentemente, não apenas bruxos (travestis), mas o que se quiser considerar como inexistente: divindades, espíritos e forças misteriosas, certamente, mas também raças, tradições inventadas, genealogias impossíveis, etc. (Goldman, 2014, pg 13/14)

Penso que essa troca de nomenclaturas deixa mais explícita a criação ao longo da história de nossa impossibilidade ontológica nos saberes coloniais. Por isso acho que cabe colocar como nossa bruxaria, especificamente da magia travesti, foi retratada pelas ciências, pela inquisição velada, objetiva objetificante...

Mecanismos de nos analisar enquanto desvios, ou dos nossos quererem a partir de um viés do querer cisgênero sob os olhos masculinos, da tradição de nos tratar como masculinos ou homossexuais, ficando uma verdade sem a dizer, porque partem da premissa de que a transgeneridade é impossível, porque partem da premissa que o mundo só pode ser analisado a partir do corpo biologizado como a biologia diz que deve ser: binarizado a partir de seus órgãos genitais. “Porque todo mundo sabe, ninguém pode negar”. É a realidade objetiva. Cisgênera. E podem me dizer que hoje em dia com todo o desenvolvimento de aparatos epistemológicos depois de Foucault, depois de Butler, depois dos estudos queer, etc, essas binarizações do pensamento foram superadas, mas minhas cicatrizes gritam que não, sinto que tenho que repetir, tenho que voltar no tempo, tenho que lembrar que fomos esquecidas nesses desenvolvimentos, ainda que estivessemos lá como exemplo, não estávamos de fato lá.

Nessa mesma trilha penso que o artigo “Saber acadêmico e a experiência iniciática” de José Jorge de Carvalho(1993) é também elucidativo sobre como nos discursos sempre tinha algo de descreditar os conhecimentos nativos em troca de não perder o chão epistemológico da verdade ocidental, ou certos preceitos que estavam muito engessados pra que sequer fossem percebidos... Que levariam o etnógrafo a “conflitos pessoais desgarradores”

Esse dilema geral, entre a academia cética e distante e a necessidade de abrir-se integralmente para os mistérios da humanidade guardados e exercitados pelos membros das sociedades que nos propomos estudar, foi bem expresso por Victor Turner, sobretudo no seu belo ensaio Chihamba, the White Spirit, de 1962 (Turner 1975). Deixando para trás sua antiga herança materialista e agnóstica (os qualificativos são do próprio Turner), encontrou coragem (e ainda hoje ela é necessária) para sustentar que o simbolismo religioso nos dá a chave para penetrar na "natureza de realidades que não podemos perceber por meio dos sentidos apenas" (1975: 195).

Esta não é uma questão simples, pois a necessidade de atender simultaneamente às demandas da ciência social objetivante e à dimensão integral de sua humanidade pode conduzir o etnógrafo mais sensível a conflitos pessoais desgarradores e mesmo insolúveis. Vincent Crapanzano comunicou-me pessoalmente que o próprio Victor Turner, incapaz talvez de levar até às últimas conseqüências o cultivo das realidades extra-sensíveis ou extraracionais com que se deparou, seja entre os Ndembu, seja na igreja católica após sua conversão, chegou a lamentar-se amargamente, pouco antes de falecer, de sua opção pela academia, dizendo: **"A linguagem da Antropologia Social me matou. Quem me dera eu tivesse sido um poeta"**. (Carvalho, 1993, pg 120 [grifos meus])

Quero dizer que esse "conflito pessoal desgarrador" de que fala José Jorge, foi, em se tratando dos estudos das identidades de gênero, muito a cisgeneridade posta em cheque, a verdade inabalável da biologia dos corpos arraigada a sexualidades e padrões de comportamento "universais"... E como Turner depois de todo seus estudos acabou por lamentar da linguagem antropológica e clamando pela poesia, por isso me volto aqui pras perspectivas travesti e para suas poesias, que carregam tanto magia contra-colonial quanto conhecimento sensível e epistemológico de um outro mundo possível que atravessa o mundo universalizante totalizante unificador das filosofias e mitologias ocidentais, que enfim, fui criada pra obedecer e acreditar, mas rasguei o contrato - para sobreviver e não me sufocar em mentiras frente ao meu desejo/espírito/sonho.

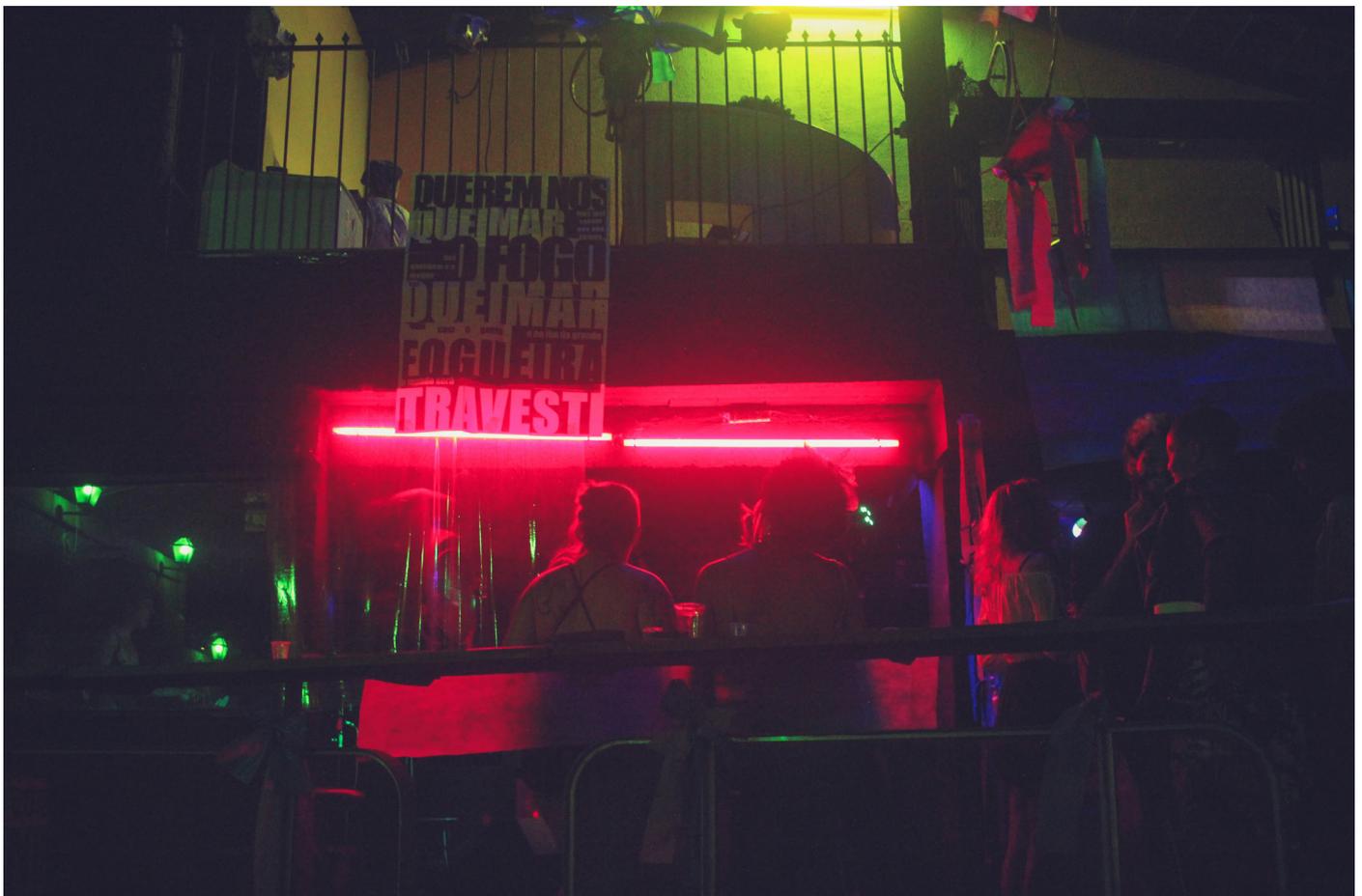


figura 64. Obra de Diana Salu (DF) exposta no Festival Iyalodê de ArteTrans de Goiânia 2018. Fotografia Tereza Maroto

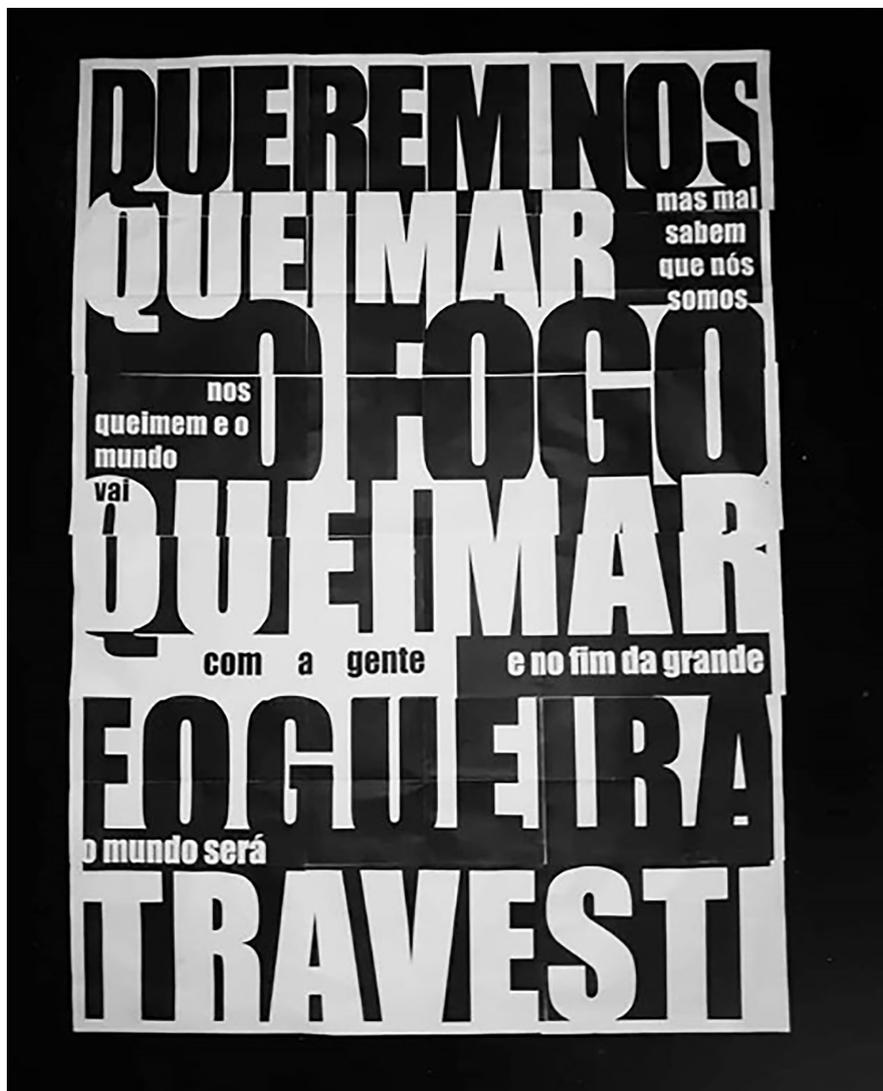


figura 65. Obra de Diana Salu (DF) exposta no Festival Iyalodê de ArteTrans de Goiânia 2018. “Querem nos queimar mas mal sabem que nós somos o fogo nos queimem e o mundo vai queimar com a gente e no fim da grande fogueira o mundo será travesti” 2018

Ao longo do “avanço” da modernidade, tornou-se necessário construir discursos que garantissem as fronteiras dessa forma Indivíduo, porém que operassem por um desencantamento de qualquer referência à magia ou à espiritualidade do que estava em jogo.

Dessa forma, aquilo que às plantas era atribuído como propriedades demoníacas, seria então reinterpretado como “estados de intoxicação”; o frenesi sexual, antes lido como manifestação do demônio, seria reinterpretado como “manifestação do instinto”. Da noção de substâncias capazes de alterar o estado de consciência ao ponto de gerar ações que excedem a responsabilidade individual, surge o conceito de “drogas”; da noção de imagens, capazes de apelar diretamente aos impulsos sexuais mais primitivos, surge a noção de Pornografia.

Se, nos meados da Inquisição, estes impulsos irrefreáveis eram lidos enquanto manifestação do demônio – que precisava ser queimado, exterminado -, dentro da biomedicina estes impulsos eram lidos como voz de nossa ancestralidade animal, primitiva, que precisariam ser domados e domesticados para garantir a evolução da civilização.

Entretanto, alguns corpos (“coincidentalmente”, aqueles que a Inquisição marcava enquanto demoníacos) pareciam mais colados do que outros a estes instintos primitivos: os corpos colonizados (negros, indígenas) – vistos como uma sub-evolução que tenderia ao corpo Europeu – e o corpo das mulheres – lidas como naturalmente coladas ao útero, às emoções, que impossibilitariam a plenitude do exercício racional.

Pode-se falar, neste sentido, de subjetividades-frenesi – corpos cujo estatuto de “indivíduo” foi historicamente negado, uma vez que se lhes pressupunha uma impossibilidade de serem “educados” ou “domesticados”, constituindo-se assim num risco para uma organização social

pautada na disciplina e obediência. Loucas, criminosas, drogadas, prostitutas. Em contraposição a estas, configura-se a figura do “testemunho modesto” – olhar pretensamente neutro, científico, asséptico, encarnado pelo corpos de homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e europeus.” (Raíssa Éris Grimm, 2015, pg 37)

O trecho acima pertence à tese de doutoramento em psicologia de Raíssa Éris Grimm, “Abrindo os códigos do tesão: Encantamentos de resistência entre o transfeminismo e o pós-pornográfico”.

Grimm é travesti e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em sua tese busca refletir sobre as agências das artes pós-pornográficas aliadas às construções de suas próprias ficções e assim as rearticulações das normas de sexo e gênero que cruzam sua existência.

No capítulo intitulado “Feitiços e transmutações” relembra um encontro de resistência quando em um shopping teve conflitos com um segurança do local por utilizar um banheiro feminino. Houve discussão, garrafa de vidro quebrada, corte, quando foi acolhida nesse tumulto por uma mulher não-trans, escaparam de ficarem detidas no shopping e terminaram vivendo uma paixão naquela noite, lambendo o sangue de seus cortes.

Grimm enfatiza a importância dessa memória para a construção de sua identidade transgênera e lésbica. Sua identidade e mais adiante sua existência está para além dos discursos bio-psico-clínicos e jurídicos. Voltando a discussão para o “lugar de fala”: sua subjetividade-frenesi deixa de ser um objeto estranho aos estudos acadêmicos, para ser também criadora de conhecimento, partindo de sua experiência, de suas transmutações, de seus feitiços. Um conhecimento que não renega suas dimensões afetivas, mas as traz como ferramentas de descolonização, celebrando alianças entre quem vive de alguma forma resistências como estratégia de sobrevivência frente aos padrões normativos... E fico pensando que ao abrir os códigos do tesão essa psicóloga (e poeta, artista) travesti buscou chegar nos feitiços de fazimento de si.

Recentemente, em 2018, ano que iniciei esse processo de mestrado, um caso ocorrido no Rio de Janeiro me afetou e grande parte da comunidade LGBTI+. Matheusa era uma jovem artista e pesquisadora que se identificava como não-binária. Pesquisava sobre as relações do que era seu “corpo estranho”, conceituado por ela, em uma cidade metropolitana e no espaço da universidade, e sobre os processos criativos e poéticos a partir de suas vivências. Matheusa ficou desaparecida alguns dias até que a partir das investigações da polícia se descobriu que seu corpo havia sido carbonizado.

Sua irmã, também auto-intitulada não-binária, publicou um longo depoimento de forma pública na internet, do qual destaco aqui um trecho (a publicação teve até hoje mais de 15 mil reações):

Eu e minha Mãe precisávamos estar em Rio Bonito, estar em companhia com nossas famílias e lidar com o sofrimento juntos. Trouxemos todos os objetos do quarto da Matheusa para a sua origem, a nossa terra natal, interior do Rio de Janeiro. Muitos registros das suas pesquisas de desenvolvimento da poética do CORPO ESTRANHO, roupas compradas e compartilhadas e principalmente, seus objetos mágicos, suas plantas e livros. Por isso, antes de compartilhar com todes que estão constantemente buscando pela Matheusa e mandando boas energias de amor e cuidado e ajuda financeira, precisávamos estar em família. Que no nosso caso, se configura como o nosso principal núcleo de suporte, nossa família, nossa casa, onde aprendemos muito sobre cuidado e respeito às diferenças.

CORPO ESTRANHO que se coloca em cotidiano compartilhado com muitas pessoas e que enxerga e sente a vida através das energias e forças da natureza. E, “se tiver que existir uma dicotomia entre o amor e ódio, eu escolho o amor”, nesse momento continuo escolhendo o amor pois sei que como essa frase, minha irmã escreve isso nos corpos de todos que já

foram e ainda serão atravessadas pela existência da MATHEUSA.

(2018, publicado virtualmente)

Trago a lembrança de Matheusa porque me leva a pensar nas mulheres queimadas na inquisição, nos terreiros queimados até hoje, no corpo da gata, no caso da teórica de gênero Judith Butler que em 2018 em sua visita ao Brasil para falar de suas pesquisas em Gênero teve uma boneca representando sua imagem queimada nas ruas de São Paulo... O extermínio com fogo que busca não deixar vestígios materiais, como se assim queimassem também o que inspiram e representam. Não quero revirar nosso sofrimento e trazer relatos tão pessoais de forma fria, os trago pensando todas que podem ainda ser atravessadas pela existência de matheusa como disse sua irmã. Quando li seu relato me senti tocada quando ela falou de seus objetos mágicos, eu pensei nos meus, colares, anéis, facas, potes, frascos, pinturas, todas as coisinhas penduradas na pele/parede de meu quarto, penso em tudo que tia Zezé também pendurava na parede de sua casa, penso nos objetos mágicos de Matheusa voltando para Rio Bonito, na sua existência e resistência que ultrapassa sua materialidade corporal, seu corpo estranho que se estende a suas criações e sobrevive atravessando outros. E esses objetos mágicos, pequenos detalhes que não são pequenos, mas não estariam em uma reportagem sobre Matheusa, quem noticia essas mortes, que não são poucas, se preocupa com coisas da cisgeneridade, o nome de registro etc... aqui a escolha é pelo amor, não dar satisfações a um abstrato júri da consciência ocidental internalizado, não o ódio.



figura 66. Foto para o coletivo Transação-UFG, em frente à pixação em homenagem a vida de Matheusa. 2019

Andando de manhãzinha
Um cumpadre amigo meu
Se assustou com a moça linda
Que passou ao lado seu
Correndo ele veio avisar
Branco, tremeu, gritou
Você não vai acreditar
Na sereia que aqui passou
De onde ela é?
É do Bonito quem diz

É o que preciso
O rio Bonito é feliz
É o paraíso
O rio Bonito
Não fica triste
Praia coberta de flor
Sempre resiste
(letra de Vanessa da Mata, que gosto de ouvir na voz de Maria Bethânia)



ambarpictorica
UFG - Samambaia



Curtido por **cajuoi** e **outras pessoas**

ambarpictorica Nós existimos e resistimos.
Estamos em toda parte e sempre estaremos.

[@ina.avessa](#)

Ver todos os 13 comentários

cadelaceu tudo que importa na ufg 🇺🇸🇺🇸🇺🇸🇺🇸🇺🇸🇺🇸



ambarpictorica [@gabrisel](#) simmm!! 🇺🇸🇺🇸



figura 66. print de rede social de âmbar - Foto para o coletivo Transação-UFG, em frente à pixação em homenagem a vida de Matheusa. 2019

Eu, como também uma travesti também pesquisadora, também artista e criadora, também corpo-estranho, também dona de minhas bruxarias e insubmissões, não consigo deixar de mencionar, como em trabalhos anteriores ou como nos trabalhos de outras pessoas transgêneras, que falo do país que, atualmente, mais violenta e mata pessoas como eu.

Interseccionadas sempre por marcadores de diferenças distintos que agenciam diferentes níveis de opressão e resistência. Estiveram perseguindo nossa magia - nossa memória - nossa poesia.

Evocamos a experiência da bruxaria não desde uma posição essencialista, supostamente inata aos corpos - mas como um processo ativo de relação com a materialidade que se desloca para além do primazia “causa-efeito” que toma a posição humana enquanto testemunha passiva sobre os acontecimentos ditos “naturais”.

“Fomos ensinadas que o espírito se encontra fora de nossos corpos ou sobre nossas cabeças, algum lugar lá no céu com Deus. Devemos esquecer que toda célula em nossos corpos, cada osso, cada pássaro e cada verme possui espírito em si mesmo. (Anzaldúa 1987, p 37)

Não há “dentro”, não há “fora”. A bruxaria que evocamos é um modo de consciência que trabalha corpos humanos e não-humanos enquanto parte de um mesmo fluxo-vivente. Evocamos feitiços, palavras e modos de elaboração discursiva que não operam “fora”, feito “narrativas” sobre a matérias - mas enquanto palavras de poder que reverberam a potência de transformar corpos, transformar matérias. Deslocar nossas corpos e existências sapatânicas do silêncio, da invisibilidade, para tecer trajetórias de afeto, prazer e potência de vida. (Raissa Éris Grimm, 2017, pg 6)

Pensando no espírito nas coisas como vê Anzaldúa e o fluxo-vivente através do qual Raissa busca tecer suas narrativas, na bruxaria podemos pensar em transformar as coisas, não como o homem manipulou a natureza de forma a transformá-la em algo funcional para a maquinaria capitalística, mas para integrarmos-nos ao fluxo e usar nossas palavras-nossos poderes para transmutar, uma transmutação que nos liberte. Como vejo nossas artes, nossas criações, entendendo como expressões de nossas subjetividades, tem seus espíritos também, carregam nossa memória e nossa história. Enquanto figura que foi historicamente afastada dos lugares de poder, do lugar da palavra, através dessa bruxaria, desse repensar ativo sobre os processos de criação, tentamos retomar uma autonomia que nos foi, e ainda é, negada.

O livro “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs”, organizado pelo Conselho Federal de Psicologia, por meio de sua Comissão de Direitos Humanos, lançado em junho de 2019, reúne diversas histórias de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTIs) que retratam os intensos sofrimentos ético-políticos e os processos de resistência decorrentes de diversas formas de violências, preconceitos, injustiças e exclusão. A expressão “aniquilamento de subjetividades” refere-se, então, aos processos de destruição, de dilaceramento e de extermínio que tratam os sujeitos como se não tivessem valor(pg13). Aniquilamento de subjetividades é a nova inquisição?

Essas violências a que os corpos trans estão submetidos em nossa sociedade se espalha no tecido social de diversas maneiras. O silenciamento é uma delas, pensando principalmente em quem tem legitimidade institucional para proferir verdades sobre esses corpos. Tendo de passar por um longo processo de verificação psico-médica, se submeter aos discursos patologizantes de disforia de gênero, por caminhos tortuosos da burocracia judicial para então serem reconhecidos como corpos-cidadãos condizentes com suas identidades. Freire (2015) reflete em sua dissertação sobre o caráter mágico desses processos:

Em suma, os documentos podem então ser compreendidos como artigos mágicos na medida em que possuem o poder de, por meio de uma ação – geralmente uma assinatura e um carimbo –, criar realidades e materializar sujeitos que não existiam previamente. Seguindo de perto as ideias de Mauss, identifico no processo de fabricação das provas os mesmos elementos que compõem a magia: os agentes (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, funcionários de instituições estatais, etc.), através de atos mágicos (consultas, entrevistas, verificação de arquivos) apoiados em certas representações (autoridade profissional, definição médica da transexualidade, normativas legais), produzem papéis com poderes para definir e certificar o gênero, as condições psíquicas, a idoneidade, dentre outros aspectos da vida dos indivíduos. (FREIRE, 2015, pg 118)

O reconhecimento institucional/estatal de nossas cidadanias é algo importante, latente, urgente. Acontecimentos recentes, como a possibilidade de se retificar o nome e sexo nos documentos oficiais sem mais precisar de um laudo médico patologizante, medida aprovada em 2018, representam avanços e vitórias para as nossas, mas não podemos esquecer que sempre estivemos resistindo independentes no tecido social... Minha carteira de identidade retificada, apesar de seus poderes mágicos como apontou Freire, não muda, ou muda muito pouco, as situações de opressão a que estou sujeita diariamente pois estão entranhadas nas estruturas de nossa sociedade e do que entendemos por real, do que fundamenta a noção de realidade ocidental/ocidentalizada, de algo construído como natural e portanto imutável: a cisgeneridade compulsória, a ciscolonialidade. Afinal de contas, uma pergunta que imagino todes, trans ou cis, devem se fazer: Quem decide quem você é? Ou quem controla sua identidade?



figura 67. (FAIGENBAUM., obra de Effy Beth, 2016, pg.221)

Acho fantástica a conclusão que chega Freire de que os processos de fabricação de uma identidade através do Estado são processos que possuem todos os elementos que Mauss identificou como próprios da magia em suas pesquisas em 1903. Pois que se Mauss criava análises a respeito de práticas mágicas deixando bem claro que as subjetividades de quem as praticava eram opostas à objetividade própria da ciência, isso posiciona a ciência primeiramente mais próxima à inquisição do que dos saberes nativos. Sendo a política hoje ainda tão arraigada a preceitos clássicos da ciência, portanto tão ainda mais próxima da inquisição, é fantástico pensar que ela se utiliza dos mecanismos que antes perseguiu. Essa reversão de sentido me ajuda a perceber as contradições das tradições que tentam nos dominar. Que talvez haja uma intenção de serem os únicos detentores desse poder. Como vim desdobrando ao longo do trabalho, o poder de autodeterminação, de autonomia, é ainda uma luta em curso para grupos subalternizados em nossa sociedade.

Tudo que vim arguindo me leva a concluir que existe uma questão ontológica que precisa ser resolvida para que direitos de pessoas trans sejam garantidos e respeitados (minha nova carteira de identidade e certidão de nascimento não garante nada disso). Se não tivermos uma educação que englobe nossas diversidades, tanto corporais quanto epistemológicas, uma educação

que se proponha antirracista, que incorpore a diversidade de realidades culturais sem encará-las enquanto meras crenças, dificilmente também teremos nossas corpas que vivem sob negação de um lugar de plenitude ontológica aceitas em nenhum espaço. Porque há uma educação que nos ensina enquanto impossíveis, que somos uma fantasia como as bruxas nas narrativas hegemônicas, nos contos de fada, e portanto a perseguição contra nós é legitimada e naturalizada.

É afinal uma guerra de mundos, sobre em que mundo vivemos ou temos permissão de viver, que mundos são destruídos para que o mundo como se entende hegemonicamente opere e impere. Como vimos a caça às bruxas, operou tanto um projeto político de ascensão do capitalismo, da burguesia branca e masculina mais especificamente, como para a colonização cristã de nossos espíritos e também para uma colonização racionalista científica das interpretações dos universos e suas relações. E mais importante que essa caça não ficou no passado, não foi superada. Tanto porque as resistências também nunca cessaram, e como bruxa do século XXI, esse trabalho científico é parte de uma história reversiva.



figura 68. Colagem Figueira Infinita

Sobre nossa natureza reversiva, trago um discurso¹⁰ de Indianare Siqueira, publicado em 2015:

“Jamais entenderei os humanos. Já odiei muito a Humanidade por tudo que me fizeram. Hoje, em alguns momentos, odeio a Humanidade e me lembro de um documentário que mostra como seria, primeiro, um ano se o ser humano desaparecesse da Terra; depois, 10; depois, 100 anos sem o ser humano; e mostra o planeta se reconstruindo lindamente.

Nunca vou entender o humano. Vocês agridem e matam pessoas só por fazerem modificações corpóreas que em nada interferirão na vida de outrem senão da própria pessoa. Vocês matam e odeiam pessoas que amam outras pessoas só porque elas não seguem a heterossexualidade compulsória que lhes passou a ser infligida ao nascer, e idolatram como heróis pessoas que vão pra guerra matar pessoas. Por conta de um capitalismo que não vou chamar de selvagem, pois seria torná-lo lindo, mas sim um capitalismo humano desenfreado, para que uma minoria viva bem enquanto uma maioria morre de fome.

Os ancestrais de vocês roubaram terras, destruíram culturas, invadiram territórios, dizimaram povos, estupraram e, através das religiões, provocaram ódio e guerras, escravizaram, oprimiram. Vocês assassinam animais para comer e não veem a dor e o sofrimento que causam. Hoje, os descendentes dos oprimidos tentam ir até os portões da Europa pra entrar e comer, mas esses portões lhes são fechados, e eles morrem à mingua ou afogados nos mares. Vocês deveriam ter vergonha. No país em que nasci, uns que têm belas casas para dormir põem fogo em pobres miseráveis que só têm como cama as calçadas das ruas e, às vezes, um cão ou cadela sem raça definida por vocês, que sentem a necessidade de definir e aprisionarem tudo.

Eu só queria viver, e, por causa disso, fui destituída de tudo. Meus direitos, amores, famílias, amigos. Vocês me destituíram da minha humanidade. Vocês me definiram como monstro. Depois, tentaram me trazer de volta e me reinserir na prisão que vocês arquitetaram ao redor de vocês. Obrigada, mas não quero voltar.”



figura 69. Colagem Figueira Infinita

os rituais ocidentais
servem pra nos deixar perversos
e no jogo das linhas
amarelinhas de fronteiras
danço como uma travesti
acendo cigarros pra malandragem
sou só uma andarilha
pesquisadora da armadilha
os rituais ocidentais
inventaram a selvageria
no meu sonho e na minha paixão
os rituais ocidentais viram feitiço reverso
cachorra velha latindo na porteira do meu sonho
ver está pra além do olho
não me engano com o que está chegando
inventei rituais únicos pra me manter viva
guerreinha subjetiva
como diz tita maravilha
vocês vão engolir a seco
eu tenho cicatrizes sou da américa do sul
Carcará me abraçou na beira da fogueira
e levantou minha cabeça
enfrenta essa carniça
emperra essa maquinaria
você já sabia
lutar pela sua sagrada
autonomia
(Figueira Infinita)

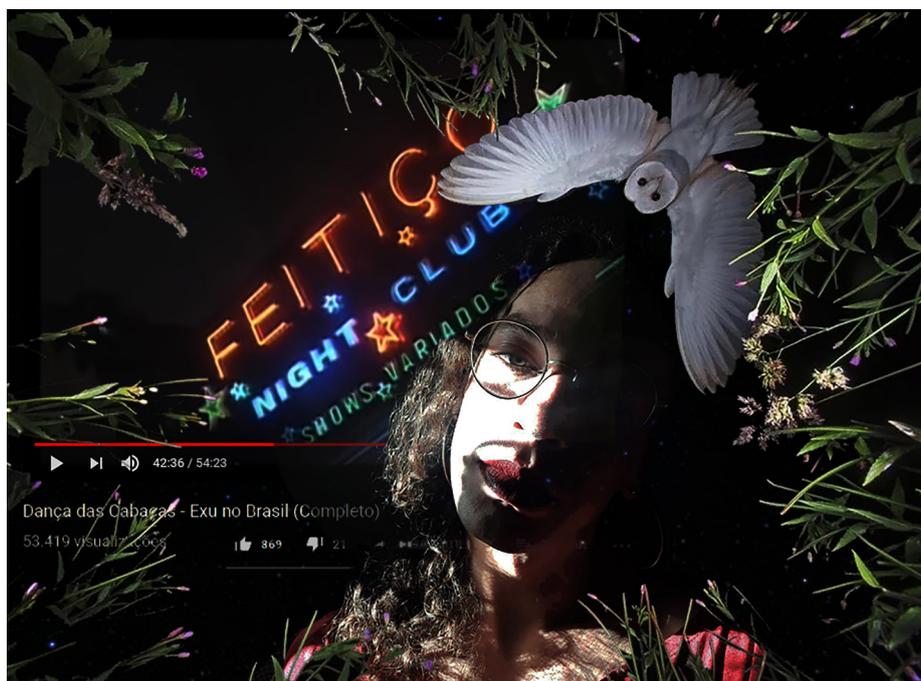


figura 70. Colagem Figueira Infinita

5 Epistemologias travesti através da arte - A enchente encantada

5.1 Espelho d'água: restituição espiritual, magia contra-colonial

... DA FALANDO DE UM ETOLOGIA ONTOLOGICO.

... DE TRAFAL OUTROS CONTECIMENTOS. ENFIANDO "CIENCIA"...

PLENITUDE ONTOLOGICA

CIÊNCIAS NATURAIS	CIÊNCIAS HUMANAS
MATEZA	CULTURA
↓	↓
REALIDADE	REPRESENTAÇÃO

O QUE EU SOU NÃO É NEM CIENCIA OU REPRESENTAÇÃO
EU NÃO ALCANÇO NEM A TOTALIDADE É PROPUNÇÃO
MAS SEI QUE NÃO É O QUE O OUTRO ESPERA.

O CONHECIMENTO DE SOCIEDADE, PRODUZIDO POR DOUTORES POR EXEMPLO
TEM A
DA CONTA DO MISTÉRIO NA ÁREA.

VISUALIDADES 14/05

... DA ANTHROPOLOGIA VISUAL & HISTÓRIA DA ANTHROPOLOGIA VISUAL

... O QUE ESTÁ NA FOLHA MUITO E NEM AQUELA ESTÁ NA

... TE CONVIDO A DUBIDAR

... VOCE NÃO ME SABE E JAMAIS SABERÁ ISSO EU SOU FUA E TENHO

* LEMBRAR QUE AO MEXER QUE A ANTHROPOLOGIA SE DEBORA

figura 71. Colagem Figueira Infinita

magias controcoloniais - maldições às opressões no jorrar de vida.

Dialogo com artistas/autoras/criadoras como Castiel Vitorino, Ventura Profana, Tertuliana Lustosa, Tita Maravilha, Âmbar Moura, travestis de diferentes regiões do Brasil (sendo Tita e Âmbar também amigas com quem cruzei em minhas andanças entre Brasília e Goiânia e com quem produzi redes de afeto, festivais e criações artísticas e performáticas em conjunto), entre outras travestis das américas, que buscam em seus trabalhos, de diferentes maneiras, resgatar ancestralidades travesti através da arte(que se desdobra em psicologia, antropologia, performance, etc) revisitando e reocupando tradições onde suas mortes estiveram prescritas e subentendidas nos discursos e nas ações, criando/resgatando universos onde propagam palavras, profecias, lendas, feitiços, epistemologias de vida.

Nesses diálogos busco pensar nos modos como a ciscolonialidade foi sendo forçosamente naturalizada em nossa cultura, em como os caminhos dessa colonização não se desgarram nos atravessamentos de opressões coladas ao racismo, capitalismo, patriarcado,... Desse modo, inspirada em uma perspectiva interseccional transfeminista, procuro tensionar a objetividade científica ocidentalizada a ocupando com diferentes narrativas/corpos travestis, magias de autocompreensão e relação com o universo de travestis artista/criadoras, busco, junto às interlocutoras que trago em meu trabalho, ampliar os horizontes da imaginação etnográfica ou ontológica das nossas experiências de vida, entendendo que todas de algum modo nos propomos a promover com nossas criações meios de cura coletiva das cicatrizes das colonizações de nossos corpos/mentes/espíritos...



figura 72. Página de El Teje - publicação travesti da Argentina, talvez a primeira revista voltada ao público travesti na América Latina. Na página em destaque o retrato de uma travesti - La Mae Mónica - como Maria Padilha, que de acordo com a revista há uma lenda que seja irmã de outras duas feiticeiras: Mulambo e Maria Quitéria, que fazem feitiços de limpeza, afastando energias ruins e deixando "AXE". Maria Padilha, Mulambo e Quitéria são também nomes de pombogiras cultuadas em terreiros de Umbanda e Candomblé no Brasil

MUNDO

VATICANO AFIRMA QUE PESSOAS TRANS "ANIQUILAM O CONCEITO DA NATUREZA"

João Ker | 2 min leitura



Em mais um episódio do eterno morde-e-assopra entre a **Igreja Católica** e a comunidade LGBT, o **Vaticano** emitiu uma nota nesta segunda (10) afirmando que "ideias como 'intersexual' ou 'transgênero' indicam uma ideia ambígua de masculino ou feminino". A declaração foi dada através de um documento assinado pela **Congregação para a Educação Católica**, que guia todas as instituições educacionais do catolicismo.

"Essa oscilação entre masculino e feminino se torna, no fim do dia, apenas uma demonstração 'provocativa' contra as assim chamadas 'estruturas tradicionais'", afirma a nota, que rejeita a ideia cientificamente comprovada de que o gênero é um conceito fluido e a classifica como um "conceito confuso na área dos sentimentos e das vontades".

Intitulado "*Masculino e feminino foram criados por Ele*", o documento de 31 páginas foi divulgado em meio às celebrações mundiais para o **Mês do Orgulho LGBT**. Outras noções defendidas pela Congregação são as de que a liberdade de gênero "aniquila as noções da natureza" e "o que constitui masculino ou feminino" é definido pela biologia.

Ainda que o nome do **Papa Francisco** não conste no documento, especialistas afirmam que as digitais e ideais defendidos por ele refletem nas ideias emitidas pela Congregação. Em 2015, ele declarou durante uma entrevista que a "teoria de gênero" não "reconhece a ordem da criação", comparando-a com manipulação genética e armas nucleares.

figura 73. Matéria revista Híbrida. Vaticano Afirma que pessoas trans "aniquilam o conceito de da Natureza" 2019 (https://revistahibrida.com.br/2019/06/11/vaticano-afirma-que-pessoas-trans-aniquilam-o-conceito-da-natureza/?fbclid=IwAR2_lbezSAMjwY5Sa_R2pNcy8jyMWsM1Xkomb_DZih4h0E2nLT2TT6UpM)

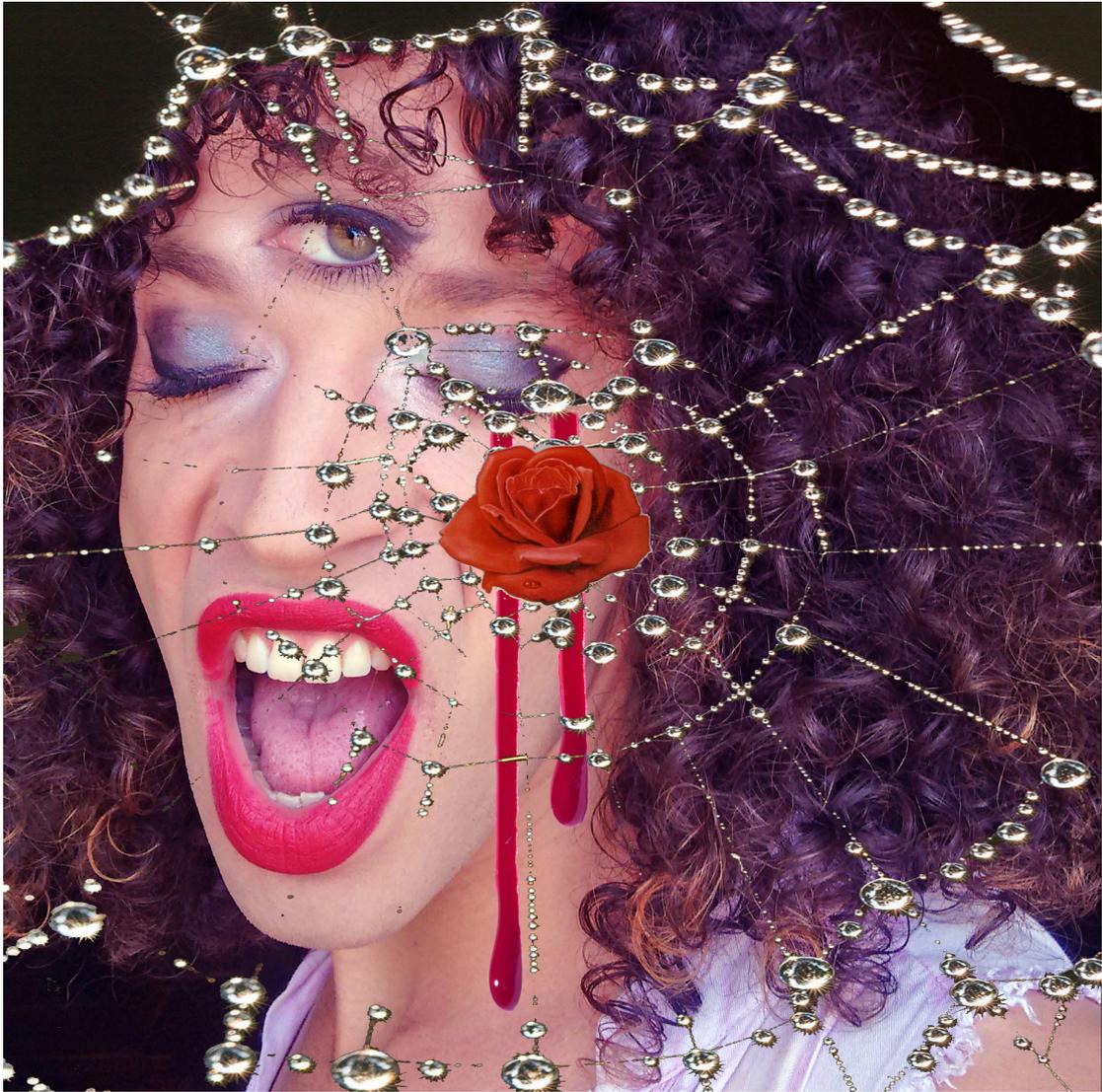


figura 74. Colagem Figueira Infinita

Figueira Infinita - Natureza Caranguejera

Tarântula, eu voltei
éramos muitas
eu me espalhei
somos bem mais
eu acordei
Tarântula, eu voltei
oito mil olhos oito mil pernas
cabeludas
caranguejera sim
eu vim pra dar fim
taralântula, eu voltei
me olha sumir me olha voltar
me olha sumir me olha me multiplicar
e
toda natureza fica feliz
com a presença das travestis. (música lançada em 2018)

“Maria Clara conta que a ideia do projeto surgiu a partir do questionamento de uma menina trans canadense. “Ela disse: ‘Maria Clara, como você sobreviveu no Brasil?’ Fui buscar na memória o que me fez seguir em frente e lembrei que, se não fosse a cultura, a arte, eu não teria chegado até aqui. Eu descobri minha identidade, minha profissão, a forma de trabalhar o coletivo, todas as referências de sobreviver nesse mundo, pela arte, principalmente a arte junina, nordestina.”... Matéria Maria Clara e programa de dança para jovens trans ¹¹

“A música para mim funciona como magia, como feitiço, sabe? Faz com que acredite na minha própria existência, com que eu possa inventar as minhas próprias verdades, com que eu produza os meus próprios estímulos e influências sobre o meu corpo” - Linn da Quebrada em entrevista para a Revista Ípsilon, Portugal. ¹²

Trecho da performance Coroação da Nossa Senhora das Travestis, Nossa Senhora!, apresentada no FIT BH 2018.

Momento da oração:

“Nossa Senhora das Travestis, cubra-nos com seu oxó sagrado! Passe o lacre contra todo ataque que possa vir de qualquer marvã. Que eu tenha força pra grudar naqueles que fazem a uó. Aquenda em seus braços meus sonhos para que meu close seja certo. Que nenhuma mapoa ou oco me olhe torto nas ruas. Dai-me a sabedoria da fechação; que eu, com as beasi abertas, me aquece em seu santo colo. Disa com qualquer curriola e cuida de mim, pois, como filha, sei que nasci daí.

VRÁAAAA”¹³

Leia o comunicado da Arquidiocese de Belo Horizonte na íntegra:

A Arquidiocese de Belo Horizonte, por seu Pastor Maior, dom Walmor Oliveira de Azevedo, arcebispo e presidente da CNBB, seus bispos auxiliares, padres, diáconos, religiosos e religiosas, ministros, evangelizadores e povo de Deus, das suas mais de 1500 comunidades de fé, publicamente rebate, com indignação, a ação preconceituosa e criminoso de desrespeito à fé cristã católica, o evento de título “Coroação a Nossa Senhora dos Travestis”.

Exigimos e esperamos que as autoridades competentes e os organizadores suspendam este evento, por ser incontestável fomento ao preconceito e à discriminação, desrespeito aos valores da fé cristã católica, devendo saber que estão comprometendo, gravemente, a paz e o exigido relacionamento cidadão respeitoso.

Os muitos títulos de Nossa Senhora, Mãe de Jesus, são uma riqueza da tradição cristã católica, que refletem a proximidade e a reverência do povo em relação à Maria Santíssima. Na raiz de cada devoção Mariana, residem bonitas tradições e histórias de graças alcançadas, que merecem reverência e respeito. Por tudo isso, causa perplexidade ver, em uma sociedade que carece tanto de fraternidade, atitudes de desrespeito à fé e a Nossa Senhora.

A devoção Mariana nasce e cresce no coração da Igreja. Atravessa gerações graças à fé e à simplicidade do povo. Não é admissível instrumentalizar Nossa Senhora, desrespeitando-a, para se promover um evento que se diz cultural, mas, na verdade, configura-se em agressão à fé cristã católica. Não se cultiva tolerância a partir do desrespeito.

11 acessado em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/11/refugiada-brasileira-cria-projeto-para-ajudar-jovens-trans-atraves-da-danca.htm?fbclid=IwAR1riUURZwZHGGQZYbkNFSEymR9biEn8powUnOFwC-trRCp51Qkrxna6r6eF4&cmpid=copiaecola>

12 acessado em: https://www.publico.pt/2018/09/28/culturaippsilon/noticia/brasil-bandasonora-de-uma-revolucao-1845057?fbclid=IwAR2_TOI3MxXea_M49z68y8cwKgTJ9GIHW_OpQ-TNiTK7vK-zGqJ_wJZrE8M

13 acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=wvtOQDoU444&feature=emb_title&ab_channel=P%C3%B5eNaRoda

Convocamos todos os católicos a se manifestarem, exigindo respeito e a suspensão imediata desta criminosa ação, um desrespeito. Seja também acolhido o nosso pedido, protocolado junto a autoridades e instâncias competentes de defesa da verdade e da moralidade, das quais se espera o posicionamento legal e urgente, com a proibição desse ato abominável contra a fé cristã católica.

Católicos, paróquias, instituições católicas, associações, movimentos eclesiais e novas comunidades, todos nós, manifestemos fortemente, neste momento, para que prevaleça o bom senso, a verdade e a justiça pela paz!¹⁴

Como elas que afetivamente experimentam tanto desprezo produzem afeto? As expulsas de todos os espaços, como elas produzem espaços de encontro? Como as condenadas a morrer produzem vida?

Epistemologias através do espelho d'água: enquanto amam o ódio, nós, as odiadas trazemos outros ensinamentos de amor.

Continuo minhas reflexões sobre magia, encontros e confluências.

Porque falar de uma magia contra-colonial? Essa conceituação, em continuidade com o que vim arguindo ao longo do texto, me vem da percepção que a objetividade científica, como parte do projeto colonial, surgiu da subjugação de outros conhecimentos e formas de vida, e muitos desses foram associados à prática da magia, como dispositivo de torná-las impossíveis à razão. Ou seja a caça às bruxas, a perseguição inquisitorial esteve ligada aos projetos de genocídio e epistemicídio dos povos africanos em suas diásporas, dos povos indígenas, dos conhecimentos e práticas protagonizados e perpetuados por mulheres e suas autonomias, esteve pois, intimamente ligada também ao projeto ciscolonial (dimensão, ao meu ver, ainda pouco discutida)...

Assim, analisando as produções de conteúdos de criadoras travestis tento costurar uma epistemologia trans, a qual enxergo tem se dado a partir de ocupações reversivas de espaços e linguagens coloniais que estruturaram nossa inexistência, marcando nossa plenitude onde estava edificada a falta dela. Abrindo brechas na realidade restritiva para a incorporação cotidiana de realidades em movimento ao mesmo tempo que apontando o caráter estrutural das perseguições às diversidades de gênero, sexualidade, raça, classe, em nossa sociedade.

Nessa pegada vou lidar aqui com o conceito de arte a entendendo enquanto feitiço, magia. Me apoiando nos discursos de Linn da Quebrada (citada ali em cima), trago para a conversa os pensamentos de Jade Maria Zimbra, travesti, poeta, feiticeira, pensando a arte como feitiço

..."é a criação desse espaço que induz a estados alterados de consciência tanto de si mesma quanto das pessoas para transmitir essas mensagens, para transmitir essas realidades, confrontar essas realidades, que são tão antigas quanto de agora, de modo a fazer pensar, a incomodar, a trazer certas ativações de outras possibilidades de ver aquela situação, outras possibilidades de entender aquela situação, e eu entendo isso como magia. Como feitiço. É sobre utilizar os elementos que você tem, independente de quais sejam para transmutar aquela energia em algo que possa ser compartilhado, em algo que possa ser utilizado como instrumento de reflexão, como instrumento de mudança, como instrumento de movimento. Porque a arte e a magia tem isso em comum. É sobre movimentação. Movimentação de energias. Então a partir do momento que você se investiga e reconhece os recursos que você tem, independente da linguagem que você escolha ou que você se identifica mais, você já está produzindo tanto artisticamente quanto magicamente. E essa produção, ela está completamente ligada a heranças ancestrais. E ser capaz de se reconectar com essas heranças e identificar esses elementos é de certa maneira também honrar os seus ancestrais e a sua ancestralidade. Então que a gente seja capaz de fazer essa auto-investigação e de cada

14 acessado em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/kalil-cancela-coroa%C3%A7%C3%A3o-a-nossa-se-hora-dos-travestis-na-virada-veja-v%C3%ADdeo-da-performance-1.728822>

vez mais não dependermos seja da academia, seja de qualquer outra estrutura que tente ali impor o que é arte, que nós sejamos capazes de nos libertar disso, escutar cada vez mais as vozes ancestrais que falam conosco e que nos movimentam a criar. Porque a arte e magia são criações.” (publicado em seu canal do Youtube)¹⁵

Magia contracolonial - a epistemologia travesti através das artes e dos afetos (encontros confluentes porque restauram elas, de vida, sobreviver, viver buscando plenitude travesti é contracolonial - não porque derruba todo o sistema colonial ou porque seja de um pensamento circular à mesma maneira dos que Bispo retrata em sua fala e escrita, mas sim se refaz costurando retalhos de ancestralidade, de afeto, de encontrar matilhas e se fazer, criar comunidades do isolamento, criar chão do desterro...)

A ciência tomou o lugar da magia disfarçando seu caráter também mágico, enfeitando mentes, enquanto outras instituições do Estado desempenham seus papéis coloniais em outras dimensões, até que a verdade que propagam seja encarada enquanto única e inabalável. Nesse sentido a ciência historicamente proclama o estatuto de “natureza” a tudo que pretende revestir de um caráter imutável, como parte de um projeto maior de obediência civil, projeto que dentre muitos outros efeitos arranca a humanidade de pessoas como eu. Nós travestis, com leques de repertórios diferentes nos ventilamos com outros entendimentos de natureza que nada tem de estática ou imutável, que é agente, que é a gente ...

Entendo que a insubmissão a esses conceitos que me matam é uma prática mágica, formas de conhecimento que resistem a cultura da violência e dominação naturalizada são mágicas, é a magia que tomo aqui pra mim enquanto forma de conceituar minha realidade, o pedaço da realidade sobre o qual empenho meu tempo e meu trabalho - as criações (de vida/de arte) travesti. Nossos sonhos vivos. Nosso desejo. Conhecimentos a partir da dissidência, dissidência enquanto movimento de vida.

Em minha monografia (2016) quando comecei a estudar trajetórias e identidades a partir do envolvimento com três dragqueens de Brasília me pus a pesquisar sobre os conceitos de subjetividade e desejo e nessas buscas fui muito tocada pelos escritos de Suely Rolnik. A autora tem um livro escrito em conjunto com Félix Guattari chamado Micropolíticas: Cartografias do desejo (1996), nesse livro há uma conceituação de desejo que ao meu ver tem íntima ligação com o que encontro nas epistemologias travesti com que estou lidando aqui, com o que chamo de feitiço de vida.

Quando tento colocar o problema do desejo enquanto formação coletiva, evidencia-se logo que o desejo não é forçosamente um negócio secreto ou vergonhoso como toda a psicologia e moral dominantes pretendem. O desejo permeia o campo social, tanto em práticas imediatas quanto em projetos muito ambiciosos. Por não querer me atrapalhar com definições complicadas, eu proporia denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores. Para a modelização dominante - aquilo que eu chamo de “subjetividade capitalística” - essa concepção do desejo é totalmente utópica e anárquica. Para esse modo de pensamento dominante, tudo bem reconhecer que “a vida é muito difícil, que há uma série de contradições e de dificuldades”, mas seu axioma de base é que o desejo só poderia estar radicalmente cortado da realidade e que haveria sempre uma escolha inevitável, entre um princípio de prazer, um princípio de desejo, de um lado, e de outro, um princípio de realidade, um princípio de eficiência no real. A questão consiste em saber se não há uma outra maneira de ver e praticar as coisas, se não há meios de fabricar - outras realidades, outros referenciais, que não tenham essa posição castradora em relação ao desejo, a qual lhe atribui toda uma aura de vergonha, toda essa espécie de clima de culpabilização que faz com que o desejo só possa se insinuar, se infiltrar secretamente,

sempre vivido na clandestinidade, na impotência e na repressão.

(Guattari, Rolnik, 1996, pg 215)

Eu vejo essa fabricação de outras realidades sendo feita a partir do desejo, vejo seu caráter coletivo, a partir das produções de travestis. Vejo o que nos reveste de caráter utópico, que nos torna impossível, a manifestação do desejo de um corpo impossível, de uma vida impossível. E nós travestis, penso eu, temos jeitinhos diversos em particularidades de nos relacionar com desejo, sonho, memória e criação, mas que se encontram no movimento de fuga/distanciamento do pensamento colonial, do binarismo enrijecido, do que pavimenta o chão ontológico da realidade branca cis-hetero-capitalista. E por ser fabricação, criação, idéia que talvez nos remeta ao futuro, ou à utopia, vejo como algo intimamente ligado ao nosso passado, um resgate de um passado proibido, mas que se mantém também vivo e vibrante e que se entrelaça ao presente e o futuro, ao mesmo tempo que profetiza vida também a instaura.

As velhas terão sonhos.

As jovens terão visões.

(Ventura Profana em Eu Não Vou Morrer)

Xica Manicongo perseguida e condenada à fogueira pela inquisição no Brasil é um exemplo simbólico das encruzilhadas dessas opressões. Travesti negra condenada como bruxa pela magia de se auto-constituir como indivíduo fora dos padrões coloniais, aparentemente em nosso processo histórico de formação de nação direito a ser indivíduo, e ter sua existência plenamente reconhecida só para homens brancos cis-heteronormativos ou quem ande submisso a esses padrões normativos, processos que ecoam e atuam ainda hoje...

A despeito disso nunca paramos. viemos nos multiplicando e nos diversificando, assim como foram se multiplicando e se camuflando (ou se naturalizando no imaginário popular) as formas de perseguição aos nossos corpos e vidas e o que inspiramos - a magia que se aciona na autodefinição, autonomia de se definir para além da cisnorma, de aterrar e fundamentar verdades outras, a partir de nossa própria carne e das reverberações do sangue que corre nela das águas mais antigas.



figura 75.

Capa do Cordel SER-TRANS-NEJA de Matheusa Passarelli e Tertuliana Lustosa produzido pelo coletivo Xica Manicongo¹⁶

Qual era o seu nome antes de ter sido chamada de “Francisco” pelos colonizadores escravocratas? Perdeu-se nos cadernos contábeis que abafaram a sua liberdade.

Havia travestis não só ali na Ladeira da Misericórdia, mas também em Fez, na nação Tupinambá, em São Paulo de Luanda, no Deserto do Mojave, em Goa... em todo lugar e tempo, ainda não sendo chamadas ou denominando-se de travestis, porém trazendo outros nomes para esse afeto que nos une até hoje: o de nos reconhecermos onde o cis-tema (ou sistema) nos nega. Guerrilha de ser.

Precisou uma travesti do século XX nomear Xica no século XXI. Travessia. (Jaqueline Jesus, 2019, pg6)

Tibira também não era indígena, nem gay, nem travesti, nem Tibira. Mas foi racializada com as leis da sexualidade criadas pela religião cristã católica apostólica romana, às quais desobedeceu e tornou-se sodomita. Essa pessoa era Tupinambá. Mas aí, na tradução colonial de sua existência, Tibira também virou berdache.

A transmutação desse corpo foi traduzida para a linguagem colonial, e neste mundo tornou-se uma peste. Mas se eu incorporar o espírito de Tibira, vou assistir ao meu corpo se tornando um quilombo e ouvirei minha boca dizendo, em Tupinambá, sobre a experiência de transmutar no século XVI e num tempo ameríndio que não sei contar. Eu me interesso em ouvir Tibira para saber sobre sua experiência de fundir no corpo as contradições modernas. Contudo, o que se funde não são contradições, mas uma relação com a vida que, na tradução colonial, torna-se contraditória.

Xica Manicongo é a primeira referência de sacerdote Quimbanda no Brasil. Ela fez feitiço angolano e amaldiçoou esta terra com sua esperteza. A macumba se cumpriu, e agora, 400 anos depois, Francisco é batizada pelas travestis brasileiras do século XXI e recebe seu nome de guerra: Xica Manicongo. Ela foi condenada, como fizeram com algumas Pombas-Gira, a ser queimada viva em praça pública. E num ato de esperteza exusíatica, decidiu se vestir de homem para não ser assassinada.

Eu já fiz o mesmo, me vesti de mulher, e a ilusão se fez real, pois construímos juntas um gênero para colonizador ver. E o mistério que eu vi, enxerguei com olhos etéricos formados por músculos e ametistas. (Castiel Vitorino, 2020)

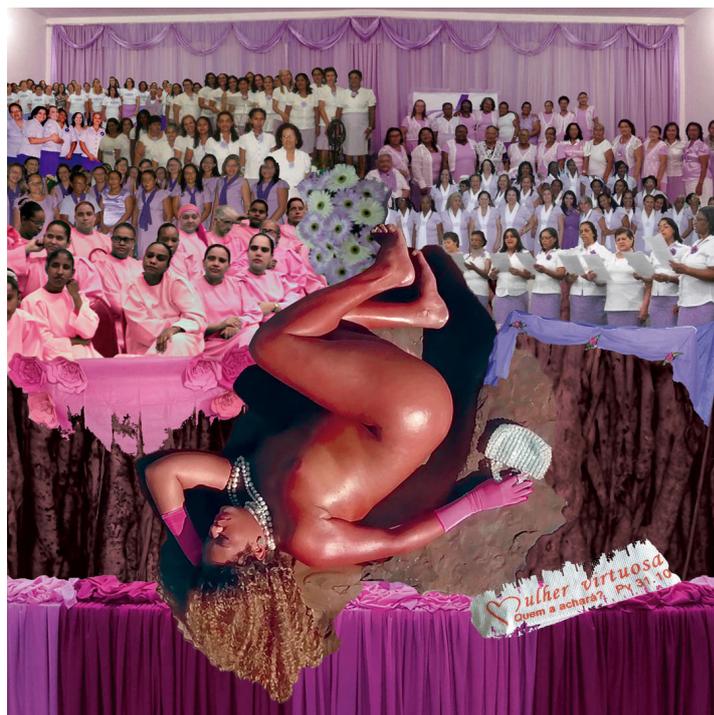


figura 75. Colagem de Ventura Profana



figura 76. VENTURA PROFANA, A Primeira Missa no Brasil, 2017 Colagem digital a partir da pintura de Victor Meirelles
Dimensões diversas

17

Essa seção do trabalho se inicia com sobreposições de trabalhos artísticos e depoimentos de travestis contrapostos a declarações da Igreja Católica, também em comunhão com o Estado: de um lado travestis buscando restauração de suas vidas e espíritos, de outro as instituições que antes criaram a perseguição contra essas corpos reivindicando o “direito” de continuar as excluindo. Se uma travesti pode imaginar uma santa que a abençoa enquanto filha logo surge uma arquidiocese declarando esse ato enquanto criminoso e abominável - a performance foi inclusive banida do festival onde havia sido selecionada.

Enquanto grandes instituições reivindicam a manutenção de nossa total exclusão de espaços sagrados, de nosso estatuto de abominável. Eu me agarro à Jaqueline atravessando séculos em sua guerrilha de ser para abençoar Xica Manicongo enquanto travesti, à Castiel incorporando Timbira e o mundo que enxerga através de seus olhos de ametista, revirando toda a história colonial brasileira estou de repente na primeira missa do Brasil e Ventura Profana está lá, erguida na cruz - as corpos crucificadas dessa terra, nossas verdadeiras salvadoras.

... A forma com que o poder colonial ocidental ele se organiza nessas duas nações (Brasil e México) e é composto é estruturado através de uma dimensão política, econômica, jurídica... e também espiritual, porque existe uma colonização também espiritual, ou melhor a colonização se faz a partir também da imposição de religiosidades e espiritualidades... enfim esse colonialismo ele cria condições que se assemelham condições brasileiras e mexicanas, que

se assemelham entre si.

Uma dessas relações, dessas condições, é justamente o genocídio da população travesti, que é um genocídio também racializado, né, então a maioria da população de travestis que são assassinadas com requintes de crueldade, com brutalidade, sabendo que em sua maioria a gente compreende, consegue perceber que são travestis racializadas então essa experiência nacional faz com que tanto o México quanto o Brasil ocupem as primeiras posições no ranking de genocídio de transfobia, de travestifobia genocídio de nós, de nossa população,...

Aí nesse sentido, o que acontece, no Brasil a gente construiu nos últimos 100 anos, foi construída uma religião chamada Umbanda, mas essa religião ela é secular também, ela acontece há um tempo maior do que hoje a gente sabe, mas enfim

a umbanda é uma religiosidade que cultua os mortos, ela parte da experiência da morte, é uma religião composta por almas e fundamentos, vidas africanas, vidas indígenas, vidas mestiças, desses inúmeros povos e vidas também brasileiras... O que eu to querendo dizer é o seguinte: as almas que cultuamos na Umbanda são almas que já viveram a colonialidade, já passaram por esse mundo igual nós, e essas almas elas voltam pra nos dizer sobre morte, sobre vida, sobre estratégias

de permanência nesse mundo. De permanência e de destruição, porque a gente permanece para continuar a destruição dessa forma de viver e estar no mundo. (Conversa de Castiel Vitorino com Lia Garcia [México])¹⁸

Penso que o ponto da epistemologia travesti através da arte, seria nos instaurar no centro do pensamento, como desvela Urias em sua música “Diaba”: “da sua família eu sou o pilar principal”. Pra não se perder em questionamentos que não nos dizem respeito, ou, questionamentos que antes vieram do discurso de nosso genocídio e depois nos engendraram trazendo pressupostos que nos tornam uma incógnita, uma impossibilidade. Entende? partir de nosso sonho, sentimento, pensamento, afeto, tudo junto, com nossa teoria... Que parte de outros paradigmas.

Lembro que uma vez no terreiro Maria Padilha me pediu que aprendesse um ponto de Maria Navalha, pombogira da linha dos malandros, fui assuntar com Allan, que além de amigo querido é também bicha e BàBá Kekere no ilê que hoje faço parte. Ele me mandou um áudio cantando esse ponto que depois passei a puxar nas giras:

Eu falei pra não mexer,
falei pra não brincar
os rivais ela retalha
lá no morro chamam ela de maria
mas a alta burguesia
chama ela de navalha

Penso na mítica navalha debaixo da língua, associada a travestis no imaginário popular, e no ponto onde no seu morro ela é Maria, a alta burguesia é quem chama de Navalha.

Penso que nosso reconhecimento de vida vem mesmo do povo afastado dos espaços hegemônicos, a alta burguesia nos dá nomes fetichizantes.

Pois que não precisamos estar sempre esperando suas autorizações, seus reconhecimentos institucionais, seus decretos e suas medidas governamentais que evitem nosso extermínio generalizado. Usamos a palavra e ela é também navalha.

Lembro também do conselho de Maria Mulambo e de ela dizer que estava com mazinho quando escreveu sua poesia. Ou dos baianos que diziam que nos enganávamos pensando que aquela dança e aquelas risadas era só festa, algazarra, mas era um jeito de lidar com a desgraça,

18 acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=wOF4KxdGR9o>

que nós tínhamos muito que aprender com isso, que eles estavam trabalhando com coisas pesadas, mas vai manter a tradição, como diz o samba popularizado na voz de Clara Nunes, vai meu bloco tristeza e pé no chão.

Ouso dizer que de formas diferentes, advindos de diferentes trajetórias e ancestralidades, o que interliga a epistemologia travesti que venho costurando através das criações artísticas dessas manas que escolhi, é partir do pressuposto da vida, em ruído com o discurso e cultura da nossa morte instaurado. Nesses discursos se desvela caminhos para uma outra ontologia, onde é possível pensar em uma plenitude travesti.

*partir de pressupostos de vida, instaurar e profetizar e encantar nossa vida nos leva também a outros agenciamentos com a morte.

Existe uma morte colonial, sistemática. Uma morte de estado, que são os transfeminicídios, os travestidicídios. Mas há também uma outra morte, a morte que nos permite transcender, que nos permite transacionar para pessoas travestis. Transitar, travestidos, do que tange o gênero, porque também nos implica numa morte. Então também falamos dessa morte. E falamos dessa morte porque também é necessário que se fale dos processos de mortificação que existem em nossos países. Porque a mortificação é esse momento em que as políticas do estado, as políticas da dor e da morte, acerta nossos corpos e nossas vidas, e nos impõe uma morte.

Se nos assassina, então nós falamos com a morte, justamente para ela abrir nossos caminhos, e iniciar uma nova vida a partir dessa morte.

Porque nos já somos mortas-vivas, é o que dizemos. Somos mortas-vivas porque estão assassinando nossas possibilidades, ideias, pensamentos. Tudo está sendo assassinado, porque o mundo é um mundo de hegemonia cisgênera e branca, então obviamente cancela, assassina e desaparece as outras possibilidades de existir no mundo.

...

Também me parece muito interessante como se constroem processos coletivos de culto, porque somos fiéis da Santa muerte e somos mal vistas. **Somos mal vistas porque nos creem como más, pagãs, e nos creem como bruxas. Isso me encanta, porque quando nos chamam de bruxas é algo completamente muito curador porque nos faz lembrar de nossas ancestrais.** (Lia em conversa com Castiel sobre umbanda e la santa muerte)¹⁹

Pois que me pensar, e me fazer, enquanto bruxa, enquanto travesti, enquanto bruxatravesti me leva a me colocar na encruzilhada histórica de opressões, e pessoalmente quero me posicionar nessa encruzilhada dançando contra o movimento de opressão, tenho que me movimentar pensando nos movimentos anti-racistas, transfeministas em busca de linhagens que sejam minhas ancestrais e companheiras nessa escrita, nessa fala, reorganizando as linhagens opressoras, que são também minhas ancestrais, pra que dessa vez falem baixo, pra que a memória viva ... é o meu jeito de me aproximar do fazer interseccional de um jeito malandro ancestral de um jeito transfeminista experimental.

Digo sobre nossas ancestrais porque aprendi no terreiro a entendê-las assim, fui criada em ambientes onde essas ancestralidades não eram ensinadas, ou se falava baixo sobre elas.

Refazer nossa linhagem para confluir com a ancestralidade travesti nos leva a agenciamentos antigos de saberes e fazeres contra-hegemônicos, resistências afrodiáspóricas e originárias, que sobreviveram pra além do tempo e do espaço, ainda em carne e sangue resistem, mas também em memória viva e atuante, pombogiras com quem converso durante todo esse processo e que me mantém de cabeça erguida me ensinam outras histórias que vejo refletidas também nas narrativas das manas com quem confluem em meus passos. A resistência travesti em nossas terras deve prestar homenagem, celebrar, dançar com, a memória das bichas pretas que foram quem primeiro abriram caminho na linha de front, nas ruas onde foram forçadas a estar, como elucidada Megg

Rayara, são quem pavimentaram com suas vidas o solo por onde hoje se colhe algum direito, ainda que pouco, reconhecido pelo Estado e pela sociedade no geral. Faço das palavras de Ventura as minhas nesse momento pra redizer, só sou porque sou com as manas.

Não quero dizer que toda travesti tenha que ser candomblecista, umbandista, mas dizer que nesses terreiros tenho, assim como outras manas, encontrado formas de me reconectar com a memória que a colonialidade excluiu. Que nesses espaços historicamente se deram agenciamentos que certamente fazem parte de nossas pedagogias de sobrevivência, nesses espaços não se pratica apenas uma crença religiosa, mas se mantém vivo um patrimônio cultural brasileiro que é também perseguido e assim como nós travestis em nossas criações cultua-se e traz à frente a palavra vida como principal fundamento.

E essas vivências me inspiram a criar discursos como por exemplo quando o vaticano afirma hoje que pessoas trans aniquilam o conceito de natureza, eu posso dizer que toda a natureza fica feliz com a presença das travestis.

Isso pode ser enquadrado como uma desobediência epistêmica e que se mostra necessária para a sobrevivência de muitas corpos subalternizados nas terras brasileiras.

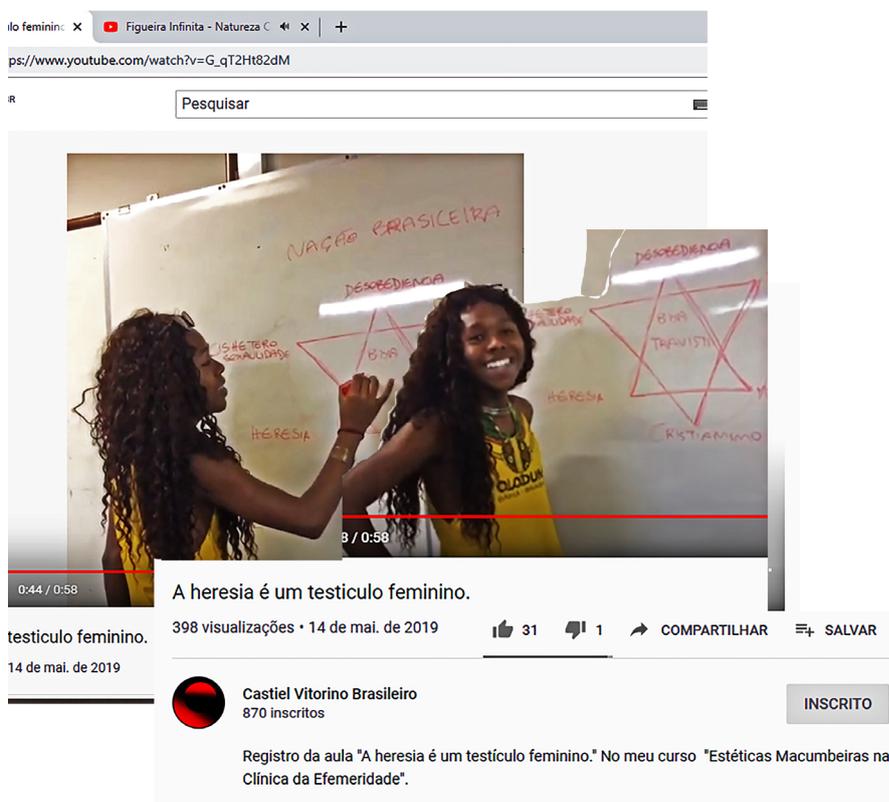


Figura 77. Castiel Vitorino - A heresia é um testículo feminino (https://www.youtube.com/watch?v=G_qT2Ht82dM)

“A nação brasileira é isso aqui ó
é uma relação triangular de cisheterossexualidade,
normatividade, na verdade né, racismo e cristianismo.
e a sobrevivência pra nós, corpos subalternizados nesse
tempo/espaço colonial é conseguir produzir um outro espaço
nesse território que nos despatrializa
então
esse outro espaço pode, e tem sido construído pelo menos por mim,
numa relação triangular de desobediência, heresia e malandragem.
e é nessa integralidade que a bixa e a travesti surge e consegue
sobreviver. nessa relação de negociação.”

+

Cintura Fina foi uma travesti vinda do Ceará que se estabeleceu na capital mineira em 1953. Tinha uma aparência que mesclava traços femininos e masculinos, era negra com 1,78 m de altura. Era exímia manipuladora de navalhas, o que deixava em pânico marginais e prostitutas – e também os policiais.

“Ela deixava a navalha amarrada na cintura com elástico ou fio de nylon. Ela jogava a navalha, que cortava a pessoa e voltava na mão dela. Era perita nesse manejo”, explica o pesquisador.

Algumas brigas eram necessárias para se afirmar e defender travestis e prostitutas que ela julgava injustiçadas, outras eram fruto de tramoias. Uma vida errante que rendeu a Cintura Fina inquéritos policiais por furto e lesão corporal. E uma vida curta – ela teria morrido aos 56 anos. **“Cintura Fina era uma espécie de liderança entre travestis e prostitutas. Não uma liderança escolhida, mas ela topava enfrentar a polícia sempre que necessário. Ela tem o espírito do que era chamado de malandragem”**, explica o professor.²⁰

Castiel sobrepõe triangulações, das estruturas de nossa morte cruzadas às nossas estratégias de vida, essas triangulações cruzadas formam uma estrela onde nossa existência é central. A nossa existência em si já é uma desobediência, nas malandragens de escapar à morte criamos epistemologias e quando digo escapar a morte é às vezes mesmo num verso...

Penso em Cintura Fina escapando tal noite da polícia, foi Maria Mulambo sobrevivendo a tentativa de assassinato do homem que amava e voltando pra acertar contas, pequenos atos cotidianos que não entraram para os catálogos de atos históricos protagonizados por mulheres. Mas deixaram sua memória viva plantada na terra, regada com sangue, que às vezes se sincroniza ao meu pulsar, ao seu, vem um lampejo, às vezes um sonho, as vezes a inspiração de mais um verso, essa memória reclama sua vida, essa memória me quer também viva.

*Como Cintura Fina: ser uma exímia manipuladora de navalhas - com as palavras, um dia eu chego lá.

Desobediência epistêmica se mostra necessária, pois como pensar um testículo feminino pode parecer uma heresia, pelas genitálias serem sacralizadas pela ciência e reminiscências do cristianismo, assim como a figura de uma travesti no lugar de Jesus... Fazem parecer que tudo que tocamos é revestido de profano. Porém isso é uma manutenção de nossa subalternidade e sofrimento. Pensar em mulher de pau, em um testículo feminino, por exemplo, reverte o discurso comum a respeito da disforia que sentem muitas pessoas trans, como um sentimento profundo de ter nascido em um corpo errado, porém esse corpo talvez não estivesse errado se consideramos um corpo de cujas definições, enquadramentos, contextualizações, teorizações não sejam exclusivamente advindos do pensamento cisgênero, pensamento branco, colonial. A desobediência é dar o nome! Poder que eles (cisheteronormatividade branca) autoinstituíram e autolegitimaram, e que afinal não é deles (assim como a terra).

20 acessado em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/pesquisa-do-professor-luiz-morando-rende-livro-sobre-cintura-fina-1.2209033>

5.2 Palavra Navalha, dando o nome frente ao inominável



figura 78. Colagem de Figueira Infinita com fotos de Leona Vingativa (anos 2000) e Cintura Fina (entre os anos 60 e 70)
“que suas memórias sejam bênçãos”

“Meu nome é Nati Natini Natili Lohane Savic
De Albuquerque Pampic de La Tustuane de Bolda
Mais conhecida como Danusa Daisy Medly Leona
Meiry Cibele de Bolda de Gasparri
A mulher jamais falada
A menina jamais igualada
Conhecidíssima como a noite de Paris
Poderosíssima como a espada de um samurai
Eu sou apertada como uma bacia
Eu sou enxuta como uma melancia
Tenho dois filhinho: um zolhudinho e o outro barrigudinho
Casei com o dono da Parmalat, virei mamífera
Só mamo!
Pertença à família imperial brasileira Orleans e Bragança
Penetração difícil”

Para pensar sobre DAR O NOME. Leona, artista travesti paraense ainda na ativa ainda criando referência para muitas, virou figura pública ainda criança quando lançou um vídeo na internet em que deu seu nome. E seu nome era O texto viu!? Uma história que revira toda a história nacional. “Dar o nome” pra nós quer dizer fazer algo com excelência, também é um momento mágico quando firmamos os pés no chão e nos nomeamos enquanto travestis ou ganhamos o nome de alguma mãe, madrinha, amiga... Também é um momento bonito quando alguém no terreiro que trabalha com pombogiras, quando ela finalmente dá seu nome. Dar o nome é tão importante porque historicamente vieram dando nome os colonizadores e através da arte elas vem dando nome e nessa arte há ciência, há uma nova metafísica, há uma nova corporalidade para a natureza...

Nos nomeando e dando o nome, estamos não apenas instaurando um renascimento pessoal mas renomeando a norma. Ocupar resignificando e assim transmutando a realidade. Se

colocando como também central, também herdeira de conhecimentos ancestrais a travesti ao se expressar também cria linguagem e assim é possível reverter o feitiço, o jogo, nomear a norma:

Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu **conforto ontológico**, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho (Jota Mombaça, 2017b, p.306 [grifo meu])

Falo também da importância enquanto pessoa trans gerando narrativa. Nós nunca tivemos espaços não estigmatizados, e agora a partir da minha experiência colho cacos e transformo em algo. Conto meus viveres e andanças enquanto traumatizo tradições. Se não me vem enquanto potência me rasgo enquanto raio de luz transformador. Cada cicatriz enquanto potência. Cada desejo enquanto potência e oceano. Cada gozo, e também cada dor e desconforto se torna enfrentamento. Por mais espaço de visibilidade, por ocupação de espaços não estigmatizados. O nosso lugar é onde a gente quiser. Falo do meu empoderamento como agridoce. Falo de violência enquanto linguagem, falo de abrir espaços não óbvios. (Tita Maravilha, 2017, pg 34)

A inserção nos moldes de corpronormatividade cirúrgica me fizeram refletir durante muito tempo sobre como o meu corpo se modifica durante o meu processo de transição. Um antiandrógeno e um estrogênio, substâncias que fazem parte da terapia hormonal utilizada por muitas pessoas trans, não foi suficiente para as demandas do meu corpo, nem mesmo cirurgias o seriam por completo. Talvez porque a experiência de gênero a que eu me submeti sempre esteve mais relacionada a processos escavatórios e de escutas de sonhos do que propriamente a métodos da medicina de intervenção cirúrgica-hormonal. Aprendi que os multiversos trans possuem atravessamentos de religiosidades afro-brasileiras e de ancestralidades xamãs. Em culturas ameríndias, os papéis de gênero transitavam correntemente antes da ideia de “pecado” ser inserida pelo colonialismo e as práticas/devires corporais estavam diretamente relacionadas à espiritualidade. Os Two-spirits praticavam papéis sociais de forma não-binária em muitas das tribos norte-americanas. A pessoa por trás dos que muitos chamam de traveco faz parte de um arcabouço histórico marcado por processos civilizatórios que, para tantas culturas, estão diretamente ligadas ao apagamento das suas culturas e espiritualidades.

Catalisar as minhas frequências mortas e os meus sonhos foi algo que me encorajou a criar e intervir sobre o meu corpo com cargas energéticas além do cientificismo e do antropocentrismo. Em mente, era muito certa a recusa às ideias: de que existe um gênero apropriado para o órgão sexual; de que o sexo se baseia no prazer falocêntrico; de que a inserção social virá acompanhada da imposição de estereótipos mulher-cis/homem-cis, corpo biológico/corpo desviante; de que existe uma correspondência única entre órgão sexual, orientação sexual e identidade de gênero. (Tertuliana Lustosa, 2016, pg 405)

*Se antes na história do Brasil, travestis racializadas estavam nas ruas enquanto algumas poucas de pele mais clara conseguiram alguma ascensão social através da arte, hoje vejo o movimento artístico travesti mais expressivo majoritariamente de corporeidade não branca, e por essas corporificações também sou alimentada de conhecimento.

*Desobediência epistêmica de considerar as nossas, mesmo que não estão nos espaços acadêmicos, como produtoras de conhecimentos de sobrevivência e de novas epistemologias, florescendo de naturezas proibidas - se materializando em ontologias diversas para poder respirar - criar plenitude à despeito. Considerar também pombogiras como orientadoras de vida, pois se na barra de suas saias corre água e nasce flor é porque são fonte de memória e nesse caso da escrita de nossas poesias vivas. Damos novos nomes e instauramos uma nova natureza, a partir de retalhos antigos que foram descartados no fazer da natureza sintética racional do pensamento colonialista.

*Assim a arte é além de ferramenta política, também exercício de espiritualidade e com isso

quero dizer que temos agenciado outras linhagens de pensamento contra-hegemônicas, transmutação e transcendência.

Dito isso, preciso também assumir que não me interessa tanto saber o que é Travesti, mas como nós, Travestis, despensamos (deixamos de pensar) o Mundo Moderno para conseguir sermos travestis. E para isso abandono qualquer análise antropológica fetichista e psicológica edipiana, para dizer que não há, a priori, um conteúdo ou uma forma essencial ou fundamental para que a Transmutação Travesti aconteça. Cada trava rejeita ou namora o hormônio que a faz ser nada daquilo que a cisgeneridade racista pensa sobre si e sobre nós.

Meu pensamento é uma dobra contraditória que afirma: travestilidade é transmutação. No início e no fim, me interessa a transmutação e não a transição. (Castiel Vitorino, 2020, pg 40-47)

É sobre transmutação de toda a matéria, despensar todas as coisas, não modificamos apenas nosso corpo, mas modificamos a vida, suspendemos o tempo para nos aliarmos a morte e encontrar vida. artesanalmente, em arte, de ser e de sonhar, vamos costurando novas ontologias, novas naturezas, novas que são velhas, tão pós-modernas quanto anciãs.

REVERTER O FEITIÇO DA DOMINAÇÃO, ACORDAR, RECONECTAR, RELIGAR, REVERTER O FEITIÇO, ACORDAR.

Seu carcará me segurou perto do fogo uma caveira em seu cajado colocado olhos nos olhos comigo olha bem o que você é ... e você é uma roseira, vão cortar suas rosas, mas vão nascer 3 ainda maiores

vai travesti !

Eu escrevi a música Rosa Guerreira(2018), pensando também com o conselho do boiadeiro que me falou sobre iroko e me apontou uma gameleira, me mostrou suas raízes caindo uma na frente da outra formando aquela árvore absurda de linda e assim eu devia caminhar, enraizando passos:

“eu aprendi a andar
mexendo os pés dentro da terra
fazendo amor dentro da guerra”
(Figueira Infinita, em Rosa Guerreira)

*Se eu vejo uma natureza ficar feliz com a presença das travestis essa não é uma natureza esbranquiçada como minha pele, não é uma natureza fincada no senso comum pelas cientificações ocidentais, é uma mata escura, são rosas vermelhas...

Apesar do histórico das origens das políticas de opressão, estamos agora também falando a partir/dentro desses espaços, reocupando, assim como criando outros agenciamentos com a morte, fazendo reversões - imagino que como quando Judith Butler fala sobre ocupar a gramática dizendo exatamente o que ela foi criada pra proibir, como Jaqueline na universidade dizendo que a revolução não vai acontecer ali, Tita com as pastorinhas, reinventando uma tradição que habita suas memórias íntimas da infância, algo que achava belo e a chamava ao mesmo tempo que a proibia, anos depois essa mesma tradição se refaz a partir dela - a figura proibida - assim vejo o que também faz a pastora missionária Ventura Profana, criada em tradições presbiterianas não se deixou soterrar pela lama do pecado, mas fez brotar uma Deize que é o deus refletido no seu espelho profano, que é a voz de iabás sussurrando em seus ouvidos, a fazendo levantar e resplandecer e repassar esse levante através de seus cânticos.

As jovens terão visões
Ora pois, quando fomos amarradas e lançadas na fornalha
Em sua mais alta temperatura
Por não nos dobrarmos diante do trono de nenhum senhor
Foi que Deize se revelou a nós
Nascemos em manjedouras
E depois de crucificadas, ressuscitamos
Deize são as Yabás falando ao pé do meu ouvido
Juntas em unção
Fizemos da cruz, encruzilhada
Nos levantamos do vale de ossos secos
Transformamos pranto em festa
Nossos cus em catedrais
Conhecemos os mistérios por com eles andar
Não mais calvário
Arrebatamos das mãos do senhor
As chaves de nossas cadeias
Dancemos engenhosas e aprendamos a voar
Para respirarmos submersas em águas vivas
Superabundantes
Em Kalunga
Somos eternais
(Ventura Profana. Eu não vou Morrer)

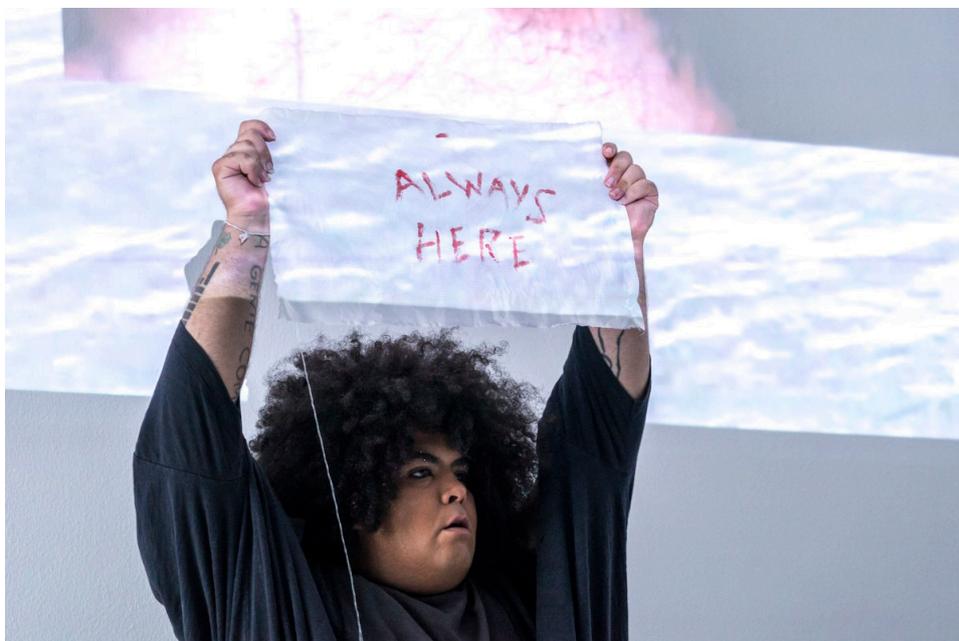


figura 79. Foto Performance Jota Mombaça

5.3 Arte travesti de reencantar o mundo de merda

“minha arte ganha um caminho especial
a partir do momento em que eu me identifico
enquanto travesti
me considero exatamente uma inventadora de
universos
porque tá na possibilidade da arte, pra mim,
de transformar tudo isso que eu tenho enquanto
ferramenta
e uma delas é a minha história
...
eu pensando a minha trajetória
eu não nasci no corpo errado
eu tive uma necessidade durante meu percurso
de...adaptar algumas questões (sorriso)
pra que eu melhor consiga enfrentar
o que eu chamo de
merda de mundo
e eu não vou deixar que o sistema me engula
e de pensar que eu não serei mais estatística.” (entrevista de tita maravilha)²¹

Sobre essa “merda de mundo” que fala Tita me remete à guerra de mundos sobre a qual refleti na última seção deste trabalho. Me faz lembrar de uma situação durante o 1º Colóquio LGBTI+ da UFG, ali eu fui contar uma história que vivi entrando no restaurante universitário para almoçar e o atendente do ru estava muito nervoso porque não conseguia se fazer entender para uma estudante indígena. Ele falou a estudante tinha que entender o que ele falava “que ela num era de outro mundo não”... Ela realmente não é, mas a forma que ele falou me leva a crer que o entendimento de mundo do rapaz é um entendimento mais restritivo do que inclusivo, e partindo dessa visão excludente talvez ela seja de outro mundo mesmo, e inclusive eu também, e portanto fica difícil exigir respeito se a ideia geral não só nos afasta como nos tira do mundo. Falei que tinha que se atentar pra esses outros mundos, que pra passarmos da mera tolerância para o devido respeito, para superar a violência como linguagem dirigida a nós, as pessoas tinham que entender primeiro que não somos só possíveis, somos ancestrais, somos raiz, somos origem.

Quando canto Natureza Caranguejera, que termina com a frase “toda a natureza fica feliz com a presença das travestis”, repito essa frase entremeada por “vai diz!”. Quando estava escrevendo achei que tinha feito uma frase bonitinha, quase boba, e ria de mim quando dizia, essas risadas estão gravadas na primeira versão que lancei. Mas ao mesmo tempo algo me dizia que era uma frase importante, que era também pesada. E é isso, pensar numa natureza que age, que sente, e não só: celebra minha existência. Por isso o “vai diz” esganiçado, ou rouco, arrastado, que me lembra do peso dessa perspectiva e me encoraja a dizer, pra dar nova vida a esse mundo, a essa realidade, a que me sustenta.

Nesse colóquio performei com Âmbar:

21 acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=XhETpL6p8sQ&list=PLmsK4TGRR2BENPv4dVcrrm-2XUZu1dre1Y>



figura 80. Colagem Figueira Infinita com postagem de Âmbar

Em uma panelinha queimamos as histórias dos nossos traumas causados por perseguições transfóbicas, homofóbicas, misógenas, convidamos quem tava presente a escrever suas histórias e também queimar, para transmutar. Cantamos, dançamos, declamamos poesia de força. Cantamos juntas, ao final, a música Intimidade de Liniker, que falava de um afeto gostoso, que termina com um grito libertador seguido de “bom dia”.

Imagem 25 – Papel (Fotografia sobre bullying)



No começo da vida escolar eu ainda não era tão reprimido e a reclamação constante dos professores era que eu conversava demais. Um dia a professora resolveu me calar literalmente

e colocou fita adesiva na minha boca e me fez ficar assim durante toda aula.

Tirando todas as ofensas verbais que ouvia, as folhas de caderno marcaram esse período, seja pelas vezes que escreviam xingamentos junto ao meu nome quando circulavam lista de presença ou nas inúmeras vezes em que me atiravam bolinhas de papel durante as aulas.

Outro acontecimento marcante desse período, foi quando quebrei o meu braço. Eu tinha decidido participar do clube de futebol da cidade, com o intuito de me enturmar com os colegas, mas também com meu pai e avôs que sempre tentaram incentivar sem muito sucesso. Logo que tomei essa decisão, ganhei uniforme e chuteiras novas, e todo incentivo possível, mas não durou nem um mês e um dia no meio do jogo, sem motivo algum um garoto que nem sequer me conhecia me empurrou, e eu caí por cima do braço. Fraturei os dois principais ossos do punho, e para meu azar pessoal, o meu braço foi engessado naquela posição que usam para ofenderem homossexuais, com a mão para baixo, “desmunhecando” como dizem.

Trazendo esses traumas para a fotografia, revivi o ato de tapar minha boca com fita adesiva e enfaixar o braço que quebrei. Produzi uma “roupa” plana coberta por papel de caderno e uma caixa para a cabeça com bolas de papel grudadas. Foi uma metáfora que criei para ilustrar como a instituição, no caso, a escola, nos achata em papéis e também coloca nossa cabeça em caixas. Nas folhas de papel da peça que usaria, escrevi vários dos xingamentos que recebia, preguei um documento de identidade reafirmando a ideia de como somos transformados em papéis, coloquei o número 6,0 representando a primeira vez que tirei uma nota baixa, que foi na disciplina de arte, e ainda que fosse uma nota dentro da média, para mim foi horrível. Desenhei um pênis que se trata do papel que foi atribuído a mim por causa da genitália. Também escrevi a frase “Baby, I was born this way”, frase da cantora Lady Gaga, que era uma das mensagens que me davam força para ter orgulho de ser gay, mesmo em meio a todas ofensas.

Após produzir as fotografias retratando esses traumas, utilizei desse momento para ressignificar essas agressões psicológicas e físicas, e furiosamente descobri minha boca e rasguei os papéis, representando o poder que eu tinha agora para deixar tudo isso para trás.

(Âmbar Moura, 2018, pg 50/51)

A arte enquanto ferramenta de transmutar as ofensas, a lama que nos jogam e modelar dela outra realidade outra dimensão onde os efeitos podem ser revertidos. Arte enquanto algo que nos dá essa força e nos encoraja a também de alguma forma agir. Nesses fazimentos renascemos promovendo curas, curando grandes traumas (e temos especial intimidade com processos de renascimento).

EU QUIS QUEIMAR A LÍNGUA QUE ME HAVIA SIDO ENSINADA

ESSA LÍNGUA NA QUAL TODA PALAVRA ESTÁ MANCOMUNADA COM A REPRODUÇÃO DE NOSSA ININTELIGIBILIDADE.

SOMOS SIMULTANEAMENTE TORNADAS INCÓGNITAS E LEVADAS A LUTAR PELA LINGUAGEM.

NA PEÇA DE ODETE E BRUNO EU LI UMA FRASE SOBRE APENAS ““““POSSUIRMOS”””” (ENTRE MUITAS ASPAS) A LINGUAGEM QUE REPRODUZ NOSSA INEXISTÊNCIA.

ISSO ESTAVA ESCRITO NA PAREDE. COM A LINGUAGEM QUE REPRODUZ NOSSA INEXISTÊNCIA.

EU TENHO UMA CENA NA CABEÇA E ELA ME ASSUSTA. HÁ TRÊS DIAS SINTO QUE NÃO SAIO DE UMA ESPIRAL NEGATIVA.

O PESSIMISMO É TÃO POTENCIALMENTE TÓXICO QUANTO A CRENÇA NA VERDADE, NO FUTURO E NO BEM.

SE A GENTE AO MENOS SOUBESSE ENFEITIÇAR OS EFEITOS DA ANSIEDADE NOUTRAS DIREÇÕES, PARA APRENDER COM ELES

MAS A GENTE VAI FICANDO DOENTE

E SE SENTE DESCARTÁVEL.

ESTAMOS SEMPRE NA PORTA OU

NA ESQUINA DE QUALQUER COISA.

EM HOMENAGEM A CONCEIÇÃO EVARISTO, A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER. PRECISÁVAMOS TAMBÉM QUE ELES TIVESSEM COMBINADO DE NÃO NOS MATAR.

EU SEI QUE ELES NÃO ESTÃO APENAS LÁ FORA. NÃO VI QUANDO SE INSTALARAM, MAS EU OS SINTO MEXER BEM NA ESPINHA DORSAL DE TODOS OS MEUS TRAUMAS. SÃO ELES QUE MORREM A GENTE, APESAR DO QUE A GENTE COMBINAMOS.

ENTRETANTO O TERAPEUTA, UMA BICHA PRETA – E TENHO ORGULHO DE DIZER QUE PROCUREI UMA BICHA PRETA COMO TERAPEUTA PORQUE DE REPENTE SENTI QUE NÃO DAVA MAIS, QUE NÃO DAVA MAIS, E QUE EU ESTAVA ME AFOGANDO –, POSTOU UM DIA DESSES: VOCÊ É MAIOR QUE O SEU TRAUMA.

MEU NAMORADO, PANELEIRO (EM PORTUGAL É ASSIM QUE SE DIZ “BICHA”) E BRANCO – QUE NA CONTRADIÇÃO DOCE E DENSA, MÁGICA E TENSA DAS INTIMIDADES, PROPICIA COMIGO AFETOS CÚMPLICES ENQUANTO OS FANTASMAS DE DÍVIDAS E DORES IRRECONCILIÁVEIS PERCORREM OS CÔMODOS DA CASA E SE PENDURAM NA MOBÍLIA –, POSTOU A MESMA COISA NO DIA EM QUE FUI ACOSSADA POR UMA SENHORINHA LUSITANA NA RUA.

ELA CHAMOU A POLÍCIA E EU DISSE:

SR. POLICIAL, EU SOU MAIOR DO QUE VOCÊ.

(...)

(Jota Mombaça, 2017, pg 20-25)

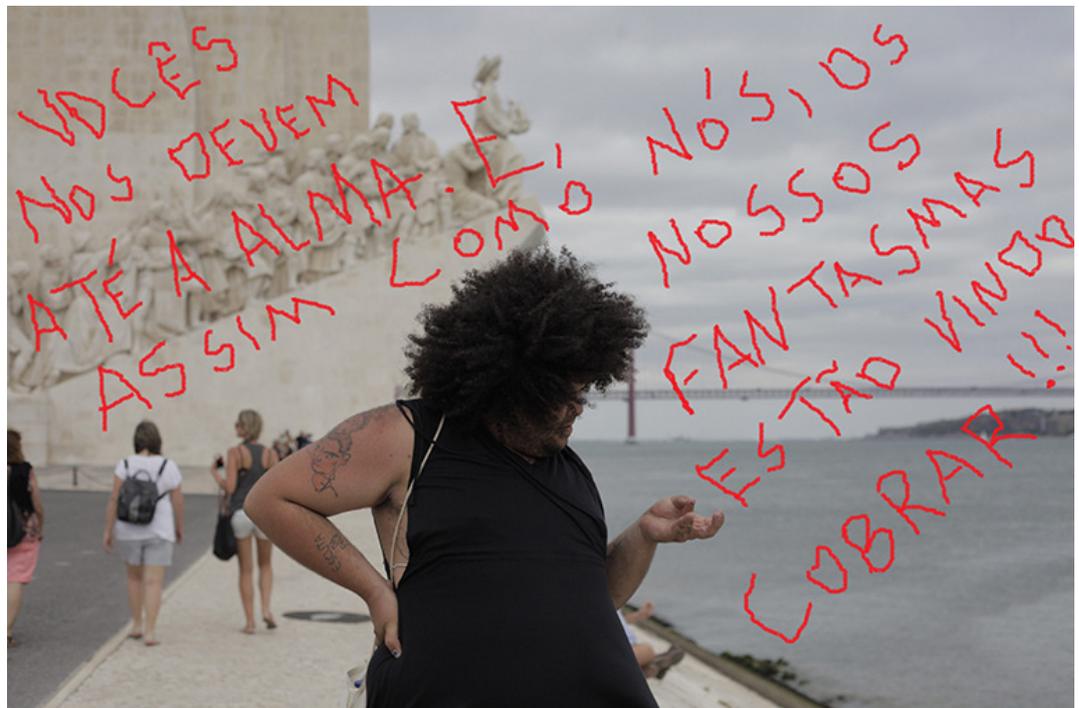


figura 81. Foto Performance Jota Mombaça

Jota Mombaça em seu processo de cura se descobre maior que seus traumas, em suas análises críticas percebe que o mundo(colonial) é seu trauma - logo se descobre maior que o mundo. Esse processo todo é muito dolorido, mas isso é transmutado em suas criações.

Quando se fala em cura, não estamos falando em sarar machucados pessoais meramente, mas entender que esses processos de cicatrização estão intimamente ligados a processos de descolonização, são curas que se dão do íntimo ao coletivo. Essas travestis/artistas/criadoras estão preenchendo lacunas de memórias que tentaram, e constantemente tentam, apagar, mas brotaram, e constantemente brotam, do asfalto florescendo em seus peitos. Andando sobre o impossível chão: assim atravessamos ao longo dos séculos. Carregamos essa memória que a consciência exclui, e a passamos adiante. Se torna nítido pra mim que o bem estar das travestis está intimamente ligado ao bem estar da sociedade em geral. E inspirada no texto de Jota, digo que precisamos nós, travestis, cada uma a sua maneira, ter coragem de buscar seus meios de enfeitiçar os efeitos da colonização para outras direções, digo como encorajamento e não como imposição, pois

esses efeitos são muitas vezes revestidos de pesos enormes e esses feitiços podem parecer às vezes muito experimentais ou muito infantis ou muito malucos quando o referencial externo impera. Mas agora acredito plenamente nesses feitiços, que vejo como transmutações causadas por nossa ontologia vibrante, eu preciso, preciso mesmo, de outras pessoas trans gerando narrativas e espero que essa minha (feita de nossa) possa servir de inspiração para outras, e que através dessas narrativas que as pessoas que vivem da ignorância de nossa existência possam também se afetar, possam abrir olhos onde não achavam ter, possam também entender seus desejos enquanto movimento de vida e não no lugar da repressão...

Kaciano: E quando Solange enraba os grandes cânones da psicanálise como Freud, Jung e Lacan, invertendo o lugar de privilégio das teorias vinda do norte sobre o desejo e a sexualidade pelo Funk, você pensa também que essa inversão poderia se estender a vertentes do feminismo e da teoria queer vindas de fora? Qual o lugar do Brasil?

Pêdra: Claro que sim. A estratégia é a mesma das ciências humanas, especificamente a Antropologia, só que invertida. Assim como cientistas humanos transformam grupos de pessoas em sujeitos, pesquisas, teorias e livros, eu transformei a teoria em funk. E, nesse caminho, ouvi de uma pessoa da cena punk anarquista de que não aguentava mais ouvir apenas hardcore e que nunca tinha pensado no funk como nosso punk. Eu acho que o principal desafio, para as pessoas que se reconhecem como kuir no Brasil, é estarem conectadas aos nossos antepassados que desafiaram as normas de gênero herdadas da colonização e conectadas ao conhecimento mágico, ritual e comunitário, de luta e de cura.

(GADELHA, 2017, pg 451)

Nossa ontologia não está prevista, nossos artigos não estão na gramática, porque pra quem criou e reproduziu os conhecimentos hegemônicos nós não devíamos existir, então foram construindo cânones, dogmas, verdades, tecnologias diversas que tinham como pressuposto a inexistência de experiências que não fossem cisgêneras, assim opera a ciscolonialidade em aliança com as colonialidades racistas, sexistas, classistas,... vêm todas amarradas. Mas enfim sempre existimos, e reexistimos com nossa malandragem e desobediência (Castiel) e isso é fundamento. Fundamentamos vida em contraposição à cultura de morte, à cultura colonialista que segue em vigor nas políticas de nosso país. Epistemologias de resistência - criamos teorias vivas pra não morrer. Como a arte de Pêdra que funciona enquanto uma antropologia invertida ritmada em funk, ou de Castiel também enquanto psicologia e macumbaria, ou os templos de Ventura Profana levantados em galerias e palcos... Podemos devolver o encanto à teoria.

Na embolada entre vivacidade e mortandade, encantamento e peçonha nos atracamos com o Brasil. Jogamos o corpo na dança e no sopro daauta a esperança de uma virada poética e política que transmute as energias. Neste ponto, lançamos a provocação e armamos que o Brasil precisa dar errado urgentemente. O país que anda se vendo no espelho nesses anos bizarros é aquele que destrói sistemas de mundo e formas plurais de vida, formado por capitães do mato, capatazes, senhores de engenho tarados, feitores, bandeirantes apesadores de índios e destruidores de quilombos, genocidas, generais, torturadores, coronéis, pistoleiros, membros do esquadrão da morte, misóginos, homofóbicos, parasitas sociais, fanáticos religiosos, burocratas medíocres, empresários mafiosos, doutores pedantes, milionários sibaritas e arrivistas inescrupulosos. O projeto de normatização deste Brasil de horrores, para que seja bem-sucedido, precisou de estratégias de desencantamento do mundo e aprofundamento da colonização dos corpos. O corpo, anal, pode ameaçar, mais do que as palavras, de forma mais contundente o projeto colonizador fundamentado na catequese, no trabalho forçado, na submissão ostensiva da mulher e na preparação dos homens para a virilidade expressa na cultura da curra: o corpo convertido, o corpo escravizado, o corpo feito objeto e o corpo como arma letal. Este Brasil é um país de corpos doentes, condicionados e educados para o horror como empreendimento. (RUFINO, 2020, pg 12)

Descobri o trabalho de Luiz Rufino pesquisando sobre epistemologias descoloniais, sobre Exu e saberes afrodiaspóricos. O trecho que compartilhei acima me pareceu importante para entender que as transmutações/criações de travestis hoje fazem parte dessa batalha de reencantar nossas vidas. E quero deixar mais entendível que estão sendo trazidas contribuições, estas majoritariamente invisibilizadas, para a construção de uma epistemologia travesti em fluxo. Não quero determinar o que seja uma epistemologia travesti em si. A epistemologia travesti que recrio e costuro com as manas que cruzaram em minhas trave(sti)ssias, e é preciso ressaltar que essas em sua maioria não são travestis brancas, epistemologia de plenitude e vida, combate, ao meu ver, o desencantamento(Rufino, 2020) do Brasil, ou seja, trapaceia a morte, navalha de vida...

Eles vieram apontando dedos e dando nomes desencantando, ou fazendo seus encantamentos parecerem os únicos possíveis à base de anos de torturas, então vamos relembrando que esse poder é afinal de todas, quem quer que possa apontar, e que talvez tudo no mundo que apontamos nos aponta de volta, então vamos renomeando, retomando posse, descolonizando nossos corpos e a partir deles criando em bando culturas piratas de descolonização, ... Também em grande parte criando conhecimentos a partir de agenciamentos com exu, e pombogiras, em malandragem, ciganices, sendo povo da rua, onde se cruzam, entendendo encruzilhadas em que somos, trazemos essas alianças de sobrevivência que estão em histórias não escritas, o pajubá não está aí por acaso.

Reencantar nossos corpos em espírito, reencantar de poesia, encantos são desobediências à razão colonial que nos educa ao horror como empreendimento: travestis trazem de formas múltiplas em seus corpos conhecimentos e práticas, histórias que comprovam que esse empreendimento não é total, que é poroso, que há possibilidade de vida e respiro “à despeito de”.

(Se há ruas de opressão que nos atravessam,
como diz Carla Akotirene para falar de interseccionalidade,
há ruas de resistência,
e numa dessas ruas por exemplo eu amei Seu Tranca-ruas.)

Os encantamentos, a magia, a arte travesti não se queda em proclamar nossas auto-definições e nossa identidade, mas a partir dessa experiência de se reerguer da marginalização e das proibições de plenitude também instaurar um outro mundo, outra realidade, ontologia e assim costurar outras linhagens, outras origens, revisitando o passado, sabendo-se promessa de vida das velhas traviarcas poder poetizar novas promessas e dar continuidade aos nossos sonhos - reintegrar-se com a natureza livre de culpa, banhar de erva o corpo: renovar o espírito para que ele se manifeste em nossas criações com lâminas brilhosas, abrindo caminhos.

Pesquisando sobre poesia me deparei com uma entrevista do poeta Paulo Leminski em que ele fala sobre a possibilidade da poesia abrir brechas necessárias no nosso mundo.

“eu não sei se em todas as sociedades os povos
amam seus cientistas mas todos os povos amam
seus poetas
(...)
Os poetas são amados por milhões
é porque os povos precisam disso
porque os poetas dizem uma coisa que as pessoas precisam
que sejam ditas
O poeta não é um ser de luxo

não é uma excrescência ornamental da sociedade
ele é uma necessidade orgânica da sociedade
A sociedade precisa daquilo, daquela loucura pra respirar.
É através da loucura dos poetas
através da ruptura que eles representam que a sociedade
respira”

(Documentário Ervilha da Fantasia, 1985)²²

Se podemos enxergar segundo Tertuliana a identidade de gênero como uma poesia de gênero, podemos agregar seu pensamento com o de Leminski e pensar a vivência da travesti, o conhecimento que carrega através da sua experiência de reexistência como uma necessidade orgânica da sociedade. Que a ruptura que representamos não é um perigo à sociedade e à família, mas uma brecha, uma chance de por onde nossos povos podem respirar algo que historicamente vem sendo sufocado. A arte travesti carrega subjetividade de reexistência, Carrega o espírito da memória, carrega possibilidades de emancipação do trauma que nos assola e adocece a todes.

Essas poesias de gênero em sua grande maioria não estão nas antologias, nas galerias, na academia.

(quero ressaltar a força mágica da bituca daquele xanã sujo de batom que todos passaram por cima no dia seguinte, os restos de um portal efêmero que foi aberto e tragado por uma travesti na noite passada, salvo sua memória como uma benção, aplaudo o espetáculo de um breve relaxamento da guerreira que propiciou, salvo sua força.)



figura 82. Tirinha Laerte Coutinho

(Digo isso principalmente para minhas irmãs para que elas não caiam no papo das hierarquias do pensamento. Que elas produzam suas subjetividades e as desdobrem e girem e brinquem sem medo, sem desconfiar que essa brincadeira não possa ser séria, que uma artista travesti não pense que uma cientista travesti está em alguma espécie de nível acima de conhecimento, mas que a arte é científica e que a ciência é artística, ou pode ser, que a natureza toda pensa e sonha, e a realidade é um sonho e o sonho é realidade e a realidade é travesti. - eu escrevo tudo isso com medo, sim, não sei nem bem do quê, mas sinto ali incrustado e ainda assim sinto que não posso deixar de escrever)

“Atacar a arte é atacar uma atividade essencial
para a saúde de uma sociedade.
é que a função da arte é criar um corpo visível
audível, palpável, etc, praquilo que a vida pede

toda vez que ela se vê sufocada em nossas formas
de existir, em nosso modo de interpretar o mundo,
e de reagir aos acontecimentos.

nesse sentido, a arte está diretamente ligada
à vida. a vida quer continuar.

e pra isso ela se constitui essencialmente
num processo contínuo de transfiguração.

(...)

na existência humana essa função ela se dá como um processo de criação,
em nossa cultura é a arte quem cumpre essa função

e quando ela consegue que isso aconteça

quando ela consegue trazer a pulsação do que está pedindo passagem

ela tem um poder de contágio e ela abre esse espaço na vida social

por isso atacar a arte é atacar a vida

isso é gravíssimo e nós não podemos deixar que isso aconteça.

(Suely Rolnik, Atacar a arte, 2017)⁵

Se podemos alcançar uma plenitude ontológica, ela só se dará quando nossas subjetividades, nossos desejos, nossos sonhos forem naturalizados em vez de nossa morte, nossa impossibilidade, nossa marginalização, etc. Se a arte é capaz de criar um corpo visível, audível, pode ser através dela que façamos a sociedade nos tocar, se afetar, se espelhar. se atacar a arte é atacar a vida e se o traveco-terrorismo é arte brasileira em luta pela sobrevivência, é também chave pra nossa pulsação coletiva.

Ventura Profana

Profecia de Vida

Sobre nós eu acredito que hoje há
uma profecia de vida

eu me recuso a aceitar a morte

eu me volto hoje nessa noite

contra ela e declaro:

que eu, que nós, que nossas irmãs,

que as travestis, que as sapas, que

as bichas, que quem se volta contra

a porra desse sistema sujo, desse inimigo.

Que nós não morreremos.

Nós não morreremos na luta.

Nós viveremos, a gente há de viver.

Eu proclamo hoje sobre esse lugar

VIDA

o lance é

VIDA

a palavra é
VIDA
É vida sendo resituída. é restituição em vida.
Hoje a gente tá aqui pregando por restituição
pelo direito, pela nossa vida, pela existência
nós vamos existir
nós vamos viver
a palavra pra nós é vida.
E novidade! E novidade!
É sobre novidade de vida.
é sobre vida em abundância
é sobre videira
VIDA EM ABUNDÂNCIA!
eu não vou, eu não vou morrer.
Ainda que eu ande pelo vale da sombra do macho
NÃO TEMEREI MAL ALGUM
TRAGO COMIGO A FÚRIA TRAVESTI
Não me conformo nem com vara, muito menos com cajado
Preparas perante mim
uma mesa na presença das minhas
migas.
nossos corpos e cabeças ungidas com óleo e cálices.
trans...bordantes

(Ventura Profana - O Reino é das Bixas/ Junho 2018)



figura 83. Foto Performance de Ventura Profana

6 O grande rio travesti - Transfeminismos e educação : comunidade furiosa de afetos



figura 84. Colagem Figueira Infinita

formei ninho com tita maravilha
pra superar os desafios de brasilha
e antes do tanto que luto
ja lutava bianca kalutor
é a hora que eu paro e escuto
conga rosa foi buscar paulete em pernambuco
infeciosxs e tombadas foram marcas das estradas
a batida não para
o louvor é da ventura profana
travesti que ama outra travesti na cama
e um pedaço da terra cicatriza
a pedra no pescoço de Pietra brilha
brindo com minhas amigas
tudo tem que ser reconstruído pra podermos estar juntas
e a travesti abre caminho nas águas
uma senhora que consegue voz através de mim
eu rio por duas ou mais
nosso encontro esquentta a luta

juntas rachando o chão do território de disputa
cortando por dentro procurando onde podemos
roçar o espírito no lugar de cura
quem vê de fora chama de loucura
eles não explicam como a gente se encontra
eles não param nossa confluência
não nos controlam com sua consciência
memória e sonho são nossas facas
nossas corpas históricas
que atravessam rasgando
mostrando o fundo
não dá pra fingir que não viu
quando tentou sua máscara caiu
ih sua máscara caiu
pula pra buscar no fundo do rio

Para de alguma forma concluir essas reflexões quero deixar mais explícita minha intenção de que esses resgates ancestrais, essas transmutações artísticas do universo, essas trave(sti)ssias exaltadas se mostram pra mim como propostas de caminhos para um repensar pedagógico de nossa sociedade.

Isso tudo é uma questão educacional, e isso me lembra o conselho de uma pombagira há alguns anos atrás - de que minha experiência sofrida tinha um propósito educacional - consigo perceber que o ódio contra nós é algo ensinado, mesmo que seja nos interditos, mesmo que seja pela nossa aparentemente imperceptível ausência. Dia desses dei uma entrevista pra um cara na tv e ele achou interessante eu falar que as pessoas eram ensinadas a nos odiar, a duvidar da nossa existência. Ora, eu não posso me conformar que uma irmã minha seja assassinada e tenha seu coração arrancado, que casos com esses requintes de crueldade sejam tão recorrentes, e isso não gere nenhuma comoção nacional efetiva, não posso me conformar que isso seja natural. É algo ensinado, de geração em geração. E isso ocorre também com o genocídio da população negra no nosso país, da população indígena, periférica... Penso que toda a comunidade ligada a educação deva repensar suas práticas. Nem mesmo os matemáticos estão fora disso, digo todos, todas, todes. A medicina, a engenharia, a psicologia, a filosofia, a agronomia, todos os campos de saberes e fazeres. A arquitetura das cidades nos separa. Mesmo que eu esteja aqui hoje ocupando uma universidade pública e tenhamos hoje, por exemplo, Erika Hilton como vereadora da cidade de São Paulo, eu sei que na cabeça das pessoas o lugar das travestis na cidade são os becos, as esquinas, os lugares escondidos, onde os homens de bem, podem usufruir de seus corpos por uns trocados e durante o dia subir nos prédios mais altos e cuspir lá de cima. Essa é a mentira contada há séculos, a história única, que está em nossa educação de diversas formas. Na construção, na origem, das principais metrópoles do Brasil estavam presentes os cabarés, penso: querem manter a mesma posição medieval pras putas até hoje. Eu não posso me conformar com essa mentira que é esse mundo capitalista. Eu não vou esquecer da cuspidinha quando eu venho de enchente. E quem estiver no prédio mais alto, terá o maior tombo. Bela metáfora! Sinto muito...

Pensando sobre as bases políticas da violência de gênero Rita Segato também reflete sobre a dimensão educacional dessas práticas, ela fala de uma pedagogia da crueldade instaurada:

A violência, muitas vezes, apresenta-se como algo alheio porque há um valor político na

empatia.

Isso é o que estou dizendo com a “pedagogia da crueldade”. É uma pedagogia a qual se está exposto todos os dias, para que se endureça, para que se pense que o destino daquela pessoa não é o seu. É uma programação que começa nos exércitos. Uma pessoa que chega ao exército, em qualquer país, a primeira coisa que precisa aprender é a se estruturar de forma psicopática, no sentido de que o destino de meu inimigo não é o meu. Essa programação que existia para os exércitos, está sendo passada para toda a sociedade. Se matam você, tudo bem. Mas, nunca a mim. E, no entanto, poderia ser eu. Mas, esse poderia ser eu, que além do mais é muito curioso, porque é uma das bases do cristianismo, não faça ao outro o que não gostaria que fizessem a você, não está na rota de leitura dos evangelhos, nos fundamentalismos cristãos de hoje. Essa parte do humanismo eu a resgato, não só como política, trata-se de uma chave para a sobrevivência da espécie. No entanto, o fundamentalismo o fecha, e cria um “nós” e “os outros”, com uma barreira intransitável.

(Entrevista com Rita Segato. 2017)²³

Essa pedagogia da crueldade está portanto ligada a essa questão primordial do pensamento ocidental enquanto evento epistemicida: a criação do “outro” enquanto não-ser.

Nesse sentido me alio ao pensamento de Bell Hooks, para se combater uma pedagogia da crueldade, precisamos poder pensar uma pedagogia que traga o amor enquanto prática:

bell hooks sobre amor como prática para a liberdade e viver em comunidade

Sempre que aquelas/es de nós que são membros de grupos oprimidos se atrevem a interrogar criticamente nossas posições, as identidades e lealdades que informam como vivemos nossas vidas, iniciamos o processo de descolonização. Se descobrimos em nós mesmas/os auto-ódio, baixa autoestima ou um pensamento branco supremacista interiorizado e os enfrentamos, podemos começar a curar.

Reconhecer a verdade de nossa realidade, tanto individual como coletiva, é uma etapa necessária para o crescimento pessoal e político. Este é geralmente o estágio mais doloroso no processo de aprender a amar – o que muitas/os de nós procuram evitar. Novamente, uma vez que escolhemos o amor, instintivamente possuímos os recursos interiores para enfrentar essa dor. Movendo inteiramente a dor para o outro lado, encontramos a alegria, a liberdade de espírito trazidas por uma ética do amor.

Escolhendo o amor, também escolhemos viver em comunidade, e isso significa que não temos que mudar apenas por nós mesmas/os. Podemos contar com a afirmação crítica e diálogo com companheiras/os andando por um caminho semelhante. (hooks, 2006, pg 7)

A proposta de escolher o amor enquanto prática, enquanto ética, pode ser um caminho de superar a grande separação entre “nós” e “outros”, não porque seremos todos iguais, mas porque pode-se pensar em um ensinamento de “ser” que não parta da exclusão de outras formas de “ser”, e esse ainda é um caminho a se sonhar.

Se nos caminhos da prática do amor firma-se uma escolha pela comunidade penso que é isso que estamos fazendo nós travestis em diversos âmbitos. Trago aqui para agregar nesse pensamento a fala de Marlene Wayar, psicóloga social e ativista travesti da Argentina:

HACER COMUNIDAD

“Quizás nosotras las travestis seamos una de las vivencias con mayor soledad que puede haber. Cuando una niñita afrodescendiente va a la escuela y por “negra” la maltratan, la boludean, hay acoso escolar vuelve a una casa donde esa familia afrodescendiente, una abuela, la mamá, los hermanos la abrazan en la negritud. Pasa lo mismo con la comunidad judía,

23 acessado em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570524-a-base-politica-das-relacoes-de-violencia-de-genero-entrevista-com-a-antropologa-rita-segato>

es abraçada dese su judaísmo en la casa cuando a pesar del maltrato exterior. Cuando una trava, una marica, una torta, una marica, una lesbiana, una torta es insultada en el afuera lo que se impone es la soledad y la sensación del que volvemos a una casa, a un campo que continua siendo enemigo porque es heterosexual y no nos comprende". **De ahí la necesidad de crear una comunidad furiosa de afectividades trans y travestis que aúnen luchas de los desclasados para emprender la utopía contraria: la revolución de los arruinados y los fracasados. "Otra vez sobre las ruinas, sobre las ruinas nos juntamos... De las ruinas encontramos material para ir por la esperanza", proclama Marlene. Y hay en los diferentes programas una propuesta pedagógica de construir conocimiento y de reescribir la historia.** Quizás con la convicción política también benjaminiana de que de no reescribirse esta historia a contrapelo y a través de la memoria de las luchas de los que aparentemente perdieron, ni siquiera los muertos están a salvo del enemigo. (Matéria sobre o programa Ruinas: Dialogos Sudacas desde el Fracaso de Marlene Wayar)²⁴

A matéria sobre Marlene trata da criação de um programa virtual onde ela promove encontros com outras travestis para conversas e trocas de conhecimentos. Iniciativa que também encontramos no Brasil através dos canais de Castiel Vitorino na série "quando encontro vocês" ou da artista Vulknik Pocaropa na série "Desaquenda"²⁵, onde se pode ter acesso a uma grande quantidade de travestis e pessoas dissidentes de gênero falando sobre suas trajetórias, criações, sonhos, teorias. Trabalhos realmente inspiradores que caminham na contramão da educação hegemônica de nossa inexistência. Onde se mostra pra mim possibilidades concretas dessa construção de uma comunidade furiosa de afetos, das ruínas. Terras de encontro são sonhos, são virtuais, são memórias da terra se ajuntando, se aquilombando...

Essa construção pra mim se assemelha, em minha trajetória, ao que viemos fazendo nós enquanto Infeciosxs, Tombadas, Algodão Choque, Coyotes, Iyalodês. Pessoalmente com todas as travestis que encontrei em minha vida, mas através desses coletivos que se concretizaram em realização de eventos onde a proposta do encontro podia se amplificar.

Na escrita desse trabalho se mostrou pra mim também que nas escolhas bibliográficas, não trago apenas referências, mas também busco fazer comunidade... Em busca de links de experiência entre travestis brasil a fora, latinoamericanas, buscando a partir de nossas vivências, nas chaves de nossas resistências, não só formas de sobreviver, mas outras formas de enxergar o mundo e se relacionar com esse todo, que proclamem vida em vez de morte.

Nesse processo de escrita tive grandes embates mas também surpresas muito agradáveis, como é o caso, por exemplo, de me dar conta que existem pessoas pensando, produzindo e criando em consonância com tudo aquilo que vinha se efervescendo dentro de mim. Me deparar com Glória Anzaldúa e Guillermo falando sobre as fronteiras e os atravessadores de fronteiras foi como encontrar as exatas palavras para um sentimento que até então não tinha nome. É bastante fortalecedor encontrar com companheiras de batalha que compartilham desejos e vontades, estejam elas por perto ou apenas registradas em páginas de livros ou blogs na internet. **Nós que ousamos atravessar as fronteiras já somos imigrantes ilegais em nossos próprios corpos, somos alvos constante da Igreja, da Família e do Estado.** Somos bastardas e por isso precisamos de umas às outras, para juntas destruir a fantasia cisheterossexual. Em tempos que vemos uma crescente onda conservadora fundamentalista não só na América Latina mas em todo o mundo acredito que **somente estando em matilhas conseguiremos manter o mínimo de sobrevivência e direitos.** Temos que ser insu-

24 acessado em: <https://www.pagina12.com.ar/195510-reinas-sobre-las-ruinas>

25 esses conteúdos podem ser acessados em:

Castiel Vitorino em Quando Encontro Vocês: <https://www.youtube.com/c/CastielVitorino/featured>

Vulknik Pocaropa em Desaquenda: https://www.youtube.com/channel/UCWL4Key_oqqWkVAqS-AMrwg

Marlene em Ruinas: Dialogos Sudacas desde el Fracaso: https://www.youtube.com/watch?v=TPm_ZN4pyw0&list=PL-tR7M_AB3_U0MvU2oJmJcj-wGYpkDsW9V&ab_channel=UNITV

bordinadas, insubmissas, combativas, debochadas, arretadas, viradas, revoltadas, gozadas, depravadas e atuar em todos terrenos para a construção de um imaginário em que nossos corpos desconcertados não sejam tratados ou como objeto sexual ou como transtorno mental. (Rafaelly de La Conga Rosa, 2016, pg75 [grifos meus])

Me vejo nesse oceano pronta para virar borboleta. TRANStornada penso em TRANSformação mais que tudo. A cada passo, a cada risada com uma irmã, no outro dia a cada morte de outra. Nascer e morrer várias vezes, todos os dias e para sempre. Minha narrativa me salva de um quem não está preparado para mim, ou aceita que dói menos. Sigo numa missão de construir para desconstruir, de transição, de processo. **E sigo minha trajetória/estrada/narrativa convidando ao voo de uma experiência sem limites. Que estanque o sangue. De mãos dadas com as irmãs e sangue nos olhos transformando tradições e criando novos universos, eu voo.** O resto do meu corpo é silêncio, cansaço, carne, unhas, cabelo, etc... Na próxima encarnação quero ser uma manga madura ou tamarindo. É difícil demais ser eu, mas também é gostoso ou, eu sou bonita pra caramba. (Tita Maravilha, 2017, pg 36[grifos meus])

Entendi que para se criar teoria a partir de experiências trans, para pesquisar nossos corpos, para buscar uma epistemologia travesti, que resista às outras epistemologias que presumiam nossa ausência e nossas mortes, é preciso estar em aliança com nossas memórias ancestrais desfazendo os acordos históricos de morte, e também em aliança com as nossas vivas que estão produzindo e criando universos-brechas-fissuras em diversos espaços. Alianças teóricas em conjunto com alianças ancestrais e alianças em comunidade, em ação... Assim como estiveram mancomunados no projeto colonial o sexismo, racismo e classismos, atuando contra outras espiritualidades, outras ontologias/cosmologias, outras formas de experienciar o corpo e outras auto-determinações...

Das minhas experiências nessas caminhadas em que fui me criando junto com outras travestis criadoras também em travesti criadora, é nítido nosso empenho em construir uma comunidade, uma rede de apoio, e por essas redes, por essas tentativas e experimentações, estou viva.

Ir curando traumas seculares que nos afligem a carne diretamente enquanto também nos empenhamos em sonhar um novo mundo e possamos achar meios de botá-lo em prática.

A partir daí arte se mostra pra mim como um caminho frutífero por onde podemos explorar formas de restaurar nossa autonomia de autodeterminação, no re-dizer de nossa história, e quando assim intencionado fortalecer nossa performance de vida, nosso atravessar de espaços, borrando conceitos sintéticos, fabricando nosso orgânico.

A arte ganha vida quando botada na roda, multiplica seus sentidos, afeta de formas múltiplas e inspira. A arte promove encontros, não apenas físicos, perpetua presenças. É gancho então para formação de comunidades.

A arte travesti, invariavelmente, surge de corpos que precisam batalhar por sua existência, mesmo que fale de uma nuvem passando, passou antes por esse olhar reversivo de quem é marginalizada em nossa sociedade e ultrapassou intempéries, cicatrizou-se para enfim olhar poeticamente para uma nuvem passando, sempre há ali ensinamentos de sobrevivência à ordem colonial, há magia contra-colonial, assim eu vejo.

Penso que isso tudo podia ser incorporado à métodos da educação.

Importante dizer que apesar de parecer bonita quando digo, nossas poesias de gênero e da nossa arte de sobrevivência, essa poética é feita de escarro, sangue, suor, pus, inchaços, hematomas...

Importante dizer que apesar de ser o campo das artes um campo frutífero para nossas expressões transvestigeneres onde tem brotado tanta magia, é também ainda, para nossas corpos dissidentes, um campo de batalha e considerando a encruzilhada que se encontra cada corpa com seus diferentes marcadores coloniais uma batalha mais ou pouco menos fatal.

(...)A partir daí fui sendo conduzida por caminhos que desaguaram-me na labuta das artes. É importante entender que existem aí duas vias e um entroncamento delicadíssimo entre elas. A arte não é a boa moça que me alimentará, sarará minhas feridas e me receberá em sua casa de bom grado. Entretanto, no caminho da arte, reconheci her/manas que dia após dia me fizeram prosseguir, guiar feito bicho, respirar, sentir e decodificar os sinais divinos, nessa pista elas me nutrem. Nesse caminho, achei a mim. Teci malhas de amor pro corpo que é habitação de minha alma. Foi por aí, pelo cu, foi ante a bunda que reencontrei à Deus. Onde nosso amor se restaurou. É babado, mona. Odeio a arte, lugar inventado, reservado, composto pro corpo e ser branco. Quando digo que é armadilha, digo porque é onde a branquitude se alimenta, suga, rouba e debocha da magia negrayoriginária, essa merda é uma ilusão. Um ringue. É colonial, faz parte desse projeto, é pilar desse plano. Não confio na arte. Mas esse foi o caminho onde me agarrei, o campo de batalha que acato e onde concentro meus esforços para rever tempos livres, verter vida transtravesti negra y originária. Estratégias para/de/na guerra. (Entrevista de Ventura profana sobre sua trajetória na arte. 2020)²⁶

Temos “tomado de assalto” por assim dizer essa cena, ampliado esse mercado ainda que sem nenhuma garantia. Como fizemos o Iyalodês um evento grandioso a partir do zero, sem financiamento, fazendo rifas, pedindo ajuda a quem pudesse emprestar qualquer material, ajudar de qualquer forma. Não há um real apoio estatal, nem aparentemente intenção de que nosso movimento se fortifique e se autonomize senão pelo nosso próprio esforço e nossa vida em risco, isso é ainda um caminho a percorrer, ainda é sim uma estratégia para/de/na guerra.

Porém, o que marca esse campo como essencial em nossas vivências é a possibilidade de encontro, de formação de bando e de comunidade.

Para além de criar um espaço. Um espaço de possibilidade econômica, de difusão de conhecimento e compartilhamento espiritual de criações artísticas, criar um espaço de confluência, onde os fluxos das criações dessas existências trans se alinham para desaguar em bando, pra ser então enchente.

Assim como um dia o boiadeiro falou, quando disse que ainda faltava muita letra pro meu alfabeto, que eu devia compartilhar todo esse conhecimento que eu adquiri nesses anos de estudo, ou como uma amiga falou que quando estava em Aracaju sua terra natal teve contato com minhas músicas pela internet e do bem que aquilo fez pra ela, ou como me foi aparecendo que meu trabalho com minha espiritualidade não se queda em banhos de mirra e comunicações com meus sonhos, mas na troca desses aprendizados, numa missão de encorajar outras a encontrarem suas próprias verdades ancestrais em seus próprios modos... conectando o íntimo ao coletivo.

Plantar sementes: ouvir um casal de meninos trans²⁷ que fez sua primeira viagem sozinhos pra viver o nosso espaço/tempo de Iyalodês e vislumbrar possibilidades de ser feliz já me é o bastante por um momento saber que pudemos juntas alimentar sonhos. Penso nas minhas primeiras viagens vivendo minha autonomia de espírito, vivendo minhas verdades e as vendo dançar bem com as verdades das amigas que confluíram nesses caminharas. Faz parte de uma pedagogia de vida: com nossos passos fazer trilhas pras próximas fazerem suas próprias.

É um “bora fazendo” comunidade na teoria, nos fazeres artísticos, na construção de espaços onde caibamos e transbordemos, nos nossos afetos, nos nossos sonhos.

Essa minha busca por plenitude ontológica se transforma numa busca por uma comunidade, por uma plenitude coletiva, pela construção de um novo mundo, nessa construção a busca e as recosturas de epistemologias travesti é formação de bando, é movimentação de vida de sonhos ancestrais, é fazer palavra de navalha em malandragem que transpassa como semente brotando

26 acessado em: <https://www.identidadesmarginais.com/ventura-profana>

27 O relato da viagem dos meninos Atma e Caiuá pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=-GCZBzd3pQ_g&ab_channel=AtmaeCaiu%C3%A1

no asfalto, para expor os avessos do discurso enrijecido, é criação de uma comunidade furiosa de afetos, é um grande rio em enchente lavando feridas.

Para finalizar escolho terminar com as palavras de minha amiga Pietra Sousa, em um texto belíssimo, poderoso e certo como uma flecha, que ela gentilmente me cedeu para publicar aqui. Pietra fala do lugar de uma travesti negra, multiartista moradora do Sol Nascente no DF e não acadêmica, lugar que penso ser um dos centrais para uma partida rumo ao mundo que sonhamos.

O perigo foi proposto pelo novo mundo.

O perigo é a nova perspectiva desse novo mundo.

O perigo pras colônias é o novo aquilombamento, as novas curas.

O perigo é parimento de nossas defesas contra eles.

O perigo pra eles é estarmos vivas, revidando, conquistando, construindo e retomando.

O tamanho do perigo é proporcional ao tamanho do desejo de busca pela cura anticolonial.

Nós vivemos o perigo, por sermos perigosas pra eles.

Nos colocam em desconforto, em misérias, rechaços, animalidades, monstruosidades

O perigo é a naturalização das misérias deles costuradas em nossos caminhos, pedaço por pedaço, destroço por destroço. Essa miséria desgracenta não nos pertence.

O perigo é a subversão dessa lei.

Nossa tecnologia e estratégia de ação comunicadora nos permite que saiamos dos lugares sombrios projetado pelos brancos.

O perigo deles é sairmos do lugar de indigente, de objeto, de abjeto e de outridade e passarmos ao lugar de protagonista e criadora de nossas próprias narrativas.

O perigo pra nós é que queimam as nossas.

Queimam as nossas histórias, queimam nossas estórias, nossas sabedorias, nossas estruturas e nossas vidas.

O perigo é que nós também nos movimentamos para o extermínio da colônia, movimentamos para o fim do domínio branco. O perigo deles é a continuidade dessa guerra.

O perigo deles é que percam a guerra de saberes.

O perigo deles é a firmeza de nossas críticas e posicionamentos contrários, direcionadas aos ensinamentos deles que são roubados e deturpados.

O perigo pra eles é a nossa cosmovisão, nossa fé, nosso divino, nossa materialidade. O perigo deles é que tenhamos domínio sobre nossos próprios conhecimentos, que sejamos nossos próprios deuses, nossos próprios cuidados.

O perigo é não aceitar os conceitos que eles criaram.

Nós apresentamos risco, perigo pra eles.

O perigo é vivermos as nossas revoltas, nossas delícias, nossas risadas. Que tenhamos acesso às sensações de prazer, compreensão de quem somos, de quem fomos e de quem

seremos.

O perigo pra eles é que tenhamos nossos momentos de paz e leveza, nosso frenesi, nossos arranha-céus, nossos sons e sonhos, nossa cronologia, planejamentos, nossas estruturas, nossas ciências..

Queremos reestabelecer e relembrar nossas práticas saudáveis e isso representa um risco nítido às práticas de dominação deles.

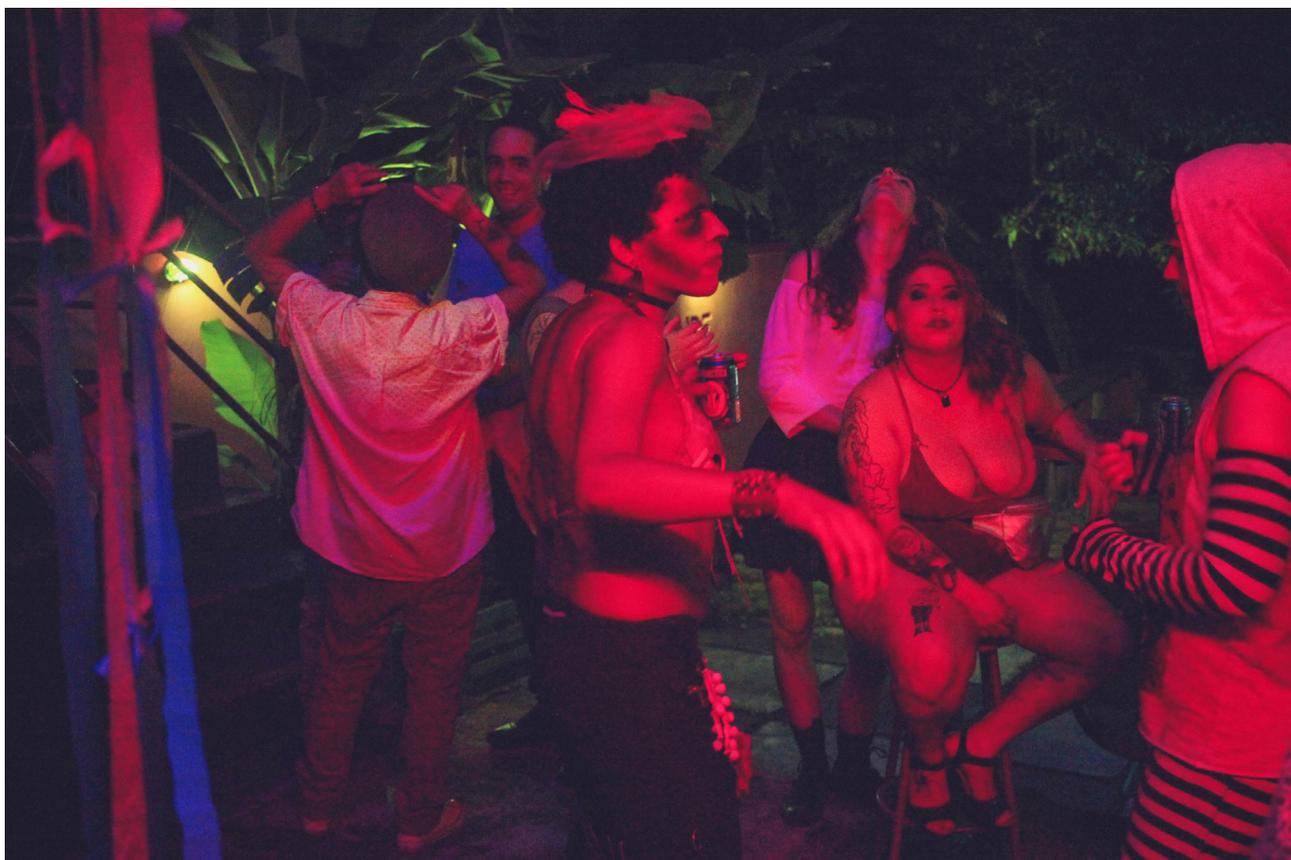
O perigo pra eles é que tenhamos nossas pluralidades e que saibamos e compreendamos a importância do encorajamento, do cuidado, da escuta e dos laços entre nós, os afetos para com as nossas. O perigo pra eles é que entendamos sobre a gigante estrutura que nossos corpos juntos podem construir.

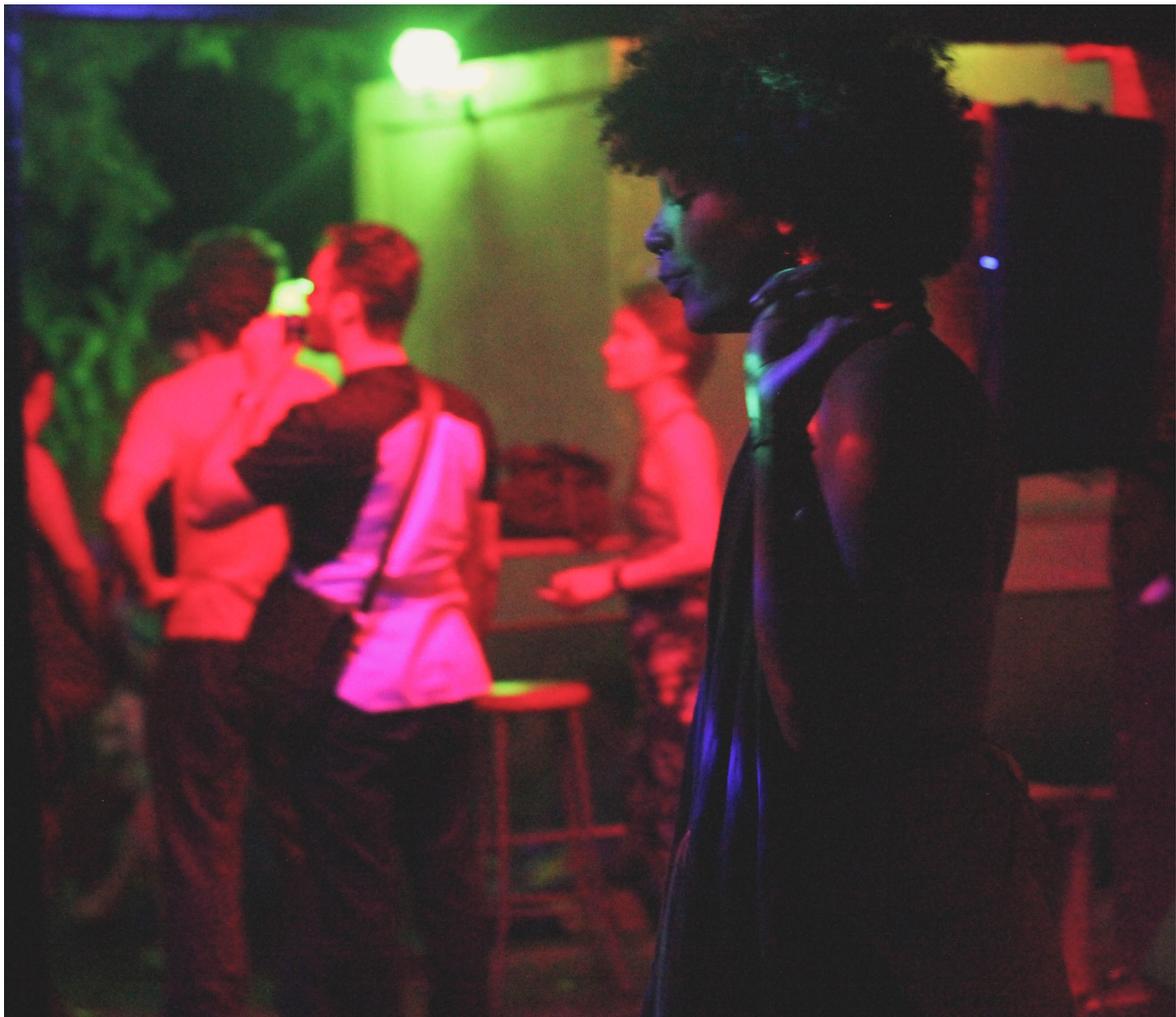
O perigo pra eles é que nós sabemos que não somos minoria, que compreendemos e criamos espaço/tempo, atualidades, ciências, grafias, simbologias, vidas... possibilidades.

O perigo pra eles é que nós guerrearemos contra essas ideologias e estruturas que eles definem como poder. O perigo é a hegemonia.

Nós buscamos nossas vozes, nossas afetividades, nossos lugares, nossas posições, nossas vidas, nossas memórias. (Pietra Sousa, 2020)

ANEXO
REGISTROS IYALODÊS - FESTIVAL DE ARTE TRANS





2018 - 1ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Tereza Morato







2018 - 1ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Tereza Morato



2018 - 1ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Tereza Morato





2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo



2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo



2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo



2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo



2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo







2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo



2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo





2019 - 2ª Edição do Festival Iyalodês - Fotos Iago Araujo

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

ADAMS, Tony E./ BOCHNER, Arthur P. / ELLIS, Carolyn. **Autoetnografia: un panorama**. In: **Autoetnografía: Una metodología cualitativa**. Selección de textos: Silvia M. Bénard Calva. Universidad Autónoma de Aguascalientes. México. 2019

ANZALDÚA, Glória . **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Publicado originalmente em ANZALDÚA, 1981.Reproduzido aqui com a permissão da autora. ESTUDOS FEMINISTAS. 1/2000

ANZALDÚA, Gloria. **La consciência de la mestiza / Rumo a uma nova consciência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro, 2005 [1987], p. 704-719.

ARAÚJO, Maria Clara. **Epistemicídios e produção intelectual de travestis**. Fala pública na Semana de Ciências Sociais - descolonizar saberes, na UFBA, 2017. disponível em: https://soundcloud.com/mariaclaraaraujo/maria-clara-araujo-epistemicidio-e-producao-intelectual-de-travestis-ufba?fbclid=IwAR0XPID--mXTqTY5bELP_8p2JLeclIfTJo7lpehjEqJAOIP7sjHe5a4d7EU

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti**. PISE-AGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 40 - 47, 2020.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. trabalhos e vídeos acessados em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trabalhos> , https://www.youtube.com/channel/UC8NzrVEObIto7VK1_iVLFkg

CARVALHO, José Jorge de. **Antropologia: Saber acadêmico e a experiência iniciática**. Anuário Antropológico/90 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993

CASTANEDA, Carlos. **A arte do sonhar**; tradução de Alves Calado. — 2ª ed. — Rio de Janeiro : Record, 1994.

CLASTRES, Pierre . **O Arco e o Cesto**. In: A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac & Naify. 2003 [1962]

COACCI, Thiago. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público [manuscrito] : a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil /** Orientadora: Marlise Miriam de Matos Almeida. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018

Conselho Federal de Psicologia. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs** /Conselho Federal de Psicologia. – Brasília, DF : CFP, 2019. Disponível em www.cfp.org.br.

COSTA, Pêdra. MOMBAÇA, Jota. Entrevista. In: <http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/pedra-costa/>

CROSS, Katherine. **Uma Sinfonia Social: Os Quatro Movimentos Da Transfobia Na Teoria.**

Tradução de Viviane V. "A Social Symphony: The Four Movements of Transphobia in Theory", disponível em <http://bit.ly/142Wzes> 2010

FAIGENBAUM, Dora. **Que el mundo tiemble: cuerpo y performance en la obra de Effy Beth** /Dora Faigenbaum; Moises Chorubczyk; compilado por Dora Faigenbaum;

Moises Chorubczyk. - 1a ed. - La Plata: EDULP, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa : mulheres, corpo e acumulação primitiva** / Título original: Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation Tradução: coletivo Sycorax São Paulo : Elefante, 2017

FREIRE, Lucas Magalhães. **A Máquina da cidadania: uma etnografia da requalificação civil de pessoas transexuais.** Dissertação de mestrado (antropologia social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015

GADELHA, K. **DECOLONIZAÇÃO E DIÁSPORAS TRANS.** Periódicus, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out.2017. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA pg 451.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Trad. Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOLDMAN, Marcio. **Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia).** Revista de @ntropologia da UFSCar, 6 (1), jan./jun. 2014

GOFFMAN, Erving. **Estigma : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada,** Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: SILVA, Luiz Antônio Machado et all. Ciências Sociais Hoje 2: movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, p. 223-244.

GRIMM , Raissa Eris. **Abrindo os códigos do tesão (Encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico** . Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Doutora em Psicologia. 2015

GRIMM, Raissa Eris / Jessica Emanuelli. **Fronteiras do erótico: ensaios por uma bruxaria descolonial sapatânica.** V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2017

GUNTHER, Luisa. **EXPERIÊNCIAS (des)COMPARTILHADAS: arte contemporânea e seus registros.** Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor. 2013.

GUASCH, Oscar. VERAS, Elias Ferreira. **A INVENÇÃO DO ESTIGMA TRAVESTI NO BRASIL (1970 1980)**, história, histórias. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015. ISSN 2318-1729

hooks, bell. **Love as the practice of freedom**. In: Outlaw Culture. Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento.

JESUS, Jaqueline Gomes. **As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades**. Em: Dissidências sexuais e de gênero / Leandro Colling, organização. – Salvador : EDUFBA, 2016. pg 217/232

JESUS, Jaqueline Gomes. **XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA**. Em Redoc - Revista Docência e Cibercultura. v. 3 n.1 p. 250. Rio de Janeiro. Jan/Abr. 2019

KRENAK, Ailton. **Antes o mundo não existia**. In: NOVAES, Adauto (Org.) Tempo e História. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura/Companhia das Letras, 1994, p. 201-204.

LUSTOSA, Tertuliana. **MANIFESTO TRAVECO-TERRORISTA** . concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016

LOURO, Guacira L. **O corpo estranho**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

LORDE, Audre. **Autodefinição e minha poesia**. Tradução de Tatiana Nascimento. (Self definition and my poetry, publicado em I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde, editado por Rudolph P. Byrd, Johnnetta Betsch Cole, Beverly Guy-Sheftall, Oxford University Press, 2009. p. 156-7.) disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2015/06/08/autodefinicao-e-minha-poesia-audre-lorde/>

MALUF, Sonia Weidner. **Encontros Perigoso: Análise Antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na lagoa da conceição**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 1989

MAKOTA, Valdina Pinto. **Feitiço, Cura**. TPSSM Conexão. 2018. vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rHPDMBOH0bc>

MAUSS , Marcel & HUBERT, Henri (2003 [1903]). **Esboço de uma teoria geral da magia** . In: Antropologia e Sociologia. São Paulo: Cosac e Naify. pp. 49-181.

MÉLO, Tita Moreira. **PUTA HÍBRIDA OU A LENDA DA GAROTA DO PAU BRASIL: escritos sobre ativismos de um corpo dissidente enquanto potência**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas - Bacharelado) - Universidade de Brasília. 2018

MOMBAÇA, Jota. **Sob Butler: Cruzando a Distopia Brasileira**. 2017. “Este texto foi comisionado por e-flux conversations, e originalmente publicado em inglês no dia 18-12-2017. A tradução foi feita de forma independente e cedida pela autora ao blogue Monstruosas.” disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2017/12/24/sob-butler-cruzando-a-distopia-brasileira/>

MOMBAÇA , Jota. **Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala** . Julho-2017, acessado em:

<http://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>

MOMBAÇA, Jota. **O mundo é meu trauma**. PISEAGRAMA , Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

MOMBAÇA , Jota. **Pode um cu mestiço falar?** Publicação independente. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falare915ed9c61ee> . 2015

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva. 2016

PEÑA, Guillermo Gómez. **Em Defesa da Arte da Performance**. Publicado em John C. Dawsey, Regina P. Müller, Rose Satiko G. Hikiji & Marianna F. M. Monteiro (eds.), Antropologia e performance: ensaios Napedra, São Paulo, Terceiro Nome, 2013. Traduzido para o português por Bruna Nunes da Costa Triana (PPGAS/USP), da versão em espanhol publicada em Diana Taylor & Marcela Fuentes (eds.), Estudios avanzados de performance, México, Fondo de Cultura Económica, 2011

PERRA , Hija de. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma**. Revista Periódicus 2a edição novembro 2014 - abril 2015.

PRINS , Baukje and MEIJER, Irene Costera. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler** . Rev. Estud. Fem. [online]. 2002, vol.10, n.1 [cited 2018-06-02], pp.155-167. Acessado em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso

RADI, Blas. **Políticas del conocimiento hacia una epistemología trans**. in: Los mil pequeños sexos: intervenciones críticas sobre políticas de género y sexualidades / Daniel Link... [et al.]; editado por Mariano López Seoane. - 1a ed. - Sáens Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2019.

RAYARA, Megg. **Trans (r)existências negras no Brasil e em África. Em: Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. / organizadoras, Paula Regina

Costa Ribeiro... [et al.]. - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.

REGO, Yordanna Lara Pereira. **Reflexões sobre Afronecrotransfobia: Políticas de exteriorização na Periferia**. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 - 2019

ROSA, Rafaelly de La Conga. **Identidades de fronteira & corpos marginais: território**

de violência e combatividade. 2017. 77 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Plásticas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RUFINO, Luiz. / SIMAS, Luiz Antonio. **Encantamento - Sobre Política de Vida.** Rio de Janeiro, Mórula. 2020

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário.** Cadernos pagu (28), pg 19-54, janeiro-junho de 2007

SEGATO, Rita Laura Segato. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial** . e-cadernos ces [Online], 18 | 2012. consultado a 30 Setembro 2016. URL : <http://eces.revues.org/1533>

VIEIRA, Helena. Silvia Federici: **Transexuais, Bruxas E Xica Manicongo Ou Divisão Sexual Do Trabalho, Acumulação Primitiva E Transexuais.** 2017. Publicado virtualmente no site <https://transfeminismo.com>

VERGUEIRO , Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015

WAGNER, Roy. **“O Apache era o meu reverso”** Entrevista com Roy Wagner Realizada por Florencia Ferrari, Iracema Dulley, Jamille Pinheiro, Luísa Valentini, Renato Sztutman e Stelio Maras. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2011, V. 54 Nº 2 São Paulo, 17 de agosto de 2011.